A ORDEM DE CHRISTO

A ORDEM
DE
CHRISTO

POR

J. VIEIRA DA S. GUIMARÃES

Medico-cirurgião pela Escola de Lisboa

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA ‖ TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 ‖ *35, R. Ivens, 37*
MDCCCCI

A Sua Magestade El-Rei

O Senhor D. Carlos 1.º

Grão-Mestre da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo

Com o mais profundo respeito

Off. D. C.

O convento de Thomar, sobre um alto perto da cidade, é, depois da Batalha, o resto mais importante da antiga grandesa de Portugal.

RACZYNSKI.

O exterior do côro, ainda bem conservado, é uma das maiores e mais admiraveis obras d'arte, talvez a mais original que Portugal produziu n'este ramo.

ALBERTO HAUPT.

Quando as bandeiras com a Cruz de Christo fluctuavam ao vento sobre mares estranhos e jamais sulcados por lenhos do Occidente, o cavalleiro da Ordem sorria aos perigos, porque lá na patria, por entre as arcarias do convento de Thomar, onde discorria o espirito do infante D. Henrique, cem companheiros o applaudiam, e com preces fervorosas, chamavam sobre elle as bençãos do Céo.

BRITO REBELLO.

DUAS PALAVRAS

Muito e muito se tem escripto sobre o assumpto que nos propozemos tratar n'esta memoria, **A Ordem de Christo**, e não seremos nós que vamos agora dar largas a minuciosas e prolongadas descripções n'esta materia que daria corpo a grossos volumes.

Não vamos: primeiro, pelo apoucamento de nossas forças e segundo por não querermos avolumar esta obra com divagações mais proprias de espirito alteroso e de trabalho de mais dilatados horisontes.

Mas se lhe não podemos dar a latitude de que é digno, synthetisaremos o mais que podermos para que tudo o que respeita a tão nobre Ordem seja apontado para intelligencia de quem nos lêr.

Para pôr em evidencia, quanto em nossas forças couber, os grandes serviços prestados á civilisação christã e á patria portugueza por tão illustres filhos d'ella, começaremos pelos seus egregios antecessores — os gloriosos cavalleiros do Templo, para procedermos com rigor historico, clareza e justiça: estes como fundadores de um reino chris-

tão e independente, e aquelles pela audacia do seu animo que levou atravez das regiões desconhecidas e bravas dos oceanos o valente e crente Portugal, a abrir ao mundo inteiro as fulgentes portas da civilização moderna.

Grande trabalho foi o nosso no incansavel estudo critico do que se tem publicado e do que jaz manuscripto nos archivos e bibliothecas, sobre tão importante materia.

Cotejar livros, consultar documentos e opiniões auctorisadas, ver monumentos nacionaes e estrangeiros, tal foi o nosso empenho para procurar a verdade, sem cahirmos em grande parte nas enfadonhas transcripções mais proprias, muitas vezes de prenhes vaidades eruditas do que necessarias para se fazer a verdadeira luz historica e mesmo, como já dissémos, por não querermos avolumar esta obra; tanto mais que o leitor póde vêr a *Bibliographia* e ahi encontrar as fontes a que recorremos.

A critica d'esses materiaes não vae feita nas paginas que se vão lêr.

Foi feita paciente, conscienciosa e maduramente no gabinete de trabalho, nos archivos e nas terras onde sabiamos que existiam monumentos que nos servissem de estudo para o nosso trabalho.

Bem sabemos que podemos ter errado n'este nosso modo de vêr, mas se esses erros forem um dia demonstrados, resta-nos ainda assim a consolação de que tudo quanto fizemos, foi para nos approximarmos em extremo do acerto; o que muitos, sobre o mesmo assumpto, não fizeram, podendo e devendo tel-o feito.

E tudo alvejando uma unica meta — a verdade — e ambicionando um interesse — prestar mais um serviço á nossa querida terra, tirando do esquecimento cousas ignoradas, pondo no seu logar outras que andavam confusas e trocadas, reprovando ainda outras que nos pesavam, protestando contra injustiças e, procurando levantar um singelo monumento aos filhos illustres de Thomar, aos prestantes

servidores d'ella e a esses gloriosissimos cavalleiros que encheram o mundo com a fama das suas inclitas façanhas.

A' critica, á que se presa de ser critica, pedimos as suas justas apreciações, os seus asisados conselhos e desculpas para o nosso atrevimento.

Ao terminar seja-nos licito agradecer aqui aos meus amigos os srs. Antonio d'Azevedo, Henrique Pinto, Julio Fonseca e Julio Mardel a sua valiosa collaboração artistica e bem assim a todos os que na confeição d'este modesto trabalho nos prestaram seus obsequios.

Thomar, 14 — VIII — 01.

VIEIRA GUIMARÃES.

OS TEMPLARIOS PORTUGUEZES

D ESPONTAVA triste e ameaçador o seculo VIII para a christandade.

No oriente a Persia, a Syria, o Egypto, a India eram presa dos aguerridos soldados de Mahomet, que bem depressa viram n'ella campo estreito para as suas desmedidas ambições.

O mundo reduzido á sua fé, era o pensamento do Koran.

Do Egypto ao norte d'Africa era um passo e ahi já o christianismo tinha assentado arraiaes.

Deram-no, e em breve estavam a bater á porta da Hespanha gôda e christã.

Espreitaram o momento e rapido passaram o estreito, dando largas ao enthusiasmo conquistador, que a boa estrella animava atravez de tão dilatadas paragens.

O christianismo, agora mais do que nunca, via-se ameaçado e estava em frente d'um formidavel inimigo.

Recuperou animo e oppoz guerra á guerra.

Pelayo, chamando a si os restos dos nobres gôdos vencidos na batalha do Guadalete, interna-se nas serras das Asturias, e tenta levantar o esfarrapado pendão da patria.

Carlos Martel, em França, sustem a marcha triumphal dos serracenos e na celebre batalha de Poitiers, 732, diz-lhes: não mais passareis além; salvando n'este momento bastante critico, com esta brilhante victoria, os interesses ameaçados da civilisação christã.

Não era só pelo occidente que o circulo de ferro ia apertando o christianismo. No Oriente cada vez mais elle se estreitava. Constantinopla tremia a cada passo os progressos dos seguidores do crescente. Os Logares Santos e as regiões onde as bellas doutrinas de Christo tinham encontrado proselytos a todos os momentos eram ameaçados.

Esta lucta terrivel em que jogavam a vida—os crentes do Nazareno e os de Mahomet—por toda a parte criava uma sobreexcitação do sentimento religioso nos povos da Europa, que por seu turno tambem viam a necessidade de sahir fóra dos seus apertados dominios.

A religiosidade levada ao extremo e a pressão esmagadora, em que a sociedade vivia, fizeram com que ella, em impeto heroico e sublime, se lançasse sobre esse Oriente, cheio de fascinações, que lhe endoidecia o cerebro doente d'um enthusiasmo delirante.

O que foi esse movimento senão um delirio?

Psychopathia sublime que enlaçou na ardencia da mesma fé: reis e subditos, nobres e plebeus, rei e papa, grandes e pequenos!!!

Cruzados se chamaram esses campeões da fé que ás exhortações de Pedro, o *Eremita,* pegaram em armas e seguiram debaixo das ordens de Godofredo de Bouillon.

Em breve arrancariam das mãos dos inimigos os sitios sagrados onde Christo morrera e onde se desenrolou a maior tragedia que os fastos da humanidade registam.

Cahida Jerusalem em poder dos christãos, não sem grandes sacrificios e perdas de gente, foi Godofredo de Bouillon acclamado rei, titulo que modestamente recusou, tomando apenas o de—defensor e barão do Santo Sepulchro—e tratando immediatamente da organisação do novo estado.

Bom e justo, Godofredo pouco durou depois da sua ascensão ao baronato, succedendo-lhe seu irmão, o audacioso e valente Balduino que, por espaço de 18 annos, manteve intacta, senão augmentada a sagrada herança, transmittindo-a a seu primo que, sob o nome de Balduino II, a levou ao mais alto gráu de esplendor.

Foi no principio do seu governo que, á similhança de instituições já existentes entre os serracenos, segundo parece, os christãos fundaram duas ordens de cavallaria para amparo e defeza dos seus irmãos de crenças e foi junto á sepultura de Christo, que elles reverentes e humildes juraram dura guerra sem tréguas aos islamitas. Essas ordens foram: a de S. João de Jerusalem e a dos Templarios.

Nada mais diremos da primeira e apenas trataremos da segunda por ser esse o nosso proposito.

Hugo des Payens, Godefroy de Saint-Omer são os seus fundadores a que em breve se lhe juntam mais sete cavalleiros e, segundo todas as probabilidades, um d'elles era portuguez—Arnaldo da Rocha.

Foram esses nove guerreiros da Cruz que, jurando nas mãos de Guarimundo, patriarcha de Jerusalem, consagrar a sua vida ao culto divino em commum, defendendo a fé e seus irmãos, pronunciaram os tres votos—pobreza, obediencia e castidade—que por muito tempo observaram, mas que mais tarde os seus sequazes esqueceram, chegando a ordem dos Templarios a ser a mais rica e orgulhosa ordem de cavallaria.

Reinava Balduino II ainda não havia um anno, quando foram armados cavalleiros pelas proprias mãos d'elle os nove guerreiros que punham assim sobre os seus hombros a defeza d'um estado vacillante e de milhares de peregrinos que de toda a Europa affluiam em romagem sagrada á cidade santa.

Heroica missão!! E com que meios!!

Eram tão pobres na sua origem que um cavallo servia para dois cavalleiros, e diz-se ainda hoje que o sello da ordem até aos ultimos tempos da sua existencia representava um só cavallo para os dois fundadores, cujos nomes a tradição conservou, como memoria da pobreza extrema dos templarios primitivos.

Por quartel tinham a mesquita de El-Aksa, uma humilde casa não longe das ruinas do antigo templo de Salo-

mão, d'onde tiraram o nome por que foram conhecidos — Templarios e — como regra a de S. Agostinho que lhes deram os conegos regulares do Santo Sepulchro, seus primeiros directores espirituaes na Palestina.

Tão grandes foram as suas façanhas, tamanho o seu zelo pela fé e caridade para com os desprotegidos d'essas paragens infestadas, que não tardou que a fama pelas suas mil tubas apregoasse ao mundo christão a valentia e o heroismo de tão humildes cavalleiros.

Por toda a parte se estabeleceu uma tão grande corrente de sympathia merecida que não tardou a lançar sobre elles valiosos recursos que iam desafogar tão modesto viver cheio de rudes e fatigantes trabalhos.

Não só donativos lhes foram enviados.

Homens na força da vida, accesos de fé e de enthusiasmo, deixavam suas nobres familias e seus confortaveis palacios e iam enfileirar-se n'essa já notavel milicia.

Soldados e riquezas iam augmentando rapidamente, obrigando-os a regrarem-se de novo para o que Bernardo, o já celebre abbade de Clairvaux, lhes redigiu uma regra em que lhes impunha a mais austera vida a par do maior abandono pelos bens terrenos. Buscar esta regra vieram ao Occidente dois cavalleiros, um dos quaes era ainda parente do que havia de ser S. Bernardo.

Envoltos nos seus fluctuantes mantos brancos, onde vermelhava a Cruz ordenada pelo papa Eugenio III, rodeando a sua arrogante *balça*, por toda a parte levavam protecção aos seus, e guerra sem treguas aos que tinham já contado nos seus dominios os logares que elles agora heroicamente defendiam.

Sem voltar o rosto ao inimigo embora mesmo que fossem tres contra um, eram os primeiros na vanguarda dos esquadrões que em linha cerrada entravam, sem medir as forças, nas batalhas, que poucas vezes perdiam, cobrindo-se de gloria immorredoura.

Michelet, o grande historiador francez, exprime-se assim na sua importante Historia de França: «nas batalhas, em quanto os tumultuosos cruzados recem-chegados da Europa se accumulavam no centro, os cavalleiros das duas ordens — Templarios e Hospitalarios, formando alternadamente a vanguarda e rectaguarda cingiam-nos n'um circulo heroico e apresentavam aos primeiros ataques dos

serracenos a sua phalange imperturbavel. Na victoria reluziam sempre na vanguarda as espadas dos Templarios, na derrota podiam-se ver sempre fluctuar na rectaguarda, cobrindo a retirada os amplos mantos brancos da legião sagrada.

Mais experientes na guerra do que as multidões vindas da Europa, quantas vezes o ardor irreflectido dos chefes d'essas turbas os não arrastou a perigos mortaes!! e comtudo elles lá iam levados pelo pundonor, impassiveis e serenos.

Foi assim que no combate de Monsaurah, formando elles a vanguarda do exercito de S. Luiz, aconselharam prudentemente o conde de Artois a que não seguisse os inimigos na sua retirada para a cidade. Não quiz ouvil-os o temerario principe. Sabiam elles que iam procurar morte certa.... esporearam silenciosamente os cavallos e acompanharam o conde: nem um só voltou».

Heroico feito!! Esforço proprio de quem em si synthetizava uma epocha da historia da humanidade, cujo symbolo era: valor, força e lealdade.

Que diremos mais d'essa ordem, que nascida da humildade e da fervorosa fé de nove cavalleiros, chegou, um seculo decorrido, a possuir, contra a expressa letra da regra, 9:000 commendas, de que usufruia o melhor de 20:000 contos e a ser senhora de muitas terras, cidades importantes, castellos aguerridos, e seus grãos-mestres igualaram-se em ostentação, a principes que ficavam inferiores em poder e grandeza?!

Muito diriamos, mas temos que approximar a narração da nossa rota.

Confirmada a ordem a 14 de janeiro de 1128 no synodo de Troyes, que foi presidido por um cardeal legado de Honorio II e onde esteve o afamado abbade de Clairvaux, assim como tambem o illustre fundador da Ordem, Hugo des Payens, não tardou, senão antes, a espalhar se pelos diversos reinos da Europa, principalmente n'aquelles, onde a necessidade de defeza dos inimigos da fé de Christo, era imperiosa, como acontecia ás nações peninsulares.

Portugal, nascido por essa occasião d'um condado leonez e d'um incessante conquistar aos serracenos, no vacillar da meninice, precisava mais do que outra nação d'esses valorosos soldados para que na desmedida valentia das

suas armas e na grandeza da fé ardente dos seus nobres peitos tivesse amparo para seus tremulos passos.

Christão e conquistado palmo a palmo aos muslimes, obrigara os seus primeiros reis a convidarem essa milicia a ter aqui uma provincia.

De certo, melhor campo para dar cumprimento ao seu voto—guerra aos infieis e dilatação do nome de Christo—não o encontravam melhor e nem mesmo em tão boas condições.

Escusavam de ir por essas longinquas terras ao local onde Jesus padeceu, para ganharem o ceu e seguirem á risca o preceito da epocha — cruzarem-se.

Aqui, no bello solo peninsular, tinham formosas cidades, fortes castellos, povoações a convencer e dilatados terrenos que durante seculos tinham sido pisados pelos mahometanos, inimigos da mesma crença, emfim todos os requisitos para que esta faxa de terra lhes servisse de theatro ás suas façanhas gloriosas e vasto campo ás provas da sua incontestavel lealdade.

Alem d'esse vasto elemento de conquista, tinha a mais o guerreiro portuguez o sagrado solo da terra, em que nasceu, a picar-lhe o amor da independencia e a protecção dos seus a afiar-lhe o cortante gume das relusentas espadas que pouco tempo tinham de descançar nas suas pendentes bainhas.

Certeza do anno da sua entrada em Portugal não ha, no entanto sabe-se de positivo existirem na regencia de D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques. A doação de *Fonte — Arcada* pelos annos de 1126 e a confirmação da posse de Soure na primavera de 1128 por essa Senhora provam a existencia dos Templarios, pelo menos, n'esses annos e ainda mais o terem-se já assignalado n'alguma empreza contra os mouros, para que lhes fosse doada uma povoação da importancia de Soure que tinha recebido foral de D. Henrique em 1111.

Tal foi a distincção com que se portaram logo ao entrar no condado administrado por D. Thereza que não só Soure lhe foi dada, mas tambem o seu districto, as terras entre Coimbra e Leiria e doações particulares.

Terras incultas e despovoadas pelo incessante batalhar das hostes não tardaram a ser povoadas e protegidas por esses defensores do christianismo e ampliadores do sagrado torrão da sua e adoptiva patria.

Essas dadivas bem mostram o quanto eram estimados por D. Thereza e pelos particulares que viam a grande importancia e utilidade que d'elles viria a Portugal, que começava então a querer ser contado no numero das nações livres e independentes.

Tinha esta ordem de cavallaria o seu Grão mestre em Jerusalem, e nas provincias em que pela Europa estava dividida, achavam-se á sua frente mestres que em tudo obedeciam áquelle e ao seu rei. A estes mestres tambem algumas vezes se lhes chamou: preceptor, commendador-mór, ministro e procurador do Templo.

Qual fosse o primeiro mestre que em Portugal esteve á frente dos Templarios portuguezes, não o sabemos tambem, mas, seguindo as melhores fontes, dâmos essa prioridade a *D. Guilherme Ricardo,* que com o nome de procurador do Templo recebe de D. Thereza a doação de Fonte-Arcada.

Seguiu-se *D. Raymundo Bernardo,* esse mesmo que acceitou a doação de Soure e suas dependencias.

Dois factos bem notaveis se passaram n'este mestrado. No fim do anno da confirmação de Soure, 1128, D. Affonso Henriques arranca, das mãos pouco honestas de D. Thereza, as redeas da governação.

Para isso reuniu a si todos os prestantes soldados que lhe podiam dar um leal e patriotico apoio, não sendo os templarios os que menos lh'o podiam dar, pela sua já grande importancia.

Reconheceu-o D. Affonso e secretamente tratou com elles o seu favor; e pela assignatura de D. Raymundo Bernardo, no documento em que promettia ceder ao arcebispo de Braga esta cidade pelo auxilio prestado á sua causa, igualando-o assim aos bispos, prelados e grandes, mostrava bem a elevada hierarchia a que em tão breve tempo tinha sido elevado e a subida honra e a alta consideração que ao primeiro rei de Portugal elles mereciam.

Foi tão grande o partido que tomou D. Raymundo Bernardo e seus companheiros por D. Affonso que este para lhe dar uma prova de agradecimento e para honrar mais uma milicia que tão nobremente o acompanhava, não duvidou no anno seguinte, 1129, fazer parte d'ella, inscrevendo-se no numero dos seus membros.

Assim os Templarios na vanguarda do exercito profia-

vam reduzir os territorios do inimigo ao poder do seu irmão d'armas, o rei; este, por seu turno, não esquecendo essas valorosas acções de seus companheiros, doava-lhes uma boa parte d'essas conquistas.

Quando morreu em 1140 deixava por isso D. Raymundo Bernardo a ordem bastante prospera.

Recebeu esta importante herança *D. Pedro Froilar*, a quem succede o quarto mestre *D. Hugo Martins* em 1143.

Do primeiro nada de notavel conta a historia.

Do segundo: uma desfeita e duas gloriosas victorias.

O desaire foi como que um desafio do Kayid santareno, que em breve pagaria a ousadia de ir, em som de guerra destruidora, bater ás portas de Soure, praça d'armas templaria.

Houve uma escaramuça em que a boa parte não foi a dos cavalleiros do Templo.

O rei soube da derrota de seus camaradas e não a poude tragar e tanto mais, trazendo em mente o apossar-se da forte *Scalabiscastrum*.

Jurou vingança e não passaram muitos tempos, 15 de Março de 1147, que Chantireyn, como lhe chamavam os Arabes, não estivesse riscada dos dominios dos seguidores do crescente.

Templarios e rei, cobriram-se de gloria, se bem que a do ultimo, tenha umas sombras de deslealdade a empanar-lhe o brilho.

Esta victoria, uma das mais illustres da historia dos templarios portuguezes, foi seguida d'outra, 25 d'Outubro, não menos illustre — a tomada de Achbuna (Lisboa).

Aqui sim; viu-se a grandeza do guerreiro, a par da desmedida coragem dos seus irmãos d'armas. Bem sabemos que foram ajudados por uma grande frota que navegava para a Terra Santa, mas se não fossem os esforços de todos talvez a rica e formosa Achbuna não cahisse tão depressa nas mãos dos portucalenses.

Estes dois factos brilhantes enchem de gloria immeredoura este mestrado que bem lavou a affronta de Soure.

Teve de certo D. Affonso Henriques nos seus irmãos templarios valentes e audaciosos cooperadores n'estas duas notaveis conquistas do seu reinado.

Não seria preciso ao grande conquistador atiçar ou avivar o patriotismo e a fé dos soldados do Templo com «o

voto que fizera na marcha para a conquista de Santarem de lhes entregar inteiro o ecclesiastico da terra quando lograsse entral-a.»

Desinteressados foram sempre os Templarios, principalmente os portuguezes, para que deixassem de guardar e defender povoação fronteiriça como seria Santarem. Era esse o seu dever: guarnecer e atalaiar os sitios visinhos dos serracenos e estamos certos de que não foi outro o fim da dadiva.

Apoz um mez decorrido, apressou-se D. Affonso Henriques a reduzir a escriptura o seu voto e um dos signatarios foi D. Hugo Martins, como mestre da Ordem.

Pouco tempo estiveram os templarios absolutos senhores do ecclesiastico de Santarem, onde este mestre fundou o templo da Alcaçova; pois ao dar se a conquista de Lisboa foi nomeado bispo da nova cidade christã, D. Gilberto, inglez, e tentou questão perante a curia romana contra o voto do rei de Portugal.

Veremos no mestrado do illustre D. Gualdim Paes o desenlace d'esta celebre controversia.

D. Hugo Martins 14 annos esteve á frente dos seus cavalleiros, morrendo em 1157.

Jaz em Santarem na Igreja de St.ª Maria d'Alcaçova que, como já dissemos, fundou por conta da Ordem.

O quinto mestre foi *D. Pedro Arnaldo* e foi o primeiro nacional; pois os anteriores tambem governavam nos restantes templarios da peninsula, visto que, embora se desse politicamente a separação da monarchia portugueza, a egreja Lusitana e as cousas que com ella tinham relação continuou confundida com a da nação d'onde se tinha desmembrado.

D'este mestrado nada de monta pelo lado guerreiro, rezam as chronicas, mas pelo moral encontramos a importantissima regalia concedida, em 1157 por D. Affonso Henriques e sua mulher, a todos os logares, egrejas, bens e a todos os subditos que a Ordem possuisse no reino ou viesse a possuir: — liberdade e immunidade.

Esta concessão é para admirar a quem souber o quanto D. Affonso era cioso dos direitos da coroa, mas no documento é citada a rasão de tal liberalidade. N'elle se diz: o Papa assim o obrigava. Defender e proteger os templarios isental-os de serviços e tributos, não pagarem portagem,

inviolabilidade de propriedade e pessoas, a justiça confiada aos homens bons, tal foi a grandeza da dadiva.

Certeza do anno em que se deu a sua morte não temos, mas parece ter-se dado no anno de 1158 na tomada da fortissima Alcacer do Sal.

Mais nada de importante e certo encontramos de D. Pedro Arnaldo, reservando-se a historia para encher paginas e paginas com os heroicos feitos do 5.º mestre — o grande *D. Gualdim Paes.*

Bastantes e gloriosos foram elles!!

Nascido n'uma humilde povoação minhota, Marecos hoje Amares, pelos annos de 1118, teve por progenitores a D. Payo Ramires, filho do afamado fidalgo, Ayres Carpinteiro, e D. Gontrudes Soares, filha de D. Sueyro Paes Correia e D. Uraca Hueriz.

Teve D. Gualdim Paes mais dois irmãos: D. Gomes Paes de Piscos e D. Sancha Paes.

Pela parte do pai, que ja era viuvo de D. Ouroana Martins de Caldellas de Galliza, teve outro irmão: D. Vasco Paes que foi alcaide de Coimbra.

Seguindo o espirito da epocha, epocha em que o mais alto requinte de educação era manejar luzenta espada ou brandir pezada acha, dedicou-se á carreira das armas onde foi um dos maiores campeões.

Companheiro fiel de D. Affonso Henriques desde a mininice e experimentado guerreiro em muitos combates, recebeu as esporas e armadura de cavalleiro na celebre batalha de Ourique, contando apenas 21 annos. Por esse tempo, como já dissemos, um grande successo alvoraçava os espiritos dos guerreiros em toda a Europa, mui principalmente se eram novos e vivos de fé.

As cruzadas, que tantos e fecundos resultados haviam de trazer á civilisação, arrastavam, em peregrinação sagrada sobre o Oriente, milhares de combatentes que alli iam experimentar as armas com as quaes se encheriam de gloria ou traçariam o caminho directo da morte que recebiam satisfeitos por ser em serviço do Deus dos exercitos.

D. Gualdim Paes, como bom servidor da fé, não se podia esquivar ao pagamento que, orgulhosa, toda a Europa pagava.

Logo que as luctas dos seus irmãos d'armas lhe deram léo, partiu, e partiu talvez com a ideia de jamais vêr o seu

querido Portugal ou então vir com as armas mais honradas para poder hombrear com o seu rei e companheiro que na patria deixava.

Chegado á Terra Santa, desenvolveu tanto valor, tantos foram os seus actos de valentia que os Templarios abriram-lhe as portas do seu Templo e inscreveram no elencho illustre dos seus heroes mais o nome d'este guerreiro que tanto brilho e honra havia de dar a tão notavel milicia.

Debaixo da terrivel *balça* batalhou por cinco annos nas guerras contra o rei do Egypto e da Syria, encontrando-se na celebre e gloriosa tomada de Ascalona, partindo depois para Antiochia, onde pelejou valorosamente pela rendição de Sidon.

Illustre e illustrado voltou para a patria, onde grandes designios o chamavam e aonde tão bons serviços prestaria ao seu rei e á fé d'Esse por quem tinha jurado dar a vida.

D. Affonso que tinha lançado sobre os seus possantes hombros os ferreos deltoides da armadura e tinha na verdadeira conta e conhecimento o grande valor de seu afilhado e as garridices que pelas terras do Oriente praticou, concorreu de certo para que D. Gualdim Paes logo ao regressar da Palestina fosse elevado á dignidade de commendador de Braga, facto que a tradicção conservou, havendo ainda hoje na capital do Minho uma rua com o nome de D. Gualdim.

Não tardou muito que não fosse tambem feito commendador de Cintra.

Governava então a provincia ou a ordem dos templarios portuguezes, como mestre, D. Pedro Arnaldo que durante o seu mestrado soube manter em alta meta a fama da mais illustre ordem que houve na Europa e que para os seus cavalleiros alcançou os grandes privilegios a que nos referimos atraz, mas que pouco tempo poude gosar, como vimos, porque n'esse mesmo anno de 1157 renunciou ao mestrado, deixando o honrado e alto logar áquelle que por tantos titulos era merecedor d'elle.

D. Gualdim subia pois ao mais elevado cargo da communidade onde seu nome devia brilhar gloriosamente entre os mais illustres d'essa nobre pleiade de guerreiros da Edade-Media.

No seu tempo em Portugal, foi o mais valoroso caval-

leiro e na Europa, não faltaremos á verdade dizendo ser elle um dos mais notaveis.

Portugal é um canto de terra, mas seus filhos illustres, são dos mais notaveis que a historia aponta.

D. Diniz, o sagaz negociador e fundador da Ordem de Christo, D. Henrique, o sabio geographo, Fernão Lopes, o primeiro chronista da Edade-Media, D. João II, o grande rei e habil politico, Bartholomeu Dias, o celebre e audaz dobrador do Cabo da Boa Esperança, Albuquerque, o conquistador das Indias, Gil Vicente, um dos mais brilhantes artistas da Renascença, Garcia de Orta, o eminente medico, Camões, um dos tres maiores épicos modernos são sufficientes para corroborar o que affirmamos.

Em todas as sciencias e artes temos vultos que podemos emparelhar com os mais distinctos das outras nações do mundo.

Que grande nação foi esta e que tão grande poderia ainda ser!!

Adiante.

D. Gualdim é incontestavelmente um d'estes grandes heroes.

Narremos a sua obra.

Vendo D. Gualdim Paes, ao ser eleito mestre, que já por uns longos 10 annos durava a celebre e porfiada lucta, intentada por D. Gilberto, bispo de Lisboa, contra a posse do rendimnto ecclesiastico de Santarem, gozado pelos templarios em virtude do voto de D. Affonso Henriques ao ir para a tomada d'esta cidade, interessou-se perante o rei que passados ainda 2 annos poude acabar essa triste questão chamando as partes litigiosas e acordando-as.

D. Gilberto ficou com os direitos a Santarem, excepto á igreja de S. Thiago que ficou pertencendo aos cavalleiros do Templo.

D. Gualdim Paes e mais seus companheiros recebiam em troca o vasto territorio de Cêras que n'esse tempo de confusão já se não sabia se teria sido dos bispos de Coimbra e Idanha ou do de Lisboa e por isso era classificado: *Nullius*.

Foi lavrada escriptura d'este accordo em Fevereiro de 1159 e foi assignada pelo rei, bispos de Braga, Vizeu, Porto, Lamego, Lisboa e mais testemunhas.

Para esta concordata se poder realisar nos termos em que se realisou, já o Papa Adriano IV tinha expedido de

Roma uma bulla e apoz a sua realisação expediu outra confirmando esse facto e dando isenção absoluta e immediata á Santa Sé em todas as egrejas edificadas pelos templarios no vasto territorio que ora adquiria a Ordem sendo *Nullius Diœcesis* a jurisdicção espiritual em todo o seu districto

Alexandre III e Urbano III ao subirem ao solio pontificio, por solicitação de D. Gualdim Paes, confirmaram por seu turno essas bullas.

Senhor d'esta vasta região, o mestre do Templo, homem de grande genio e largas vistas, não quedou na posse d'ella, apesar de uma parte estar coberta de mattos e a outra parte estar talada pelas correrias incessantes das gentes christãs e serracenas.

Viu a sua importancia e apressando-se a assenhorearse d'ella praticamente, tratou logo de edificar casa condigna á sua milicia, pois vastos ja eram os seus dominios, não tendo ainda quartel certo e que servisse de forte barreira dos aguerridos exercitos do deserto.

Tentou reconstruir o romano *castrum* de Cêras, que ermo e arruinado alli jazia, mas desistiu por vêr n'elle fraca posição.

Razões mais fortes o chamavam a escolher a celebre região de Nabancia, assim chamada e nós continuar-lhe hemos a chamar tambem, pelo menos emquanto se não provar o contrario, por n'ella ter existido uma cidade que, segundo parece, teve aquelle nome, embora os mais antigos documentos nada d'ella rezem. Era ponto mais central e mais propria para assentamento de povoação e levantamento de castello para a sua ordem.

Uma planice vasta e alegre regada pelas placidas e dôces aguas do Thomar daria bello sitio para as casarias do povoado, abundantes pastagens aos seus valentes e ageis cavallos e um dos montes que a rodeiam seria valente padrasto onde se levantaria formidavel fortaleza.

Mais azado monte não haveria; pois cortado quasi a pique pelo norte, oriente e sul a sua inexpugnavel posição convidava a coroal-o de grossas muralhas, onde teriam ninho seguro esses condôres da verdadeira e ardente fé em Christo.

Tambem as tradições do logar deveriam influir na mudança de Cêras.

Seis seculos antes tinha sido o nascimento e martyrio de S. Iria, notavel filha de Nabancia, facto que perpetuando se atravez dos seculos, vinha de geração em geração tornando estes sitios celebres e venerados.

D. Gualdim, não tardou a deliberar-se e deixando o *castrum* velho e arruinado, lança, sem perda de tempo, a 1 de Março de 1160, os fundamentos d'esse castello que ainda hoje campêa no alto do serro, que ingreme se ergue sobranceiro á cidade de Thomar.

Grande experiencia da vida e grande instrucção colheu D. Gualdim Paes pelas suas longas viagens que lhe ensinavam a necessidade de registar os factos mais notaveis d'um povo no marmore branco das inscripções ou no fino pergaminho, reliquias d'um passado glorioso que os vindouros guardariam em sagrado recato.

Assim fez; ao erguer os primeiros longôres, mandou esculpir o seguinte dizer para commemorar a fundação d'esse castello, que tão valente lhe devia ser e tantas provas de lealdade e patriotismo mais tarde havia de dar:

IN : Ê : MC . LX : VIII : REGNANTE : ALFONSO
ILLVSTRISSIMO : REGE : PORTVGALIS DOMNVS
GALDINVS : MAGISTER : PORTVGALENSIUM MILITVM TEMPLI :
CVM : FRATRIBVS : SUS : PRIMO : DIE MARCII : CEPIT : HEDIFICARE
HOC : CASTELVM : NOMINE : THOMAR QVOD PREFATVS : REX
OBTVLIT D........ ....

VERSÃO:—*Na Era de 1160, reinando Affonso, illustrissimo Rei de Portugal, D. Galdino, Mestre dos cavalleiros portuguezes do Templo, com os seus Freires começou, no primeiro dia de março, a edificar este castello chamado Thomar, que concluido, o Rei offertou a d.......*

Conserva-se ainda hoje, mas não completa, esta inscripção no logar em que D. Gualdim Paes a mandou collocar; pois a pedra de marmore em que foi gravada serve de verga a uma porta da torre de menagem que dava para o pavimento superior da alcaçova do castello.

Deste pavimento nada resta a não ser as impressões das grossas traves nas solidas paredes da grande torre; assim como tambem hoje não vemos em todas essas muralhas ennegrecidas pelo damnoso tempo, toda a obra do grande mestre e de seus companheiros.

Bastantes transformações tem soffrido, mas estamos certos que o principal da fortaleza que serviu de invencivel padrasto a esses terriveis cavalleiros da cruz, ainda ao presente descreve o debuxo traçado pelo seu glorioso fundadôr.

Levantado no mais alto do monte que pelo occidente sobranceira a chã, onde em tortuosas linhas corre o famoso e importante Nabão e se aninham em arruamentos direitos as brancas casarias da povoação, apresenta a sua face principal ao sol brilhante da manhã.

No angulo norte eleva se a cidadella. Quadrilonga d'altas e fortes muralhas, coroadas d'ameias e flanqueadas de torres é dominada pela grande e quadrada torre de menagem que do interior da alcaçova se levanta á altura de 20 metros.

Era esta torre dividida em dois andares de que restam parte, onde se abriam duas janellas defendidas por desapparecidas grossas grades de ferro e diversas setteiras e barbacans. Construida com os restos, ainda hoje evidentes, da antiga cidade que na planicie fronteira tinha existido, conserva nas suas solidas paredes memorias, inscripções, pedras com lavores que a acção damnifica do tempo e a barbaridade dos homens tem respeitado.

Corre o principal da muralha, como dissemos, na direcção norte-sul, tendo ao norte a cidadella e ao sul, valente e quadrado cubello que forma angulo saliente com alta cortina que, dirigindo se em ziguezague pela crista do accidentado monte para éste, vai fechar a fortaleza no oratorio acastellado que naturalmente, attento aos seus fundadôres, servir-lhes-hia, para a parte secreta das suas crenças e que é incontestavelmente obra de D. Gualdim Paes.

A forma extranha, copia mais ou menos fiel do templo do Santo Sepulchro em Jerusalem, o estilo da sua archithetura, o gravamento da cruz da Ordem dos Templarios no capitel d'uma columna, o enfeixamento das columnas que o divide e sustem a abobada, innovação do meado do seculo XII, indicam a sua antiguidade e o dêdo potentoso do seu fundadôr.

Tem a forma octogonal e suas grossas paredes, acompanhadas por maciços contra-fortes, erguem-se a grande

altura sustentando a abobada, sendo coroadas de ameias que não são hoje as primitivas.

No centro do seu pavimento erguem se oito feixes de columnas que arqueando se bizantinamente vão morrer em parede corrida na abobada que aguentam.

São estes feixes compostos de uma parte central, tendo por secção um trapesio isosceles distituidos de qualquer sa iencia desde o pavimento, a não ser nas suas faces saírem umas meias columnas cylindricas que vão acabar: as de dentro dos arcos n'estes proprios e as de fóra e dentro nos arcos das abobadas semi cylindricas.

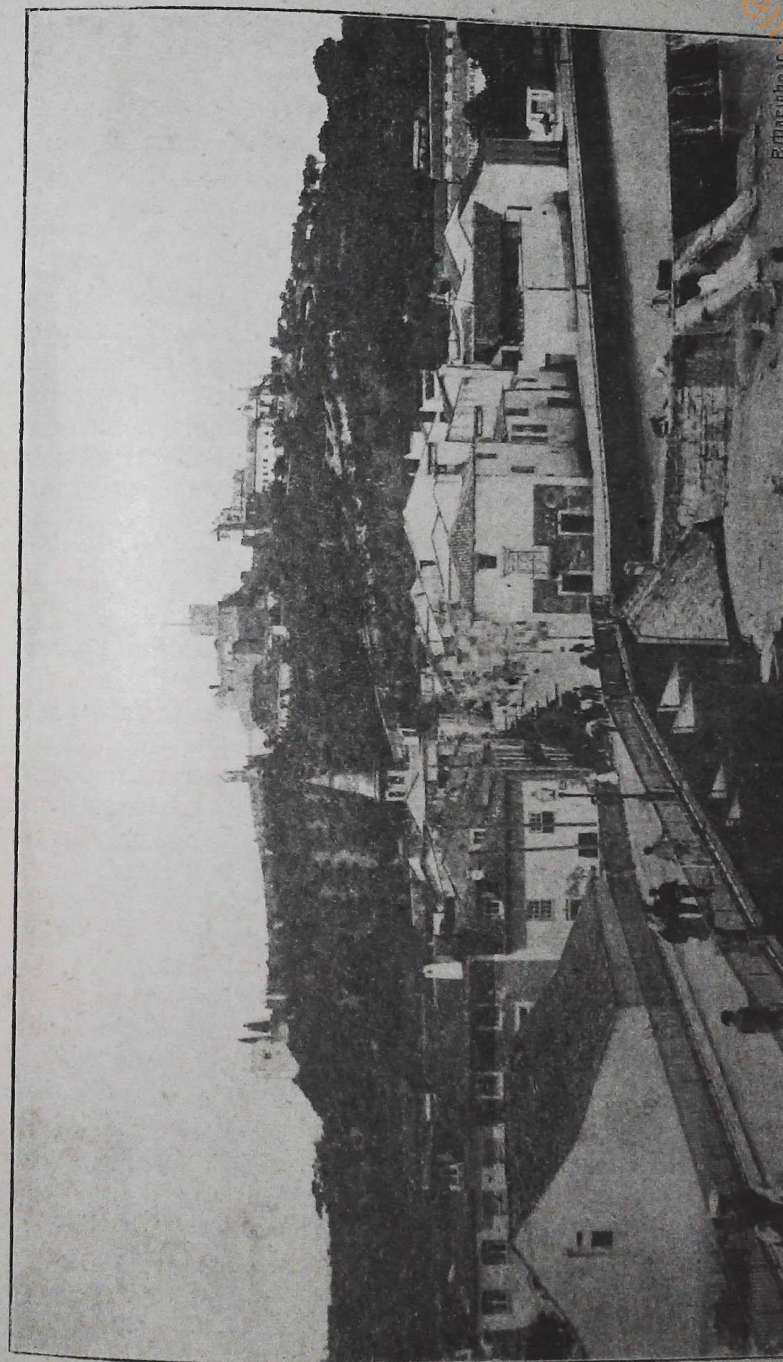
Os pedestaes de todas estas columnas cylindricas, assim como tambem de outras que estão nos angulos da parede de fora, são muito simples, limitando-se a um pequeno sócco com suas duas breves molduras.

Os fustes delgados e elegantes são encimados por capiteis que, á excepção de um, são abundantemente ornamentados com figuras mythologicas, folhagens exquisitas, animaes estranhos, palmas, uma figura humana assentada no meio de dois animaes desconhecidos, tudo de uma gravura grosseira, mas bastante saliente, indicativa do periodo ainda bastante rude da ultima metade do seculo XII.

O unico capitel exempto de ornamentação uma unica encerra, é a da cruz dos Templarios fundamente gravada.

São os arcos, que sustem a parede da parte central, bizantinos, modelo que D. Gualdim e seus irmãos maçons trouxeram das suas grandes e longas viagens no Oriente que decerto não prehencheram em só continuas batalhas.

Tanto no interior como no exterior era este oratorio ou baluarte d'uma exiguidade de ornamentação que condizia com a rudeza da epocha, tempos em que tudo era simples e sincero, reveladôres da grande austeridade como se revestiam os homens e as cousas.

Não longe mandou D. Gualdim buscar os materiaes para esta construção; pois talvez a tivesse que fazer no meio de perigos, agitações e receios do inimigo que de momento a momento podia estorvar os seus irmãos obreiros. Um monte perto lhe forneceu a alvenaria d'um calcareo branco, molle, mas que parece ter a excellente propriedade de enrijar com a acção do tempo. Por toda a parte do original edificio vemos a mesma qualidade de pe-

CASTELLO DE THOMAR

dra: nas paredes exteriores, nas columnas, nos capiteis, nas pilastras, nos arcos, tudo nos indica a proxima procedencia d'esse material e a contemporaneidade da construcção de toda esta grande fabrica.

Communicação com o exterior não a havia, não só porque não seria precisa, mas tambem porque era alli um dos angulos da fortaleza.

Uma unica porta lhe conhecemos que daria entrada aos templarios para esta casa. E' ella virada ao nascente e, pelo arco de volta redonda que ainda hoje se vê embutido na parede que fizeram mais tarde para abrirem uma janella mais pequena, não desdiz do resto do edificio.

Por cima d'esta porta estava aberta tambem uma janella ou fresta d'onde viria abundante luz ao interior e aonde encontramos uns botões, caracteristico ornato d'este seculo.

Pouco mais seria a obra de D. Gualdim, a sabermos a parcimonia com que os templarios revestiam na sua epocha tanto os templos para o culto publico, como para o seu culto particular.

Da parte superior d'este templo, que tem toda a apparencia, exteriormente, de um baluarte ou bastião, faziam os templarios sitio de atalaia e tambem de arremesso; pois pelos modilhões de pedra que ainda alli se vêem, seria valentemente amêado e tambem d'aqui deviam communicar com uma alta torre que mais para o norte estava e que servia para vigias.

A valente e aguerrida fortaleza dos cavalleiros do Templo tinha aqui o seu angulo poente; pois a cortina do sul, encurvada um pouco mais abaixo, corria depois até ir alli morrer.

Era esta cortina a mais longa do castello e a melhor guarnecida de ameias e de cubellos, onde se abriam barbacans que se rasgam hoje em commodas janellas.

N'ella se abre tambem a celebre *Porta do sangue* a que nos referiremos ainda adeante.

E' esta porta largamente rasgada n'um curto longor, que forma angulo com o resto da muralha.

As hombreiras formadas de fieiras de grossas pedras, sustem um arco ligeiramente ogival, construido com a mesma successão de grossas pedras.

Ladeada por dois salientes e valentes baluartes, ficava a

meio de enorme e ingreme ladeira, d'onde lhe advinha grande defeza e de que D. Gualdim Paes e seus companheiros tiraram grande partido.

Encimam na, tanto pela parte que olha para a praça, como para fóra da fortaleza, duas bem desenhadas e gravadas cruzes templarias, symbolos sublimes d'esses valorosos guerreiros, que tanto contribuiram com os seus temidos castellos para o povoamento de Portugal.

Fossos, pontes levadiças, corrediças, carcovas, alçapões tudo desappareceu d'esta fortaleza que foi valente e grande, provando-o no apertado cerco que Jacub, illustre imperador de Marrocos, lhe pôz pelos annos de 1190 e que nós narraremos a seu tempo por ser um dos ultimos actos mais notaveis, senão o mais illustre, da vida do heroico e egregio D. Gualdim Paes.

Outra não menos importante construcção fez o glorioso mestre templario ao tomar conta do vasto territorio de Cêras e ao erguer a fortaleza, que nós insufficientemente tentamos reconstruir; foi ella a da feitura do templo que serviria para as praticas religiosas da sua Ordem e dos habitantes da nova cidade, que ao seu carinhoso amparo se ia desenvolvendo no sopé do monte coroado pelo valente castello.

Levantado das ruinas da egreja d'um convento de benedictinos, fundado pelo arcebispo de Braga, mais tarde S. Fructuoso e que a tradição tem conservado nas memorias da celebre cidade que, por estes sitios existiu, tem forma differente da que foi dada pelos templarios d'outros paizes aos seus templos.

O fim tambem a que era destinado fez com que fosse similhante ao commum das egrejas edificadas por esse tempo.

Não era elle destinado exclusivamente ao culto dos cavalleiros do Templo; por quanto D. Gualdim Paes ao levantal-o instituiu ahi a communidade religiosa, que presidia á vida christã da nova povoação.

Em logar d'um templo sombrio e mysterioso, como eram os de quasi todas as provincias da milicia do Templo, construiu D. Gualdim Paes uma egreja com modernismos ao tempo; pois vamos ahí vêr a ogiva delinear-se, esboçar-se, timida e modestamente, tentando vôo largo e agigantado, a que se abalançou no seculo seguinte.

Foi o arco ogival de todos os tempos e de todas as civilisações.

Em todos os povos o encontramos, mas isolado, não caracterisando um systema architectonico, nem determinando uma civilisação.

Foi porem o seculo XII que fixou esse esbelto arco, que até alli andava errante.

O christianismo, destruindo tudo que se relacionasse com a civilisação antiga, apossa-se da ogiva e começa a arremessar para o ceu, ainda que timidamente n'esse seculo, esses arcos ponteagudos que lhe apontavam a mansão dos justos, as regiões celestiaes.

D. Gualdim Paes percorreu o Oriente, região-mãe de todas as civilisações e de todas as religiões, por espaço de um lustro, convivendo com os mais illustres e afamados guerreiros, com quem travaria relações não só militares como artisticas e sociaes e por conseguinte devia vêr e ter conhecimento do que havia n'essas regiões d'uma civilisação muito mais adiantada á sua e vindo para a Patria n'uma idade de verdadeiro desenvolvimento intellectual, a sua dilucida intelligencia impunha-lhe o emprego d'esses conhecimentos, novos em Portugal, no que fizesse ou mandasse fazer.

Nada ha mais serio, que diga mais de divino, que nos aponte mais a morada celestial, a paz do infinito, como o arco gothico que parece quer atravez das alturas chegar ao intimo d'um Deus de Amôr e de Oração.

Por isso o espirito religioso, cavalheiroso e inflammado na fé christã da nossa raça lhe deu, logo ao principio, grande incremento e vêmos então, desde essa rude epocha de verdadeira crença, empregar-se a ogiva, cuja forma era a mais conducente aos seus desejos, aspirações e ardencias.

Não estranhemos aqui vêr a ogiva.

Está situado este templo fronteiro ao castello na margem opposta do rio, em terreno um pouco em declive para a parte do oriente.

Das ruinas do convento em que foi erecto, da cidade de Nabancia, nome bastante confuso nas chronicas e apagado por completo nos antigos livros, mas sendo a cidade evidentissima, até mesmo hoje em face de novas e importantes descobertas de suas ruinas, muito se tem dito e não

menos se tem escripto do seu governadôr Castinaldo, conde gôdo e de seu filho Britaldo, o triste apaixonado de Irene.

D'esta illustre filha de Nabancia, tornada depois santa pelas bellas e puras crenças da Edade-media, de seus paes Ermigio e Eugenia, nobres e opulentos cidadãos d'esta cidade e de seus tios Celio e Julia, não é preciso consultar os velhos pergaminhos do seculo VII; pois a tradição, essa rica e não interrompida corrente que liga o passado ao presente, apossou-se da sua santidade e martyrio e fez d'essa vida e d'essa tragedia uma das mais lindas e poeticas lendas, que o nosso povo na sua eterna e sublime ingenuidade conta e canta.

Tem esta e outras lendas o seu fundo de verdade e são por nós respeitadas e veneradas por serem uma parte integrante e bella da alma do povo, e que ajudam a perpetuar uma raça atravez dos seculos e a firmar-se no meio das civilisações.

E se mais nenhuma prova houvesse, tinhamos, para attestar este facto historico, a lendaria *Esca Abidis*, a *Scalabis* dos lusitanos, a imperial *Praesidium Julium* dos romanos, a tomar pressurosamente, apoz o apparecimento nas limpidas e mansas aguas do seu grande Tejo, do corpo mutilado da celebre enamorada de Britaldo, o nome de *Sant'-Irene,* sob a dominação gôda, de *Chantireyn,* no periodo Arabe e que se transformou atravez dos seculos em *Santarem,* que ainda hoje conserva, com grande orgulho para Thomar e, como vimos em algures, conserva-o quasi inteiro vai para doze seculos como illustre epitaphio da santa virgem e martyr Irene.

A fachada principal d'essa egreja a que D. Gualdim Paes deu por orago Nossa Senhora d'Annunciação e á qual o povo chama Santa Maria dos Olivaes, está, segundo o ricto catholico, voltada para o occidente e destaca-se-nos, ao contemplal-a, na sua totalidade, a construcção de D. Gualdim Paes.

E' ella formada por trez partes: duas lateraes eguaes e a do meio alta e elegante, correspondendo ás tres naves em que dentro está dividido o templo.

Ao centro, limitado por dois contra-fortes divididos a dois terços por esbarros lisos, salienta-se o frontão triangular, onde se abre a porta principal, cujos hombraes são

formados por fiadas de pedras, encimadas pelo entablamento d'onde se levanta o arco em ogiva.

Na espessura da parede, divergindo, seguem a estas hombreiras duas series de tres columnas em que assentam outros tantos arcos em ogiva, formados de diversas molduras em que a do arco do centro se torna distincta pelos seus ziguezagues curvos.

São estas columnas muito simples desde os pedestaes, que se limitam a uns quadrados e simples sóccos e os fustes delgados e lisos, até aos capiteis ornados de folhas estranhas e outros enfeites singelos, mas nitidamente bem gravados.

Os fustes d'estas columnas, pela differente natureza da pedra, parecem-nos restos da antiga construcção, o que não admira, pois os nossos antigos constructores aproveitavam varias pedras de outras fabricas para enriquecerem as suas, ou para lhes servirem tambem como que de pedra fundamental.

Os arcos saidos do entablamento, não em perfeita e elevada ogiva, são formados de varias molduras bastante salientes.

As columnas são independentes, isto é destacaveis, e entre si apresentam o angulo dos encaixes cavado em meia cana, onde sahem uns grossos botões, ornamentação esculptural, muito usada na architectura do seculo XII.

Do vertice da ogiva á soleira da porta, mede esta duas vezes e meia a sua largura, caracteristico dos portaes dos templos da Edade-media.

O frontão é liso em todo o seu panno, somente quasi no vertice, que era encimado por uma cruz templaria de que ainda hoje se vê o entalho, apresenta um *signum salomonis*, divisa templaria.

Por cima, a breve trecho d'este vertice, abre-se grande e luminosamente o florão que abundantemente illumina o templo.

Seis folhas elegantemente recortadas o formam, e as suas molduras, tambem salientes, são similhantes ás dos arcos da porta. Nas duas partes lateraes tambem se abrem duas janellas geminadas, ogivaes, bastante elegantes.

O pequeno apparelho de silharia e as diversas e muitas *siglas* concorrem não pouco para provar a remota antiguidade do monumento.

Antes de entrarmos no templo falaremos da torre que está fronteira e de um alpendre que em appendice existia adiante da fachada da egreja.

A torre, melhor lhe chamariamos castello, que talvez os templarios restaurassem, pois pela construcção se vê que ella seria resto d'uma outra adjunta ao templo benedictino, não foi reconstruida somente para ter sinos, pois ainda a fé e crença viva d'aquelles tempos não tinham precisão de lhe abrirem as portas dos templos ao som melancolico e triste do bronze.

O uso dos grandes sinos e das torres especiaes para os supportar foi posterior ao fundamento d'estas quatro solidas paredes.

E tem elle toda a razão de ser.

Era este vasto terreno ao tempo da construcção do castello de Thomar e de Santa Maria dos Olivaes, muito sujeito á nefaria assolação das algaras mouras.

O castello edificado no outro lado do rio e nos pincaros de alcantilado monte, dava, é certo, segurança aos obreiros de Santa Maria, mas ficava um pouco longe e sem defeza a obra do levantamento d'este templo.

Era forçoso pois haver sitio proprio e proximo para abrigo dos irmãos obreiros e defeza dos muros que se iam levantando.

Assim se fez e não só este caso aponta a historia das construcções portuguezas: a torre de Santa Cruz de Coimbra, e o Castello de Alcobaça outro primitivo fim não tiveram.

E' esta torre quadrada, como as da epocha, de paredes fortissimas e de cantaria tosca, tendo uma unica e pequena porta gothica que do lado da egreja dava entrada para uma escada de pedra aos lances que levava ao terraço superior d'onde se defenderiam os cavalleiros obreiros ou que mais tarde ahi residissem para serviço do templo e que de repente se vissem perseguidos pelo assolador tufão das correrias serracenas.

Um alpendre cobria e guarnecia a porta principal, segundo o costume religioso da epocha, coeva com a fundação da monarchia portugueza.

Eram as egrejas n'esses tempos como que o centro ou nucleo da vida social da povoação em que eram levantadas.

Alli não só o padre lia o velho, mas sempre novo, latim do Evangelho, baptisava os neophitos, casava os nubentes e enterrava os mortos.

Outras e nobres missões teve o templo christão n'essas eras de rusticidade, mas de enthusiasticas crenças.

Alli foi campo aos paladinos do povo que reclamavam pelos seus direitos, alli se fazia ouvir a palavra do eremita chamando os transviados á lei d'um Deus de justiça e amôr, alli foi campo em que brilhavam ao mesmo cirio, o pendão do rico solarengo e o da communidade dos artifices, alli emfim foi tribunal onde se administrava justiça e onde o homem recebia asylo inviolavel e sagrado.

Jamais outro edificio teve missão mais nobre, mais elevada do que a egreja da Edade-Media.

Quando ella era pequena ou não comportava a população por ter augmentado, como succedia em Thomar, ou que casualmente affluia ao templo, faziam seguir á sua frontaria um alpendre que participava das missões do templo e ainda mais servia de abrigo remediavel aos pobres, aos viajeiros e de cobertura ás grandes multidões que em dia solemne concorriam á celebridade religiosa.

Santa Maria dos Olivaes tambem teve esse alpendre a que chamavam *galilé* e sob o qual existia a cadeira, *séde*, judicial onde os templarios, como senhores de quasi todas as jurisdicções nas suas terras, mandavam pela bocca do seu alvasil administrar justiça.

Entrando, temos que descer sete degraus antes de chegar ao pavimento forrado de lages.

E' este templo dividido em tres naves por oito feixes de columnas que sustentam dez arcos ogivaes onde se levantam as paredes da parte central e que vão morrer no teto.

São muito simples as columnas d'estes feixes; base, fuste e capitel são d'uma simplicidade que condiz grandemente com a epocha rude da sua fundação.

Mede de comprimento qualquer das naves $29^{m},35$ e tem de largura o templo $15^{m},5$.

A capella mór abobadada, que comprehende a largura da nave central a qual segue, compõe se de duas partes, divididas por um arco ogival: uma é recta em extensão de $3^{m},4$ e a outra forma um heptagono, de cujos angulos sahem sete arcos ogivaes que vão morrer n'um feixe floreado.

Toda a capella-mór tem de comprimento 8 metros e de largura 6.

Entre estes arcos abrem-se sete elegantes frestas ogivaes, que illuminam e alegram a capella.

Da parte recta tambem sahem dois arcos que se cruzam, n'um feixe que se liga ao centro da abobada, com o outro por um cordão de cantaria lisa como os arcos.

Os capiteis das columnas d'esta capella são eguaes, assim como o resto da columna, aos dos do corpo da egreja.

Exteriormente os angulos do heptagono são amparados por grossos contrafortes divididos por tres esbarros.

E' esta capella ladeada por duas outras mais pequenas e communicavam-se por duas portas: a do Evangelho dava para a capella d'esse lado e sacristia primitiva, e a da epistola dava só para a capella lateral.

Como no oratorio da fortaleza, quartel general dos templarios, pouca differença haverá do templo de D. Gualdim Paes que a sua fé e a de seus irmãos d'armas levantou e o que nós tentamos descrever. Simples e pretendendo tomar a forma d'esses que, um seculo depois, se elevaram pela Europa alem e que marcam um periodo brilhante na arte do mundo, era um templo para o serviço da povoação a que D. Gualdim Paes imprimiu esse cunho não templario.

Soffreu grandes mutilações com o tempo, mas o caracteristico do seculo XII não foi tirado.

A grande obra do seu glorioso fundador subsistiu sempre, impondo-se mesmo ás mutilações e desrespeitos do tempo de D. João III.

Emquanto o grande mestre dos Templarios coroava o alcantilado monte com a valente fortaleza que ainda hoje, sete seculos volvidos, desafia a acção corrosiva do tempo e a malevola dos homens e emquanto fazia surgir, das mal apagadas ruinas do templo benedictino, aquelle cujo valor e bellezas architectonicas descrevemos com as palidas côres dos profanos, chamava, convidava e protegia os povoadores da sua cidade que com tanto amor criou e amparou nos seus tremulos e duvidosos passos dos seus primeiros annos de existencia.

Thomar, que recebia o nome do rio—e este um nome tirado da antiga cidade ou então o que teria tido ao tempo da anterior denominação christã,—surge ao sôpro potente e grande de D. Gualdim; e tal foi a satisfação do seu desejo,

a concorrencia de gentes á nova povoação que dois annos depois da fundação do castello outorga-lhe foral, onde estatue os direitos e os deveres dos habitantes da nova cidade, como elle mesmo lhe chama.

Não é logar aqui proprio para reproduzirmos esse importante documento que será dado n'outra parte.

Não pára aqui a grandiosa actividade de D. Gualdim Paes que ora está por assim dizer no principio da sua illustre e celebre vida de mestre dos famigerados cavalleiros do Templo.

Não era temperamento que, edificada a sua inexpugnavel fortaleza, quartel general da sua heroica milicia, ficasse á sua sombra, contemplando a sua grande obra e deixasse campear infrene as almogavrias mouras por esses campos de que elle era defensor e senhor.

O seu juramento, como cavalleiro do Templo e soldado do rei portuguez, era expurgar esse terreno dos damninhos seguidores do crescente e augmentar e tornar productiva a terra da sua patria, que aqui não é bem a patria, como collectividade politico-social d'hoje, mas a patria christã.

A Fé pura era o sacrosanto patriotismo de então.

Redobrava por tanto a sua desmedida actividade.

Não descança e a espada faiscante com que abria caminho nas legiões serracenas, desenhava patrioticamente os fossos profundos dos aguerridos castellos de Almourol, Zezere, Pombal, Ega, Redinha e Idanhas, que eram outras tantas barreiras aos embates dos inimigos das suas crenças.

Ao mesmo tempo que fazia surgir esses valentes padastros, que eram o terror dos arabes, fazia—aqui temos que curvarmo-nos deante do seu grande genio politico—por dar vida, incremento ás povoações que fundava á roda d'aquelles castellos.

A todas estas terras outorgava foral em que, pondo os seus habitantes sob a sua protecção e da sua milicia, exarava os reciprocos direitos e deveres dos seus povoadores.

Não fazia D. Gualdim Paes consistir só a sua nobre missão em conquistar, derrotar e matar os seguidores d'outra religião.

Arrotear, cultivar, civilisar, chamar a si ou ás suas terras gentes que andavam a monte pelas successivas e repetidas correrias christãs e mouras, eram artigos importantissimos do seu grande programma de habil politico.

D. Affonso Henriques, o audaz guerreiro, o grande politico que fundou a nacionalidade portugueza, teve o supremo condão de conhecer os grandes soldados que lhe ajudaram a cimentar o throno e a tornar independente o que seria uma mera provincia na grande Hespanha.

D. Gualdim Paes, criado desde criança nos seus paços, era bem conhecido pelo seu irmão d'armas que n'elle e na sua Ordem tinha um dos mais leaes e valorosos cooperadores da sua grande obra.

O rei por sua parte galardoava a Ordem que tantos e tão illustres serviços lhe prestava e enchia de deferencias e honrarias o seu amigo e audaz campeão.

Provas sobejam; mas para não sermos demasiados, narraremos uma das mais importantes para se vêr a grande confiança e o grande valor em que eram tidos D. Gualdim Paes e os seus companheiros.

D. Affonso Henriques nas suas audaciosas e temerarias correrias contra os serracenos, poz cerco a Badajoz, cidade forte, que estava sob a protecção de D. Fernando II, rei de Leão e seu genro.

Audaz e valoroso, leva D. Affonso de vencida a amuralhada cidade, mas a guarnição conseguiu refugiar-se na Kassba, alcaçova, onde offerecia alguma resistencia.

O sitio aperta-se e os sitiados julgam-se perdidos, quando as tropas de Leão, capitaneadas por D. Fernando, accodem e cercam por sua vez o rei dos portuguezes que, depois de grande destroço e mortandade, se vira forçado a abandonar Badajoz.

Correndo á redea solta para sair por uma das portas, bateu com a coxa direita no ferrolho do portão e quebrou-a.

Cahido, foi alcançado pelos soldados do genro que o vê a seus pés prisioneiro, mas o seu nobre caracter e a generosidade de sua grande alma, manda, em breve, o sogro em paz, com a condição porém de lhe restituir as praças dos districtos de Limia e Toronha e abandonar as margens do Guadianna.

Depois de dois mezes de tratamento e assentes as pazes, voltou o rei de Portugal ás suas terras, mas os 60 annos da sua aventurosa e brilhante vida, o desgosto da derrota, mais naturalmente do que a fractura do femur, faziam-n'o regressar á patria, abatido, vexado e irremediavelmente inhabilitado para a vida das armas.

Então eram as terras d'álem Tejo campo aberto ás correrias serracenas e n'ellas brilhavam ricas e fortes praças que era preciso rehaver ao seu sofrego dominio.

Alem d'isso a sua derrota, do terrivel Ibn-Errik, como lhe chamavam os mouros, animava estes nas suas devastadoras gazivas.

A fractura foi pela primavera de 1169 e no verão seguinte, a conselho do seu medico D. Pedro Amarello, prior da collegiada de N. S. da Oliveira em Guimarães, ou D. Martinho, bispo da Guarda, homens ao tempo muito notaveis n'este ramo dos conhecimentos humanos, ou talvez ainda d'algum physico residente para as bandas de Lafões que, attrahido á corte pela notoriedade das dores atrozes que tornavam o monarcha «insoffrivel, insoffrido e enraivado», propozesse tal cura thermal, recorreu D. Affonso ás caldas de Alafões, hoje *Thermas da Rainha D. Amelia*, para convalescer da enfermidade, não podendo todavia soffrer o estarem aquellas terras á mercê das aguerridas tropas mahometanas.

Cuidou em remediar esse grande mal que lhe estava a minar o seu sonho dourado — dilatar a sua querida monarchia.

Relanceou os seus homens d'armas, os seus velhos companheiros dos dias gloriosissimos de Santarem, Lisboa e das suas innumeraveis batalhas; queria encontrar um guerreiro audaz e valente, cujo braço não fraquejasse e fizesse reluzir ao sol brilhante dos combates o forte e destemido montante.

Lembra-se então dos seus fieis templarios, onde se destacava nobre e grande o vulto illustre do seu egregio mestre — o valoroso D. Gualdim Paes e commette a este a defensão e conquista do Alemtejo, doando á Ordem do Templo a terça parte de tudo o que ella podesse povoar e adquirir n'essa provincia e tambem a casa de Evora, com a condição de despender a Ordem as rendas que d'essas terras lhe deviam provir no serviço d'elle e de seu successor emquanto continuasse a guerra entre christãos e serracenos.

Tal era a confiança que lhe inspiravam os seus confrades e a relevancia do mestre para lhe dar o cumprimento de tão alta missão!!

D. Affonso ainda poude vêr o empenho, o ardimento

com que D. Gualdim Paes e os seus companheiros defendiam essas terras, cumprindo bizarramente a vontade do seu rei e seu companheiro d'armas como templario que era.

Ainda poude o glorioso fundador do reino de Portugal ver levantar, cumprindo assim D. Gualdim a expressa letra da doação, d'um penhascoso ilhéo no meio do Tejo, o valente e audaz castello d'Almourol que tanto devia de servir a causa da Fé e da Patria.

Morto D. Affonso Henriques, succede-lhe seu filho D. Sancho que tambem encontra nos templarios o mesmo amor ao seu chefe militar e os mesmos cooperadores na grande obra da independencia e povoamento de Portugal.

D. Sancho tambem não é avaro para com os valentes guerreiros, embora pareça provar-se que um dia, naturalmente de apuros, se apossara de capitaes templarios; no entanto mais de uma concessão de direitos e doações de terras provam a consideração que tinha pelos companheiros de seu Pae.

No meio da sua agitada e gloriosa vida de guerreiro, vemos o inclito mestre e seus soldados, no seu posto de honra, ao lado do rei, batalhar e hombrear com os mais esforçados e aguerridos campeões da patria e da fé.

D. Gualdim Paes, respeitado e honrado pelo novo rei, não descança em corresponder á distincção com que é tratado e emprega a sua actuosa vida e a dos seus cavalleiros em provar ao filho do seu grande irmão-d'armas o quanto amor lhes ia n'alma pela independencia da nação e pela grandeza do nome de Christo.

Não tardaram muitos annos depois de subir ao throno que D. Sancho não tivesse uma grande prova da inexcedivel coragem dos egregios campeões da Cruz.

Tal foi a do celebre cerco do castello de Thomar.

Contemos o glorioso successo, pois ao que nos consta é a pagina mais brilhante d'esse velho baluarte do christianismo — o castello de Thomar, e um dos factos mais dignos de rememoração da vida celebre do nobre cavalleiro D. Gualdim Paes.

Jacub, descendente de Jusuf que, n'uma excursão aos estados christãos da peninsula, veiu a morrer em Algesiras das cutiladas recebidas no cerco de Santarem, subia ao amirado cheio de odio e ardendo em vingança contra os nazarenos.

Homem de superior talento e esmerada cultura intellectual, tratou primeiro de consolidar o seu, nem por todos acceite, direito ao throno da sua vasta monarchia.

Quatro annos passou n'esta feliz tarefa, findos os quaes dispoz-se a atravessar o estreito e vir em pessoa, seguido de algumas tropas, vingar a morte de Jusuf e do desbarato do seu numeroso exercito. Mas não se sabe porque, talvez alguma rebellião nos seus estados, pouca dura teve a sua estada na peninsula, podendo então resfolegar um pouco da presença de tão terrivel inimigo, os estados catholicos.

Não só folgaram como continuaram na guerra santa de desapossar os correligionarios d'aquelles das suas terras, alargando e indo assim formando os seus reinos á custa da mais cruenta guerra e do sagrado solo da patria dos seus antepassados.

D. Sancho I, rei de Portugal, n'este comenos, poz em execução a posse do Algarve e para isso determinou o sitiar a forte e sumptuosa Silves, capital d'aquelle rico territorio.

Ajudado por 37 navios, conductores de muitos cruzados que se dirigiam á Palestina sob o commando de Henrique, conde de Bar, poude, apoz prolongado cerco, vêr cair nas suas mãos uma das mais importantes cidades que os mahometanos possuiam nas Hespanhas. A nova correu breve e transpondo o mar foi encontrar o imperador entregue cuidadoso na governação dos seus dilatados dominios.

Ateou-se novamente a ardente sêde de vingança, não só por rixas antigas como por estas modernas, que lhe punham em perigo o seu poderio áquem do estreito, não tardando a passal-o seguido de numerosissimo exercito.

Reunido ao que mandou preparar no Andaluz, dirige-se sem demora sobre Silves que sitiou, mas, não podendo reduzir tão depressa como esperava, deixou, cercando-a, a tropa andaluza e á frente dos seus africanos invade as terras de D. Sancho, pondo tudo, na sua passagem devastadora, a ferro e a fogo.

Subiu o Alemtejo e Estremadura vindo cercar Torres-Novas que, ao cabo de dez dias de assedio, foi vencida e destruida, sendo seus destroços pasto de terrivel incendio.

Ainda não parava aqui a satisfação de vingança.

Os famigerados templarios, os cavalleiros de manto branco salpicado de vermelha cruz, que tantos damnos já tinham feito ao seu dominio peninsular, habitavam perto o seu forte quartel, onde a *balsa* bicolôr fluctuava orgulhosa ao glorioso vento do triumpho.

Queria Jacub ir ao ninho da aguia, ao covil do lobo, feril-o de morte.

D. Gualdim lá estava de acha ao hombro e espada á cinta e os seus, suppômos, quando muito, quarenta cavalleiros, á espera da impetuosa furia dos marroquinos.

De Torres-Novas voou sobre Thomar que nos 30 annos de existencia já se estendia largamente por essa formosa planicie que tinha por atalaia o castello, campeando lá no alto do monte, altivo e soberbo na valentia das suas muralhas e dos seus heroicos defensores.

Chegados aqui dêmos a palavra ao respeitavel historiador Alexandre Herculano:

«Era este castello (Thomar) um dos mais fortes de Portugal e, talvez o mais bem defendido por estar confiada a sua guarda aos templarios, que n'elle tinham feito o centro da ordem, estabelecendo ahi a sua casa capitular.

«Gualdim Paes, um dos primeiros portuguezes afiliados áquella ordem e um dos mais illustres membros d'ella pelas suas façanhas no oriente e na Hespanha, era então o mestre ou procurador do Templo em Portugal.

«No meio d'aquelles muros que elle proprio travára com os pincaros do monte despenhado e fragoso, o duro velho esperou, com os monges–cavalleiros, a furia dos pagãos, epitheto com que na sua singela ignorancia nossos avós costumavam designar os musulmanos.

«Pouco tardaram estes e desvastando as cercanias do logar, o imperador poz estreito assedio ao castello, destruindo todas as habitações que começavam a agglomerar-se na raiz d'aquellas quasi inaccessiveis muralhas.»

Seis dias durou o cerco.

Seis dias de angustias e de afflicções para esses poucos heroes, reforçados agora com as gentes de Thomar, que viam deante de si tão numeroso exercito e a terrivel ideia, a cada momento a adejar-lhe na mente, de serem vencidos, em vista da desproporcionalidade dos combatentes e o seu querido castello entregue ás devorantes chammas.

O grande e heroico D. Gualdim Paes, senhor de si e

confiando na provada coragem e nobreza d'animo dos seus companheiros, não desanimava nem descançava.

Provendo tudo, de clava em punho, corria onde via fraquejar, ou onde a força impetuosa dos sitiantes estava quasi a estalar esses muros de calcareo que mais pareciam de aço.

Critica situação a sua: D. Sancho e os seus homens d'armas encerrados em Santarem sem se poderem mover; do norte não podia vir reforço que chamasse a campo o bem acompanhado Almançôr; este redobrando de energia, mais estreitava o assedio, e de certo em breve a fortaleza da praça, a valentia dos defensores, a destra pratica do famoso governador seriam impotentes, se não fosse causa extranha a ambos os lados, origem do levantar do acampamento.

No pino do verão, Julho, calor ardente, rio em partes estagnado, milhares de pessoas d'onde a hygiene tinha fugido, mas onde o hematozoario de Laveran campeava desafogadamente, exigindo tão rapido tributo que ao sexto dia de sitiamento teve o imperador de levantar tendas e dirigir-se para Sevilha.

Estavam salvos!!

Castello e D. Gualdim Paes podiam respirar, pois o inimigo ia já longe e, talvez tomando lição, jámais voltaria a experimentar a dureza das suas muralhas e a desmarcada valentia dos seus monges.

Não mais voltou ao sitio e o castello que assim era tão abundantemente baptisado em sangue—pois correu tanto que a tradição conserva o nome de *Porta do sangue* a uma das suas—pôde contar nas suas paginas illustres, esta como a mais gloriosa.

D. Gualdim no seu louvavel costume immortalizou o heroico feito, gravando-o, conjunctamente e novamente com o facto da fundação do castello de Thomar, no marmore que hoje se encontra na parede que, ao tempo de se fazer a escadaria que leva á formosa porta da Egreja, foi feita para regularisar as reintrancias ou sinuosidades da capella-mór, torre e frontaria dos claustros do infante D. Henrique.

Não está esta inscripção, como vemos, onde D. Gualdim Paes a collocou; pois diz uma outra, que por cima foi posta, traduzindo a, que *Heste Heolitreïro que estava sobre o portal que vai pospaços da rainha e heotreslado do Lliro abaixo*, o que tambem prova não ser alli o primiti-

vo logar, a não ser que ao fazerem os paços ficasse n'elle a parte respeitante ao castello onde ella estava, visto o palacio real ser contiguo ao recinto que foi outr'ora fortaleza do illustre mestre.

1) E MC: L̃X˙ VIII⁝ REGNANTE⁝ AFONSO⁝
ILLVSTRISSIMO REGE PORTVGALIS⁝ MAGISTER
· GALDI
2) NVS PORTVGALENSI⁝ VM⁝ MILITUM⁝ TEMPLI⁝
CUM· FRATRIBVS SVIS PRIMO. DIE: MARCII CE
3) PIT EDIFICARE⁝ HOC: CASTELLV⁝ NTNE:
THOMAR⁝ QÕD˙ PREFATVS REX OBTVLIT⁝
DEO · ET · MILITIBVS · TEM
4) PLI⁝ E⁝ M: CC · VX · VIII⁝ III⁝ NTNS⁝ IVLII:
VENIT⁝ REX DE MAROQIS⁝ DVCENS⁝ CCCC˙
MILIA: EQITV
5) ET QVIGENTA⁝ MILIA⁝ PEDITVMA: ET OBSEDIT
CASTRVM ISTVD⁝ PER SEX⁝
6) DIES⁝ ET⁝ DELEVIT⁝ QVANTVM⁝ EXTRA:
MVRVM. INVENIT
7) CASTETLV⁝ ET PREFACTVS⁝ MAGISTER⁝ CV
FRATIBVS: SUIS LIBERAVIT⁝ DEVS⁝
DEMANIBVS: SUIS⁝ IPER⁝ REX:
8) REMEAVIT⁝ INPATRIA SVA⁝ CV: INNVMERABILI⁝
DETRIMENTO⁝ HOMINV⁝ ET BESTIARVM

Esta inscripção é escripta em letra gothica maiuscula, mixtas e inclusas e pelo latim barbaro prova ser gravada logo apoz o glorioso facto.

Vertendo-a para portuguez d'hoje dá:

Era 1160 reinando Affonso, illustrissimo Rei de Portugal, Galdino, Mestre dos Cavalleiros portuguezes do Templo, com os seus Freires, começou, no primeiro dia de março, a edificar este castello chamado Thomar, que, concluido, o rei offertou a Deus e aos Cavalleiros do Templo. Era 1828, na 3.ª nona de julho veiu o Rei de Marrocos, conduzindo 400 mil homens de cavallo e 500 mil peões e cercou este castello durante seis dias e destruiu tudo quanto encontrou extra-muros. Deus livrou das mãos d'elle

o castello e o predito Mestre com seus Freires. O mesmo Rei voltou á sua patria com innumeravel perda de homens e de animaes.

Exaggerado achamos este numero, mas o que é incontestavel é ser Jacub acompanhado por grande e lusido exercito.

E se nos lembrarmos como os serracenos invadiam, de certo aquella cifra representará não só os homens d'armas, como as pessoas de familia.

Jacub, agora mais do que nunca, podia perdoar a ousadia da gente d'armas do rei infiel do occidente e deixar de lavar a indelevel mancha das improductivas invasões, aggravada pela enorme perda recebida, resolveu novamente vir á frente de novo e bem reforçado exercito, tirar desforra e encorporar nos seus estados as terras onde de novo tremulava o pendão christão.

Começou por Silves que, não podendo resistir, entregou-se depois de longo assedio.

Alcacer, Palmella e Almada tambem são reduzidas e corôam bizarramente, enchendo de gloria, a sua brilhante campanha.

Na sua marcha triumphal não mais avança e deixando estas praças bem guarnecidas, volta a Africa a entregar se á administração do seu vasto imperio.

Sancho I soffre a derrota, povôa quanto póde e administra bem o que lhe fica, preparando-se para vêr raiar dias de gloria e de triumpho.

N'este meio tempo, 1195, 13 de Outubro, D. Gualdim cheio de cans e alquebrado por 77 annos de trabalhosa vida, céde emfim ao archanjo da morte que, no meio dos seus fieis discipulos e guardado pelas paredes invenciveis do seu valente castello, o arrebata á sepultura para jámais se levantar.

Morre deixando a Ordem senhora de Pombal, Soure, Almourol, Zezere. Ceras, Cardiga, Idanha, Monsanto e mais casas em Braga, Santarem, Evora, Cintra, Lisboa, Leiria a rodear o seu grande nome d'uma aureola de gloria immorredoura.

Ao falarmos novamente do valente castello de Almourol, recordemol-o, não para o salientar das famosas e consideraveis edificações emprehendidas e levadas a cabo pelo

genio verdadeiramente assombroso de D. Gualdim Paes, mas para indicar um dos documentos epigraphicos mais ricos e preciosos que temos d'este egregio capitão.

Podiamos tambem aqui referir um outro da mesma natureza que diz da fundação d'Almourol e que ainda alli existe; mas como não estamos particularmente tratando de Almourol, deixamol o aos estudiosos que especialmente se dedicarem ao estudo d'aquella interessante pagina architectural dos primitivos tempos da monarchia portugueza, e além d'isso diz quasi o mesmo que as outras que reproduzimos.

Falaremos pois d'uma inscripção que se encontra hoje em Thomar no convento de Christo por cima da porta da capella mortuaria de Vasco Gonçalves de Almeida e de sua illustre mulher Mecia Lourenço, ama do grande infante D. Henrique, a qual, segundo a tradição, foi trazida d'Almourol pelo immortal infante, quando mestre da Ordem de Christo.

Reproduzindo-a:

E:M:CCVIIII:MAGISTER:GALDINUS:NOBILI:SIQVI
DEM:GENERE:BRACARA:ORIVNDUS:EXTITIT:TEMPO
RE:AVEM:ALFONSI:ILLUSTRISSIMI:PORTUGALIS:RE
GIS:HIC:SECULAREM:ABNEGANS:MILICIAM:IN:
BREVI:UT:LUCIFER:EMICUIT:NAM:TEMPLI:MILES:GROO
LMAM:PECIT:IBIQ:P:ONONIVM:NON:IN:ERMEN:VTAM
OVXT:CV:MAGISTRO:ENM:SVO:CV:FRATRIBUS:INPLERO:
RLIS:9:EGPT:ETSVRE:INSVREXIT:RGM:EMQ:ASCALONA:CAPETR
RSTO:EV:IN ANTIOCA:PGN:SEP:9:SIOAN:DCINEOMAVT:PST:ONO
NIVV:AO:RFAM:Q:EV:DVCAVEPATTM:EM:FECERATRVSN:ESTRO
:FACTV:DMS:EMPL:RVGLS:RORAO:HOSRVIT:CASRV:PALBR:HOMR:
O3E3AR:ET:HCOD:DRAMRO:ET:EIDNAM:ETMEM:SACTVM:✻

Em portuguez de hoje:

Era de 1209. O Mestre Galdino, certamente de nobre geração, natural de Bragà, existiu no tempo de Affonso, illustrissimo Rei de Portugal. Abandonando a milicia secular, em breve se elevou como um Astro,

porquanto, soldado do Templo, dirigiu-se a Jerusalem, onde durante cinco annos levou vida trabalhosa. Com seu Mestre e seus Irmãos, entrou em muitas batalhas, movendo-se contra o rei do Egypto e da Syria. Como fosse tomada Ascalona, partindo logo para Antiochia pelejou muitas vezes pela rendição de Sidon. Cinco annos passados, voltou, então, para o Rei que o creára e o fizera cavalleiro. Feito Procurador da casa do Templo em Portugal, fundou, n'este, o castello de Pombal, Thomar, Zezere e este que é chamado Almoriol, e Idanha e Monsanto.

Por aqui se vêem e provam as grandes proezas e a vida illustre do illustre e glorioso fundador de Thomar.

Ao baixar ao tumulo tão inclito varão, tinha a Ordem do Templo de existencia em Portugal, pouco mais de meio seculo, 67 annos, e já contava nos seus dominios vastas porções de territorio, onde formosas e ricas povoações se tinham erguido ao sopro protector e benefico, principalmente de D. Gualdim, dos seus mestres que em esforçadas emprezas provavam que eram dignos d'essa honra e que os reis tão bizarramente galardoavam.

Foi a vida d'este illustre guerreiro uma das mais movimentadas e mais proveitosas a bem do progresso e da civilisação christã.

De montante em punho, vêmol-o quasi sempre no mais encarniçado da lucta sem tregoas, por um sagrado ideal que nós, portuguezes d'hoje, devemos respeitar e venerar —Dilatação da Fé e consolidação da independencia patria; e quando ás vezes, serena essa vida tão affeita ás duras provas das armas, vêmos D. Gualdim Paes entregue a restaurar castellos, fundar outros, outhorgar foraes, povoar terras, contribuindo grandemente para a prosperidade e riqueza d'esta bella terra de Portugal.

Thomar, uma das preciosas criações do seu potentoso cerebro, ao nosso apêllo, pagou ao grande vulto da historia patria a divida do seu reconhecimento e gratidão, celebrando condignamente o setimo centenario do seu passamento e não desacoraçoará de levantar em praça publica a prova immorredoura da sua gratidão para attestar ás gerações vindouras o seu respeito e veneração pelo eminente homem do seculo XII.

Teve o inclito mestre dos templarios sepultura honrosa e honrada n'um soberbo mausoléo que seus irmãos lhe mandaram erguer na sua egreja de Santa Maria dos Olivaes, cabeça da Ordem.

D'esse rico e bem trabalhado sarcophago só resta o epitaphio que mão piedosa collocou na parede do fundo da 2.ª das capellas construidas no mestrado de D. João III.

Com todos os caracteristicos de ser obra do fim do seculo XII commemora o passamento do heroico e glorioso fundador de Thomar:

† : OBIIT : FRATER : GVAL
DINVS : MAGISTER : MI
LITUM : TEMPLI : PORTU
GAL : E : M : CC : XXX : III : III : ✻
IDVS : OCTOBS : HIC : CAS
TRVM : TOMARIS : CUM :
MULTIS : ALIIS : POPVLAVIT :
REQUIESCAT : I PACE : AM :

Traducção:

Morreu Frei Gualdino, Mestre dos Cavalleiros do Templo em Portugal, na era de 1233, terceiro dos idos de outubro. Este castello de Thomar, com muitos outros, povoou. Descance em paz. Amen.

A cruz que antecede a inscripção, a calligraphia, o pautado e o latim barbaro dos primeiros tempos da monarchia portugueza são provas de ser esta inscripção coetanea da morte de D. Gualdim Paes, que se deu a 13 de outubro de 1195, como já dissemos, e que esta inscripção dá na era de Cezar.

E chegados ao fim de vida tão benemerita e illustre, diremos, como diz o nosso grande historiador Alexandre Herculano, do glorioso guerreiro condigno companheiro de D. Gualdim Paes — D. Affonso Henriques — ao passarmos pelo pallido e carcomido portal de Santa Maria dos Olivaes, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existia hoje a terra em que nascemos nós, os thomarenses, e por ventura, nem sequer o nome de Thomar.

D. Gualdim Paes legava tão honrosa herança a *D. Lopo Fernandes* que por mais de um titulo provou ser digno de tão alta escolha.

Continuou na senda gloriosa do seu antecessor, dilatando o reino e repovoando as terras desertas e arruinadas por onde tinha passado o anjo mau da guerra.

Em 1197 doou-lhe D. Sancho I Idanha a-Velha, que já tinha pertencido aos templarios e em 1199 recebe em paga de bons e leaes serviços e em troca do padroado das egrejas de Mogadouro e Penas-Roias, cujos castellos os templarios tinham fundado, a vasta região da Acafá que é hoje a Villa Nova de Rodão com o seu dilatadissimo territorio circumvisinho.

Breve foi o seu mestrado.

Na investida que D. Sancho fez aos estados leonezes pelo meado de 1199, morre valorosa e gloriosamente no cerco de Ciudad-Rodrigo.

Seu corpo foi conduzido e depositado honradamente por D. Sancho na egreja de St.ª Maria dos Olivaes onde foi sepultado n'uma capella que de proposito foi feita e que foi demolida, sem respeito pelo illustre mestre, para se construir a actual sacristia.

Sobre o rico tumulo, que o rei e a Ordem mandaram levantar, tinha o seu busto e n'uma das faces o epitaphio, que dizia de sua morte em Leão.

E' elevado ao mestrado *D. Fernando Dias*, que em 1206 acceita de D. Sancho a valiosa dadiva da Idanha a-Nova, que este rei fez povoar.

Não ha a certeza da sua morte, mas parece que foi victima da peste n'este mesmo anno, succedendo lhe, do que ha duvidas, *D. João Domingos*, havendo a certeza, porém, de ser successor d'aquelle ou no caso affirmativo d'este, *D. Gomes Ramires*, homem de vastos conhecimentos guerreiros e economicos, de alta importancia no seu tempo e grande privado de D. Sancho I.

Começou o mestrado, dando provas do seu tacto administrativo na concordata que fez com Fernando Sanches, senhor de vastos territorios ao sul da Beira Baixa, chamados da Cardosa, onde este tentou fundar uma povoação com o nome de Villa Franca.

Fernando Sanches cedia metade da vasta região, com a condição de, se um dia quizesse tomar habito, tomar o do Templo e dar-se-lhe sepultura entre os cavalleiros da Ordem.

Veremos no 11.º mestrado o destino d'esta doação.

A proposito d'este contrato notemos que hoje encontramos nas escripturas d'esses tempos, grande numero d'ellas em que a doação de metades e terças partes dos bens moveis e immoveis eram frequentes o que a nosso ver não é mais do que um descanço para as consciencias dos testadores que compravam assim a bemaventurança.

Governava D. Gomes Ramires havia já uns dois annos, que consummiu em multiplicar as preceptorias e as commendas, em povoar e fortificar as praças que a Ordem tinha espalhadas pelas vastas regiões e que ia conquistando aos serracenos, quando sôa o grito de guerra e desperta os echos das nações christans da peninsula que n'uma convulsão titanica iam affrontar o poderio de Annosir, imperador marroquino que levou os seus primeiros oito annos de reinado a debelar revoluções nos seus estados e que em paz tinha deixado os nazarenos.

O desaire de Alarcos tinha se gravado na memoria de Affonso, rei de Castella, e jámais podia perdoar tal affronta.

Procurou occasião azada e prégou a guerra santa.

Chamam ás armas os principes christãos que correrão contra o inimigo commum, á excepção do de Leão que não só desacompanhou os seus correligionarios como, unindo-se aos serracenos, invadiu Portugal, chegando a tomar posse de algumas praças.

Os portuguezes, levando á frente os valorosos templarios, eram poucos, mas de tal maneira se houveram que bastante gloria alcançaram.

Reunidas as tropas christans em Toledo, marcham para o sul, transpõem a Serra Morena e nas varzeas de Navas-de-Tolosa encontram-se com o grande e aguerrido exercito de Annasir.

Foi encarniçada a lucta.

De parte a parte era um combate sem egual.

Batalha decisiva, ganha por qualquer das hostes, pertenceria ao vencedor o dominio da peninsula.

Coube a feliz sorte ao exercito nazareno que com esta grande victoria sellou para sempre a tremida posse das Hespanhas.

Foi tal a importancia d'esta victoria que a podemos comparar á não menos celebre batalha das margens do Chrysus, que abriu de par em par as portas, seculos antes, aos ascendentes dos que eram agora heroicamente expulsos.

Immensa gloria coube os templarios portuguezes; pois jamais souberam tremer deante do perigo e recuar no mais aferrado do combate.

E já que falamos dos cavalleiros portuguezes do Templo n'esta batalha, especializemos tambem o facto admiravelmente bello do povo armado d'esses municipios que tão sabiamente D. Sancho I tinha instituido.

Foi alli que pela primeira vez se viram os peões de roldão com soberbos cavalleiros medievos, combatendo pela patria e pela fé; com tal bravura que os chronistas, tanto estrangeiros como nacionaes, são unanimes em elogiar.

Bella instituição — os municipios, que tantas provas de dedicação e de patriotismo deram e que o continuar dos tempos transformou n'esses pseudos que por ahi vemos tutelados e desprestigiados.

Bem pouco tempo teve a dita de ser o chefe dos templarios dos tres reinos da peninsula, pois que, apoz a victoria das Navas-de-Tolosa, n'uma arriscada empreza, no assalto á praça de Ubeda, perece valorosamente no meio dos soldados que tanto o respeitavam.

Vagava o mestrado, deixando D. Gomes Ramires n'elle nome honrado e brilhante, não só em Portugal como em todas as provincias da Ordem, nas Hespanhas; pois teve a gloria de ser mestre nas de Portugal, de Castella e por ultimo na de Leão.

Outro cavalleiro não menos illustre sóbe ao alto cargo de mestre dos templarios nos tres reinos da Peninsula.

Foi *D. Pedro de Alvitiz*, undecimo mestre em Portugal.

Falámos atraz na meiação da Cardosa aos templarios

em que Fernando Sanches dava meiado d'ella em vida e depois de morto, todos os direitos.

Tres annos decorreram, e, sem que hoje se saiba bem a razão, ou fosse por fallecimento de Fernando ou fosse por assenhoreamento, vemos, no principio do governo d'este mestre, D. Affonso II fazer ampla mercê de todos aquelles terrenos com a obrigação de se refundar a povoação já antes começada e a que pozeram o nome de Castello-Branco, reservando o rei para si unicamente a *colheita* que consistia n'um fôro ou pensão que o rei recebia ao vir á terra uma vez cada anno, não recebendo no anno em que não fazia a visita.

Não se estipulava a quantia d'esse fôro, que não seria muito pelo grande interesse que D. Affonso tinha em que se povoasse a nova cidade que não tardou em receber foral dado pelos templarios que tambem não quedaram sem que vissem a confirmação plena d'este vasto senhorio pelo papa Innocencio III, que o confirmou em a bulla datada de 1215.

Capitel da Charola

Um anno depois expede de Roma o mesmo Papa outra bulla reconfirmando a isenção e a sujeição immediata á Santa Sé das egrejas da jurisdicção de Thomar, feitas pelos seus antecessores no mestrado do egregio e celebre D. Gualdim Paes e um pouco antes de morrer, em virtude de varias duvidas apresentadas pelo bispo de Lisboa, passou outra bulla sobre a isenção das egrejas de Ceras.

E para que não larguemos este assumpto diremos já, que o successor d'este pontifice, Honorio III, ao empunhar a thiara, passou outra bulla, impetrada por D. Pedro Al-

vitiz, approvando o que tinham feito os papas atraz dictos, respeitante ao nobre e glorioso *Isento* de Thomar.

Trabalhando D. Pedro com todo o afan em fazer progredir a nova povoação, foi despertado d'essa pacifica e interessante tarefa pelo appello que D. Soeiro, bispo de Lisboa e D. Martinho, commendador de Palmella, fizeram a todos os cavalleiros portuguezes e a alguns estrangeiros para a conquista de Alcacer do Sal, famosa e valente praça de guerra das margens do Sado, onde audaciosamente tremulava ainda o crescente serraceno.

Governava esta praça o celebre e illustre capitão Abu-Abdallah, o mesmo que defendera a rica e forte Silves e que mais tarde com Jacub a reconquistára.

Inimigo figadal dos christãos, não socegava em sortidas aos seus campos, incommodando atrozmente e pondo em risco as povoações proximas.

Occupava então a cadeira episcopal de Lisboa o energico e habil diplomata Soeiro que via n'aquella praça um foco de continuas correrias mouriscas que o seu genio bellicoso não podia tolerar.

Decidiu descançar das lides sacerdotaes indo á frente d'uns poucos portuguezes, desalojar d'alli tão enfadonho visinho.

A empreza era difficil.

A cidade era forte e elle e os seus eram poucos para arrancar das mãos do glorioso e valente Wasir a sua querida fortaleza.

N'este comenos arriba ao Tejo uma armada que velejava para a Palestina, sob o commando dos condes de Hollanda e de Withe que, a rogos e seducções do habil Soeiro, propozeram-se ajudal-o em tão arriscada empreza.

Levantam ferro apoz breve demora no Tejo, navegam mar fóra e em pouco tempo penetram na foz do Sado e vão rio acima ancorar perto de Alcacer, que se mirava risonha, conscia da sua valentia, nas placidas aguas do seu rio.

Por terra iam os bispos de Lisboa e Evora.

Os spatharios de Palmella e varios fidalgos que primeiro chegaram ás immediações de Alcacer romperam as hostilidades.

Apezar de devastações, incendios, escaramuças sem valor, apertamento de sitio, não havia meio de a praça cahir nas mãos dos portuguezes.

Punham em pratica todos os complicado engenhos dos assedios, redobrava-se de coragem, mas tudo infructifero.

Mais de dois mezes se tinham passado n'este estado de desesperação quando a voz do perigo da grande praça transpoz o Alemtejo e vae accordar os chefes militares do Andalùz que viam na perda ou conservação de Alcacer a sorte futura das enfraquecidas e cada vez mais limitadas provincias peninsulares.

Quinze mil cavalleiros e quarenta mil infantes sob o commando dos valis de Badajoz, Sevilha, Jaen, Cordova, Xerez, Sidonia, Eciga e Carmona, voaram d'esse famoso e formoso Andaluz e rapidos acamparam a uma legua de distancia de Alcacer.

Estavam perdidos os sitiadores.

Os cruzados tremeram, os portuguezes, afeitos, esperavam os acontecimentos.

Os portuguezes não passavam de uns trezentos homens!!

Crise medonha!!

Situação horrivel, se felizmente na noite de 10 de setembro não chegam ao campo os famigerados templarios, commandados por D. Pedro Alvitiz, os hospitalarios e muitos fidalgos de Portugal e de Leão.

Todos juntos decidiram accommetter o inimigo.

De madrugada, 11, vão alguns cavalleiros christãos sondar o campo inimigo.

A sua admiração foi enorme, tal era o numero dos serracenos!!

As atalayas d'estes perseguem-n'os e teem de soffrer as primeiras arremettidas, derramando-se o primeiro sangue d'esse dia memoravel.

Os outros cavalleiros, vendo os seus irmãos em perigo, correm e dão começo a essa celebre batalha que na historia serracena é mais uma pagina negra e na dos portuguezes um feito brilhantissimo que jamais morrerá.

Quem melhor do que Alexandre Herculano pode descrever essa medonha peleja onde põe em primeira fileira de combatentes os nossos valentes e heroicos cavalleiros do Templo, os quaes descreve com uma admiravel precisão e justiça.

Impossibilitados de tal, recolhamos a nossa humilde penna e transcrevamos essa bella pagina:

«Deviam ser na maior parte templarios; porque esta ordem era talvez a mais numerosa de todas e porque debaixo do mando do mestre dos tres reinos de Hespanha, Pedro Alvitiz, ahi se achavam reunidos, aos freires de Portugal, muitos de Leão e Castella.

«A severa disciplina da ordem, as solemnidades com que entravam nas batalhas produziam necessariamente o enthusiasmo n'esses animos em geral esforçados e n'aquelles que os viam a seu lado.

«Os esquadrões do Templo, ao formarem-se para a batalha, guardavam profundo silencio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava despregado ao vento e dos longos e alvos mantos dos cavalleiros que se agitavam.

«A' voz do mestre uma trombeta dava o signal do combate e os freires, erguendo os olhos ao ceu, entoavam o hymno de David — Não a nós Senhor, não a nós! mas dá gloria ao teu nome!!

«Então abaixavam as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade, envoltos em turbilhões de pó.

«Primeiros no ferir eram os ultimos em retirar-se quando assim lh'o ordenavam.

«Despresando os combates singulares, preferiam accometter as columnas cerradas e para elles não havia recuar: ou as dispersavam ou morriam. A morte era, de feito, mais bella para o templario que a vida comprada com a covardia.

«Bastava que não attingisse ao typo de valor humano, como os velhos guerreiros da ordem o concebiam, para ser punido por fraco.

«A cruz vermelha, distinctivo da corporação, como o manto branco sobre que estava bordado tiravam-se-lhes ignominiosamente, e elle ficava separado dos seus irmãos como um empestado. Obrigavam-n'o a comer sobre o chão nu: não lhe era licito o desforço das injurias e nem sequer castigar um cão que o maltractasse. Só depois de um anno, se o capitulo julgava a culpa expiada, o desgraçado cingia de novo o cingulo militar para ir talvez, na primeira batalha, afogar no proprio sangue a memoria de um anno de affrontas e de supplicio».

... Mais abaixo, continua o erudito historiador: «Foi terrivel o combate. O commendador de Palmella, Martinho, homem pequeno de corpo, mas animoso como um leão, abaixando a cabeça com o escudo embraçado no esquerdo e no direito o estandarte da ordem arroja-se ao meio dos esquadrões serracenos; Pedro Alvitiz, o mestre do Templo, leva a mesma dianteira e os respectivos freires seguem o exemplo dos seus chefes.

Os cavallos batem de peitos uns nos outros, as espadas faiscam nas espadas, os escudos retinem contra os escudos e os elmos e cervilheiras rolam pelo chão rotos e abalados.»

Pagina soberba, cavalleiros sublimes!!

Tres dias durou a batalha, acabando pelo completo desbaratamento dos mahometanos dos quaes morreram uns 15:000.

O valente Abu-Abdallah, apoz essa enorme derrota, tenta ainda sustentar a praça, mas em vão.

A fortaleza rende-se e o seu heroico defensor abraça o christianismo, contestando talvez a celebre visão dos nazarenos; estes afirmavam ter visto no ar, antes de começar o combate, um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios que tambem feriam nos inimigos.

Tal era a fama guerreira dos templarios.

Já a terra lhes não era campo largo para a lucta!!

A ardente fé e o excessivo amor á terra que os viu nascer era a rasão d'essa exaltação de espiritos que, não só em tempos tão rudes e escuros, como estes, faz dos homens escravos cegos das suas loucuras.

Não só em Portugal eram tidos pelos mais esforçados temidos guerreiros.

Nas outras nações da Peninsula e em França eram considerados com mimosas dadivas, prova evidente da grande bravura e do leal concurso com que ajudavam os reis a proseguir nas gloriosas emprezas da extincção dos inimigos do christianismo.

Não pouco, como vemos, concorreu para a dilatação da patria e grandeza da Fé D. Pedro Alvitiz; nove annos durou o seu mestrado em que a Ordem do Templo continuou a ser um dos melhores elementos de constituição d'este povo que pequeno era na Europa e que por meio mundo dilatou os seus dominios.

Grande fama gosou este mestre dos templarios da peninsula, pois a Roma chegou ella e o Papa, chefe supre-

mo da christandade, tinha a sua lealdade, o seu valor em tão alta conta que ao promulgar a bulla que poz termo ás luctas terriveis que a avareza de D. Affonso II, pelas prerogativas da coroa, deu origem entre elle e as irmãs, ordenou que as terras disputadas fossem entregues á guarda dos templarios.

Segundo consta, não morreu no mestrado; pois em 1223 renunciou o alto cargo, em que foi substituido por *D. Pedro Annes,* de quem nada resa a historia.

Seguiu-se *D. Martim Sanches* que em 1228 era mestre dos tres reinos: Castella, Leão e Portugal.

N'este anno é doado aos templarios, por D. Froile Hermiges, o amplissimo terreno de Villa Franca de Xira, que D. Sancho I lhe havia dado em 1206 e D. Affonso II confirmado mais tarde e ainda todos os seus muitos bens, havidos e por haver nos tres reinos de Leão, Castella e Portugal.

De dia para dia augmentavam os já vastissimos territorios da Ordem em Portugal e se lá fóra os templarios chegaram a abusar da sua alta posição e importancia aqui não davam treguas aos serracenos e iam protegendo quem de soccorro precisava.

Na escriptura d'esta riquissima região do ribatejo lá diz o doador: isto não só pelos muitos beneficios que dos templarios tinha recebido e esperava receber, mas tambem porque «ipsi me receperunt in sua Santa Confraternitate, et in omnibus suis bonis orationibus».

Renunciou o mestrado, vindo a morrer pelos annos de 1234.

Assumiu a chefatura não só em Portugal, como em Leão e Castella, *D. Estevam de Belmonte.*

Foi n'este mestrado que, de vez, passou o termo da Ceiceira para a Ordem dos templarios; pois já tinha sido doado em tempo por Pelagio Farpado para n'elle fazerem uma albergaria e n'ella servir a Deus, recolhendo e hospedando a todos os passageiros, fossem pobres ou ricos; mas esta albergaria não se chegou a construir.

Agora era doado por Pedro Ferreira e por sua mulher Maria Vasques, com a condição que o que ficasse viuvo receber o habito da Ordem. Governou *D. Estevam de Belmonte* os mestrados durante 8 annos, recebendo grandes mercês não só do nosso D. Affonso II como do rei de Castella. Morreu em 1237.

D. Guilherme Falcon é o successor de D. Estevam de Belmonte, que tambem é elevado a mestre nas outras provincias da Ordem na Peninsula.

Seguem-se-lhe *D. Rodrigo Dias* e *D. João Escriptor,* de cujos mestrados pouco sabemos, talvez devido ao estado de conflagração e intriga politica em que infelizmente ardia o paiz.

Nos poucos tempos felizes e brilhantes do reinado de D. Sancho II em que elle, á frente dos revoltosos guerreiros, faz reviver os dias gloriosissimos de D. Affonso Henriques e se apodera de todo o Alemtejo, levando victoriosos as armas ás margens do Guadiana, vemos a milicia do Templo ao lado do seu rei, combatendo em prol da patria, contribuindo assim para brilharem as poucas paginas da historia de este mal afortunado rei.

No tempo de paz entrega-se a Ordem á reconstrucção e povoamento de castellos como, por exemplo, Idanha-a-Velha em cujo levantamento tanto se empenhou D. Sancho.

Era ao tempo mestre da Ordem *D. Martim Martins* que renunciou a tudo do mundo para se fazer templario e que, pela sua nobreza e distincção no meio d'uma associação de guerreiros tão illustres, como os templarios, mereceu ser elevado á suprema dignidade de mestre das tres provincias peninsulares, tendo apenas 35 annos.

Filho de nobre familia, criado aos mesmos seios alimentadores de D. Sancho II, desde muito novo, foi afeiçoado a este monarcha que o teve sempre como o melhor dos seus amigos e a quem realmente foi dedicadissimo.

Ao lêrmos as paginas do reinado d'este imperante não podemos calar a indignação de tantas infamias, vilanias e deslealdades que tanto contribuiram para que de humilhação em humilhação e de infelicidade em infelicidade chegasse á critica situação de procurar no exilio em terra estranha a segurança que na sua propria não teria.

Mas, se a nossa justa indignação sóbe de ponto ao vêrmos um falso Payo Peres Correia jogar a sua influencia ao interesseiro sôpro da victoria, dos dois partidos em que então se dividia a familia portugueza — D. Sancho por um lado e D. Affonso e o clero por outro, — a venda do castello de Leiria por Martim Fernandes e a entrega do de Lanhoso por Mem Cravo, quanto não nos elevam as bellas e puras figuras que cercam esse rei cavalleiro, de nobre

indole, popular, guerreiro, valente que tem só em mira o engrandecimento da patria pelo continuo conquistar aos mouros, mas um genio mau de parelhas trabalha na sua perdição.

Infeliz rei!!

Entre esses honrados personagens que tão dedicados foram a D. Sancho, conta-se D. Martim Martins, nobre guerreiro que tão novo ainda subia ao alto cargo a que só chegavam homens na respeitabilidade d'uma vida cheia de annos e acções gloriosas.

D. Sancho, quasi isolado, victima de vil intriga, desthronado por um desleal irmão, sem mulher, sem reino, resolve ausentar-se da patria, mas antes vem a Thomar, talvez dizer o ultimo adeus ao seu amigo de infancia.

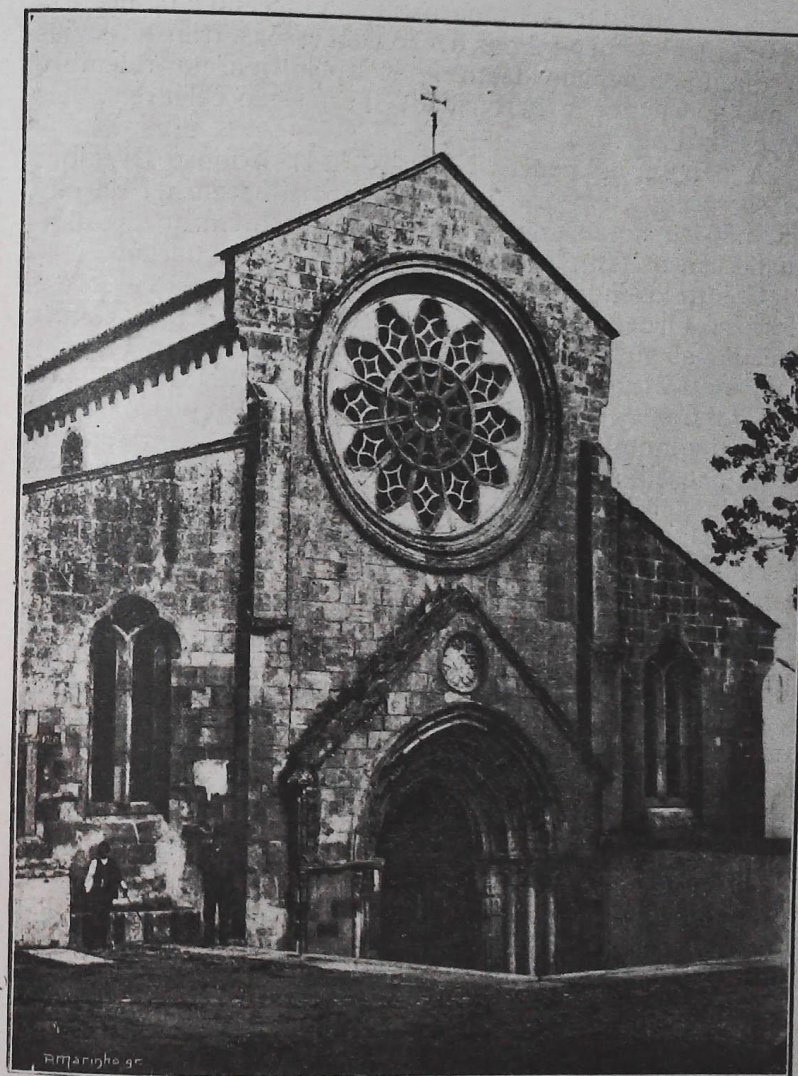
Quem sabe, por entre aquellas muralhas invenciveis do seu castello, onde tantos nobres cavalleiros se tinham recolhido, os dois — o rei e o mestre — abraçando-se n'essa dolorosa despedida, quantas vezes não relembrariam os dias gloriosos d'ambos em que, ao som enthusiasta das trombetas, levavam os seus destemidos soldados pelos plainos do Alemtejo, á posse d'essas praças de guerra que tanto brilho lançavam no seu despedaçado, mas illustre diadema?

Quantas vezes se não queixariam da instabilidade do destino e da villania dos homens?

D. Sancho partiu, procurando em Toledo o que a patria vilmente lhe negava e D. Martim Martins ficou, mas pouco tempo está á frente dos templarios; pois em 1247 já vemos como mestre *D. Pedro Gomes,* que recebe a importante doação de todos os bens pertencentes a D. Maria Paes na villa de Trancoso, e em agosto do anno seguinte compõe se com D. Egas, bispo de Coimbra, por causa de questões respeitantes a direitos episcopaes da Egreja de Soure que existia em districto pertencente aos templarios.

Foi este mestre tambem chefe dos templarios das outras provincias da peninsula, tendo, ao tempo da concordata com o bispo de Coimbra, por logar tenente em Portugal a D. Lourenço Mendes, commendador de Thomar.

No ultimo anno do seu mestrado, 1250, reuniu capitulo geral na cidade da Guarda.

Agora segue-se um periodo em que a intervenção dos cavalleiros do Templo vae successivamente decrecendo;

SANTA MARIA DOS OLIVAES

pois com as brilhantes victorias de D. Sancho, pouco mais havia a conquistar aos mouros até ao Oceano e na historia dos mestrados não vemos senão concessões, transferencias de direitos e nenhum facto notavel pelo qual nos relembre a antiga valentia e heroicidade d'estes tão celebres guerreiros da Cruz.

A não ser as poucas victorias de D. Affonso III sobre os sarracenos, em que decerto compartilharam d'essa gloria, não se notam mais emprezas bellicas em que se assignalassem os templarios até á sua violenta extincção.

Comtudo ainda se contam no mestrado da sua celebre e gloriosa Ordem os nomes illustres de: *D. Payo Gomes* que, em abril de 1250, celebrou capitulo geral em Thomar e foi mestre nos tres reinos de Leão, Castella e Portugal; *D. Martinho Nunes,* tambem mestre nos tres reinos, homem da intimidade de D. Affonso III e a quem este rei pedia conselho; *D. Gonçalo Martins,* que mandou celebrar capitulo geral da Ordem em Castello-Branco, no anno de 1266; *D. João Annes; D. Beltran de Valverde; D. João Fernandes,* ultimo governador da Ordem na Peninsula, pois antes de morrer deu-se a separação dos templarios portuguezes da jurisdicção do mestre de Leão e Castella.

Falleceu em Thomar aos 23 de Maio de 1288, onde está sepultado na egreja de Santa Maria dos Olivaes, como dizia o seu epitaphio que devia alli existir, mas desappareceu como os de muitos outros cavalleiros notaveis que em Santa Maria tiveram honrada e respeitada jazida por muitos annos.

A D. João Fernandes seguiram-se os mestres: *D. Affonso Gomes; D. Lourenço Martins,* que fundou na egreja de Santa Maria dos Olivaes, cabeça da sua celebre Ordem em Portugal, a capella dos Tamaraes que tomou este nome por D. Martim Gil, conde de Neive, mordomo-mór da rainha D. Izabel. aio de seu filho D. Affonso e parente d'este mestre, a dotar de vastos bens que possuia no logar de Tamarel no termo de Ourem. Tambem reedificou Niza.

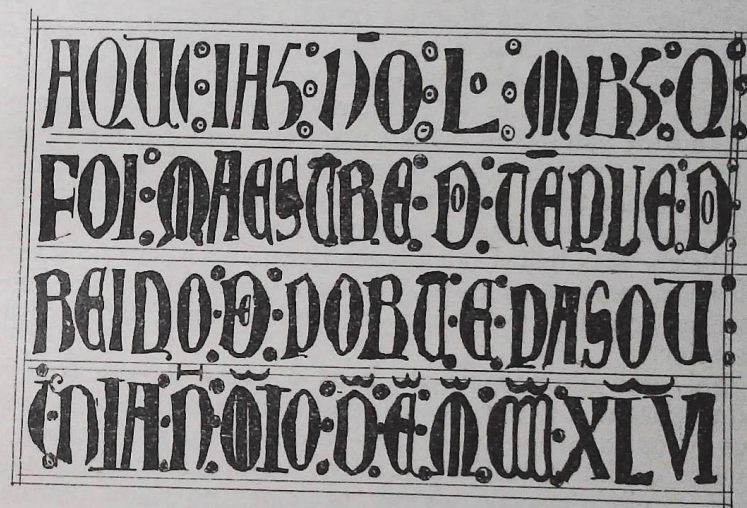
Niza-a-velha pertencia aos templarios, e D. Diniz querendo reedifical-a, visto o seu estado arrazado e deserto, decidiu (1290) fundar uma nova Niza em um sitio mais ameno e fertil.

Junto ao castello de *Ferron,* que era dos cavalleiros do Templo, havia uma extensa veiga, chamada — Valle-do-Azambujal,— que o rei achou asada para a fundação da nova

villa, tratando logo de principiar as obras das edificações.

Era então mestre dos Templarios este D. Lourenço Martins que, com os seus cavalleiros, tinha prestado grandes serviços ao rei no cerco de Portalegre. D. Diniz encarregou-o da direcção das construcções onde se empregaram os materiaes do antigo castello, e de alguns edificios da velha povoação.

Morreu este mestre no dia 1 de maio de 1308, como diz o seu epitaphio, que é reproduzido pela primeira vez.

AQUI : IAZ : DO : L : MRZ : Q
FOI : MAESTRE : D : TEPLO : D
REINO : D : PORTL : E PASOU
EN I A NOIO : D : E : M : CCC : XLVI

Devemos estar, pois tudo o indica, deante do epitaphio primitivo.

Como esta pedra tumular e a do famoso fundador de Thomar — D. Gualdim Paes,— foram descobertas por nós, ha de ser esse facto narrado mais tarde n'um outro livro que preparamos.

A sua traducção é:

Aqui jaz D. Lourenço Martins, que foi mestre do templo do reino de Portugal e passou dia 1.º de maio da era de 1346.

Fazendo a devida deducção na era, por ser a de Cesar, vê-se que morreu em 1308.

Foi D. Lourenço Martins o penultimo mestre dos templarios portuguezes; por quanto o ultimo foi *D. Vasco Fernandes*.

Somos chegados ao fim d'esta nobilissima Ordem e como desde o seu inicio a temos acompanhado, agora que dos lados da França se levanta sinistro, terrivel, mortal o seu anniquilamento, sigamos esse processo que transsuda sómente vingança, vileza, roubo e que vae ser uma das paginas mais negras da gloriosa historia franceza.

Bem fraco tem sido e continúa a ser o narrador de tão grande e espinhoso assumpto, mas ser-lhe-ha relevada essa fraqueza pelo muito amor que tem ás cousas da sua terra e pela enorme admiração que lhe inspiram esses gigantes que, na historia, tiveram o nome immorredouro de Templarios.

Por toda a parte onde tiveram provincias, eram os mesmos: audazes, valentes e ardentes na Fé.

D'estas tres bellas qualidades vieram á Ordem riquezas colossaes, pois só na Europa contava 9:000 domicilios, que a faziam temida e respeitada nos reinos onde tinha casa capitular.

Foi essa abundancia de bens a causa da sua ruina, não só porque d'elles tirava os rendimentos necessarios aos seus luxos excessivos, tornando-se depois do seu estabelecimento definitivo na Europa, 1187, orgulhosa e turbulenta, como tambem porque alguns principes queriam filiar-se n'ella para poderem assim chamal-a aos seus partidos, contribuindo com as suas grandes rendas para os seus fins politicos.

Filippe *o Formoso*, rei de França, foi um d'elles; por mais que diligenciasse, não poude ser contado no numero dos heroicos defensores da Cruz, que bem pouco queria defender, mas sim apossar-se dos ricos thesouros da Ordem.

Ambicioso e energico levou, por suas injustas medidas na alteração do valor da moeda de seu reino, o povo á revolta; este amotinou-se e na sua ira diabolica, mas justa, persegue o auctor da sua expoliação.

Em perigo, o rei azilou-se na casa do Templo, onde seculos depois o mesmo povo francez fez soffrer a esse infeliz Luiz XVI que tão ignobilmente pagou na forca os desvarios dos seus antecessores.

Foi ahi pois, que Filippe, recebendo protecção, poude escapar á onda encapellada que o queria tragar.

Passada a eminencia da tempestade e talvez gosando os bons commodos d'essa invejavel opulencia, aproveitou uma indiscreção de Jacques de Molay, o Grão-mestre, para tomar conhecimento *de visu* das riquezas que enchiam as arcas pesadissimas d'esses quasi soberanos da Europa.

Vendo os thesouros accumulados, atiçou-se-lhe então mais o ardente desejo de ser confrade e d'ahi galgar á eminencia de Grão-Mestre, tendo a seu bello talante o poderio e os cabedaes d'essa Ordem que tanto lhe offuscavam o espirito de avarento.

Quiz ser armado cavalleiro, mas em balde.

Quanto mais tentava ser senhor d'esse novo vello d'ouro, tanto mais se lhe aguçava a cobiça. Depois de vêr de todo perdidas as esperanças, jurou vingar-se.

Assim o fez o fero rei.

Não foi estranho a este juramento de perdição dos templarios o arcebispo de Bordeus, Bertrant de Got, que sob o nome de Clemente V poude satisfazer os odios de Filippe; ainda assim, valha a verdade, com alguma repugnancia.

Em troca da grande protecção que o rei propositadamente lhe dispensou na sua eleição a pontifice, poude alcançar d'elle uma certa tolerancia, ao principio, para intentar processo contra os templarios.

Accusados de herejes, de costumes corruptos, de idolatria, adoradores de Baphomet, poude o rei crear-lhes uma certa má fama que mais facilmente abria caminho á ignobil obra do seu terrivel genio vingativo.

Assim foi: o rei na sua campanha de vingança expediu commissarios com cartas de prégo para todos os pontos do reino habitados pelos templarios. Essas cartas deviam ser abertas n'um dia marcado.

Chegado o dia 12 de outubro de 1307, procederam á prisão, em virtude do conteudo das cartas, de todos os cavalleiros do Templo, incluindo o proprio Grão-mestre, Jacques de Molay que, sob um futil pretexto, tinha vindo de Chypre, que era a nova séde da Ordem, a Paris, onde estava a convite de Filippe.

Presos e clausurados em fetidas e escuras masmorras,

receberam nos primeiros momentos umas certas manifestações de sympathia pela sua causa, que em breve se dissiparam.

O rei era habil e já presentia nas regias mãos o poder absoluto que mais tarde se synthetisaria na celebre phrase: «L'état c'est moi».

Nobresa, povo, clero e ordens monasticas, se ao principio mostraram um certo impulso de justiça em defeza dos cavalleiros a quem a civilização mais bellos serviços devia, não tardou muito que não se pozessem do lado d'aquelle cujas acções não eram pautadas por o mais pequeno sentimento de justiça.

Começou o processo por uma devassa que chegou a irritar o proprio papa, mas Filippe acalma-o sem perda de tempo e, correndo por entre milhares de tramites, que não narramos para não dar delongas a este trabalho mais do que está nos seus limites, é confirmada a abolição da Ordem, no concilio de Vienna, a 14 de abril de 1312; e a 18 de março de 1314 acaba sinistramente pela archibarbara queima de Jacques de Molay, o austero Grão-mestre.

Assim terminou a ordem de cavallaria da Edade-Media que mais leal e nobremente tinha contribuido para a dilatação do grande nome de Christo, concorrendo grandemente para o progresso da civilisação moderna.

Bem sabemos que no seu apogeu de grandezas teve defeitos; mas qual é o homem, ou instituição por elle creada que deixa de ter maculas?

Esses defeitos eram curaveis, mas ir além da equidade, só uma vingança sordida e uma avareza miseravel podem explicar.

Era o novo poder — o real, que se levantava, lá ao longe no remoto horisonte por sobre o theocratico, aristocratico e popular; até que este, no seu accordar de seculos, devia, n'um dia, fazer duramente pagar esse accumular de crimes que deram logar a que explodissem 89 e 93.

A tempestade, que rolava lá fóra por cima de tão grande mar de iniquidades, com tão medonho estrondo, devia sentir-se na peninsula, onde tinham assento as casas provinciaes de Castella, Aragão, Leão e Portugal.

O papa a 12 de agosto de 1308 dirige a bulla *Regnans in coelis* a todos os principes do Occidente a descrever os

crimes dos Templarios e os principaes termos do processo contra elles, concluindo por convidar esses principes, para o principio de outubro de 1310, a um concilio ecumenico que se reuniria em Vienna para n'elle se tractar a magna questão.

O nosso rei D. Diniz não só recebe esta bulla, mas ainda uma outra, que lhe é expedida a 30 de dezembro do mesmo anno — *Callidi serpentis vigil,* em que o papa lhe recommenda e pede a prisão de todos os Templarios encontrados no reino e que os entregue aos ordinarios.

Baldado empenho de Clemente V.

As inquirições do papa e de D. Diniz apresentaram os cavalleiros portuguezes de uma tal rectidão de crenças, de um tão desvellado amor da patria que os impozeram á admiração dos proprios procuradores do papa e do rei.

Este já sabia o quanto valiam os seus leaes cavalleiros; mas a devassa veiu arraigar mais no seu culto e justiceiro espirito a innocencia e os grandes serviços por elles prestados aos seus antecessores.

Reinava então em Portugal um dos reis mais sabios, mais justos e mais queridos dos povos que tem subido ao solio nacional e que maior influencia teve nos negocios peninsulares.

D. Diniz, que por tantos titulos é digno da nossa admiração, tem n'este processo dos templarios a pagina mais bella e mais gloriosa do seu reinado.

Não é só o soberbo acto de justiça practicado para com os cavalleiros da Ordem do Templo que o torna grande a nossos olhos, mas a sua sagaz habilidade e feliz previdencia, transformando-a ou, para melhor dizer, fazendo com que lhe succedesse a Ordem de Christo; assombra-nos pelos grandiosos e gloriosos fructos d'essa nova arvore plantada por elle e que foram colhidos por um rei que bem pouco digno era d'essa ventura.

O destino, porém, é cego!!

D. Diniz, como diziamos, avisado já em 1308 pelo papa de que ia reunir em Vienna um concilio geral para dar a sua decisão sobre a Ordem do Templo, foi convidado para ir pessoalmente, com os prelados nomeados por elle, assistir a esse synodo em que devia expôr sobre os crimes dos seus cavalleiros e ouvir o resultado das devassas feitas nos outros paizes, as quaes — o nosso amor á verdade nos

obriga a confessar — não eram limpas de maculas verdadeiras.

Não quiz D. Diniz ir, com a sua presença, como que confirmar a justiça da reunião do concilio; mas, por outro lado, tambem não queria declarar guerra aberta ao papa e por conseguinte ao clero nacional, fiel cumpridor das ordens de Roma.

Conhecia bem a sua epocha; por isso viu que só com muita prudencia e sabedoria conseguiria salvar os seus laes soldados.

Ficou em Portugal e mandou um dos seus ecclesiasticos, que elle tinha por mais fiel, mas cujas acções o tornanaram, mais tarde, bem pouco digno de confiança, proceder no reino ao processo judicial a que era obrigado, para cumprir, embora apparentemente, as ordens emanadas do solio pontificio.

Escusado será dizer que dos templarios portuguezes, nenhum foi preso.

Todos se poderam refugiar no paiz e em paiz estranho escapando assim, não tanto ás iras do papa, como ás de Filippe.

Sem tirar as mãos d'esta questão, o rei de Portugal recebia os bens que o processo judicial ia dizendo que de novo deveriam pertencer á corôa.

Assim passaram a 27 de novembro de 1309: Pombal, Soure, Ega e Redinha; e em 1310: Idanha-a-Velha, Salvaterra, Rosmaninhal e outras.

Não era só o rei que se reconheceu com direito aos bens dos templarios; outros individuos e corporações religiosas reclamaram pelos seus; mas D. Diniz, fino e habil, soube, pelo seu tacto, não desviar esses bens por outras mãos.

D. Diniz, a 21 de Janeiro de 1310, celebrou um pacto com o genro, D. Fernando de Castella, a quem mais tarde se ajuntou D. Jayme de Aragão, de mutua allianca para o caso de querer o papa, vindo a Ordem a ser abolida, tirar do senhorio e jurisdicção real os bens que ella possuira nos seus estados. Prometteram os reis auxiliarem-se reciprocamente contra quem quizesse usurpar-lhes os seus direitos.

O rei de Portugal lá tinha as suas razões.

Abolida a Ordem definitivamente em Vienna, determinou o papa que fossem os seus bens entregues aos hospitalarios de S. João de Jerusalem, com excepção dos de

Castella, Aragão, Leão e Portugal, ficando no emtanto dependentes da disposição apostolica.

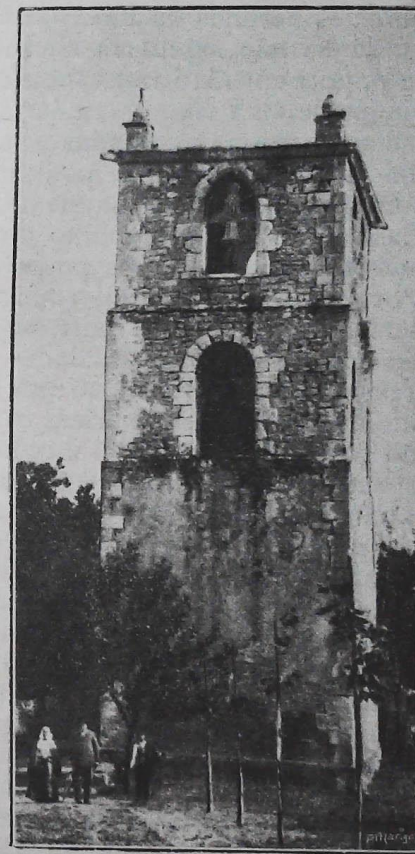
Não se podia D. Diniz conformar com a idea da grande injustiça practicada para com os templarios e procurava por todos os modos conciliar todas as opinões.

Por um lado reclamavam os Hospitalarios; e por outro o papa, já então João XXII, ia dispondo de alguns bens. Assim, por exemplo, o nosso castello de Thomar com todas as suas dependencias chegou a ser doado ao favorito do papa, o cardeal Bertrand; este porem nem ao menos chegou a tomar posse d'elle, devido de certo á habilidade de D. Diniz.

Torre de Santa Maria dos Olivaes

Passaram se annos n'estas indecisões, não deixando o rei de favorecer fervorosamente os cavalleiros — já muitos internados pelo reino e outros ainda lá por fóra, mas sob a sua protecção.

Senhor de todos os bens que faziam dos templarios a ordem mais rica de Portugal, recolhendo todos os seus rendimentos, via o nosso rei que era impossivel prolongar este estado de cousas por mais tempo diante das attitudes do papa e dos Hospitalarios, quando lhe accudiu ou lhe suggeriram a ideia de crear uma nova Ordem em que podessem ser coroados os seus desejos de justiça e tambem de interesse nacional.

N'este proposito armou da competente procuração o discreto varão Pedro Peres, conego de Coimbra e o nobre

o robustecimento d'este pequeno paiz que havia de possuir a maior historia do mundo, e para fechal-a brilhantemente, transcreveremos estes bellos periodos que nos enchem de verdadeiro orgulho por ser estrangeira a penna que os escreveu tão justa e eloquentemente.

São de Schœfer, o grande historiador allemão:

«Não era, com certeza, sem um intimo agrado que D. Diniz olhava, nos ultimos annos do seu reinado, para uma instituição que elle salvara da ruina e animara com novas forças. E quanto brilharia o olhar do alevantado soberano, tivesse elle podido contemplar os soberbos fructos cujos germens plantara no seio d'esta Ordem! Tivesse elle só imaginado que cem annos depois um grão-mestre d'esta Ordem, o immortal infante D. Henrique, havia de conceber, no promontorio de S. Vicente, por assim dizer a fronte da donzella Europea, o grande pensamento de descobrir, com os meios que a Ordem lhe offerecia, as ilhas e os paizes que, desde muito, via no seu espirito; que os cavalleiros da Ordem, achando o limitado Portugal estreito demais para o seu espirito emprehendedor e investigativo, haviam de procurar um campo mais vasto, haviam de atravessar o Oceano desconhecido e haviam de lançar, nas outras partes do mundo, a pedra fundamental da grandeza que, um dia, tinha de caber á sua pequena patria na historia universal!

«D. Diniz não podia prevêr isto; não podia prevêr tão pouco que aquelles soberbos pinheiros que mandára plantar sobre as alturas de Leiria, no tempo em que era tão activo pela salvação da Ordem a fim de que os ventos fortes do mar não cobrissem e sepultassem com areia vinda da costa, os campos ferteis da sua querida cidade de Leiria — que esses pinheiraes teriam de fornecer algum'hora a madeira para a construcção dos navios em que os cavalleiros da Ordem e os heroes nauticos haveriam de ampliar o poderio de Portugal para além-mar, entabolando um commercio que unia as duas zonas do mundo.

«Que sementes póde a mão benefica e firme de um sabio soberano lançar nas campinas vastas e ferteis do futuro!»

A ORDEM DE CHRISTO

EREBRO equilibrado e fecundo foi o de D. Diniz; e é uma das suas mais geniaes creações, que muito o honra, que nós vamos tentar descrever.

Levado este grande monarcha, não por interesse proprio, como vimos, mas sim pelo bem do seu reino e pelo amor da justiça, a crear a nova Ordem de cavalleiros, herdeira d'esses egregios soldados, a quem seus avós e pae maiores favores deviam, não mostrou mais do que quanto era habil politico e homem de illustração superior á do seu tempo: habil politico, por vêr que, pelo anniquilamento da antiga Ordem, iriam para fóra de Portugal collossaes rendimentos e que pessoa extranha ao seu reino disporia de bens que constituiam o rico patrimonio dos cavalleiros do Templo e que, se pode dizer, eram os mais bellos e rendosos do então infantil Portugal; homem illustrado, pelo

modo sabio, altivo e energico com que tratou essa celebre questão e pelo grande amor de justiça que revelou; em tanto que outros, levados por sordida cobiça, afundaram os seus diademas n'um mar de vilania e infamia, sobresae o d'este sabio rei, resplandecente de imparcialidade e honra, que o hão de allumiar intensa e brilhantemente atravez dos seculos.

Usaremos, como ao tratar dos templarios, o mesmo methodo — narrar, por mestrados, a historia gloriosamente grande dos novos campeões da cruz e da civilisação.

N'esses mestrados veremos os feitos illustres, homericos, patrioticos dos sublimes cavalleiros, que, em esforçadas empresas, levaram Portugal atravez dos salsos mares ás plagas radiosas da India e da America.

N'elles será dita a historia, pallida e inanimada por insufficiencia da nossa penna, d'essa gloriosa Ordem, honrada successora da celebre cavallaria templaria, acompanhando-a nós nos dias de poderio e triumpho, como nos dias de vilipendio e amargura.

N'elles veremos com orgulho e alegria desenrolar se altiva e brilhante nos mastros de mil náus e em lanças de mil batalhas a bandeira sacrosanta da nobre Ordem, symbolo da Patria, synthese sagrada do nosso querido Portugal.

N'elles tambem veremos, com tristeza e raiva, desenrolar-se esse sublime pendão deante de reis extranhos, que a cubiça d'uns, o egoismo d'outros e a falta d'amor da Patria de todos, fez ter por soberanos legitimos e verdadeiros a esta nação de gigantes e de heroes.

N'elles narraremos a evolução d'esse poderoso organismo, assistindo ao seu esperançoso nascimento, á sua radiosa e potente virilidade e ao seu cachetico occaso, em que ainda mostra o que tinha sido, revelando provas do seu grande amor á terra portugueza, e á nova epocha que despontava cheia de progresso e de liberdade.

N'elles emfim veremos como vae succedendo esse accumular de manifestações artisticas no glorioso quartel da milicia do Templo que se foi tornando um monumento grandioso, soberbo original, portuguez, e que encerrará como que uma historia architectural, em que uma das suas preciosas folhas é a celeberrima fachada-poente da egreja, o pedaço ornamentado o mais mimoso, o mais sublime,

o mais poetico, o mais symbolico, o mais consentaneo com a nobre missão de Portugal que, na verdade, foi realizada na maior parte pelos intrepidos e immortaes soldados da gloriosissima Ordem de Christo.

Entremos no assumpto.

D. Gil Martins, honrado cavalleiro da Antiga Ordem de Avis, foi o escolhido, como já vimos, para chefe da nova milicia.

Breve e avisado tratou este insigne varão, logo que foi investido da dignidade de mestre, de dar cumprimento aos encargos ligados á sua alta posição e á bulla da instituição da nova Ordem.

Para isso reune em Lisboa, a 11 de Junho de 1321, o primeiro capitulo da communidade, de cujos membros o maior numero, sem duvida, era o dos antigos Templarios.

Como na bulla de João XXII se preceituava, tomou, para base da nova constituição, a regra de S. Bento, e baanceando os rendimentos de todos os bens que já administrava e que eram espalhados por 10 cidades e 46 villas ou coutos, fixou em 84 os membros da nova casa, dos quaes 69 seriam freyres cavalleiros, guizados de cavallos e armas, 9 freires clerigos e 6 sergentes (serventes) freires.

Alem d'isso tambem se fixou o sequito que pertenceria ao mestre, e que era composto de 10 cavalleiros, sustentados á custa dos rendimentos mestraes, não podendo por isso nenhum d'esses cavalleiros usufruir qualquer commenda. Foram tambem creadas 41 commendas, ficando teudos em poder accrescentar o numero dos membros da Ordem e das commendas conforme os rendimentos d'ella, tendo para isso auctorisação do rei.

N'este mesmo anno é installada de vez a Ordem de Christo em Castro-Marim, que ainda não tinha podido receber os novos cavalleiros, porque as installações. a que D. Diniz mandou proceder, não tinham acabado de todo.

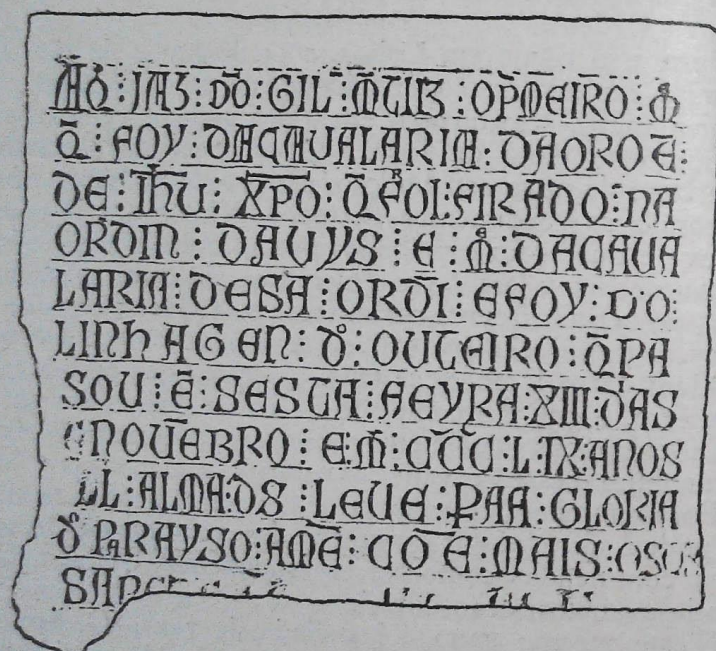
Dando assim ordem e firmeza á nova milicia, poude D. Gil vêr ainda no novo quartel postas em execução as suas ordens, que deviam ser guia segura para os novos campeões da Cruz.

Pouco tempo gosou esse prazer, pois a 13 de Novembro de 1321 morre, deixando um nome illustre e cheio de auctoridade.

Teve condigna sepultura na capella mór da egreja de

Santa Maria dos Olivaes, que persistiu nos seus fóros de Prelazia, como nos tempos da Ordem templaria, continuando a alta dignidade de prelado a ser exercida pelo Vigario de Thomar que era agora Gabriel Annes, o primeiro depois da instituição da Ordem de Christo.

Do corpo da capella-mór o removeram no tempo de D. João III para a parede do lado do evangelho, restando de seu tumulo uma pedra contendo o epitaphio que construcção posterior truncou e que nós reproduzimos o mais fielmente possivel :

AQ : JAZ : DO : GIL : MTIZ : O PMEIRO : M
Q : FOY : DA CAVALARIA : DA ORDE
DE : IHU : XPO : Q FOI : FIRADO : NA
ORDIM : DAVYS : E : M : DA CAVA
LARIA : DESA : ORDI : E FOY : DO
LINHAGEN : D : OUTEIRO : Q PA
SOU : E : SESTA : FEYRA : XIII : DAS
NOUEBRO : E M : CCC : L : IX : ANOS
L : ALMA : DS : LEUE : PAA : GLORIA
D PARAYSO : AME : CO E : MAIS : OS
SAN...

E' indubitavel que estamos deante da primitiva inscripção tumular; pois o latim barbaro ou portuguez em que está escripto e os caracteres reveladores da epocha do principio do seculo XIV, parecem-nos ser prova incontestavel.

Em portuguez d'hoje diz:

Aquiz jaz Dom Gil Martins, o primeiro Mestre que foi da Cavallaria da Ordem de Jesus Christo, que foi freirado na Ordem de Avis e Mestre da Cavallaria dessa Ordem e foi da linhagem do Outeiro; que falleceu em sexta feira, 13 dias de Novembro, era 1321 annos a qual alma Deus leve para a gloria do Paraiso. Amen. Com elle mais ossos são...

Ao fazerem o tumulo e n'elle encerrarem o corpo do illustre mestre, de certo que conjunctamente metteram os ossos de outro personagem, pois o epitaphio a isso allude, mas, por truncado, não nos pode revelar o seu nome.

Succede a D. Gil, *D. João Lourenço,* que por espaço de 5 annos governou a Ordem com muita diligencia; pois celebrou duas vezes capitulo geral, sendo uma no anno de 1326, reinando já D. Affonso IV e em que foram determinadas muitas cousas uteis a bem da communidade.

N'este capitulo foi feita a segunda ordenação da ordem e n'ella determinou-se que o numero dos freires fosse elevado a 86, devendo ser 71 cavalleiros, 9 clerigos e 6 serventes.

O sequito do mestre continuava a ser do mesmo numero de cavalleiros e sem poderem usufruir nenhuma commenda.

Morreu em 1327, desconfiando-se que ao tempo da sua morte não era já mestre, por quanto antes se tinha demittido.

Para a vaga no mestrado foi eleito *D. Martim Gonçalves Leitão,* que governou oito annos, em que os cavalleiros de Christo começam brilhantemente a sua vida gloriosa com feitos notaveis alcançados sobre os mouros e que tanto contribuiram para o alargamento de Portugal.

Durante esse periodo grandes e esplendidos dotes devia D. Martim ter revelado para ser de grande acceitação do rei D. Affonso IV, estimando-o muito este monarcha, a ponto de, n'um privilegio que concedeu á cavallaria de Christo, lhe chamar: *magnifico, estrenuo e poderoso cavalleiro.*

Teve o habito dos monges guerreiros durante este mestrado um accrescentamento: ao habito branco similhante aos de Calatrava, foi-lhe cosida a cruz vermelha.

Morre em 1335, sendo elevado á alta dignidade de mestre seu irmão *D. Estevam*, que, subido a esse importante cargo, não desmereceu da confiança dos seus companheiros e do seu rei, que via n'elle um dos mais dedicados e fieis vassallos.

Provas d'essa confiança deu-as elle na heroica defeza

de Castro-Marim, quartel general da Ordem, e na gloriosa victoria da batalha do Salado, em que os Portuguezes tão nobre e desinteressadamente souberam mostrar a valentia de seus peitos e a grandeza de suas bellas qualidades.

Contemos as façanhas.

D. Affonso XI, de Castella, casou com D. Maria, filha de Affonso IV de Portugal.

Não foi de muito bons agouros este enlace e o futuro e provou.

Novos amores do rei de Castella transformaram a paz conjugal, que apparentemente reinava entre elle e a esposa.

A esterilidade d'esta muito alentou os amores illicitos que D. Affonso XI contrahiu com a formosissima viuva D. Leonor Nunes de Gusmão.

O rei de Portugal não via com bons olhos o procedimento do esposo de sua filha, cujos desgostos augmentaram a ponto que teve de sahir da côrte e retirar-se para Burgos.

Não estava muito bem preparado para a guerra D. Affonso IV, e emquanto se preparava veiu outro aggravamento incitar a colera e o desejo de reparação do rei de Portugal.

D. Constança, filha do infante D. João Manoel, um dos fidalgos mais poderosos de Castella, foi escolhida para mulher do Infante D. Pedro de Portugal. Isto desagradou consideravelmente ao rei de Castella, apesar de se mostrar apparentemente satisfeito, chegando a fazer ricos presentes á noiva, mas não podia vêr a sua antiga e repudiada noiva vir casar com o herdeiro d'um dos mais bellos e ricos thronos da Peninsula.

Dispunha-se D. Constança a partir para Portugal quando é detida em Castella por ordem d'el-rei.

Este novo acto do em geral mau procedimento de Affonso XI veiu augmentar a irritação mal soffrida, que fervia no animo de D. Affonso IV, que, então já fortificado em seus castellos, augmentado em seus navios e rodeado de luzido exercito, declarou, com todas as formalidades, guerra a seu desattencioso genro e desrespeitoso sobrinho.

Foi uma guerra ingloria e fatal para os dois contendores.

Sómente se fizeram excursões, assoladoras de parte a parte.

Para o Norte de Portugal, com fins de invadir a Galliza, partiu o nosso D. Estevam Gonçalves Leitão a encontrar-

se com os arcebispos de Braga e Porto, mas antes de entrarem em Hespanha encontram D. Fernando Rodrigues de Castro, que, á frente de bastantes castelhanos, tinha entrado pela provincia de Entre-Douro e Minho, talando os campos e assolando tudo por onde passava.

Travada a peleja, e rija peleja foi ella, coube a victoria aos nossos cavalleiros, que derrotaram completamente os castelhanos, ficando muitos mortos no campo e procurando outros a sua salvação na fuga.

Não parou aqui o papel activo dos cavalleiros de Christo n'esta desgraçada campanha.

Castro-Marim, a casa capitular dos novos defensores da Cruz, foi ameaçada e tremeu pela sua sorte.

As excursões no Algarve tudo tinham posto a saque e reduzido a cinzas

D. Estevam Leitão, o leal mestre, foi avisado do perigo em que vivia o resto de seus irmãos d'armas, e rapido, qual setta, transpõe a longa distancia do Minho a Castro-Marim, onde se recolhe com seus valentes soldados e espera o impeto do inimigo que, ardendo em vingança, procura arrasar o ninho dos valorosos vencedores de D. Fernando.

Não tardaram os castelhanos bem armados, cheios de valôr e orgulhosos pela victoria do almirante Tenorio, alcançada ahi bem perto, ás alturas do Cabo de S. Vicente; mas o mestre de Christo e seus cavalleiros não se intimidaram e oppuzeram-lhes dura resistencia.

Prolongado e encarniçado foi o cerco, redobrado foi o esforço de parte a parte, mas a aguia não abandonava o ninho.

A cada picada e a cada bater d'azas diminuia o exercito inimigo, que, vista a sua impotencia, debandou, levando deante de si o facho terrivel de vingativo incendio.

Infructifero esforço e mal empregado ardor!!

Quem diria ao sabio e habil politico D. Diniz que a fina flor da sua cavallaria — a de Christo, havia de levantar e cobrir de sangue christão as armas, que elle com tanto afinco fez cingir aos valentes soldados, que destinava á guerra sem treguas contra os seguidores do crescente!!

Caprichos imprudentes de reis que pouco olham para o bem dos seus povos.

Mas se d'esta infeliz campanha as armas dos cavalleiros

de Christo não sahiram cheias de resplandecente gloria, a não ser a de seu destemido ardimento e grande dedicação ao seu rei, em breve as veremos nos campos do Salado brilharem ao bello sol das victorias do christianismo.

Ahi as veremos ao lado de causa justa e grande, a affrontar o novo levantamento dos mouros, que pareciam querer reduzir em breve ao seu poderio a altiva e nobre civilisação christã peninsular.

Uma das funestas consequencias d'essas tristes luctas, de que falámos ha pouco e que tanto prejudicavam Portugal e Castella, foi o alentar e reviver na alma do ambicioso Abul Hassan, rei de Marrocos, a ideia da reconquista das terras, onde outr'ora se ouviram as buzinas agarenas e tinha tremulado o arrogante crescente.

A victoria das suas naus sobre as do famigerado almirante Tenorio, mais lhe arraigou a ideia da nova posse da ridente Hespanha, que Affonso XI receiava perdida; pois sem navios, sem grande exercito e esse mesmo em mau estado, via avolumar-se, terrivel, medonha e fatal, a tempestade que do lado do Estreito ameaçava esmagar a peninsula christã.

Acordado e attonito pelos primeiros ribombos d'essa medonha catastrophe, pediu auxilio ao rei de Portugal, seu tio e sogro, que tantas injurias d'elle tinha.

Na imminencia do perigo vem-lhe á memoria o mau proceder para com a esposa, e receioso de que seu irascivel sogro não cumprisse a palavra do tractado ha pouco firmado ou quizesse vingar-se das tropelias passadas, mandou a Portugal a propria D. Maria implorar do pai o seu auxilio para a terrivel lucta que ia emprehender.

> Entrava a formosissima Maria
> Pelos paternaes paços sublimados
> ....
> ....
> ....
> Acude, e corre pai; que, se não corres,
> Pode ser que não aches a quem soccorres.

No dizer sublime do nosso grande epico.

D. Affonso IV, sem perda de tempo, apromptа luzido exercito, cuja vanguarda era formada pelas hostes de Christo.

Para Sevilha dirige as suas forças, que reunidas ás do

genro, que ahi o esperava ancioso, formaram um exercito de 40:000 infantes e 18:000 cavalleiros.

Mas que eram 58:000 homens para o exercito de Abul-Hassan?

> Poder tamanho junto não se viu
> Depois que o salso mar a terra banha:
> Trazem ferocidade e furor tanto
> Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Que grande era a turba multa e que terror infundia!

O nosso rei, grande d'alma e ardente d'animo, não se atemoriza.

Vão e encontram o inimigo.

Grande e vasta se lhes apresenta a bella planicie, que o Salado banha.

Não é preciso ir mais longe.

Dispõem o exercito os dois Affonsos.

Raiava no horisonte o sol brilhante d'esse grande dia, em que se jogava a sorte da Hespanha: christã ou moura, eis o lemma.

Tocam as trombetas e os anafis e os dois exercitos apostos começam a batalha.

Como descrever essa terrivel, frenetica e implacavel lucta, que assignala uma das datas mais luctuosas para o imperio sarraceno na Peninsula?

Não o faremos, mas notaremos o valoroso esforço dos nossos soldados, em que brilharam, a primeira vez, luzentemente as espadas dos cavalleiros de Christo.

Glorioso e grande baptismo; pois jámais tiveram occasião de se mancharem na peninsula em sangue mouro!

Dias gloriosos as esperavam; mas esses dias haviam de surgir além, d'onde hoje vinham essas valentes hostes, que n'um ultimo esforço queriam arrancar a tão cubiçada Hespanha das mãos dos novos senhores.

Foram estas as emprezas em que D. Estevam se assignalou como guerreiro, e que tanto encheram de gloria o seu mestrado, gloria que grandemente se reflectiu na sua destemida e já poderosa milicia.

Como administrador da Ordem, augmentou-lhe muito os bens ampliando-os com os que andavam sonegados dos Templarios.

Governou nove annos, morrendo em 1344.

Empunhou o mando, apoz a sua morte, *D. Rodrigo Annes,* de nobre raça, grande e valoroso cavalleiro e de muita estimação de D. Affonso IV.

Em grande conta o tinha o monarcha portuguez; talvez pelo seu irreprehensivel procedimento foi elle o escolhido para acompanhar a infanta D Leonor ao reino de Aragão, onde ia casar com D. Pedro, rei d'esse paiz.

Com prudencia e respeito esteve D. Rodrigo á frente dos cavalleiros de Christo por espaço de 12 annos, ao cabo dos quaes, por dissabores e aleivosias, que não podemos desvendar, renunciou o mestrado, sendo eleito *D. Nuno Rodrigues,* filho de Ruy Freire de Andrada e de D. Ignez Gonçalves de Souto Mayor, como se vê por uma inscripção que mandou pôr nos Paços que edificou em Ferreira do Zezere.

Tem sido esta Ordem, desde a fundação até aqui, muito mimoseada de attenções e respeitos dos reis portuguezes. D. Diniz e D. Affonso IV tiveram sempre em alta consideração os seus serviços.

Tambem agora D. Pedro I, reconhecendo-os e tendo em conta os que a elle proprio foram prestados, especialmente por D. Nuno, lhe fez muitas mercês e lhe concedeu grandes privilegios.

Um d'elles foi consentir a impetração do Papa da bulla de transferencia da séde da Ordem de Castro-Marim para Thomar, onde tinha tido assento a poderosa e heroica milicia do Templo, o que se realisou em 1357, apressando se logo D. Nuno a convocar o IV capitulo geral, que se celebrou a breve trecho, presidindo-lhe o abbade de Alcobaça, como o papa João XXII tinha ordenado na bulla da fundação da Ordem.

Não pequena e honrosa distincção foi tambem a de D. Pedro para com este mestre, em confiar aos seus cuidados seu filho bastardo, D. João, até á edade de 7 annos, epocha em que vagou o mestrado de Aviz, pela morte de D. Martim do Avellar, e em que D. Pedro, por lembrança de D. Nuno Rodrigues, o investiu e pediu á santa Sé a sua confirmação.

Era este infante o que devia ser o celebre mestre de Aviz, o heroe da revolução de Lisboa em 1383 e o pai da *inclita geração* que iniciou a grandeza de Portugal.

Não menor honra concedeu D. Fernando I a D. Nuno, pelos serviços que lhe tinha prestado, na doação á sua Ordem do civel e do crime de todos os logares d'ella.

Quinze annos presidiu o respeitado D. Nuno aos destinos da milicia de Christo, onde deixou um nome sem mancha e illustre, fallecendo em 1372, reinando já em Portugal o intelligente, mas vario rei D. Fernando.

Chegados a este ponto, seja-nos permittida uma pequena divagação.

Reino e Ordem attingem a maioridade.

Portugal, que a astucia, a prudencia, a valentia dos cinco primeiros reis e de seus nobres e heroicos companheiros soube fundar e a sabia administração dos quatro restantes monarchas da primeira dymnastia soube robustecer, via-se ora chegado ao segundo periodo da evolução d'um povo — a expansão.

A Ordem, nascida do cerebro potente d'um rei instruido e previdente, robustecida pelos favores dos descendentes d'este monarcha e pela zelosa administração dos seus seis mestres, tambem chegava á edade de dar acôrdo de si, seguindo uma nova orientação no seu proceder.

Não havia mouros a combater nas nossas fronteiras, mas o seu fim ainda não estava preenchido.

A nação ainda precisava do esforço herculeo dos membros da já gloriosa Ordem de Christo, e por isso esta acompanhou-a na nova phase por que ia passar.

O nobre sentimento que fez brotar essa Ordem das mal apagadas cinzas dos Templarios, — guerra aos inimigos da Fé, converte-se, enflora, agora bello e grande n'esse outro sublime sentimento — o amor da Patria.

A D. Fernando não faltava intelligencia, mas sim tacto. Errou o caminho em que a expansão nacional se embrenharia dando a Portugal um nome immortal.

Foi para o Oriente, para essa funesta Castella que tanto sangue nos tem custado pela ambição desmedida dos nossos reis, emquanto deixava o Occidente e o Sul, em que abririamos a estrada mais gloriosa e mais rutilante, que jámais outro povo seguiu.

No emtanto prepara e dá incremento á navegação, que outro principe mais sabio e mais austero devia encaminhar a ignotas paragens em nome da Ordem de Christo.

Não precipitemos a narração.

Vejamos o mestrado de *D. Lopo Dias de Sousa,* insi-

gne chefe d'esta Ordem, onde tem um logar distincto e na historia patria um nome honroso.

Filho da formosa e infeliz D. Maria Telles, foi investido no mestrado de Christo por um d'esses voluveis caprichos da sua epileptica tia D. Leonor Telles.

Esta, sedenta de vingança e orgulhosa no seu aurifulgente posto de rainha, apoz a audaciosa revolução de Lisboa, tractou de angariar affeiçoados, chamar a si os nobres e os grandes do reino, formar como que partido, para poder desvanecer a grande e má impressão que deixára a sua escandalosa união com o rei.

A todos distinguia, ora com affectuosas maneiras e lhanas palavras, ora com doações, concessões e dignidades que lhe iam valendo de muito.

Os parentes eram os mais favorecidos e D. Maria Telles, sua irmã, viuva, ao tempo, de Alvaro Dias de Sousa, fidalgo dos mais respeitados de Portugal, foi largamente protegida e compensada pelo desejo ardente de D. Leonor em criar apaniguados.

Vagando n'essa epocha o mestrado da Ordem de Christo, logar de alta dignidade e de grande rendimento, empenha-se logo D. Leonor na investidura do mestrado, na pessoa de seu sobrinho, ainda creança, disfructando sua mãe as rendas que a tal dignidade andavam annexas.

Era D. Maria Telles uma das damas mais gentis e ricas da côrte, mas sua irmã ainda queria que a sua riqueza augmentasse para mais poder brilhar e poder assim ter n'ella um importantissimo membro do seu tumultuoso partido.

D. Fernando, fiel e obediente instrumento da maldita politica de sua mulher, é obrigado a nomear mestre o sobrinho da rainha e a impetrar de Gregorio XI a bulla de confirmação, em que os estatutos da Ordem seriam tão caprichosamente desrespeitados.

Gregorio XI reage e o seu successor, o moral Urbano VI, tambem se oppõe ao desastrado pedido; porque o nomeado era extranho á Communidade e tinha sómente doze annos.

D. Fernando insta e insiste sem criterio para satisfazer sua voluvel esposa, que não chega a vêr realisado esse seu desejo, o que não obsta a que sua irmã receba as avultadas rendas que andavam annexadas á dignidade de mestre, em que seu sobrinho era tão illegalmente investido.

Treze annos teve o papa o mestrado vago, sem que o preenchesse, esperando que D. Lopo chegasse á edade propria para o confirmar n'essa posse de que gosava desde os doze annos.

Foi D. Lopo um dos mais preclaros varões, que subiu ao alto cargo de mestre da Ordem de Christo.

De bem novo á frente dos seus cavalleiros, passou os annos da sua juventude em Thomar onde, no meio d'elles, aprendeu o manejo das armas, em que devia mais tarde brilhar tanto e ser um dos mais illustres soldados da milicia de Christo.

Foi alli que lhe chegaram os vagos rumores do futuro proceder do seu desvairado e ambicioso padrasto, o infante D. João, e, estranhando que este passasse por Thomar, na sinistra jornada a Coimbra e não o visitasse ao menos, quando das mais vezes se hospedava nos seus aposentos no convento de Christo, mandou depressa, antecipadamente, recado de precaução a sua mãe, que, innocente e descuidada, vivia em Coimbra.

Mal diria D. Lopo que seria este o ultimo recado, o ultimo saudar que lhe mandava!

A mão armada do assassino em breve desprenderia o golpe no peito candido e formoso d'essa a quem jurara amor.

Não tardaram muitos dias que D. Lopo não soubesse do tragico acontecimento, que o fez arder em raiva, procurando tomar vingança de seu infame padrasto.

Perseguiu-o, mas o infante soube ou poude pôr-se a salvo, não conseguindo no entanto calar, n'alma do filho da infeliz D. Maria Telles, o odio que lhe tinha jurado; e apezar de D. João, protegido pela rainha, voltar á côrte, onde imperavam a prostituição e o crime, não descançou muito sem que D. Lopo o perseguisse de novo e fosse de terra em terra no seu encalço até que o infante pôde internar-se em Castella, onde, favorecido por D. Henrique II, chegou a ter algum descanço.

Do assassino de sua mãe nenhuma vingança poude tirar D. Lopo, mas da que n'esta morte teve grandissima connivencia — a rainha, não se fez esperar o momento que lhe não mostrasse a sua grande dôr e a grandeza da sua dignidade.

D. Fernando, apoz um governo em que deixa o paiz pobre por causa de guerras ruinosas, cheio de oppressões e

desmoralisado pela vida licenciosa de sua mulher, fallece e com elle quasi a nação.

D'um lado levanta-se o extrangeiro com suppostos direitos á corôa; do outro o povo portuguez, fortalecido e conscio dos seus direitos exarados nas sabias ordenanças dos seus mais populares reis, ergue nos valentes braços o mestre d'Aviz e fal-o sentar no throno do seu justiceiro pae.

A nação, em vascas quasi mortaes, divide-se em dois partidos: uns vão por Castella, outros enfileiram-se nas leaes e patrioticas phalanges que gloriosamente se batem em Ourem, Atoleiros, Aljubarrota, etc., etc.

Um dos primeiros d'esses heroicos soldados é D. Lopo.

Acima da familia, onde via sua prima co-irmã, rainha de outra nação e sua adultera tia, causadora infame da tragica morte de sua adorada mãe, poz uma outra mais augusta e mais nobre — a patria, para a qual via, talvez, raiar no horisonte do porvir os bellos dias de Vimieiro, Atoleiros, Aljubarrota e Ceuta.

Nada o prendia, nem promessas de D. João de Castella, nem rogos da prostituida e fratricida tia.

Lançou-se franca e lealmente com os seus briosos cavalleiros no partido que a honra propria e o amor da patria o obrigavam a seguir.

Assim vemol-o: em Thomar não esperar D. João de Castella na ida para Santarem, nem tão pouco deixal-o entrar no Castello, ficando o rei em baixo na villa para descançar, o que durou pouco tempo, pois o povo d'ella travou-se em accesa lucta com os guardas da casa onde o rei repousava, de que resultaram muitas mortes, o que obrigou o rei a ausentar-se n'essa mesma noite para a Gollegã; em 11 de Julho de 1383 cercar a forte e torreada Ourem e reduzil-a ao audacioso e patriotico partido do mestre d'Aviz; e no fim de 1384, combater deante de Torres Novas, em cujo cerco foi surprehendido com o novo prior do Hospital, Alvaro Camello, por um partido de castelhanos.

Não valeu aqui a valentia de seu braço, nem o esforço de seus companheiros d'armas, pois ficou victorioso o exercito castelhano, sendo D. Lopo levado prisioneiro para Santarem conjunctamente com seus leaes guerreiros, onde jazeram, até que o grito da independencia foi soltado heroico e grande nos campos gloriosamente celebres de Aljubarrota.

Talvez, quem sabe, D. João de Castella ao passar por

Santarem, apoz a batalha, se lembraria, ao menos, de cevar os seus odios da vergonhosa derrota, nos indefezos e miseros presos das cadeias da *sua* villa?

A fuga nem tempo lhe dava para n'isso pensar.

No emtanto os cortezãos de D. João de Castella lembram-lh'o, mas o rei bastante molestado respondeu lhes: «Dae-os ao demo: deixae-me».

Teve D. João I o cuidado, no mais curto espaço de que dispoz,—se elles não houvessem já quebrado os duros ferros da prisão — de mandar soltar o seu querido amigo e seus soldados, que não puderam ao pé d'elle brandir suas reluzentes espadas nos campos, que lhe sellaram a eleição popular de 1384.

Mas se não viu o mestre da nobre milicia de Christo n'aquelle dia tão resplandecente de gloria do seu reinado, poude ver, commandados por Martim Gonçalves, commendador de Almourol, os seus leaes soldados, que não estavam nas masmorras de Santarem com D. Lopo, pelejar heroicamente pelo seu rei e pelo torrão a que chamavam patria, e que queriam conservar liberto de jugo extranho, como o tinham herdado de seus antepassados.

Tempos de Fé e de Patriotismo!

A prisão aos briosos cavalleiros não os alquebrou, antes pelo contrario, avigorou-lhes mais a fortaleza de seus braços e arraigou-lhes mais n'alma o bello sentimento da independencia da terra, que tinha n'elles alguns dos seus mais prestimosos e patrioticos filhos.

Vae D. João ao norte de Portugal desalojar de algumas praças os inimigos, e entre os seus mais dedicados e valentes companheiros, toma parte o Mestre da Ordem de Christo e seus monges, não debaixo do antigo e immaculado estandarte da Ordem,—pois se tinha perdido quando ao desbarato de Torres Novas,—mas sim vendo fluctuar ao vento da victoria no topo d'uma lança d'armas o celebre *prumão*.

Chaves, cidade forte e nas mãos do inimigo, resiste.

D. João põe-lhe cerco; e, depois de encarniçada lucta, durante quatro mezes, leva-a de vencida, devido ao esforço de seus já experimentados soldados. Distingue-se com tal heroicidade D. Lopo, que o seu amigo e rei premeia estes heroicos serviços mesmo em Chaves, fazendo-lhe mercê dos direitos e rendas da pescaria do Tejo á altura d'Almourol.

Nunca mais deixa de acompanhar D. João I, pois a sua figura é uma das mais proeminentes da nova sociedade; e se exceptuarmos um determinado periodo em que D. Lopo esteve em Thomar prostrado por doença, não podendo até por isso tomar o seu logar nas esplendorosas festas da recepção do duque de Lencastre, quando veiu a Portugal para começar a guerra da sustentação dos seus direitos ao throno de Castella, vemol-o sempre acompanhar o rei n'essa afanosa vida de batalhas e de assaltos, em que prestou relevantissimos serviços, até que a paz o fez entregar tranquilla e descançadamente ao governo da Ordem, que teve n'elle um zelosissimo mestre.

E quando D. João chama a si os seus velhos companheiros d'eras gloriosas para novas emprezas guerreiras, tem n'esse momento solemne da vida do povo portuguez mais o ensejo, embora o ultimo, antes de D. Lopo morrer, de o ver, não na força da vida, como o poderia ter visto em Aljubarrota, mas cheio do mesmo ardor e da mesma fé, no grandioso feito d'armas dos portuguezes, com que D. João I, levado pelos genios verdadeiramente sublimes de seus filhos, abre essa carreira tão bella, tão epopeica que vae, no periodo aureo do nosso passado glorioso, desde Ceuta a Malaca!

E' Ceuta, portanto, o campo glorioso em que tantos soldados portuguezes ganham fama e em que mais firma a sua D. Lopo, setimo mestre da patriotica Ordem, que vae fazer com que Portugal legue á posteridade um nome, que será escripto com letras indeleveis em todos os idiomas do mundo.

Mas antes de o admirarmos nos muros de Ceuta, nos derradeiros annos da sua gloriosa vida, ao lado d'aquelle que lhe devia de succeder no mestrado, vejamos o seu grande cuidado em administrar, desveladamente, a Ordem de Christo, cujos destinos lhe estavam confiados.

Empenhou-se n'esses annos de paz em fazer voltar á sua Ordem muitos bens e direitos, que andavam sonegados e alheados, como succedeu por exemplo, com aquelles que indevidamente tinham sido encorporados nos do concelho de Thomar, historia que guardamos para outra ordem de trabalhos; e com o seu bom senso e boa administração poude encher os cofres da communidade de immensas riquezas, que em breve serviriam tão patrioticamente a D. Henrique, o immortal infante.

Grandes e bellas qualidades ornaram o limpido caracter de D. Lopo e D. João I, no seu alto espirito de justiça, soube sempre tel-o em grande conta, dedicando-lhe immensa affeição, o que se prova em muitas cartas de mercê que fez a D. Lopo e a toda a Ordem por seu respeito.

Uma grande prova da muita confiança que D. João depositava em D. Lopo, foi o nomear este illustre e honrado cavalleiro, mordomo-mór da Rainha D. Filippa, apoz o seu casamento.

Assim passou este notavel mestre uns vinte annos entregue á zelosa administração da sua Ordem, prestando tambem grandes serviços ao seu amigo e rei D. João I, quando este decide ir a Africa em nome de Deus e da patria, dilatar o grande nome de Christo.

Entre os combatentes gloriosos d'esse grande feito d'armas, o primeiro d'esse desesperado refluxo de civilisações d'Africa para a Peninsula e da Peninsula para Africa, vemos no outono da vida e carregado de trabalhos D. Lopo, que vai, combate e enche seu nome de gloria.

Volta e estando em Pombal, onde tinha familia, morre, parece, em 1417, respeitado pelos seus fieis companheiros e honrado por o seu rei e pelo seu successor no mestrado.

Grande honra e profundo respeito deviam inspirar os feitos de valor e ardimento d'este valente guerreiro, um dos mais dedicados companheiros d'armas de D. João I, ao joven, mas denodado infante D. Henrique.

Mandou este principe, apoz a sua investidura no mestrado de Christo, levantar sumptuosa sepultura a D. Lopo e levantou-a na antiga capella dos Templarios, no proprio convento de Christo, sendo tambem o unico mestre que alli teve jazida.

Era ella rica e sumptuosa fabrica, tendo na campa, em vulto, a figura do septimo mestre da cavallaria de Christo e permaneceu na egreja no panno da parede do lado do Evangelho, junto á sacristia, até ao mestrado do *piedoso* rei D. João III, que a mandou mudar para uma das paredes da capella que se fez no vão da torre.

O soberbo mausoleo desappareceu, pois não podia alli ser contido, pondo-se os ossos n'uma pequena sepultura na qual se gravou a mesma inscripção que estava no outro tumulo e que diz:

AQI IAZ OMT ORADO QOMEDADOR DÕ LOPO DIAZ DE ZOVZA MESTRE DA CAVALRIA
DA ORDE DE CRITVS Q FOI SEPE MT LEAL SRIDOR AO MT ALT SEPE VESEDOR
E REI DO IOA OD MR · O QVAL FO GRADE AIVDA E DEFESAO DESTES REINOS
E ETROV CÕ HEE CIQO VEZES E CASTELA · CÕ SVA CAVALARIA · E EA TO
MADA DE CEPTA E TEVE OMESTRADO QORETA E SEIS ANÕS · E FINOVSE
NA ERA DE IHV XPÕ
DE · 1000 · E · 400 · E · 31 ·
ANOS · AOS NOVE DIAS
DOMES DE FEVR · E O
MT HORADO · E PE
ZADO SÕR · OIFATE
DO ARIQE GOVERNADOR
DA DITA HORDE · D V · DE
VIZEV · E SÕR · DE COVLA
O MADOV · TRELADAR
A ESTE COVETO · AOS
OIT DIAZ DOMES DE
MARCO DA DITA ERA DO NACMT DE NOSO SÕR DE · 1 4 3 1 · ANOS

Reduzida a linguagem corrente:

Aqui jaz o muito honrado commendador D. Lopo Dias de Sousa, mestre da cavallaria da Ordem de Christo, que foi sempre muito leal servidor ao muito alto sempre vencedor El-rei D. João, o I, o qual foi grande ajuda em defensão d'estes reinos. E entrou com elle cinco vezes em Castella, com sua cavallaria e em a tomada de Ceuta e teve o mestrado quarenta e seis annos e finou-se na era de Christo de 1435 aos 9 dias do mez de Fevereiro e o muito honrado e prezado senhor o infante D. Henrique governador da dita Ordem, duque de Vizeu e senhor da Covilhã o mandou tresladar a este convento aos oito dias do mez de março da dita era do nascimento de Christo, de 1435.

Ha n'esta inscripção menos verdade emquanto á data da morte de D. Lopo; pois não sabendo nós que elle renunciasse o elevadissimo cargo de mestre e sendo certo que D. Henrique, seu digno successor, em 1417 era já mestre, não podia ser o anno de 1435 o do fallecimento de tão assignalado cavalleiro.

A data devia de ser lavrada com a era de Cesar 1455 e ao fazer a nova inscripção, por erro, pozeram 1435 o que nos indica o fallecimento n'esse anno de 1417.

Posto isto, vamos entrar na historia do grande mestrado do immortal infante *D. Henrique*, 3.º filho do illustre D. João I e vamos tambem vêr o assignalado papel que a Ordem de Christo apresenta na luminosa scena, em que Portugal, na vanguarda, leva o facho da civilisação a dissipar as densas trevas da Edade-média e a ensinar ao mundo os caminhos, paciente, mas heroicamente feitos para novas terras.

Não foi de certo do cerebro, embora potente, de D. Henrique que sahiu a ideia nitida, exequivel das navegações, que o immortalisaram, e que fizeram de Portugal o nome mais glorioso das nações modernas.

E' tal o arrojo e grandeza da ideia que não podia haver uma só cabeça que a concebesse e a pozesse em pratica com as confusas noticias e pallidos conhecimentos que ao tempo havia de cosmographia.

De ha muito eramos já nós os portuguezes, não desdizendo do sangue phenicio, destemidos devassadores dos terrorosos segredos do oceano.

Foi D. Diniz o primeiro rei que mais a peito tomou os trabalhos do mar, reformando o que mais tarde seria a poderosa marinha de guerra.

Para proteger dos piratas o commercio maritimo, armou uma forte esquadra e fundou perto da Nazareth d'hoje, e da então Pederneira, a villa de Paredes, obrigando-a a ter sempre seis caravellas em serviço da pescaria.

No seu reinado já iamos longe pescar e tal importancia fômos adquirindo como mareantes, que Eduardo III, rei de Inglaterra, dá em 1358 aos nossos armadores licença para nas costas da sua então bem pobre ilha poderem pescar por espaço de 50 annos.

Como vemos já n'esses tempos eramos audazes navegadores e o rei *Lavrador*, dando tão notavel incremento á navegação, chama de Genova Manoel Pezagno, para o elevado cargo de almirante e, segundo é certo, no reinado de Affonso IV os nossos navios chegaram ás Canarias.

A este seguiu-se o reinado de D. Pedro I, que, entre luctas com os assassinos de D. Ignez e cuidados de uma boa administração interna, passou os seus dez annos de governação, não pensando em dar largas ao genio fogoso e irrequieto do novo Portugal que já se não sentia bem dentro dos limites traçados gloriosamente pelas espadas rutilantes de Affonso Henriques, Gualdim Paes, Sancho II e Affonso III.

D. Fernando empunha o sceptro depois e tenta levar Portugal á conquista, querendo ser acclamado rei d'outra nação, mas fal-o tão desastradamente, que recua em logar de avançar.

A sua intelligencia, que era grande, offusca-se com grandezas impossiveis e orienta a expansão do povo portuguez

para sitios onde os povos seus habitadores, pela mesma lei de evolução, tinham chegado ao mesmo periodo.

Nada poude fazer e conseguir no verdadeiro caminho, que estava aberto aos olhos sofregos e ambiciosos de seus s ubditos.

Assim passaram 17 annos, gastos em leviandades sem que adviesse a Portugal algum beneficio de monta, a não ser, ainda assim, um pouco de animação e vida na marinha nacional o que fez que nas côrtes de Atouguia de 1376, se decretasesem sensatas leis que tanto deviam influir na sua grandeza. A Marinha, pois, se agora não era empregada activamente no caminho anteriormente encetado, teve a dita de não perder a tradição e affazer os valentes peitos dos portuguezes aos duros e rudes trabalhos d'esse movediço e espelhante campo onde se immortalisariam.

De tentativa em tentativa preparavam-se assim os grandes elementos, que o previdente advento de D. João I ao throno fez robustecer e ordenar, abrindo-se a era verdadeiramente gloriosa das conquistas e descobrimentos.

Já vimos, no ultimo mestrado, como aquelle grande rei vae a Ceuta e inicia brilhantemente a era das conquistas; agora n'este mestrado vamos ver o iniciamento dos descobrimentos, povoamento e christianisação d'essas terras, que estavam perdidas para o convivio da civilisação.

E' D. Henrique, quem, á frente dos audazes e valentes cavalleiros da nobilissima Ordem de Christo, toma a peito o desvendar o Oceano, seguindo com todo o afinco as tendencias, já esboçadas, da valente raça portugueza, em cujo sangue havia o quer que era d'ess'outras audazes e navegantes raças grega e phenicia e cuja obra vae encher um seculo a que D. Henrique dará o nome.

Vamos vêr a santa e sublime propagação da Fé, essa levantada manifestação da civilisação portugueza que nos deu a vanguarda do progresso humano no principio do seculo XVI; pois ao declinar d'esse grande seculo, a purificação d'ella trouxe-nos desastres, prejuizos e loucuras que foram a causa principal da decadencia de Portugal.

São as riquezas accumuladas pela habil e séria administração de D. Lopo Dias de Sousa nos cofres da rica Ordem de Christo que lhe dão os indispensaveis recursos para emprehender a agigantada obra, e sem os quaes, estamos certos e ao deante o notaremos, D. Henrique não seria na

historia senão o terceiro filho de D. João e a Portugal não lhe caberia o papel gloriosissimo que desempenhou nos seculos XV e XVI.

Cem cavalleiros,—tantos couberam á Ordem de Christo pela organisação da força armada feita pelo celebre condestavel D. Nuno Alvares Pereira, — são os soldados heroicos da patriotica milicia e é com esse punhado de portuguezes, ardentes de Fé, ardidos d'animo que um grande homem duro e perseverante substancia em si e dá cohesão ás aspirações da patria, escrevendo em caracteres indeleveis a pagina mais brilhante, mais grandiosa das edades do mundo.

E', pois, o illustre infante D. Henrique, o oitavo mestre da gloriosa Ordem de Christo, que, á voz potente do seu genial mestre, vae, atravez dos mares, no tombadilho de seus baixeis, arvorar o pendão da Cruz em terras jámais habitadas, ou, se o são, por bravia e indomavel gente.

Dominado desde novo por genio cavalleiroso, ardia em esperanças de poder ganhar as esporas de cavalleiro em empreza, nobre, epica e não em qualquer torneio que não passaria d'uma simples festa embora magnifica, como seu pae queria.

Uma empreza a serio, authentica, em que podesse dar largas aos enthusiasticos impetos dos seus 20 annos, é que quadrava ao seu genio revolto, ambicioso, avido de gloria e mando.

Assim foi que João Affonso de Azambuja suggére, ao que talvez não fosse estranho o proprio D. Henrique, a D. João I a ideia da empreza da conquista de Ceuta.

Apresentada a ideia por D. João I aos filhos, foram elles eloquentes em approval-a e em combater os receios de seu velho e experimentado pae, sobresahindo em teimosia D. Henrique.

Sem nada vêr, nem nada o arrebatar da sua já fixa ideia, prepara activamente a parte importante, que lhe foi distribuida, e em breve desfralda as brancas vellas ás suas sete galés e vinte naus e vem do Porto fundear em Lisboa n'esse Restêllo, onde elle mais tarde ergueria a pequena ermida, em cujas abobadas 82 annos depois resoariam as preces afervoradas dos immortaes navegadores, que iriam completar a sua gloriosa e immortal obra.

Juntas as armadas dos que iriam na expedição, partiram todos levando heroicamente o novo Portugal atravez do

mar a fixar a sua soberania em terras extranhas e a começar essa nobre corrente de conquistas e descobrimentos, da qual o primeiro elo era Ceuta e o ultimo nem bem se sabe; pois tal foi o semnumero de feitos gloriosissimos.

Dos heroes d'esse memoravel dia, 15 de Agosto de 1415, nenhum sobrelevou em audacia, valentia e heroismo a D. Henrique, que n'esse mesmo dia foi armado cavalleiro de Christo, deante, de certo, dos velhos cavalleiros, dos *russos*, como um se appellidou, d'essa phalange sublime de mil batalhas, em que se levantou esplendoroso o throno de seu illustre pae.

Tal foi a fama do estupendo facto e tal a heroicidade do joven infante, que, segundo é notorio, Segismundo, imperador d'Allemanha, D. João II, rei de Castella, Henrique V, rei de Inglaterra e o papa Martinho V, offerecêram á porfia, o commando dos seus exercitos ao valente D. Henrique, nobre duque de Vizeu.

Coroada esta empreza de feliz exito, viu com os proprios olhos as riquezas alli accumuladas e ouviu as narrações, mais ou menos veridicas, d'essa Africa desconhecida, do Preste Joham, das perolas e do ouro d'essa remota e fascinante India.

Tres annos depois á frente de nova expedição, volta a Ceuta; e de lá mais trouxe arraigado no seu ambicioso espirito a ideia da conquista d'esse rico e verdejante imperio de Marrocos e o desejo de conhecer o que ficava a sul d'essa região que então era um jardim e hoje é uma terra safara e miseravel.

Em plena pujança de força physica e intellectual assim lhe ia esboçando, amadurecendo essa obra, que fez de D. Henrique o mais glorioso filho de Portugal e d'este a maior nação da terra.

Desvendada um pouco no potente espirito de D. Henrique a lenda, em que andava envolvido o mysterioso continente negro e trazendo d'alli conhecimentos valiosos para os seus estudos, resolveu estar mais perto de quem lhe poderia dar informações, como eram os pescadores do Algarve.

Assim continuava formando e educando a sua grande intelligencia, alvejando sempre a dilatação da Fé e da Patria, até que a nomeação e confirmação do seu elevado cargo de Mestre da Ordem de Christo o fez senhor dos

vastos recursos de que necessitava para poder levar á pratica os seus sonhos de ambição e gloria.

Para isso um dos seus primeiros cuidados, ao ser elevado a mestre, foi o de alcançar do papa o titulo de *Administrador e Governador;* pois com voto de pobreza, que era obrigado a jurar, não podia dispor a seu bello talante dos grandes rendimentos da Ordem.

Precisava de dinheiro e de gente aguerrida e audaz para, ao seu simples mando, poder ir por esse Oceano cheio de tentações, de monstros formidolosos, de ilhas phantasticas, passar o *mar tenebroso*, rasgar atrevidamente essas lendas temerosas que obumbravam de phantasmas e de monstros o seu ambito desconhecido, e trazer-lhe noticias do que viam e se por alli poderia ir ao encantado imperio do *Preste Joham,* esse principe christão cuja morada se ignorava, ou então descobrir o caminho para chegar *usque ad Indos.*

Onde melhor acharia elementos para poder realisar o seu intento, a sua ideia fixa, tenaz, absorvente como n'essa Ordem e n'esses egregios cavalleiros, que tantas provas de arrojo, nobreza e valentia viu dar na brilhante conquista de Ceuta?

Cavalleiros destemidos e recursos monetarios alli os tinha, e, senhor do mando e de posse d'elles, armou e tripulou as caravelas e barineis, que lhe iam abrir a sua esteira de gloria e a Portugal a grandeza e poderio dos seculos XV e XVI.

Nas horas vagas deixadas ou furtadas aos negocios de sua casa, aos do mestrado de Christo e aos da politica do reino, embora pareça que não, muitas e muitas vezes vae a oeste do Algarve, ao alto cabo de S. Vicente, e alli a sós, ou com os rudes maritimos, interroga as estrellas, estuda os ventos, e tenta perscrutar os insondaveis segredos do grande Oceano.

Vivendo mais tarde na *Raposeira,* sitio abrigado, sabe de perto os terriveis effeitos do levante na famosa e formosa bahia de Lagos e porisso, auctorisado pelo seu illustre irmão, o regente D. Pedro, funda pelos annos de 1443 a sua *Villa,* na *Terça Nabal,* n'uma angra do cabo de *Traz Falmenar* para que as guarnições dos navios, não podendo ir áquella espaçosa enseada, n'esse logar achassem recursos temporaes e espirituaes.

Comtudo Lagos era, por emquanto, o centro das suas

emprezas maritimas e d'alli «partiram d'esse ninho, como diz o distincto escriptor Oliveira Martins, maritimo que foi de aguias ou gaviões do mar. D'ahi ensaiaram um vôo, ao depois estendido por todos os ceus do mundo, essas aves de larga envergadura que nas azas brancas levavam marcada a vermelho de sangue a cruz de Christo, brazão de Portugal».

Não é essa marca tão verdadeira como diz o illustre homem de lettras; por quanto nenhum documento antigo o prova, mas sim o grande cuidado que D. Henrique tinha de mandar fazer e de dar ao capitão de cada caravella uma bandeira com a brilhante cruz da sua Ordem.

Em breve infante e Ordem recebem a paga de tão esforçada lucta.

Lucta sim, e bem dura foi ella.

D. Henrique luctava: contra as trévas da Edade-Média, contra os preconceitos de seculos, contra crenças religiosas, por mais que dissesse que era em nome de Deus que isso fazia, contra a opinião do irmão-rei D. Duarte; os cavalleiros da Ordem: contra as densas trevas do mar, contra as encapeladas ondas, contra o desencadear das tempestades, contra os terrores do cabo *de Nun* (Não), contra os idolos feitos por Abrahah, mas tudo era subjugado pela sua audacia, pela sua valentia, pelo seu patriotismo, pela sua fé e tambem, diga-se, por essa nova religião, que começava a apparecer—o lucro—base do grande commercio que transformou a face da Europa.

Açores, Madeira e terras até á Foz do Casamansa eram perolas arrancadas ao Oceano, que se iam engastar no grande e brilhante diadema de gloria, que cingia a ampla fronte do insigne e illustre mestre da Ordem militar, a mais notavel dos annaes de Portugal.

A Ordem recebia em paga, de Martinho V e de Eugenio IV, por bulla de 9 de Janeiro de 1442, a jurisdicção espiritual sobre as conquistas africanas e mais tarde «o espiritual das terras conquistadas e por conquistar como se de Thomar fossem» palavras do documento com que D. Affonso V, a pedido do infante, seu tio e confirmado pelos papas Nicolau V e Calixto III, concedia, como D. Duarte o já tinha feito, essa grande mercê, reconhecendo assim os altos serviços feitos á Patria pelos cavalleiros de Christo.

Esta preciosa mercê deu origem ao vasto e gloriosissimo Padroado ultramarino, que é um dos mais bellos, ricos e sublimes florões do soberbo poderio do heroico Portugal.

Não só conquistavamos e fundavamos fortalezas por essas terras além: construiamos egrejas e os nossos padres iam por terras dentro prégar, baptisar, christianisar os povos neo-conhecidos.

O nomear, encartar sacerdotes n'essas egrejas e administral-as, eis o grande direito que pertencia á nobilissima Ordem de Christo, que não só com a rutilante espada de seus valentes cavalleiros e com os frageis baixeis desvendadores dos oceanicos terrores, concorria para a grandeza do nome de Portugal, mas tambem ia, com os seus religiosos e com aquelles a quem ella dava licença, alargar, augmentar, engrandecer a civilisação christã.

Ao deante veremos a sua grandiosa importancia e vastissima extensão.

D. Henrique, por seu turno, não esquecia os rudes batalhadores, os afortunados vencedores de tantos perigos, não punha de parte esses valentes e audazes navegadores, que, em mil occasiões, viram prestes a sepultura aberta nos insondaveis mares, nas turbinosas ondas do grande elemento.

A todos distinguia, a todos galardoava, a todos enchia de honrarias e proventos dentro da rica Ordem de Christo, querendo assim, como diz Barros, que os meritos do seu trabalho ficassem mettidos na Ordem da cavallaria de Christo que elle governava.

Assim:

Gonçalo Velho—em cujas veias corria sangue do glorioso pae do mais notavel templario portuguez, o famigerado D. Gualdim Paes e tambem o sangue real de Portugal pelo seu parentesco com o egregio infante D. Henrique, o primeiro e o mais devotado navegador d'este heroico periodo, que era já frei cavalleiro de Christo—ao cortar pela primeira vez as aguas do Atlantico, foi feito commendador de Almourol, das Pias, da Bezelga e da Cardiga e apoz a descoberta das ilhas de Santa Maria e S. Miguel foi nomeado capitão d'ellas; João Gonçalves Zarco, que parece ter nascido em Thomar, o glorioso descobridor de Porto Santo e Madeira, foi cavalleiro e capitão do Funchal; Tristão Vaz tambem cavalleiro foi; Gil Eanes, o audaz dobrador do

cabo *Buyeder* (Bojador), era escudeiro de D. Henrique e foi feito cavalleiro; Affonso Gonçalves Baldaya — que passou cincoenta leguas abaixo do cabo Bojador, até a Angra dos Ruivos, n'um barinel que foi o maior navio que até então D. Henrique tinha enviado,—era copeiro do illustre infante; Nuno Tristão, navegador até á costa de Sahará, era cavalleiro; Fernão Lopes de Azevedo,—embaixador do patriotico mestre da Ordem de Christo ao papa Martinho V a notificar-lhe a indulgencia da crusada para os portuguezes que morressem nos descobrimentos,—era cavalleiro de Christo e ao depois commendador-mór da mesma Ordem; Antão Gonçalves,—o primeiro navegador que trouxe ao reino ouro, negros da Guiné e outros productos de mercancia d'aquellas paragens,—foi recompensado com a commenda e castellania de Thomar; Lançarote,—almoxarife de Lagos, que capitaneou uma caravella e que foi até Tider, d'onde trouxe mouros captivos—foi armado cavalleiro pelo grande mestre da Ordem de Christo.

E quantos mais, cujos nomes hoje a historia não aponta, mas que foram recompensados pela grande e grata alma do egregio Mestre?!

Os papas conferiram a soberania das conquistas e das descobertas á corôa portugueza e por seu turno o rei não só doou ao immortal infante, como administrador e governador da Ordem de Christo, o espiritual d'essas terras, mas tambem *o quinto* de todas as producções trazidas ao reino pelos exploradores das regiões novas, onde ninguem podia ir com navio armado sem especial permissão do infante concessionario.

Que de riquezas não advieram d'esse tributo a D. Henrique e por conseguinte á sua heroica Ordem!

A D. Henrique nem só a navegação o preoccupa.

Amante verdadeiramente dos seus leaes cavalleiros e de Thomar, passa grandes temporadas no meio d'elles e habita os seus aposentos encostados á alcaçova da famosa fortaleza do glorioso templario D. Gualdim Paes.

Alli, n'aquelle meio, onde guerreiros tão esforçados repousavam d'uma vida laboriosa, sublime, epica, onde a flor da cavallaria portugueza descançava de trabalhos tão rudes, pesados, afanosos, onde, decerto, tambem se acolheriam os cavalleiros andantes d'essas nações da Europa, em que a cavallaria tinha chegado ao mais alto grau de

grandeza e etiqueta, devia ser bello o viver; e todos os grandes ideaes: o amor, a lealdade, a fraternidade, a não ser em algum espirito sceptico e duro, teriam um proselyto em cada um d'esses soldados, que dilatando a patria, faziam a sua gloria e a do grande vulto, que tem na historia o nome de Infante D. Henrique e que enche todo um seculo.

Alli havia de ser, não só um quartel, um castello quasi feudal, mas tambem uma academia, em que as bellas artes e os rudimentares conhecimentos, base de novas sciencias, deviam ser cultivados com esmero, suavisando as horas d'ocio d'esses homens que eram a gloria de Portugal e a honra do genero humano.

Por isso D. Henrique emprehende novas obras para largueza do convento e da commodidade dos seus homens d'armas e para satisfazer as ideias da epoca, um pouco mais dilatadas, reforma os estatutos da Ordem, para o que reune capitulo geral no anno de 1449 depois de auctorisado pelo papa Eugenio IV, que enviou um breve ao bispo de Lamego D. João.

Materialmente dota o convento com uma casa para capitulo, dois claustros, uns paços, transforma e adapta a antiga edicula dos templarios ao culto divino e funda no glorioso Restêllo uma piedosa capella.

A casa para as juntas capitulares seria ao norte dos claustros e d'ella mais nada sabemos.

Do primeiro claustro só resta a arcaria, que é um dos mais bellos trabalhos que nos deixou aquelle seculo de crentes e de fortes.

Quadrada, tendo cada lanço 5 arcos e medindo 14 metros e 30 centimetros, é do mais puro gothico.

Os arcos ogivaes elevam-se elegante e airosamente sobre formosos capiteis, onde a folha de horto, de videira e e de morangueiro são pujantemente laboradas e diversamente agrupadas de capitel para capitel.

Os fustes de suas esbeltas columnas duplas sustêem esses capiteis mais pelo aprumado de suas linhas do que pela grandeza de seu diametro.

Dedicado pelo fundador para cemiterio dos seus queridos cavalleiros, tiveram de certo alli jazida sagrada muitos d'esses benemeritos que tanto se illustraram em proezas epicas d'uma heroicidade desmedida em prol da Patria.

Alli, n'aquelle campo santo, dormiram o somno derra-

deiro esses heroes, a quem não foi dado morder, em convulsões de morte apoz lucta titanica, o ensanguentado solo de alguma batalha, ou abrir negra sepultura, como o abysmo, nas encapelladas ondas d'esse revoltoso oceano, cujos segredos queriam audaciosamente penetrar.

D'esses nada resta.

Nem um nome.

Talvez que no tempo de Filippe I ao restaurarem-n'o fizessem desapparecer do lageado pavimento as pedras com os meio apagados epitaphios d'esses gloriosos soldados, que tiveram a hombridade e amor patrio de não acceitarem e guerrearem o seu louco antecessor D. João I.

O segundo claustro é maior do que o do *Cemiterio*.

Tem duas galerias para vencer a differença de nivel do terreno. Esta exiguidade de superficie, que pela primeira vez era mostrada, e nunca até hoje notada por qualquer escriptor, decerto já em tempos posteriores se teria sentido, visto o grande incremento da milicia do Templo e da novel cavallaria de Christo.

Fundada a fortaleza por D. Gualdim Paes, aproveitou este o maximo do terreno proprio para edificações alojadoras de seus guerreiros e mais pertences; pois as continuas investidas do inimigo assim o obrigavam; mas fel-o minguamente visto o escarpado do padrasto em que assentou o seu valente e inexpugnavel castello.

Emquanto este pertenceu aos gloriosos Templarios, foi-lhes satisfazendo as exigencias que não deviam ser muitas, attento o pouco descanço deixado pelas lides da guerra, mas agora já não ia sendo assim.

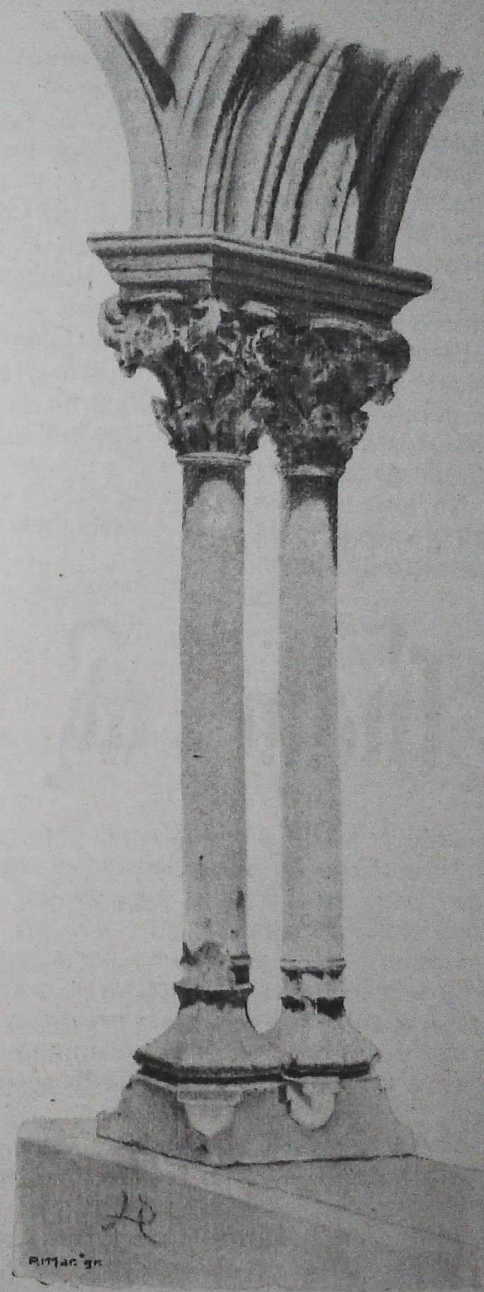
D. João I augmentou o numero dos soldados ás ordens militares cabendo 100, como já vimos, á Ordem de Christo; esta cada vez era mais poderosa, pois começava a colher os custosos fructos dos descobrimentos e conquistas, para a realisação das quaes pelo seu amor da patria, tanto contribuiu na principal parte na sua execução; por isso o ambito do seu quartel já mal comportava tão grande numero de guerreiros, embora estes não tivessem por costume residir todos dentro de seus muros.

D'ahi veio o adaptar-se a antiga fortaleza dos cavalleiros do Templo ás novas necessidades e resultou a dilatação dos alojamentos, para o que se teve de recorrer a desnecessarias obras d'arte; e mais adeante veremos com o de-

correr dos annos a quantas mutilações e grandiosas despezas esta falta de terreno, deu origem.

Foi este claustro edificado fóra da muralha do castello, o que se prova ainda hoje por se vêr um boccado da cortina d'aquella, e em continuidade dos paços que o immortal infante mandou edificar para sua morada, e por depressão do terreno houve de ter duas galerias sobrepostas como já dissemos, para que o pavimento da superior fosse ao nivel do piso do andar nobre do paço e do pavimento do claustro do *Cemiterio*.

Quadrado, tendo cinco arcos cada lanço e medindo $18^{m},40$, era de uma simplicidade extrema a arcaria inferior.

Ogival, de paredes grossas, não tinha nenhum ornato digno de nota, mostrando talvez assim o seu modesto fim.

Columnas do claustro do cemiterio

Mas se esta galeria não apresentava galas, guardou-as o talento do artista para a superior que era, attentos os destroços, um verdadeiro modelo do ogival portuguez.

Esta, de proporções eguaes á de baixo, ostentava a sua elegante arcaria.

As columnas duplas, como as do *Cemiterio*, eram mais delicadas, mas da mesma riqueza de ornatos do que as d'aquelle, o que nos mostra ser o mesmo architecto quem delineou estes dois bellos claustros.

Estamos chegados ao ponto de poder levantar da obscuridade este distincto e illustre artista, cujo nome, parece-nos, tem jazido no mais indifferente esquecimento.

Não o encontrámos em nenhum auctor, mas vemol-o gravado na sua propria obra.

No angulo sul poente do claustro do *Cemiterio* está a seguinte assignatura que, o mais fielmente que podemos, aqui reproduzimos:

TRADUZINDO: *Fernão Alvares fez*

Hoje d'este formoso claustro só resta: a arcaria inferior e os destroços das duas galerias que criminosamente alli jazem em disformes ruinas.

Como é triste vêr cahido por terra o que foi grande e formoso e onde os destemidos e audaciosos soldados do inclito infante mal descançavam d'essas gigantescas luctas do mar e das conquistas e entretinham os estreitos ocios em palestra viva e animada referindo actos de valor e heroicidade!

Por entre as fendas das aluidas e carcomidas paredes vegeta hoje a hera em festões luxuriantes e os pios das agoureiras corujas e o grasnido dos solitarios corvos enchem de desolução os espaços.

Triste, muito triste!!

Mas o progresso não pára, bem o sabemos.

Tudo transforma, mas conservemos o que nos deixou

de bello e sublime o passado para proveitosa lição do presente e direcção e guia no futuro.

Antes de continuar, paremos um pouco e vejamos o triste pretexto que D. Henrique tirou das obras do quartel da sua heroica milicia, ao lhe serem pedidos, pelo seu nobre e illustre irmão D. Pedro, os seus bons officios a favor d'elle que tanto lhe eram precisos contra o furor desencadeado dos seus miseraveis inimigos.

Esta desculpa é uma mancha indelevel que jámais será esquecida por qualquer escriptor, que com criterio e justiça se occupe de tão alta personagem.

A historia, a grande mestra da vida, não póde nem deve ser só a narração dos brilhantes feitos d'um povo ou de um heroe, das inclinações d'esse povo ou dos irreprehensiveis traços do caracter d'esse vulto.

Com justiça enaltecerá os actos homericos dos dois para estimulo e galardão, e com a mesma justiça não occultará as perversões dos mesmos para exemplo e castigo.

D. Henrique é um lucido espirito, uma grande alma, grato e recompensador em alta monta a quem o bem servia, mas não poude furtar-se ás fraquezas da triste condição humana.

Pois o que foi senão uma fraqueza o abandono a que votou o seu illustre irmão, o grande D. Pedro, o illustre cavalleiro de Christo?

Poderia D. Henrique ser ingrato, poderia desamparar nas horas precisas a outrem, mas seu nobre irmão, a quem devia os primeiros e mais ricos conhecimentos cosmographicos que o fizeram com tanto afan dedicar-se aos estudos que o enriqueceram e á Ordem de Christo e que trouxeram a Portugal os seus mais bellos e brilhantes dias de gloria e triumpho, isso nunca; porque D. Pedro, digno irmão do egregio mestre de Christo, pelo talento e valentia, era dotado d'um nobre e immaculado caracter e d'um abalisado criterio politico.

Talvez fosse este ultimo predicado a causa do desprezo a que foi lançado.

D. Pedro oppoz-se com todas as forças da sua erudição e conhecimento do mundo á desastrada expedição de Tanger; d'ahi talvez, os ouvidos moucos ás suas supplicas por parte d'aquelle que tudo sacrificava á grandeza da sua Ordem e á dilatação da Patria.

O abandono foi grande e se não désse ou não fosse tão grande, Alfarrobeira não seria uma nodoa negra, e das mais negras, na historia portugueza.

Quando no mais acceso da lucta os inimigos de D. Pedro se armavam com as armas mais vís, mais peçonhentas contra elle, chamava a Coimbra, séde do seu ducado, a D. Henrique para lhe pedir conselho e fazer d'elle juiz recto e imparcial perante o sobrinho, D. Affonso V e fazer assim cahir a calumnia e descobrir os odientos calumniadores.

Mas triste é dizel-o, D. Henrique respondia, a tão nobre apello, fria e seccamente:

As obras do seu convento não o deixavam afastar d'alli!

Na edicula templaria, adaptando-a ao culto catholico, sob a invocação de S. Thomaz, arcebispo d'Inglaterra, mandou construir um côro nas duas faces do angulo opposto á porta de entrada e ao pé d'esta mandou erguer uma torre.

Os paços construiu-os D. Henrique entre o oratorio particular dos templarios, já a estas horas por elle transformado para servir de egreja e a alcaçova do castello para a banda do norte da grossa muralha.

D'elles vagas noticias temos, e difficil nos seria reconstruil-os para os descrever; no entanto ainda hoje se vêm restos d'essa casa, que devia ter sido opulenta.

N'elles sabemos nós que morreu D. Duarte ao vir com a mulher e os filhos de Ponte de Sôr.

Chegando a Thomar pousou nos paços da Ribeira, onde logo adoeceu de febre mortal, que doze dias nunca o deixou e entrando no treze, que eram nove de setembro de 1438, em que grande parte do Sol fez crís, morreu já nos paços do convento.

A causa da morte ficou ignorada.

A conferencia de sete physicos da real comitiva e dos infantes nada adeantou e as suas opiniões foram quasi tantas como as cabeças que n'ella tinham entrado.

Uns disseram que quando D. Duarte passára pela Ponte de Sôr, mostrando rijamente com a mão direita a altura de um cubêlo que ahi mandava fazer, se desencaixára o braço a que depois correra humor com que se apostemou; outros opinaram que fora febre muito aguda e outros que fora pestança e ainda houve quem opinasse que fôra a grande tristeza e continua paixão que lhe tinha causado a desventura do cerco de Tanger.

Tão escassas são as noticias que temos sobre a doença que victimou o infeliz D. Duarte que não podemos de positivo inclinarmo-nos para qualquer das opiniões emittidas.

Comtudo devemos ter muito em conta a hypocondria de que tanto soffreu em vida e os gastos da viagem que disporiam admiravelmente bem o seu enfraquecido physico a receber as emanações palustres da região que percorreu, ou o declararem-se os germens da peste, essa terrivel epidemia de que elle andava a fugir.

Logo que morreu D. Duarte, senão antes, foram chamados a Thomar seus irmãos que estavam dispersos por differentes sitios do reino: D. Pedro em Coimbra, de que era senhor; D. Henrique, que, desgostoso pelo desastre de Tanger, nunca mais tinha vindo á côrte, estava no Algarve; D. João, aggravado o seu mau estado de saude, jazia no leito em Alcacer do Sal.

O primeiro a chegar foi D. Pedro.

Apoz a morte, foi o corpo d'el-rei logo mettido em uma tumba, e com tochas, cruzes, religiosos, clerigos e com outra nobre companhia, levado a sepultar ao mosteiro da Batalha.

O infante D. Pedro ficou para ordenar o alevantamento do principe D. Affonso em rei que com a devida cerimonia se fez no outro dia, quinta feira, 10 de Setembro.

Mandou D. Pedro fazer entre o convento e os paços do castello um assentamento ricamente guarnecido, como para o auto cumpria.

A' tarde d'esse dia, o infante com todos os fidalgos e nobre gente da côrte foram aos aposentos do infantil Principe, que eram dentro do convento, vestidos por então os corpos dos pannos mais ricos, mas as almas e caras de clara tristeza, que em todos não era fingida, mas verdadeira e justa, não só pelo passamento de D. Duarte que era muito virtuoso, de grande humanidade e boa condição, mas tambem por os corações lhes revelarem as grandes divisões e muitos trabalhos em que pela successão de tão novo rei se haviam de ver como infelizmente se viram.

O gentil principe, que ia ser acclamado rei, tinha seis annos d'edade e posto em vestiduras reaes e acompanhado por todos, veiu dos seus aposentos ao assentamento onde pelo infante D. Pedro, com grande reverencia e muito acatamento, foi posto na cadeira real.

Regulada segundo as influencias e cursos dos planetas por mestre Guedelha, singular physico e astrologo, a hora melhor em que se poderia dar aquella obediencia, o infante D. Pedro volvendo a continencia ao povo e com grande segurança e palavras mansas, fez n'um discurso, digno da intelligencia d'elle, a apresentação do sobrinho, como rei, aos circumstantes.

Mestre Guedelha, que estava perscrutando no emtanto os astros, annunciou ao infante que era chegada a melhor hora para fazer a dita obediencia, o que D. Pedro aproveitou pondo os joelhos em terra e tomando as mãos do Principe beijou-lh'as, acção que logo foi seguida por todos os que estavam presentes.

Depois o alferes-mór D. Duarte de Menezes, filho do conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta, de bandeira Real desfraldada, com os reis d'armas e arautos, começaram alli sua grita e depois foram pela villa repetindo-a tres vezes, segundo o costume com toda aquella cerimonia e solemnidade que a tal acto real pertencia.

Acabada a acclamação, D. Leonor tractou logo de dar cumprimento ao testamento de seu marido, convocando para assistirem á sua leitura nos seus aposentos o infante D. Pedro, o arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha e as outras principaes pessoas que estavam em Thomar.

Perante os quaes, em presença de notarios publicos fez abrir e ler o testamento.

Com admiração e grande espanto dos ouvintes achou-se n'elle nomeada regente do reino e tutora de seu filho.

Os assistentes tinham rasão no seu espanto.

Pois D. Duarte vae entregar a regencia do reino a sua mulher e extrangeira, quando havia em Portugal, o illustre sabio, seu irmão D. Pedro que já tinha revelado quem era e ao depois n'uma sublime vida que o levou ao martyrio, mais provou a sua alta capacidade governativa?!

Fraquezas de esposo amantissimo!!

D. Henrique, avisado da doença do irmão, quebrou o isolamento, a que se tinha votado e vem do sul do paiz, apressando suas jornadas, e em poucos dias chegou aos paços do seu convento onde já achou o rei fallecido e grande murmuração por ser a rainha a regente.

Não sabemos a opinião do grande D. Henrique n'este melindroso assumpto; mas o que é certo é que apoz a sua chegada houve conselho em que se deliberou o que se havia de fazer antes de irem á Batalha ao sahimento.

Jurar o infante D. Fernando irmão d'el-rei D. Affonso V, principe herdeiro, visto aquelle por sua nova edade, estar sujeito a muitos casos e desastres; e a reunião das côrtes, para de accordo com ellas, prover a tudo quanto fosse necessario á governação e á defensão do reino, foram as principaes decisões da importante junta.

Não socegou o sabio infante D. Pedro sem que as pozesse em pratica para assim poder desmentir as calumnias dos seus adversarios. A primeira fel-a realizar perante notarios publicos, que deante de D. Henrique, conde de Barcellos e dos outros Senhores por si e por todos os do reino, lavraram o competente auto de juramento pelo qual o infante D. Fernando se ficou chamando principe até que D. Affonso V casou e a mulher teve filhos.

Alli, n'aquelle glorioso quartel da illustre Ordem Christo, era agora jurado D. Fernando como principe herdeiro de um throno que nunca chegou a occupar, mas, mais tarde, veiu a ser o mestre, o commandante da temeraria milicia que n'esse momento sagrado o via jurar e que elle havia de levar não só a uma empreza louca, arrojada, invencivel; como tambem a emprezas heroicas, gloriosas e triumphaes.

Pelo convento e por Thomar estiveram até que no fim do mez de outubro partiram: o rei, seu irmão o principe D. Fernando, a rainha, os infantes, prelados, condes, senhores, etc., para a Batalha a assistirem ás exequias do defunto monarcha e d'ahi seguiram para as côrtes reunidas em Torres Novas.

Deixemo-los por lá andar, aonde o glorioso mestre da Ordem de Christo, o immortal infante D. Henrique, infelizmente, começa o seu reprehensivel procedimento para com seu sabio e illustre irmão D. Pedro e vejamos a continuação do governo da sua Ordem em que tanto se illustrou.

No espiritual do *Exempto* de Thomar tambem providenciou.

Havia n'elle sómente seis capellas que eram: Santa Maria das Pias, Santa Maria das Olalhas, Santa Maria da Serra, Santa Maria dos Casaes, alem do rio, e d'aquem: Santa Maria Magdalena e Santa Maria da Sabacheira.

Todas estas egrejas eram subordinadas ao Prelado de Santa Maria dos Olivaes, a cuja egreja vinha todo o povo do termo de Thomar baptisar-se; á excepção do das Pias, pois sómente n'esta egreja é que havia outra pia baptismal.

D. Henrique, vendo o augmento da população, por graça especial para com o vigario de Thomar, frei Affonso, concedeu aos povos de Olalhas terem pia baptismal.

Mais tarde fez-se uma na egreja de S. Pedro da Bebirriqueira, que era ermida da capella de Santa Maria da Serra; outra em S. Miguel dos Porraes, que era ermida da capella de Santa Maria do Castello; outra em S. Pedro de Albiubeira, que era ermida da capella de Santa Maria das Pias.

A lei organica da Ordem tambem soffria modificação.

Para isso fez D. Henrique reunir capitulo geral em 1449.

Alongado seria este trabalho se publicassemos toda a legislação reguladora dos direitos e dos deveres dos cavalleiros de Christo, mas se não podemos reproduzil-a por grande, damos no emtanto o que se nos offerecer de mais interessante.

A primeira cousa que, n'esse capitulo, D. Henrique e mais cavalleiros, deliberaram foi assentar de vez em Thomar a casa capitular da Ordem; pois até alli só tinha sido por costume e tolerancia.

Deliberaram mais que todos os membros da Ordem podiam testar livremente metade dos seus bens moveis e os testamenteiros podiam ser quaesquer pessoas, mas, deviam ser christãs.

Tractaram tambem sobre o habito da Ordem.

D. Henrique não achando em regra nem estatutos nenhuma fórma do habito e vendo que os cavalleiros usavam uma cruz vermelha aberta em branco no peito, que nas festas traziam mantos brancos compridos, pelos artelhos, determinou, que d'ahi para deante se usasse o manto branco com os quaes deviam apresentarem-se nos actos religiosos, commungar e serem enterrados.

Deviam estes mantos chegar ao artelho sendo abertos pela direita. Esta era a forma que usavam habitualmente os que andavam a pé, os cavalleiros tinham o habito sómente até ao joelho por causa das armas, tendo tanto uns como outros a cruz, sempre direita, no peito.

Assim deviamos vêr hoje a hirta figura do grande e immortal infante D. Henrique, se não fosse a aberração artistica de quem a delineou, ao transpormos o limiar da monumental e grandiosa portada da notavel egreja dos Jeronymos, d'essa formosissima fabrica que substituiu a solitaria e piedosa capellinha que a inabalavel Fé e christã Caridade do *Navegador* fez surgir do pittoresco ancoradouro do Restêllo.

Foi a creação d'este santuario um dos ultimos actos da grande vida do immortal infante.

Vendo elle que n'aquella parte do Tejo se juntavam e permaneciam muitos maritimos, por n'ella terem boa estancia e a quem faltava agasalho, missa, os ecclesiasticos sacramentos, sepultura sagrada, e agua propria para embarque, mandou alli fazer uma egreja, pondo-lhe o nome de Santa Maria de Betlem, um cano, chafariz e fonte para uso da dita egreja.

Alem d'isso era de uso sómente haver nas naus missa secca o que fez determinar que commungassem alli primeiro para não irem desprevenidos, os que embarcavam para os descobrimentos.

Aos religiosos freires da patriotica Ordem de Christo confiou D. Henrique essa ermida e mais pertences e não quiz o grande mestre deixar de existir sem fazer doação d'ella á sua Milicia, o que dispoz dois mezes antes de morrer.

N'esse elevado documento diz elle:

«E attendendo eu como tenho recebido muitos bens da dita Ordem e assim das pessoas d'ella como da renda, faço pura e irrevogavel doação para todo o sempre á dita Ordem da dita egreja, agua e terra que lhe comprei, as quaes alli dotei e annexei á dita egreja com certas condições escriptas; saber que da agua haja a Ordem sempre servidam, para o que lhe mister fazer para seus pomares e hortas e outra qualquer despeza, e que outro sim os ditos caminhantes e os dos navios hajam e se possam servir da dita agua, assim para beber como para suas bestas e gados e seus usos dos ditos navios, pela qual agua não pagarão nenhum tributo á dita Ordem nem a outra pessoa; sómente em reconhecimento do bem que assim recebem refresco, e folgança que dão aos corpos e salvação que dão ás suas almas, lhes apraza, por minha contemplação, dizer uma vez um Pater Noster e Ave Maria cada um por

salvação da minha alma e por os que eu sou obrigado a rogar.

. . . .

«Por as quaes herdades e outras cousas que assim comprei, e houve para a dita egreja praza ao capellão que n'ella estiver dizer cada semana uma missa de Santa Maria, ao sabado, por minha alma e a commemoração seja de Espirito Santo com seu responso e a oração *Fidelium Deus*. Antes de começar a missa se volva o sacerdote para os que a ella estiverem pedindo-lhes, alta voz, no amor de Deus, que digam o Pater Noster e Ave Maria pela minha alma, por esta egreja que mandei fazer e dos da Ordem e d'aquelles que obrigado sou.»

E assim se fez até ao mestrado de D. Manoel.

Depois veremos o destino que teve esta piedosa doação.

Aos freires do Convento de Christo fez elle tambem uma doação que foi a dos rendimentos das boticas que mandou construir na praça de Thomar com o encargo de dizerem cem missas durante o anno, por alma d'elle.

Chegamos ao termo d'este grande mestrado.

E' brilhante este periodo dos seus 43 annos annos em que os valentes e heroicos soldados da gloriosa cavallaria de Christo, aconselhados e guiados pelo alto e culto espirito do seu mestre, vão de mar em fóra dilatar a patria e guerrear os inimigos da cruz.

Este foi o fim primitivo da Ordem, mas que nos patrioticos tempos de agora se duplicou com o grande auxilio prestado ao immortal *Navegador*, sem o qual seria talvez nulla a acção do grande homem nos destinos da Patria.

Sublime missão a da illustre Ordem de Christo!!

Muito se tem escripto e dito d'este grande mestre da nobre Milicia de Christo, e não seremos nós que nos alongaremos mais sobre tão notavel vulto da historia d'esta famigerada cavallaria, mas não nos podemos furtar a reproduzir aqui estas palavras do illustre historiador Oliveira Martins, que em tudo são o mais fiel retrato do inclito filho de D. João I.

«Tenaz e até duro de caracter, D. Henrique sacrifica tudo aos progressos da sua empreza: nem o dobram as lagrimas do irmão infeliz sacrificado em Tanger, nem os conselhos, nem as supplicas do outro irmão, o nobre D. Pedro talvez por sua culpa morto em Alfarrobeira. Ás conquistas de Africa immolou os dois principes; ás navegações os seus ocios, as rendas da Ordem de Christo, e as vidas obscuras dos muitos que morreram ao longo das costas ou na vasta amplidão dos mares terriveis. Dominado por um grande pensamento, é deshumano, como quasi todos os grandes homens; mas, no limitado numero dos nossos nomes celebres, o de D. Henrique está ao lado do primeiro Affonso e de D. João II. Um fundou o reino, outro fundou o imperio ephemero do Oriente: entre ambos, D. Henrique foi o heroe pertinaz e duro a cuja força Portugal deveu a honra de preceder as nações da Europa na obra do reconhecimento e vassallagem de todo o globo.»

Morto o inclito mestre foi eleito para essa alta dignidade *D. Fernando*, filho de D. Duarte.

Era este principe muito querido de seu tio, D. Henrique, não sendo raro encontrar mais de um documento em que o denominava seu filho adoptivo, chegando mesmo a ser perfilhado por elle, como tinha promettido á cunhada para esta demover o marido D. Duarte a ajudal-o na conquista de Tanger em 1451.

Em virtude d'isso deveu D. Fernando a investidura de tão honroso cargo e, como o immortal infante, foi *Administrador e governador* de todos os bens e rendimentos da Ordem.

Criado na grande escola scientifica e cavalleirosa do tio, de bem novo o vemos a seu lado na porfiada vida dos descobrimentos e conquistas.

Avido de gloria para poder hombrear com os innumeros cavalleiros da brilhante pleiade começada em D. Nuno Alvares, e das esporas d'ouro para poder ser contado no numero d'elles, vae enfileirado nas hostes commandadas por seu irmão D. Affonso V á Africa e entra na gloriosa tomada da forte Alcacer Ceguer, onde colhe gloria imperecivel; pois foi um dos mais esforçados guerreiros que debaixo das ordens de seu tio investiu contra as valentes portas da fortificadissima praça.

Voltado a Portugal, não tardou muito a collocar-se á frente dos valentes e ricos cavalleiros de Christo, a quem já ia commandar, levando-os sempre audaciosamente á victoria, que na sinistra Tanger se devia eclipsar, para que o anjo fatal das batalhas escrevesse na historia da gloriosa milicia de Christo e nos fastos nacionaes essa

triste pagina da morte e do captiveiro dos trezentos portuguezes, a flor do exercito, dentro das muralhas da já bem funesta cidade.

Acabrunhado, e vergando ao peso de tão grande responsabilidade, voltou á patria entregando-se á Administração e governação da Ordem, em que deu provas de zeloso e virtuoso mestre.

Senhora a Ordem de Christo do espiritual de todas as terras descobertas e conquistadas, continuou D. Fernando o christão e patriotico pensamento de D. Henrique.

Chamar gentes de varias partes, distribuir-lhes terras, conceder-lhes privilegios, fundar povoações, construir egrejas, emfim povoal-as, eis a grande politica d'este mestre, que em tudo quiz seguir as pisadas do seu immortal antecessor para grandeza e gloria da Ordem, que tinha a si arrogado a nova cruzada de dilatar a sublime religião do martyr da Judéa, engrandecendo o heroico e civilisador Portugal.

Alguns foram os templos fundados por este mestre nas novas terras, sobresahindo o da capitania de Machico, a que mandou prover de tudo em seu testamento e nomeou para seu primeiro reitor a João Garcia, seu capellão, a quem fez cavalleiro de Christo.

Em 1468 vemos novamente D. Fernando ardendo em fervor bellico e cavalleiroso á frente de nova expedição a Africa, mas d'esta vez resgata a vergonha da temeraria investida de Tanger, cobrindo sua fronte com os louros da tomada da grande Anafé.

Satisfeito por dar pasto ao seu genio guerreiro e aventuroso e colher esses louros, que eram partilhados pelos seus fieis cavalleiros vem para o reino, mas pouco tempo sobrevive a esta façanha, que tanta gloria lhe deu.

Dez annos administrou e governou a Ordem, morrendo em 18 de setembro de 1470 em Setubal, d'onde foi trasladado a Beja, sendo sepultado n'um jazigo na capella-mór do mosteiro, que sua mulher alli mandou fundar.

Succedeu-lhe em todas as honras e senhorios, seu filho primogenito, *D. João*, que devemos contar tambem no numero dos mestres de Christo, embora nada d'elle reze a historia e tivesse gosado pouco tempo d'essa honra.

Fallecido em 1472 é seu irmão *D. Diogo* o herdeiro de toda a sua fortuna e titulos, incluindo por conseguinte o mestrado de Christo.

Menor, teve que empunhar as redeas da administração e governação da Ordem, sua mãe a infanta D. Beatriz, filha do infante D. João, para o que teve de impetrar do Pontifice uma bulla de auctorisação.

Agora não era o capricho d'uma rainha, como no caso do egregio filho de D. Maria Telles, que fazia com que uma creança subisse ao alto cargo de mestre da mais rica e cavalleirosa Ordem que havia em Portugal.

Não, não era esse capricho feminil d'essa libidinosa mulher que fez perecer a infeliz irmã ás mãos do terrivel esposo, o infante D. João, ou revoltar a população de Lisboa, acclamando esta o mestre de Aviz.

Não era o capricho agora, era o poder, ainda que vagamente esboçado, do absolutismo, da concentração real, que se ia lentamente levantando e que em breve se levantaria ao sopro potente do grande homem que na historia patria tem o nome de D. João II, seria impellido vertiginosamente por D. Manuel e finalmente assente e robustecido por D. João III.

Cahia a idade media, essa ainda mal definida epocha da historia humana, e com ella acabava tambem esse radiante periodo da lealdade, do valor e do amor, para se erguer ao abalo potente dos legistas, dos lettrados a nova era da diplomacia, do interesse, da astucia, em que o povo é esmagado pela sua companheira de seculos—a realeza—, em que os municipios vão perdendo a sua independencia, as cortes não se reunem, o rei é dono e soberano e em que finalmente a sua vontade vae imperar altiva e absolutamente.

Gregorio XI e decerto o seu successor Urbano VI, apezar das funestas divergencias que reinavam ao tempo na Egreja christã do Occidente, tiveram escrupulos, reluctancia em ceder aos rogos do rei D. Fernando, mas Xisto IV nada o deteve e outorgou logo a bula pedida.

Oh! os tempos eram outros. Então uma creança que devia ser o grande papa Leão X não era cardeal aos onze annos!!

Até o papado declinava do soberano poder, minado por esse outro, que tudo investia.

Por alguns annos D. Beatriz administrou e governou

desveladamente o mestrado, sendo bastante ciosa pelos direitos e regalias da alta dignidade, em que a menoridade de seu filho a tinha investido.

Um exemplo é bastante.

João Gonçalves Zarco, fundando a villa do Funchal, viu que não tinha sacerdotes seculares com jurisdicão parochial, por isso escreveu ao infante D. Henrique, como mestre da Ordem de Christo que era a padroeira, a pedir-lh'os; este ordenou a Frei Pedro Vaz, prior então em Thomar, que provesse aquella falta. Frei Vaz mandou immediatamente á Madeira um sacerdote com titulo de Vigario e outros com titulos de beneficiados.

Porém o bispado de Tanger, cuja creação teve logar pela bulla de Xisto IV em 1472, era de uma area muito limitada por estar na fronteira de inimigos infieis, o que fez crear desejos ao prelado D. Nuno de estender a sua jurisdição a territorio mais favoravel. Tendo esses desejos e sabendo que continuava a existir essa falta, impetrou do mesmo papa, sem licença do rei, um breve para annexar á sua diocese a ilha da Madeira; o que sabendo a infanta D. Beatriz, expediu, sem perda de tempo, uma ordem ao capitão do Funchal que nem a tal bispo consentisse na ilha nem o povo lhe obedecesse.

O Vigario de Thomar tambem juntamente mandou identica provisão, promettendo que em breve o rei crearia alli um bispado o que não se poude realisar n'este mestrado, mas sim no seguinte.

Chegado D. Diogo á maioridade, sua mãe deu pressa em lhe entregar o mestrado, alto cargo para ser administrado e governado pelas debeis mãos de uma mulher, agora mui principalmente n'esta quadra de conquistas e descobrimentos, em que, quasi, a guerreira Ordem substanciava em si todo o movimento de expansão do activo e valente Portugal, que era levado ovante nas pandas vellas de mil navios onde agora orgulhosamente ja rebrilhava a vermelha cruz, signal, cuja irrefragabilidade não se póde contestar, de que só com permissão da Ordem de Christo podiam aventurar se aos mares nunca d'antes navegados.

Que gloriosissima missão foi a da Ordem de Christo!!

Pouco tempo esteve á frente das aguerridas hostes dos cavalleiros da sua nobre Ordem; pois a loucura do seu genio e a vaidade da sua edade fizeram com que em breve fosse riscado do numero dos vivos.

Rico, creança e vaidoso, chefe nominal de uma aristocracia que não podia tolerar a nova era que despontava, nada de certo se importou com a Ordem, em que seu tio e seu pae tanto se illustraram, e por isso as velhas chronicas são mudas sobre o seu mestrado.

Cahindo ao punhal homicida brandido por mão regia, na casa de Nuno da Cunha, em Setubal, atemorisada a nobreza por este habil golpe, desafogava o caminho da governação do estado a D. João II e vagava o mestrado de Christo, em que seu irmão *D. Manuel* lhe succede por ordem e mando de D. João.

Vamos entrar n'um dos mestrados mais importantes d'esta gloriosa milicia, que, senão fosse a mudança completa que a sociedade portugueza soffreu, resentindo-se principalmente a cavallaria, seria o mais brilhante, o mais illustre, o mais esplendoroso da illustre historia da Ordem de Christo.

Não decerto devido ao tacto governativo, ao esforço heroico, ao sublime patriotismo do seu mestre, D. Manuel, duque de Beja, mas sim á valentia, ao denodo, ao patriotismo dos membros de tão briosa milicia.

Tinha chegado esta ao mais alto grau de prosperidade: thesouros accumulados, e soldados os mais valentes.

Do espiritual das terras, que faziam accrescentar ao nome de D. João II o de rei de Portugal d'áquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné; e dos tributos sobre todas as mercadorias, principalmente da Guiné, sem exclusão dos escravos e do ouro, vinham enormes rendimentos, que abarrotavam as arcas marchetadas da poderosa cavallaria; das familias mais illustres chegavam a Thomar para se alistar na milicia de mantos brancos os mais esforçados e valerosos campeães, que em actos homericos e em façanhas sobre-humanas queriam alcançar as reluzentas esporas de cavalleiro da Ordem, á qual Portugal já devia a grandeza do seu poderio e ia abrir as portas da immortalidade a este povo tão pequeno, mas cujo nome jámais foi egualado em gloria e fama por qualquer outro.

Ia pois D. Manuel ser senhor d'um poder enorme, que só por si seria o sufficiente para que se lhe chamasse o *Venturoso*.

Oito annos governou a Ordem, sem que nenhum facto de monta, que nós saibâmos, atteste esse periodo durante o qual D. Manuel talvez aterrorisado ainda pelo tragico espectaculo do cadaver ensanguentado de seu leviano irmão ou talvez com medo do *homem* que fez curvar a potente cerviz da fidalguia, que os desvarios do pae tinha ensoberbado, se limitou a ser só seu *administrador e governador*.

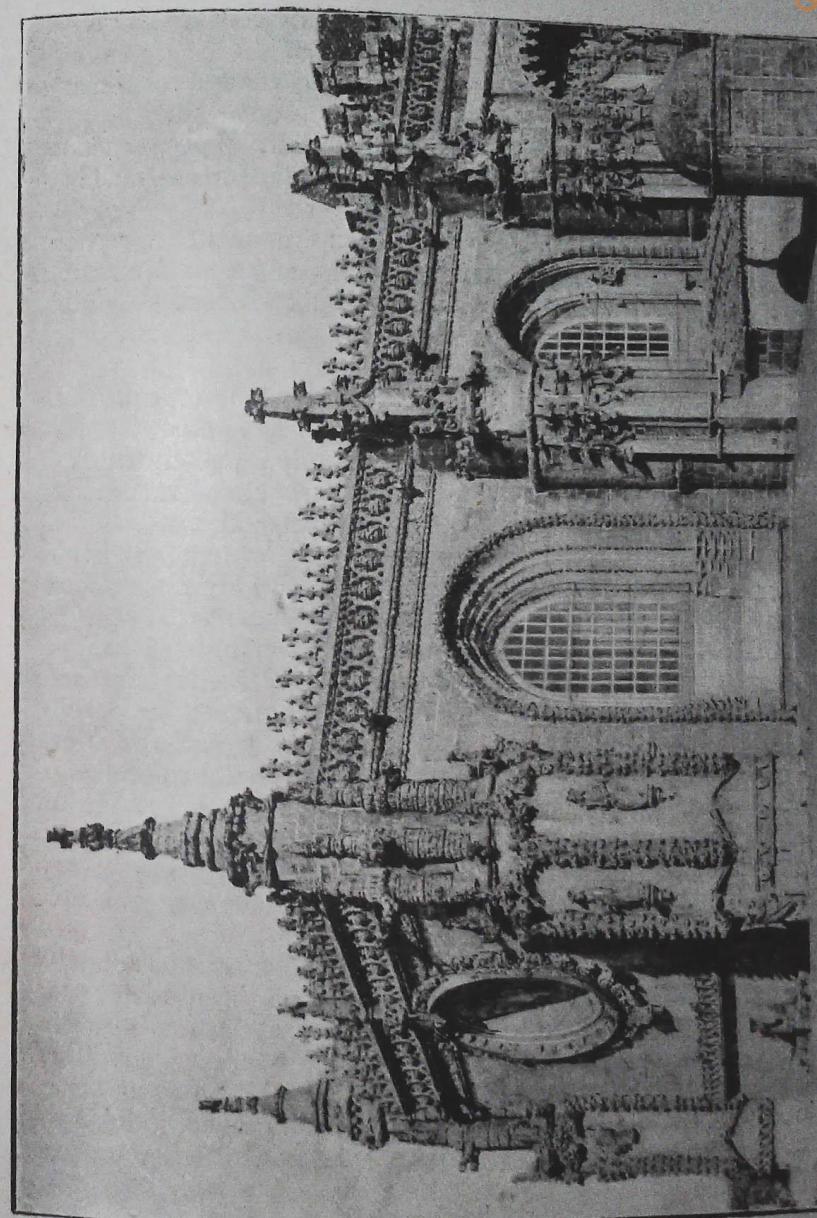
Causas varias faziam com que não fossem muito prosperos os tempos á moralidade por essa occasião, e D. Manuel vendo a licenciosidade que ia nos soldados da sua milicia ou quizesse obrigar a que se cumprisse o *Estatuto* que talvez já precisasse de reforma, convocou capitulo geral em 1492.

Reuniu se em Thomar e sob a sua presidencia muitas cousas deliberou, não podendo nós, por longas, dar narração de todas ellas, limitando-nos a apontar as que nos parecem principaes e interessantes.

Tinha esta Ordem, como a sua anterior, tres votos fundamentaes na sua regra: Castidade, Pobreza e Obediencia.

O de Castidade não foi rigorosamente cumprido desde o principio, tanto mais agora que o christianismo já não era a religião dos crentes, dos fanaticos e em que os costumes um pouco livres minavam todas as classes sociaes.

Por isso o capitulo impetrou do papa Xixto IV e depois de Innocencio VIII uma bulla em que fosse alterado o Estatuto, dando licença aos commendadores e cavalleiros para poderem casar, ficando sómente obrigados a fazerem o voto de castidade conjugal para que não tivessem descendencia bastarda o que D. Manuel não conseguiu d'estes pontifices, não sabendo nós as razões de tal, alcançando-a mais tarde de Alexande VI em 1496 sendo já rei e sómente para os commendadores que d'ahi em deante se fizessem e não para os que existiam.

O de Pobreza quasi que tambem não se chegou a observar, tal foi sendo a grandeza da Ordem; comtudo, ainda se observava alguma cousa que era: os capitulares não poderem dispôr do que licitamente adquiriam, pertencendo tudo quanto tinham ao seu Instituto, á excepção de metade dos bens moveis. N'este sentido tambem o capitulo proveu, sendo approvado pelo papa, que pagando cada um dos professos tres quartos das rendas de um anno de suas commendas, beneficios e tenças, podessem em suas vidas e por suas

EGREJA DO CONVENTO DE CHRISTO (Parte superior do côro)

mortes testar, não sómente dos bens que tivessem por direito pessoal, mas dos que adquirissem com os fructos e rendas de suas commendas e beneficios.

Outro abuso grande que de ha muito andava inveterado nos cavalleiros era o não habitarem no convento.

Uns tinham alli a sua residencia, outros não; era costume já velho, vindo desde o regresso da Ordem de Castro-Marim para Thomar.

Determinou-se portanto que d'ora em deante vivessem todos em commum no convento; para o que se fez lançar fóra d'elle os moradores leigos, que alli viviam, pagando-se-lhes todavia as casas em que vinham residir em baixo na villa.

Como era grande o movimento documental da Ordem definiu-se tambem que se escrevesse um *Tombo*, onde se exarassem todas as escripturas e titulos pertencentes á Ordem de Christo e da sua antecessora, a Ordem dos Templarios.

N'outro logar falaremos d'este importantissimo livro; e vamos vêr o que este capitulo accordou sobre a applicação dos enormes thesouros, de que a Ordem era senhora e que, devido ás tendencias da epocha, não eram empregados senão na religião ou em obras, que a ella dissessem respeito, decidindo por isso fazer o augmento da egreja; pois o antigo templo, que D. Henrique transformou era exiguo, não podendo comportar todos os membros da communidade, nem satisfazer tambem ás exigencias do culto.

Foi portanto augmentado com a pequena parte do corpo e com o vasto, formoso e rico côro, que formam no seu conjuncto um dos monumentos mais originaes e mais bellos de Portugal.

Escassos são os nossos recursos para de tão soberba construcção darmos cabal noticia, mas tentaremos esboçar a largos traços essa fabrica, que tanto enthusiasmo e encanto nos produz ao contemplarmos suas pedras rendilhadas, que o tempo ennegreceu, mas que são paginas vivas e eloquentes da historia patria e inconfundiveis modelos da evolução architectonica que entre nós teve o nome de *manuelino*.

Antes de descrevermos este patriotico monumento que honra os architectos que o delinearam, e que marca o ponto culminante em Portugal d'essa sublime arte que faz perpetuar na dura pedra o sentir d'uma geração e falla eloquentemente da epica e gloriosissima missão d'um povo, seja-nos licito emittir a nossa humilde e profana opinião sobre assumpto tão complexo, acerca do qual tantos e tão illustres criticos tem traçado as suas experimentadas armas.

A influencia artistica de todos os povos que de longes terras vieram assentar tendas sobre o uberrimo torrão da peninsula, fez-se sentir em todos os tempos.

A raça aborigene era de uma tão grande susceptibilidade artistica, que, confundindo se com aquelles deu origem a uma nova raça, que tinha no mais alto grau o sublime culto da arte.

Desde a mais remota antiguidade nós vemos provas de manifestações artisticas, mas deixemos esses tempos; pois não é nosso proposito ir alem do principio da monarchia, no fugitivo delineamento da evolução architectural, que ousadamente pretendemos fazer d'este pequeno canto da grande Iberia, que tanto se agigantou no caminhar incessante para a perfectibilidade humana.

O condado de D. Henrique de Borgonha, desmembrando-se do reino de Leão, não se poude constituir em reino verdadeiramente independente sem que tivesse de sustentar rija lucta, não diremos com a nação d'onde provinha, mas sim com essa raça audaz e forte que era senhora da peninsula ha seculos — os arabes.

D'ahi a necessidade da defeza e os reis e as corporações guerreiro-religiosas, a quem tambem competia o alargamento e fixação da Fé, assim o comprehendiam e por toda a parte, onde lhes era possivel, levantavam as grossas paredes de bellas e valentes fortalezas, que difficilmente eram novamente conquistadas.

Não só esse semnumero de famosos castellos se erguem no solo patrio: Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, Santa Cruz de Coimbra, Egreja de Alcobaça, Edicula dos Templarios e Santa Maria em Thomar, S. Vicente e Sé de Lisboa, de Coimbra e de Evora, etc., mostram a quanto as artes foram conhecidas, cultivadas e estimadas pelas gerações, que em emprezas gloriosas contribuiram para a independencia e dilatação de Portugal.

Rudes e quasi sem definido estylo eram levantados com o pouco tempo deixado por continuas guerras e pela escacez de operarios; o que obrigava aos christãos a lançar

mão de obreiros extranhos, principalmente mouros, que eram artistas de grande valor e mais adeantados nas artes e nas sciencias do que os novos dominadores só entregues ás lides de uma vida de combates.

A direcção das obras pertencia aos monges, fieis depositarios da erudição humana durante os primeiros periodos da edade-media, mas Portugal vae consolidando a sua independencia e a paz gosada dá ensejo a apparecerem já obras architectonicas que attestam de um certo modo os progressos que se vão fazendo na vereda rutilante das artes.

Os bellos claustros gothicos de D. Diniz em Alcobaça e do convento de Cellas; o mosteiro de Odivellas, os sarcophagos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro. — esse pathetico e formoso monumento que recorda um dos dramas mais grandiosos no seu amor e mais terrivel no seu crime, de que ha memoria na historia patria, — o de D. Fernando, um verdadeiro primor no genero e muitas outras obras de merecimento são joias de incontestavel valor artistico, que sobremaneira honram as gerações fortes e cheias de enthusiasmo cavalleirescos do meiado e fim da primeira dynastia.

D. Fernando, ultimo rei da raça de Borgonha, cahe no tumulo e o throno é occupado, como regente em nome de sua filha, rainha de Castella, por D. Leonor Telles, accusada de adulterio e de crimes.

O povo e as ordens militares, ao contrario da fidalguia, sublevam-se e acclamam, com a força herculea de quem quer morrer independente, o mestre de Aviz, discipulo illustre dos gloriosos cavalleiros de Christo.

A lucta foi grande e desesperada.

Criam-se gigantes.

João das Regras, Nuno Alvares Pereira, Lopo Dias de Sousa e tantos outros sustentam a causa, que por fim é ganha brilhantemente nos gloriosissimos campos de Aljubarrota.

Tudo muda.

Ao sopro potente da nova geração transforma-se a sociedade que toma mais larga orientação.

Os costumes, as sciencias, as artes tudo se convulsiona e dão eloquente prova de que um povo não morre, mata-se.

D. João quer marcar grandemente a data brilhante de 14 de agosto de 1385 e não muito longe do campo glorioso ergue á Virgem o magnifico e grandioso monumento da Batalha.

Com os novos homens vieram novas idéas e o estylo architectonico de que, como já vimos, algumas amostras se tinham revelado por esse Portugal alem, espande-se magnifica e luxuosamente, mercê d'essas associações de obreiros-maçonicos, que lá por fóra já tinham erguido os sumptuosos e ricos templos de Strasbourg, Colonhe, Meissen, Anvers, Notre Dame de Paris, d'York, Burgos, Toledo, d'Amiens, Magdebourg, etc.

Mas mal se poude acclimatar.

Essa encantadora flôr não se podia dar bem no nosso formoso clima.

Como os abetos, ella só tinha um meio — os paizes nevoentos do norte.

Alli sim, é que ella foi de uma graça infinita, d'uma fragrancia sem egual e d'uma riquesa prodigiosa.

Em Portugal, aonde não eram precisos os altos e agudos telhados para que a neve cahida em longas noites de inverno, escorregasse sem estorvos ou que chegasse a materia prima, crystalisou n'esse sublime monumento que é puro, grandioso, epopaico, como a gloriosa causa que lhe deu origem.

Mas se esse maravilhoso estylo architectural, se não propaga, senão enraiza na nossa patria, elle modifica-se, transforma-se, adapta-se ao seu novo meio e os artistas portuguezes e os nacionalisados, senhores de si e inspirando-se no mais alto e sublime amor patrio, escrevem, em pedra, grande e enthusiasticamente, a heroica missão do seu paiz, attingindo o apogeu na patriotica e grandiosa fachada-poente do convento de Christo em Thomar.

Não nos antecedâmos.

Vejamos como apparece em Portugal esse unico e completo exemplar do estylo mais lindo, mais christão, mais poetico que jámais creou e creará a alma portentosa da humanidade.

Grandes acontecimentos politico-sociaes se deram ao passar o anno 1000.

A christandade presa do grande terror do acabamento

do mundo n'esse anno como que paralysou na sua vida intima e social.

Passado esse mêdo, superstição de epocha mais cheia de Fé do que de sciencia, rapida se entregou a uma vida activa e laboriosa, d'onde sairam manifestações que ainda hoje nos encantam e enthusiasmam.

O seculo XI é o preparador, o gestador de tão grandes obras de progresso e civilisação e se nos cingirmos ao nosso campo veremos que muito contribuiu para o levantamento das artes, que nos seculos subsequentes deviam attingir tão grande esplendor.

Essas legiões de milhares de guerreiros, que momentaneamente libertaram o tumulo de Christo — os cruzados, fizeram conhecer melhor as artes do Oriente, as civilisações brilhantes, que por lá se tinham desenvolvido, e cujo conhecimento tanto excitava a imaginação dos artistas e dos soldados da cruz.

O feudalismo n'essas viagens emprehendidas pela Fé pura e enthusiasta, teve um rude golpe; pois o desapparecimento de muitos *senhores* e o empobrecimento de outros fez augmentar o poder real e a emancipação e confederação das communas em que uma nova classe apparece e se torna rica e poderosa pela industria e commercio — a burguezia.

Esta una e só, torna-se forte e nunca o principio de *A união faz a força* se fez sentir tanto como n'esta epocha.

Os artistas agrupam-se como as cidades.

Aquelles reuniam se em sociedades, que tinham regulamentos seus e uma administração sua.

Estas, independentes entre si, uniam se para assim melhor poderem resistir aos nobres e grandes da terra, dando origem a uma vida nova, livre, em cujo intimo se elaborou grande parte d'essa cultura, que se fez sentir nas suas manifestações artisticas, tomando vulto grandioso as novas egrejas, que não só serviam ás cerimonias do culto, mas tambem aos habitantes d'essas pequenas republicas, que alli muitas vezes se reuniam para discutir seus interesses e defender seus direitos.

A construcção d'essas obras despertava grande enthusiasmo nos povos das communas, que as erguiam ao prodigalisarem seus haveres e trabalhos.

Não era só a Fé que ahi os reunia: o amor proprio á communa tambem muito contribuia para esse enthusiasmo, que explodia em canticos, em festas ao acarretarem os materiaes e os viveres, e que fazia rapidamente progredir a fabrica, que sahia bella e magnifica das mãos d'essas sociedades de artistas cuja organisação ainda hoje é mysteriosa.

Os artistas tambem mudaram de origem.

Já não eram os monges. Eram leigos.

Não trabalhavam por si, encorporavam-se, como já dissemos, e d'ahi: corporação de pintores, imaginadores, illuminadores, ourives, architectos, entalhadores, vidreiros, concorrendo todos á uma para a grandiosidade da construcção.

Quando um d'esses edificios se começava ahi iam essas sociedades contribuir com os seus trabalhos; e de suas mãos sahia a obra completamente prompta.

Estes operarios ou associações obedeciam na sua organisação interna a um mestre, que dirigia o conjuncto dos trabalhos, mui principalmente os canteiros.

Todas as circumstancias, que acabam de ser indicadas, favoreceram o espirito de iniciativa dos artistas.

Assim, na segunda metade do seculo XII vê-se apparecer um estylo, a que uns chamam gothico e outros ogival, termos que são inexactos, vindo o primeiro dos Italianos, que no seculo XVI, todos entregues á antiguidade, não viam nos monumentos gothicos dos outros povos da Europa, senão obras dos barbaros e como taes os godos; e o segundo de *ogive* chamado por nós hoje ao arco agudo ou de tres pontos, mas sem grande criterio; pois os mestres d'obras dos seculos XIII e XIV chamavam *ogive* ás fortes nervuras de dois arcos diagonaes crusando-se n'uma abobada ordinariamente em pleno centro.

O melhor, e mais natural appellido, seria o de estylo francez e isto sem innovação; porque já os contemporaneos d'elle se serviam da phrase *Opus francigenum*, ou então, com mais rigor historico, pois elle é filho da nova religião — estylo christão. Mas para que estar a alterar sem grande necessidade uma phrase já consagrada?

Nos primeiros edificios d'este novo estylo que ia transformar por completo a igreja romana, pesada e baixa, vemos ainda traços, reminiscencias das formas estylisticas passadas.

A par d'esses vestigios, d'esses elos, que ligam as construcções do estylo, que vai fenecer, ás do que se levanta cheio de mocidade e viço, destacam-se bem distinctos caracteres originaes.

O arco agudo toma o logar do arco de pleno centro, e isto com tal profusão, que se chega a não ver outro caracter no estylo gothico, e no entanto esse arco já existia de ha muito nos monumentos da antiguidade.

Na extraordinaria pyramide egypcia *Cheops* ou *Sarphis*, pois parece que foi este segundo rei da quarta dynastia, 5121 annos antes de Christo quem a fundou, ha um corredor, cuja entrada foi descoberta por um medico italiano, em que a abobada n'uma das suas partes mostra a configuração semelhante a uma abobada ogival.

Tambem nos monumentos arabes o encontramos bem distincto; e até mais do que um escriptor tem sido d'opinião que se tivesse propagado d'essa nação para os paizes do occidente; mas, emquanto a nós, esse arco não entrava no estylo arabe senão por uma variedade decorativa.

E' no emprego mais sabio e mais espalhado da abobada de arestas, estabelecida sobre nervuras que formam o esqueleto d'ella, que é necessario procurar o ponto de partida do estylo christão.

Mas a abobada de arestas, o crusamento das ogivas, o arco agudo não constituem ainda toda a construcção nova.

Estas fórmas figuram já nos monumentos dos estylos passados; é necessario ajuntar o emprego do arcobotante que collocado no exterior dos edificios, levantados sobre os contrafortes, recebiam o impulso da abobada central.

Graças a esta combinação e ao desenvolvimento dos contrafortes, os architectos podiam dar ás abobadas centraes mais elevação e amplidão, diminuir a espessura das paredes e abrir largas aberturas.

Estava constituido o estylo gothico.

Desde então todo o aspecto do edificio mudou.

Toma uma feição completamente nova, distincta, original, lançando-se atrevidamente nos ares.

Massas colossaes de calcareo são arrojadas para o ceu sem que outros supportes as detenham do que elegantissimas columnas, similhantes, n'algumas construcções a enormes florestas de palmeiras, estendendo lá em cima no mais alto, suas formosissimas folhas, cujas nervuras resaltam vigorosamente.

Os edificios antigos de pesadas massas e de architecturas exquisitas como que desapparecem, dando logar a esses outros de aspecto aéreo, em que as columnas, corucheos arcarias, flechas, rosaceas, janellas, porticos, estatuetas, folhagens parecem mais feitas por anjos do que por audazes e humanos artistas, obedecendo toda a maravilhosa construcção ao novo módulo adoptado, que tinha por termo de proporção a estatura do homem.

Ao penetrarmos n'essas grandiosas e empolgantes cathedraes illuminadas pela radiante luz do sol, que, atravessando as vidraças coloridas de fastos historicos, se espalha pela amplidão das naves, morna, suave, doce, poetica, como nossas almas fugidas ao esterquilinio humano baixo, vil, egoista, se refugiam na contemplação das cousas santas e pensam nas verdades eternas proclamadas por todos os philosophos do mundo!!

Exteriormente é bello, maravilhoso, phantastico o aspecto d'esses originaes edificios, em que o arco botante, goteiras, pyramides, contrafortes, coruchéos, agulhas, estatuas, columnellos, torres, cortam os ares n'uma linha caprichosa, extravagante, encantadora.

Nem sempre é assim, como natural é e como já vimos, nos primordios d'este novo modo de construir, existem edificios de transição aonde as combinações novas se misturam ás tradições de outras escolas.

O estylo gothico não apparece constituido senão a partir do meio, pouco mais ou menos, do seculo XII.

Durante longo tempo a Inglaterra, a Allemanha, a França disputaram a honra da sua invenção, no entanto hoje está estabelecido que nasceu na Ilha de França e regiões circumvisinhas.

A egreja de Noyon, a cathedral de Sens, certas partes da egreja de S. Diniz, Notre-Dame de Chalons, S. Remi em Reims, etc. são os mais antigos monumentos.

No seculo XIII a arte christã attinge o seu apogeu e d'esta epocha datam as mais bellas cathedraes.

Do fóco intenso da ilha de França irradia para o resto da nação e d'ahi para todos os povos christãos, em que a crença e a fé inspiravam concepções sublimes aos arrojados artistas e lançavam audaz e valentemente em encarni-

cada lucta os homericos e donairosos cavalleiros, sequiosos de gloria e de descanço eterno na mansão de um Deus de Justiça e de Amôr.

Não só da França sahem esses artistas, esses associados.

Da Allemanha, da Inglaterra e talvez d'esta, pelas nossas intimas relações d'essa epocha, viessem maçons, o que até certo ponto se evidenceia nas similhanças que existem entre a cathedral de York e a Batalha.

Seja como fôr, o que é certo é que este ultimo monumento é filho d'essa associação, que abrangia todas as nações cultas de então e que já em Portugal, ao tempo, tinha feito sentir a sua influencia; e que n'elle tem um dos exemplares mais puros, unico em Portugal, que muito e muito a honra.

Que melhor estylo architectonico pois podia fixar, representar, crystalisar o estado d'alma do fervoroso D. João I e dos seus gloriosos e immortaes companheiros de tão grandes e titanicas luctas?

Não com a grandeza da Batalha, tambem o heroico irmão d'armas de D. João I — D. Nuno Alvares Pereira, mandou levantar á Virgem um templo; embora em estylo gothico não se póde comparar aquelle.

Outro trecho bello da feição artistica d'essa famosa e crente epocha, é sem duvida a preciosa rosacea da collegiada de Guimarães.

Ao feliz D. João I segue-se o infeliz D. Duarte cujo bem curto reinado é o inicio d'essa intelligente e sabia cultura, que faz da côrte portugueza a mais celebre do mundo.

N'ella brilham: D. Pedro, um dos maiores sabios da Edade-Média; D. Henrique, o immortal infante; Fernão Lopes, o celebre chronista; Fr. Fernando d'Arrotea, o eloquente orador.

A Universidade, acariciada pelo rei e por seus sabios irmãos, era o fóco brilhante da nossa sciencia.

D. Henrique, o seu *Protector*, salariava a cadeira de Prima de Theologia, com as rendas do mestrado de Christo da dizima da ilha da Madeira.

A poesia popular canta cheia de inspiração e patriotismo os feitos heroicos do condestavel, e a poesia da côrte é cultivada no mais alto grau por poetas de valor, entre os quaes o humanista infante D. Pedro, que lhe imprime um cunho italianisado em que a influencia de Dante, Petrarcha e Boccaccio é reconhecida.

Nas artes revelam-se artistas portuguezes de alto merecimento: Fernão Alvares, Vasco e Gonçalves Eanes, infanta D. Filippa, filha do infante D. Pedro, etc.

Portugal vae estendendo os seus dominios.

D. Henrique leva o symbolisado nas flâmmulas, em que vermelhava a cruz de Christo, atravez dos mares ás ilhas do oceano e ás terras d'alem Bojador.

D. Affonso V segue o pensamento do alto infante e em emprezas sublimes de valor e heroicidade conquista quasi um imperio.

Das navegações promana já basto prol.

Não só assucar de lá é trasido; escravos pretos vem augmentar o numero dos serviçaes.

Os portuguezes vão tomando gosto ás viagens.

A cultura dos espiritos torna-se mais intensa.

Affonso V, se não foi D. Duarte, funda a primeira bibliotheca e em Leiria estabelece-se a primeira imprensa.

Da Italia é chamado o dr. Justo Baldino, dominicano, homem muito instruido e grande latinista, para escrever a historia portugueza no idioma de Cicero.

A Europa é percorrida por portuguezes.

De toda ella chegam guerreiros e artistas.

Os primeiros vão batalhar ao lado do *Africano* e do glorioso mestre de Christo, D. Fernando.

Os segundos ficam e vão levantando ou ajudam a levantar: os *Estaus* de Lisboa, Thomar, claustros do infante D. Henrique no quartel da milicia de Christo, etc., etc.

Portugal caminha rapido para o apogeu da sua grandeza.

O commercio desenvolve-se.

A numerosa colonia judaica em troca do bello agasalho, que desde D. Affonso Henriques lhe tinha sido dispensado, entregava-se a um longo commercio e a innumeras industrias, de que advinham ao paiz enormes beneficios.

Na Europa passava ella pela mais rica e honrada e nas principaes cidades estrangeiras tinha agentes e casas bancarias contribuindo assim tambem para a riqueza da nação que durante seculos lhe vinha a ser patria.

A riquesa augmenta.

As artes evolucionam.

Na côrte vive o confessor e director espiritual da *Ex-*

cellente senhora, a princeza D. Joanna, D. Diogo Ortiz, castelhano, futuro bispo de Tanger, Ceuta e Vizeu, homem de grande valimento e estima de D. João II e a quem seus parentes e patricios devem o serem tão bem recebidos e estabelecerem-se em Portugal com grandes vantagens.

Talvez a esse agasalho, proporcionado pelo intimo amigo do rei, vamos dever em breve a entrada em Portugal d'essa bella e insigne colonia artistica que terá por corypheus a João e Diogo de Castilho.

Portugal que já deu navegadores e guerreiros e que vae dar argonautas, conquistadores, estadistas, dá já artistas de alto cothurno: Garcia de Rezende, Vasco Fernandes, são as primeiras estrellas da formosissima constellação artistica que vae brilhar no ceu esplendoroso da nossa patria e vão imprimindo ao bello e encantador estylo christão, um cunho novo, grandioso e patriotico.

D. João II é o grande rei que preside aos destinos d'este povo em activissima effervescencia.

A fidalguia assoberbada e revolta aterrorisa-se deante do punhal que lançou aos pés do vencedor de Toro o estabanado mestre de Christo, D. Diogo, duque de Vizeu.

O povo vivia feliz protegido pelo seu defensor, mas este vae centralisando o governo e prepara o advento da monarchia absoluta.

Com o rei de Castella faz tratados.

Nas mais côrtes da Europa é estimado e respeitado.

A paz que gosa a nação é aproveitada nas grandes navegações e o glorioso e o mais heroico dos navegadores portuguezes — Bartholomeu Dias — transpõe o *Tormentoso* que D. João baptisa de *Boa Esperança.*

E boa esperança era, mas não para elle!!

Os rendimentos da corôa tornam-se grandes e são fonte de largas mercês.

D. João é amante das artes e era mesmo para elle de grande folgança o ver debuxar ao distincto Garcia de Rezende.

Da Italia chama o famoso architecto e esculptor Sansovine.

Botaca, o futuro architecto de Belem, levanta a egreja de Jesus em Setubal.

S. Francisco d'Evora lança para os ares a sua grandiosa nave e Rezende delineia a preciosa Torre de Belem.

As navegações não param, embora haja um periodo de desalento devido ao estado de consternação do rei pela morte do seu filho esperançoso.

Os estudos maritimos desenvolvem-se muito e é creada uma junta de que fazem parte os dois medicos do rei, José e Rodrigo, assim como o celebre cosmographo Martim Behaim.

Os arsenaes retomam a sua actividade e os cavernames das S. Gabriel e S. Raphael levantam-se nos estaleiros aonde o rei, já com o veneno a correr-lhe as veias, as visita com grande interesse.

Morre em breve, mas as naus progridem e a ideia da ida ao Prestes Joham não affrouxa; pois era a nação que queria ir ao fim da sua gloriosissima missão.

Foi; e a esplendida região da luz abre de par em par as suas portas d'ouro aos audazes navegadores.

O grandioso evento abala nos mais reconditos fundamentos a sociedade portugueza.

De toda a parte chovem votos e agradecimentos a Deus e á Virgem.

Portugal é pois attingido de uma viva febre de edificar.

Monumentava-se.

D. Manuel, o feliz monarcha, continuava a erguer o soberbo templo e a rica habitação para os seus queridos frades jeronymos em que transformou a piedosa capella do Restêllo e as obras de Thomar, começadas apoz o capitulo geral de 1492 soffrem novo impulso e os artistas d'ellas, portuguezes d'alma, influenciados pelo grande movimento maritimo e no meio dos cavalleiros de Christo, os audazes tripulantes das caravellas que pela primeira vez viram terras orientaes, estampam na pujante e rica ornamentação da egreja, os elementos patrioticos e originaes que os barcos, as redes de pesca, o solo da patria e o fundo dos mares sulcados lhes fornecem e lhes alimentavam a phantasia extasiando-lhes a alma e incendiando-lhes a imaginação.

Portugal chega ao zenith da sua riqueza e do seu poderio e a sua evolução artistica ao mais esplendoroso e fulgido apogeu.

Não havia nação a egualar-lhe e no auge do seu triumpho era acompanhado no rutilante caminho da sua gloria por todos os seus illustres filhos, que, em esforços sobre-humanos, concorriam para tornar mais brilhante e grande a missão da sua patria em prol do progresso e da civilisação.

Como era que os artistas d'esta esplendida epocha, influenciados pelo meio, inimigos de tudo que é methodo e regras de estylos, senhores de si, independentes como a nação que os viu nascer, ou acolhia, sem peias de orçamentos não deviam produzir obras geniaes, revolucionarias, livres, mas que, a nosso vêr, são encantadoras, inconfundiveis, patrioticas?

Poderão não fazer estylo, architectura, mas as obras da florescentissima epocha de D. Manuel, principalmente a egreja de Christo em Thomar, marcam um brilhante periodo nas manifestações artisticas dos estados modernos e os seus artistas são tantos e de tão alto quilate que um coevo poeta illustre assim os canta:

Pintores, luminadores
Agora no cume estão
Ourivises, escultores
São mais sotis e melhores
Que quantos passados são:

Vimos o grão Michael
Alberto e Raphael,
E em Portugal ha taes
Tam grandes e naturaes
Que vem quasi ao olivel. ?—nivel

Postos estes rapidos traços sobre as producções artisticas dos fecundos engenhos portuguezes, que nada deixam a desejar aos demais povos civilisados e que muito e muito honram este pequeno povo, cujo nome encheu gloriosa e triumphantemente todos os cantos do globo, abordemos, pois, a descripção pallida e fria d'esse rico e patriotico monumento, cuja arte e maravilhas deviam ser cantadas por alta e brilhante penna e não delineadas pela nossa que é humilde e obscura.

Construindo ou reconstruindo a calçada que partindo da raiz da alcaçova da porta do Sol ou do arco de S. Thiago, conduzia á praça de S. João e que ladeou com uns postes similhando castellos, cujo fim seria o de suster lampeões, preparou D. Manuel, ainda mestre, dos arruinados aposentos da fortaleza templaria o terreiro, em que ia levantar a escadaria, accesso para a magestosa edificação, que vae

ser em breve a parte mais portugueza da grandiosa obra architectural da sua epocha.

A escadaria, cujos angulos eram ornamentados com graciosas espheras, é formada de tres corpos: o do centro em um só lanço de 21 degraus, os outros eguaes e de dois lanços com o mesmo numero de degraus.

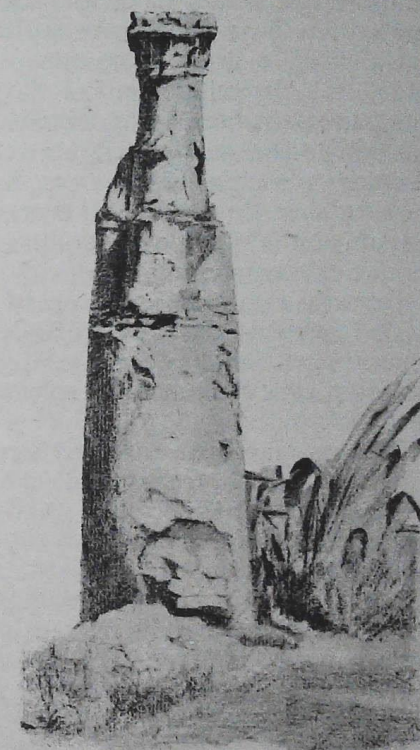
O pateo terrado, a que esta escadaria dá ingresso, mede d'area 500 metros quadrados e é em parte sustentado por grossos supportes de cantaria em virtude da quebra do terreno.

Vimos, ao tratar da grande casa capitular dos cavalleiros do Templo, que o angulo nortepoente da fortaleza era formado por uma edificação abaluartada que, como já dissemos, entre outros destinos devia ter servido de templo ao culto particular dos seus fundadores.

Poste da Calçada

Convertido ao culto catholico pelo glorioso mestre de Christo, o immortal infante D. Henrique, viu n'elle D. Manuel insufficiente egreja para os seus denodados cavalleiros, resolvendo com elles no capitulo de 1492 dar-lhe mais amplitude.

Para isso abriu-se nas duas faces poente do octogono um grandioso arco ogival e levantou se contiguamente no dorso do monte a construcção elegantissima, rica e magnificentissimamente ornamentada que foi sempre admirada com surpreza por quem foi dado vêl a e que ainda hoje é o orgu-

lho da raça heroica que n'ella tem parte da sua alma e um rasto luzentissimo do seu sentimento artistico.

Formada de duas partes bem distinctas: corpo da egreja e côro é, na sua linha geral, regular e uniforme, descrevendo a sua base um parallelogrammo.

Galharda e grandiosamente ornamentadas as tres fachadas, são principalmente a do poente e sul o exemplar mais genuinamente portuguez d'esse nosso modo de ser architectonico dos seculos XIV e XV que, como já vimos, tem sentimento, nacionalidade e originalidade.

A fachada do norte, começaremos por ella por mais simples, apresenta digna de nota duas largas janellas envidraçadas que correspondem ás duas de cima da fachada do sul.

Deitava esta para um aprasivel valle e patenteava ao radioso astro do dia o magnifico portal e as suas formosissimas quatro janellas, atravez das quaes passava a luz vivissima d'elle, illuminando esplendorosamente a sumptuosa egreja.

Abertas nos espaços interbotaréos caracteristicamente decorados com a crespa folha d'horto, fica o portal no do pé da antiga construcção de D. Gualdim Paes e as janellas nos outros dois, abrindo-se as de cima para o côro e as de baixo para a parte inferior d'este.

As da parte superior são amplamente rasgadas e compostas de vasados arcos-ogivaes que vão successivamente diminuindo na espessura da grossa parede e guarnecidos de delicados troncos de coraes e nichos para estatuas.

As de baixo, na mesma correspondencia, eram defendidas por grossas grades e as suas hombreiras e recortadas vergas apresentam uma ornamentação graciosa, d'um bellissimo effeito e de variadissimos adornos, em que se salientam, em alto relevo, os expressivos motivos manuelinos.

Espheras armillares, as quinas portuguezas, delicadamente coroadas, calabres, fitas, alcachofras, troncos de sobreiro, etc., etc., tudo isto avulta pujantemente e emmoldura a abertura n'uma symetria encantadora e n'uma harmonia indescriptivel.

No outro espaço inter-botaréo, abre-se a famosa porta sob um arco que se eleva a toda a altura da egreja, fazendo como que esparavel á rica composição que se ergue pela parede acima.

Estreitando no grosso da parede é ella formada de ar-

cos de volta redonda guarnecidos com o vegetalismo mais indigena, mais suggestivo que constituia a roupagem riquissima da ornamentação manuelina e com uns formosos arabescos renascença, laivos do novo estylo, que na Italia levava de vencida o gothico, embora este lá não tivesse lançado fundas raizes, e que em breve devia revolucionar todas as artes.

Por cima vê-se a esphera armillar contornada por umas molduras ornamentadas com flores e folhas d'horto as quaes vão morrer n'uma airosa peanha aonde se levanta graciosamente a Virgem com o menino nos braços, emmoldurada por troncos de azinheiro e duas esbeltas pilastras, rodeada de dez estatuas de varias personagens, cujos nichos são rica e artisticamente formados e que enchem na maior parte e tornam a composição interessante, distincta e bella.

E' este portal uma das mais caracteristicas obras da epocha florescentissima de D. Manuel e, sobre todas as outras, que conhecemos tem a grande vantagem de estar assignada, segundo cremos, pelo architecto que a executou, facto importante para a historia das artes em Portugal.

Ao entrar e no lado direito existe uma pedra que contém uma fita segura por duas garras em que se acha gravada esta assignatura e a data provavelmente do anno do acabamento, 1515.

Deve ser o monogramma do insigne João de Castilho e foi ella aqui posta, porque, segundo nos parece, foi esta a sua ultima obra das emprehendidas no reinado de

D. Manuel na formosa e soberba egreja que ora deficientemente descrevemos.

Na quitação das obras que o eminente architecto completou e deixou de completar em Thomar, no reinado de D. Manuel, e a que ainda nos referiremos, vemos nós a enumeração d'ellas, as quaes são: côro, casa para o capitulo, o arco grande da egreja, *o portal da porta principal* e as casas para apousentamento da Rainha e outras obras meúdas que fez no dito convento e assim as obras que fez para as ferreirias da dita villa.

Este importante documento corrobora e confirma a nosso vêr a interpretação que damos a esta inscripção.

Embora João de Castilho seja o grande architecto da famosa egreja, nós devemos tirar do olvido dois mestres de pedreiro, que pelos nomes devem ser portuguezes, e que durante os dois annos de 1512 e 1513, alli vêmos trabalhar, são elles: Alvaro Rodrigues, em 1512 e Diogo de Arruda, em 1513.

Entre os nomes dos canteiros encontramos alguns que devem ser de mouros, por exemplo: Omar, Mafamede, Bugimaa, Bebidim.

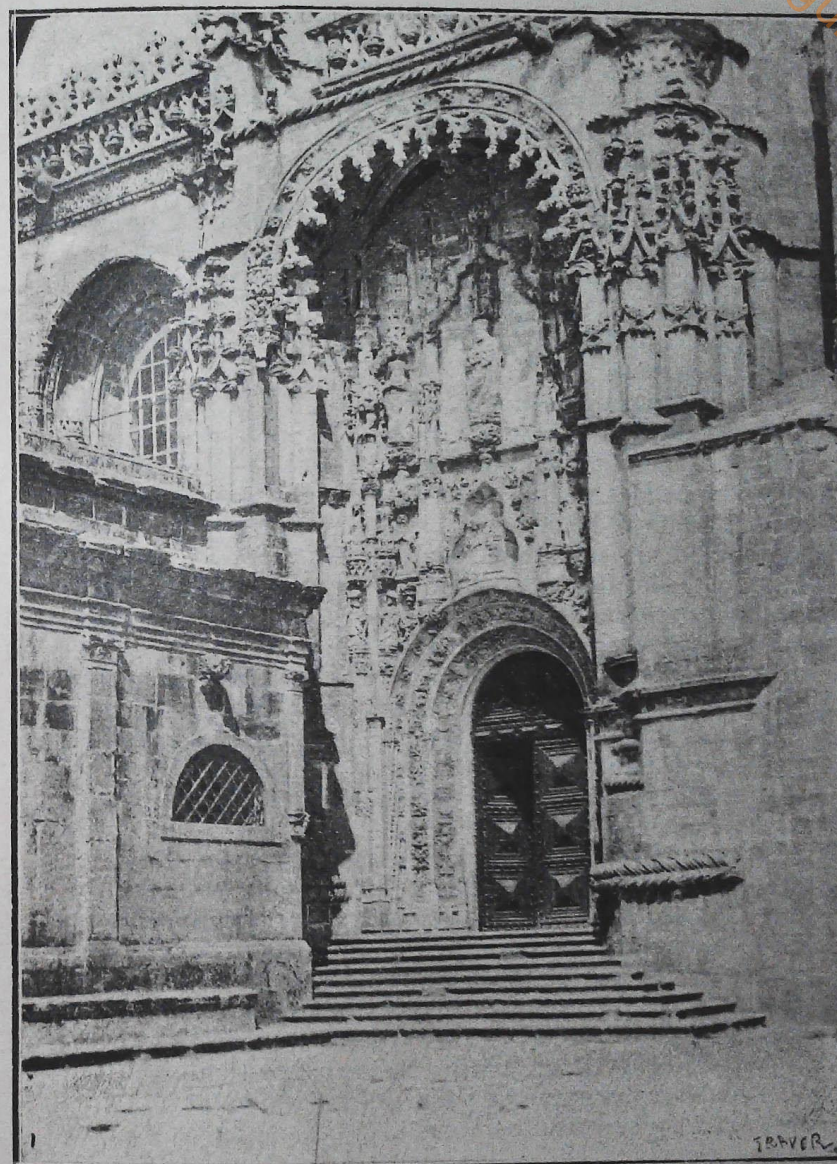
De Flandres tambem temos dois: Antonio e Gabriel, flamengos, que lavraram duas peças e que Diogo de Arruda avaliou em 5:000 reaes.

As obras de carpinteiria estavam entregues a mestre Bastião Gonçalves.

Uma cifra importante e interessante é a que nos diz a despeza feita com estas encantadoras e originaes obras durante, talvez, os ultimos desoito mezes: (1.377:912 reaes) ou sejam approximadamente segundo o valor do marco de ouro: 107:469$336 réis.

Dissemos, talvez ultimos desoito mezes; porque o livro d'onde tirámos estes preciosos e unicos esclarecimentos sobre a parte economica da magestosa fabrica, encerra as suas ferias, trazendo esta importancia n'uma das ultimas folhas e pelas contas, que ainda apresenta, mostra-nos que as obras deviam finalisar pelo anno de 1514, pouco mais ou menos, o anno que indica a preciosa inscripção.

A fachada do poente é que ostenta a mais alta, a mais symbolica expressão do genio artistico de uma raça.

No todo d'ella avulta a pagina mais bella, mais gran-

PORTAL DA EGREJA DO CONVENTO DE CHRISTO

diosa, mais sublime mais portugueza que se levanta no glorioso solo da nossa patria.

E' vêl-a; pois vendo-se é que se faz idéa d'esta portentosa joia architectonica que enche de orgulho os portuguezes que n'ella provam o intenso grau da sua sentimentalidade e esthetica.

Não são pedras. São lettras.

Não é uma estrophe. E' um poema. E' uma epopea. Se desapparecessem os *Lusiadas,* o que jámais succederá, alli estava aquella fachada a cantar grande e altisonantemente as nossas emprezas gloriosas, immortaes, homericas que fizeram do povo portuguez o mais illustre das edades modernas.

Ladeiam-n'a dois altos botaréos, que são como que a moldura do grande quadro e no genero obras-primas, ricamente ornamentados com quadros de coraes emmolduradores de estatuas, cujas divisas dos escudos denunciam ser: D. Affonso Henriques, D. Gualdim Paes, D. Diniz e D. Manuel e de anjos que seguram as divisas do rei *Venturoso,* por baixo dos quaes se arrumam troncos de sobreiro com as raizes pendentes, amarrados ás fachadas, uns por uma potente corrente e outros por uma graciosa correia que enfia n'uma formosissima fivella, talvez symbolo do grau da cavallaria da *Jarreteira* que D. Manuel possuia.

Adelgaçando-se, cinco festões de *papaver sominifer* com seus fructos quebram suas esquinas e fazem como que base a uns formosos pinaculos coroados pela cruz de Christo.

Os polipeiros de coral, as vieiras das praias descobertas, os ramos retorcidos dos nossos seculares sobreiros, as ondas dos mares por nós sulcados, as guizeiras dos nossos solipedes, as correntes das nossas naus, os cabos boiados das nossas rêdes, as folhas e as capsulas do nosso *papaver sominifer,* cordas, argolas, animaes phantasticos, algas, pranchas de cortiça dos grossos troncos dos nossos agigantados sobreiraes, um marinheiro agarrando um carvalho pelas raizes, talvez para utilisar o gigante roble na fabricação da sua nau, as velas arfantes e rizadas de uma d'essas elegantes caravellas que nos levaram ás risonhas plagas da encantadora e inebriante India, tudo alli se consubstancia, se avulta, se estylisa, representando uma idéa grandiosa, augusta, epica.

Descrevel-a é ousadia das nossas pequenas forças e vaidade da nossa humilde penna.

Recolhamol-a e demos o logar ao illustre critico e distinctissimo escriptor Ramalho Ortigão que sobre o assumpto fez uma notabilissima pagina que honra sobremaneira o seu auctor:

«As columnas na janella são polipeiros de coral, dos mais profundos recifes do Oceano, e troncos d'essa palmeira, cuja sombra cobriu o berço da civilisação no litoral mediterraneo, providencia dos peregrinos nos oasis do deserto, á qual os arabes da Peninsula dedicavam uma festa de primavera, tendo por fundamento a disseminação do polen — a arvore santa, a arvore da Biblia, a arvore de Jesus, cujo ramo symbolico é um attributo da paixão e da paschoa, da gloria e do martyrio. Os demais elementos decorativos são as ondas do mar, taes como ellas se representam na heraldica; são os troncos seculares e as raizes profundas dos sobreiros dos nossos montes, extrema expressão de força na fecundidade da seiva, que prende o roble, assim como a tradição e a familia prendem a debil e errante creatura humana, ao coração da terra em que nasceu. Guizeiras, como as das mulas de tiro, engatadas á carreta alemtejana, emmolham contorcidas varas de sobro e de azinho, como nos feixes de lictor da magistratura romana. Solidas correntes e possantes cabos de bordo, de que pendem em discos as boias de cortiça, enlaçam a decoração, amarrando-a vigorosamente á empena por fortes argolões, como se amarraria uma nau ao caes de um porto.

«Toda a composição, partindo das espaduas de um homem, que parece sustentar-lhe todo peso, ascende n'uma trepidação de algas e de folhagem para a cruz de Christo entre as espheras que tomara por empreza o rei venturoso de Portugal triumphante na vastidão dos mares, em todo o circuito do globo. E o poema esculptural remata por cima da janella na rosacea magestosa do templo, formada em circulo pelas prégas e pelo bolso arphante da vela risada de um galeão da India.»

Esta fachada, como se vê encerra toda a historia dos nossos gloriosos seculos XV e XVI, no que elles tem de grande, heroico, cavalleiresco, navegante, conquistador.

E' uma bella pagina que crystalisa todo o sentir da na-

cionalidade portugueza e é padrão glorioso que podemos apresentar orgulhosos ao mundo inteiro; pois é «a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais enthusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realisou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra», como diz o grande escriptor.

Todos os povos, desde a mais remota antiguidade, se eternisam na sua arte e por ella nos vem ao espirito admirado das suas estupendas e originaes producções.

Os remotos imperios d'Assyria e da Chaldea chegam até nós na altisonante fama dos seus massiços palacios que são a expressão dos seus genios conquistadores e violentos; as pyramides do Egypto são inapagaveis lettras com que uma civilisação se perpetuou na historia atravez dos seculos; a Phenicia, a navegadora e a commercial, toda entregue a esse labutar, mal se poude entregar á arte, mas a vivacidade dos seus vidros corados, fala-nos da sua contribuição artistica; a Grecia, a mais sublime das artes, enche o mundo de espanto com os seus elegantes e originaes monumentos e suas incomparaveis estatuas; Roma, a assimiladora de todas as civilisações da antiguidade, diz-nos mais das suas estupendas grandezas e gloria, pelas suas ricas e inconfundiveis obras do que pelas veridicas e admiraveis descripções dos seus Plinios e Strabães; a França, patria do encantador estylo gothico, é representada pelas suas originalissimas e aéreas cathedraes de Paris, d'Amiens, de Reims, de Chartres, etc., etc., joias primorosissimas do mais bello estylo do mundo; Florença, patria illustre de Brunelleschi, Ghiberti e Donatello que tocam o primeiro rebate da notavel epocha da evolução da arte — a Renascença, foi por assim dizer a grande escola-mãe da soberba arte italiana; Padua recorda-nos as pinturas geniaes de Montegna; Veneza, a celebre republica, será sempre a illustre e poetica cidade dos doges e do seu maravilhoso palacio; Flandres jámais será esquecida nos apreciabilissimos quadros dos seus admiraveis e originaes Van-Eyks; Roma torna a ser o centro das grandiosas concepções humanas e n'ella vivem e espandem-se os genios inultrapassaveis de Miguel Angelo e Raphael, cujas producções são o pasmo do mundo; a Hespanha, patria sublime de Murillo e de A. Berruguete, apresenta-se n'este labutar do espirito do homem, com o seu admiravel *plate-*

resco e Portugal, seu condigno irmão será sempre grande, poetico, artistico, original no seu encantador *manuelino*, cuja expressão, a mais sublime, a mais nacional, a mais symbolica, a mais representativa da nossa gloriosissima missão historica, é sem contestação a fachada poente da egreja do convento de Christo em Thomar.

Visto estarmos falando na parte material d'este artistico mestrado, narremos a visitação que em 1510 fez o dr. Diogo do Rego, ao tempo da Vigaria do frei Diogo Pinheiro, a Santa Maria dos Olivaes, a vetusta e opulenta matriz das egrejas fundadas pela nossa gloriosissima Ordem de Christo.

Viu primeiramente a egreja que muito antiga é, grande e honrada e tem a ossia de abobada de cantaria e assim as paredes pela maior parte e n'ella um grande altar de pedra com seus degraus de pedraria e no dito altar uma imagem de pedra grande, formosa e obrada de Nossa Senhora.

Tem a dita ossia um arco de pedraria debruado e grande com seu espelho em meio e duas capellas, a saber: uma de um cabo e outra do outro e n'ellas seus altares, assim como mais oito altares pela egreja.

O corpo do templo é em tres naves de boas paredes e arcos bem obrados.

A nave do meio e uma das outras era forrada de olivel sobre as asnas e a outra era madeirada de troncha.

Sobre o portal principal tem um côro de madeira sem cadeiras, sómente com uns assentos, parte d'elles feitos de novo e o mais de velho e sobre elle um grande espelho aberto.

Deante da porta principal tem um alpendre armado sobre dois grandes arcos de pedraria coberto e forrado de olivel de castanho sobre as asnas em quatro aguas e mais deante tem outros dois arcos de pedraria descobertos.

Restos d'estes arcos vemol-os nós hoje no sopé da torre, e tambem proximos da porta da egreja.

Logo ahi tem uma torre de dois sobrados que ora estão mal reparados e no de cima estão quatro bons sinos, uma campã e no côro está uma roda de campainhas a que fallecem duas campainhas n'um campanario de pau.

O thesouro de Santa Maria, ao tempo, era riquissimo e dá-nos conta o respeitavel Visitador n'um grande numero

de alfaias que descreve, assim: muitos calices, cruzes, galhetas, relicarios, custodias, sceptros, lampadas, turibulos, navetas, corações, dois olhos, imagens, tudo de prata lavrada, sendo os mais importantes d'estes objectos dadiva do Vigario Frei Diogo Pinheiro.

As vestimentas tambem são apontadas: os pontificaes, mantos, capas, outras vestimentas, frontaes, etc., de brocado, damasco, veludo, chamelote de Flandres, linho, zerzagania, etc., etc.

A bibliotheca da famosa e magnifica egreja egualmente era bem e ricamente abastecida.

Dos seus primorosos livros destacaremos estes: um missal mixtico-romão quasi novo, em pergaminho, de penna, bem encadernado, dadiva de D. Manuel e que veiu de Flandres; um missal mystico que tem os introitos apontados em grande volume, ainda bom para servir e chama-se o *Bezerro;* umas decretaes em linguagem, de lettra de penna, em pergaminho, bem encadernado e em grande volume; um flos-sanctorum de penna e em pergaminho, encadernado em taboas; um racional, de penna, em pergaminho, em linguagem portugueza, encadernado em taboas, etc.

Agora continuemos:

Tres annos passou D. Manuel entretido com as obras e na governação da Ordem, ou, quem sabe, se a conspirar com a irmã D. Leonor, para um dia vir a cingir a corôa brilhante de D. João I; até que a morte mysteriosa do grande rei D. João II veiu pôr-lhe na cabeça essa mesma corôa que tanto ambicionava, e da qual tantas vezes, parece-nos, se mostrou ser pouco digno.

Não conseguiu D. João II vêr coroados os seus desejos, se é que os teve algum dia, de poder deixar por herdeiro do throno a D. Jorge de Lencastre, seu filho natural, succedendo-lhe por tanto D. Manuel, a quem D. João manifestou vontade de que ao menos, visto não lhe deixar o reino, désse a seu filho o mestrado de Christo, mas D. Manuel não accedeu.

Assim era de esperar.

O absolutismo ia-se definindo.

A concentração dos poderes de dia para dia mais se accentuava e o agigantado programma do habil politico *Principe Perfeito* era posto em pratica auxiliado pelas propicias circumstancias do tempo.

Annos antes, 1481, nas côrtes de Evora, pedia o povo a D. João II, talvez por indicação do proprio rei, que se fizesse absoluto, revisse fóraes, avocasse a si os padroados das egrejas, *tomasse o mestrado das Ordens.*

Foi o que D. Manuel fez: cumprir o programma traçado rija, mas habilmente, pelo grande homem, cujo nome celebre é D. João II.

Era trabalho feito.

Até n'isto foi *Venturoso.*

N'este proposito continuaram-lhe a merecer a mesma consideração a mesma de deferencia os seus denodados cavalleiros e, apesar do grande movimento maritimo, em que estes tomavam parte activa, os grandes trabalhos de arsenaes, armamentos e equipamentos de soldados por esse Portugal fóra, D. Manuel não desviou, ainda assim, a sua attenção, principalmente nos seus primeiros annos de reinado, da illustre Ordem de Christo, vindo bastantes vezes a Thomar, onde se informava de tudo que a bem dos seus membros entendia e provia no que via de necessario.

Sabendo elle que o convento de Thomar não tinha até alli tido rendas, bens e direitos proprios, separou em 1497, sendo D. Prior, Nuno Gonçalves, alguns da sua mesa mestral e applicou-os perpetuamente ao convento em logar dos mantimentos que o D. Prior e mais freires recebiam das mãos de seus almoxarifes.

Então ainda era um crente simples, piedoso, christão e na sua puresa de Fé que aspirava ver cumprida dentro da propria egreja desmoralisada, fazendo-se uma reforma da *disciplina,* chegava a querer admoestar o Papa e pedir-lhe, como obediente filho da egreja catholica, que quizesse pôr ordem e modo na dissolução da vida, costumes e expedição de breves, bullas e outras cousas que na côrte de Roma se tratavam e de que toda a christandade recebia escandalo.

Era em nome d'essa *ordem,* que D. Manuel pedia ao Papa para pôr em pratica, que elle ia cohibir alguns abusos e desmandos que pertendia vêr na sua cavallaria.

Por isso, constando-lhe que os estatutos decretados no tempo do infante D. Henrique não eram cumpridos, já não satisfaziam e precisavam revisão, convocou capitulo geral para o anno de 1500.

Para esse fim mandou vir da Ordem de Calatrava as suas mais modernas ordenações.

D'este convento mandaram-lhe as ultimas que no mestrado de D. Ruy Telles em 1468 tinham sido feitas. Vinham em latim e D. Manuel mandou-as traduzir no mez de maio de 1500; pois para esse anno estava convocado o capitulo geral, que não se fez, mas sim em 1503 em Thomar.

Das muitas e longas determinações d'este capitulo geral, apontaremos algumas que mais interesse a nosso vêr, tenham hoje.

Sobre o habito determinou-se que o mestre e todas as outras pessoas regulares trouxessem escapulario segundo a sua regra, que era a de Calatrava, por isso deviam usar escapulario branco por insignia essencial de religião, não devendo ser nem longo nem curto.

Mais eram obrigados a trazer uma cruz vermelha sobre as roupas de cima, isto é: manto ou outra roupa; esta cruz devia ser trazida no lado esquerdo e por toda a parte por onde andassem quer na côrte quer na guerra. Incorria em grave pena o que tal não fizesse; pois eram punidos adeante dos mais velhos cavalleiros e tirava-se-lhes a vestimenta.

Na egreja para actos divinos deviam levar mantos brancos, de contrario eram punidos.

Não só nos actos da egreja tinham obrigação de trazer esses mantos, mas tambem em quaesquer outros actos respeitantes á Ordem; fazendo o contrario, como algumas vezes antes d'estes estatutos se fazia, eram punidos com tres dias a pão e agua.

Os mantos brancos tinham de ser comprados pelos freires, mas o do prior e freires do convento eram pagos pela mesa mestral.

Não podia nenhum freire ou religioso saír fóra das portas do convento sem licença do prior, ou, na sua ausencia, do superior.

Se algum cavalleiro fosse preso em terra de mouros, era remido, pagando metade o mestre e outra metade os freires. Se fosse o mestre, todos os cavalleiros pagavam a sua remissão.

Para se executar qualquer freire era preciso requerer primeiro ao mestre para lhe fazer justiça e era depois julgado pelo tribunal da Ordem.

Todo o commendador era obrigado a dar pousada, segundo as suas forças, a qualquer membro da Ordem, que por casa d'elle passasse, sob pena de tres dias a pão e agua.

Na eleição do mestre eram castigados os freires, que peitassem outros, com perda das commendas e mais favores da Ordem.

Criou este capitulo muitos logares:

Embaixadores em Roma, Castella e em Lisboa para tratar de todos os negocios respeitantes á Ordem.

Cobrador ou Pitanceiro para cobrar e receber todas as rendas, que se poriam em caixa fechada, cujas chaves estavam: uma na mão do prior, outra na do superior e a outra na do cobrador.

Tangedor para tocar os orgãos com a obrigação de os tanger em todas as festas e officios e ensinar o freire ou freires, que quizessem apprender.

Professor para administrar os principios das sciencias.

Visitadores Eram dois e percorriam pelo espaço de dois annos todas as dependencias do convento com ordem de poderem mandar reparar casas, fontes, fortalezas, egrejas, etc, etc.:

Não deviam consentir que casa pertencente á Ordem fosse coberta de palha, mas sim de telha.

Physico para curar todas as pessoas do convento e não ser buscado fóra d'elle, pelo que ganhava meia ração de freire, isto é: 6:000 reaes em cada um anno. Este medico em breve recebe uma alta distincção, pois é equiparado aos medicos da casa real.

D. Manuel a 4 de abril de 1508, estando em Thomar, passava um alvará no qual concedia ao physico do convento da Ordem de Christo, que

gosasse de todos os privilegios, liberdades de que gosavam os physicos de el-rei e que podesse andar em mula de sela e freio por todo o reino sem embargo da ordenação.

Mestre de grammatica e logica

para as ensinar a todos, que as quizessem ou precisassem apprender nas horas vagas.

Em 1513 era lente de canones n'estas aulas o dr. Affonso Bernardo.

Uma bibliotheca

para prevenir que os religiosos não cahissem em ociosidade, estando os livros para o estudo postos em uma caixa ou almario, do qual havia uma chave, que estava nas mãos do prior para a dar a quem quizesse estudar.

Devia provar que era nobre e fidalgo todo aquelle que quizesse entrar para a Ordem.

O mestre tinha quatro cavalleiros, que o ajudavam na governação d'ella.

Os cavalleiros para entrarem na communidade deviam provar ou mostrar em que não tinham lepra nem gotta caduca, pois de nada serviam á Ordem e iam empestar os companheiros.

Haviam ter de edade mais de 15 annos e menos de 50.

Para que o serviço do convento não soffresse, estabeleceu-se que teria de haver sempre pelo menos de residencia permanente 20 freires, conventuaes e o prior.

Assentou-se que d'ahi em deante haveria capitulo geral pelo menos duas vezes por anno; onde se inquirisse do mais necessario aos cavalleiros, commendadores, convento e mais logares da Ordem, sendo n'estes capitulos que os Visitadores informariam o mestre do que tinham visto no exercicio do seu cargo.

Se o mestre morresse no convento eram-lhe feitas todas as honras; se morresse fóra vinha para o convento; e se morresse em sitio em que não se podesse ir buscar, era a Ordem obrigada ao menos a dar memoria d'isso no convento para que elle não fosse esquecido.

Para a enfermaria iam as camas e mais objectos do cavalleiro, que fallecesse no convento.

Todo o cavalleiro que partia de Thomar havia de ir á benção do convento antes de partir e aquelle que por alli passasse tinha de lá ir fazer oração.

Os membros da Ordem não podiam sair de Thomar ou de Portugal sem licença do mestre.

Aquelles que morassem á roda d'esta villa em quatro leguas quadradas, eram obrigados alli irem commungar pelo Natal e Paschoa.

Os mouros captivos eram só empregados em: azemel para trazer as coisas mais necessarias para o convento, outros para trazer lenha, e outros para cosinheiros, forneiros, pastores, hortelãos, barbeiros e reparadores dos lavores do convento.

Determinou-se tambem que d'essa reformação se fizessem e imprimissem muitos livros para que todos os commendadores, cavalleiros e mais pessoas da Ordem tivessem o seu, para saberem as suas obrigações e as cumprissem.

Muitas outras cousas foram decididas n'este capitulo para tornar a vida dos cavalleiros de Christo mais regular e austera, mas vêmos que n'esse tempo já havia a moda de reformar para ficar no papel.

Que disposições nunca cumpridas!!

E para quê? Se a sociedade portugueza e por tanto a cavallaria de Christo ia entrar n'um periodo, em que o seu viver seria completamente alterado.

Os fructos da habil politica de D. João II iam ser colhidos e D. Manuel, livre do embaraço da fidalguia rebelde, rodeado d'uma multidão de cortezãos, reinava tendo sómente por lei a sua vontade.

Destituido de grandes dotes de governação, de animo acanhado, não foi senão um protegido da sorte, um filho dilecto da fortuna.

Se Portugal chega ao mais alto grau de esplendor; se na Europa não ha côrte que se possa egualar em ostentação e fausto á do rei portuguez; se a nossa nação por uma politica utilitaria e de isolamento, cujas consequencias bem tristes viémos a soffrer ao ser-nos lançada a garra adunca de Filippe II que nem ao menos uma palavra de protesto fez sahir d'essas nações de quem nos tinhamos afastado, poude lançar-se com todo o afan na pratica d'esse agigantado plano cuja preparação encheu os ultimos annos do reinado do grande D. João II; se Portugal, guiado pelas bandei-

ras de Christo, por esses heroicos cavalleiros que lhe abriram a carreira de gloria immortalisada pelo sublime Camões, vê durante este mestrado estender o seu dominio de Ceuta ao Cabo da Bôa Esperança e d'este ás regiões brilhantes e esplendentes do Ganges e d'estas ás portas do golfo Persico e da China; se essas longas e distantes terras são selladas com os inconfundiveis padrões que o immortal infante recommendava que ao menos os fizessem de madeira, os *malhões da conquista do infante*, e que D. João II substituiu por pedra e onde a cruz de Christo, brilhando ao resplandecente e triumphante sol da gloria, encimando-os, dava-lhes a authenticidade de posse e o irrefragavel direito da suzerania temporal do rei e a suzerania espiritual da opulenta Ordem; se Portugal tem navegadores como Gama e Cabral, conquistadores como Albuquerque, guerreiros como Francisco d'Almeida, não é decerto pelas largas vistas do curto cerebro de D. Manuel, pelo cumprimento de um vasto programma de governo que a si se impozesse concebel-o e leval-o á pratica, mas pela resultante de trabalhos de grandes cerebros nascidos e creados no reinado do grande *Principe Perfeito*, os quaes desabrochavam agora em magnificos e maravilhosos fructos o que faz de Portugal a maior nação do mundo, embora o rei que lhe preside não seja uma d'aquellas figuras extraordinarias que a historia regista nos seus annaes.

Foi feliz, *Venturoso* e mais nada.

Sem programma, sem politica definida, embalado pelos caprichosos vaivens do acaso desfazia hoje o que tinha feito hontem.

Se escolheu o Gama para ir á India e o Albuquerque para conquistal-a, fez tambem amargurar o immortal argonauta e demittiu o terrivel Alexandre portuguez.

Se convinha na multa que os cavalleiros de Christo soffriam pela falta de uso do manto branco nos actos respeitantes á Ordem, por outro lado decretava, como já tinha feito ao clero, no anno de 1504, que os commendadores e cavalleiros d'esta Ordem e seus criados, não pagassem ciza, nem dizima nem direitos reaes, do que em breve se arrependeu; pois vemol-o pedir e obter do papa o direito de levantar grandes collectas sobre os rendimentos ecclesiasticos.

N'elle poderiamos vêr hoje um degenerado.

E de facto: descendente em linha recta de dois casamentos consanguineos, pois o pae foi casado com uma prima, filha de um tio já casado com uma sobrinha, muito e muito concorreu para que fosse um ente de uma vitalidade diminuida, de uma grande tara degenerativa, d'esses desgraçados, sem que tenham a minima culpa, vão sendo a prova cabal das arrojadas theorias dos psychiatras.

Difficil é classifical-o, tal é o vago do seu retrato feito pelos louvaminheiros chronistas, mas o que resumbra de essas velhas e bolorentas folhas faz o não irmos muito longe encaixando-o nas celebres séries de um Bombarda, Lombroso, Magnan, Morel ou de um Krafft-Ebing.

Ainda assim esses escassos dados que temos são preciosos estigmas para vêr n'elle um nevropatha, um desequilibrado, um degenerado e mui principalmente para lhe descortinarmos a sua triste descendencia que se vae accentuando da nevropathia até que se extingue pela improductibilidade.

Seus longos braços são atavismo que denota uma alteração profunda nos phenomenos de nutrição, uma degradação irreparavel da vida vegetativa e uma resistencia vital, que o faz perecer aos 52 annos ao ataque d'umas simples febres sobre que foi impotente a acção da medicina.

O esverdeado da sua iris, phenomeno anomalo, concorria enormemente para a pouca expressão da sua, já de si, cretina physionomia.

Insomnias, talvez, acompanhadas de sonhos tristes e pavorosos, lembranças de que por conveniencias de ambição havia deixado sem um protesto o assassinato de seu irmão, rojando se ainda em cima humilhado, aos pés do matador, a quem beijou a mão ainda quente do sangue do infeliz duque de Vizeu, ou então do espectaculo horripilante d'esse mesmo assassinato que fez entrebuxar D. João II em Alvôr nas ancias convulsionantes do envenenamento, praticado por mão porventura não de todo desconhecida de D. Manuel, faziam-no passar poucas horas da noite na alcova e para que a sésta corresse mais tranquilla adormecia ao som de musica.

O egoismo de que tantas provas deu, desde o ficar com o mestrado da Ordem de Christo, de que aliaz o devemos desculpar, attentas as qualidades reveladas pelo bastardo, para quem D. João II antes de fallecer lhe pediu o dis-

pensar-se visto ir herdar um throno dos mais brilhantes do mundo, até ao isolamento completo de Portugal das mais nações da Europa, é um dos traços mais caracteristicos do doentio temperamento e mostra nos o intenso grau de degeneramento do absorvente caracter do macromelico rei.

Emfim a sua proverbial ingratidão, a sua descommunal avidez, os seus grandes ciumes de tudo e de todos são qualidades morbidas do seu malsão caracter e que não devem passar desapercebidas pelos psychiatras que um dia, não longe, façam da historia um estudo aprofundado e d'ella elaborem um capitulo interessante da pathologia social.

A morbidez do seu temperamento, todavia, nem em tudo, felizmente, fez incidir a sua funesta acção e tambem nem de tudo o que succedeu no seu tempo foi o culpado.

Bem sabemos que n'uma côrte, no sentido moderno da palavra, como a que D. Manuel foi, pelas circumstancias da epocha, levado a crear, já se não fazia sentir o pulso forte, a habil politica e o largo espirito de um D. João II.

Alli não só o patriotismo, a nobreza d'animo, a lealdade inconcussa tinham moradia, mas tambem a nullidade, a inveja, a traição eram apanagio vil de muitos d'aquelles, que para nada prestam, a não ser para desnaturar as boas inclinações, enredar os que trabalham e lançar no grande numero ideias perversas.

E d'estes eram muitos e facilmente no fraco espirito do imprevidente rei tinham guarida, para que não houvesse nobre e levantada intenção ou grande vulto que não fosse desvirtuado ou mordido por aquellas peçonhentas viboras que, como ainda hoje, intoxicam tudo quanto é grande, nobre e patriotico.

D. Manuel, mais do que uma vez, lhes deu importancia e d'ahi muitos erros, perplexidades e ingratidões, que tanto escurecem as longas paginas dos seus vinte e seis annos de reinado.

Como os grandes imperantes, tambem lhes quiz seguir o exemplo, legislando, como vimos, na Ordem de Christo o grande *Estatuto* e para o reino reformando as *Ordenações* e os *Foraes do reino* que foram secundadas com mais leis, criando finalmente a *Mesa de Consciencia e Ordens* que tinha por fim dar voto consultivo para o monarcha

saber quaes graças tinha em consciencia obrigação de conceder ou de negar.

Na jurisdicção espiritual da sua Ordem criou, pela bulla de Leão X de 12 de junho de 1514, o bispado do Funchal tão anhelado pelos povos insulanos, como narrámos no mestrado de D. Diogo.

Já em 1508 para satisfazer um pouco os desejos d'esses reclamantes, o Vigario de Thomar lhes enviou o bispo de anel D. João Lobo que foi esperado na ilha pelo mestre Frei Nuno Cam, com toda a cleresia e lhe fizeram muitas festas.

A povoação do Funchal elevou-a D. Manuel a cidade e alli foi fundada a cathedral.

Nomeou para seu primeiro bispo a D. Diogo Pinheiro, homem de subido valor, freire professo, decimo primeiro prelado de Thomar e vigario geral de toda a Ordem de Christo, o que fez com que a prelasia de Thomar fosse annexada ao bispado do Funchal; visto o seu prelado ser nomeado bispo d'aquella diocese.

Era este D. Diogo Pinheiro do ramo dos Pinheiros de Cogominhos, alcaides-móres de Barcellos, filho do dr. Pedro Esteves, desembargador e ouvidor do duque de Bragança D. Affonso, e do conselho de D. Affonso V, e de sua mulher D. Isabel Pinheiro. Ao tempo d'esta nomeacão, tinha já sido despachado para conselheiro de el-rei D. Manuel, D. Prior da Collegiada de Guimarães, commendatario de S. Simão da Junqueira, administrador de Castro de Avelans e desembargador do Paço, logar que continuou a exercer sendo bispo.

Tinha succedido na Vigaria de Thomar a D. Pedro que havia sido nomeado bispo da Guarda.

Não chegou D. Diogo a ir á sua nova prelazia, mandando um seu representante de nome D. Duarte; pois os serviços que prestava a D. Manuel no reino o inhibiram de se ausentar de Portugal, substituindo-o o seu vigario.

Falleceu em 1526, com 60 annos, e está enterrado em Thomar, como veremos.

Grandissima foi a dilatação do poderio portuguez n'este mestrado.

D. Manuel tinha em volta de si uma rica messe de grandes homens que em emprezas de um valor sobrehumano revelavam a grandeza de seus vultos, contribuindo

poderosamente para o alargamento e expansão da Patria.

Já vimos os confins da soberbosa nação para avaliarmos o gigantesco d'esse colosso e para vêrmos agora a area quasi sem limites, da enorme superintendencia da poderosissima Ordem de Christo que, como se sabe, tinha, por direito irrevogavel, o espiritual de todas as terras descobertas e conquistadas — direito novamente confirmado em 1514, na bulla — *Dum fidei constantiam* de Leão X, concedida a D. Manuel, como Grão Mestre da nobre Ordem.

Que grande gloria foi essa, e que riquezas d'ahi não advieram!!

Para que se avalie bem, diremos o eloquente facto de o numero restricto das commendas que D. Manuel achou na illustre Ordem de Christo, foi elevado durante o seu mestrado a 450!!

Se a distincta e poderosa Milicia assim via augmentar a sua fortuna, não acontecia o mesmo ao valente e heroico Portugal, embora D. Manuel cunhe a nova moeda — o tostão — em cujo reverso mandou pôr a Cruz da famosa Ordem e a legenda *In hoc signo vinces*.

Portugal era rico não ha duvida, mas só apparentemente.

O ouro das conquistas e descobertas, se nos serviu para fazer a Egreja do Convento de Christo, Belem e mais obras, que nem foram acabados sómente com o dinheiro de lá, serviu tambem para corromper a nobreza, o clero e o proprio povo, que assistia estupefacto a todo este revolver da sociedade, de que elle era a parte principal.

As despezas desnecessarias eram enormes e D. Manuel, como todo o homem, a quem as cousas não custam a ganhar, gastava perdidamente, sem governo.

Lá estava o tributo e assim fez.

As cizas e os direitos alfandegarios subiram espantosamente.

A agricultura, que tinha sido outr'ora a mais fecunda e perennal fonte de verdadeira e solida riqueza, era hoje sobrecarregada de impostos e eram-lhe roubados os validos aldeões, dando origem ao despovoamento do reino e a um desequilibrio economico de que ainda hoje enfermamos.

Nada fez D. Manuel, podendo fazer muito.

O ouro, que por Lisboa passava, ia enriquecer a industrial Flandres, a trabalhosa Inglaterra, a commercial Anturpia, deslumbrar a Roma dos Cesares com espanto do grande papa Leão X, que em troca nos mandavam os artigos de luxo, os seus quadros, os seus pintores, os seus illuminadores, os seus entalhadores, os seus esculptores, as suas bullas e finalmente os productos das suas multiplas industrias, que nós abandonavamos, chegando a ponto de nem pão termos, o que originou uma das maiores calamidades — a fome.

O commercio enriquecia, é verdade, mas D. Manuel asphyxando-o com tributos, não o arreigando com instituições suas, com estabelecimentos proprios, não lhe desbravava o caminho, que ao deante lhe faria tolher os passos.

A expulsão dos infatigaveis trabalhadores — os judeus agora é que se ia sentindo; pois a maior parte dos commerciantes da capital eram extrangeiros.

Liberdade já era uma palavra vã, e sem liberdade, não ha commercio serio e duravel.

Isto que vamos dizendo mais se accentua d'ahi a annos e D. Manuel, que no meio do luxo desenfreado que balofamente alimentam as riquezas d'alem-mar, e que são a origem da corrupção infrene, que se inicia, desprestigiando a auctoridade e o valor dos grandes homens, que são substituidos por vaidosos insignificantes, voga sem carta de rumos certos e deixa o poder, legando o paiz presa de uma grande crise, que o levou ao fanatismo imbecil, degrau medonho e terrivel, em que vae assentar a desastrosa queda de Alcacerkibir e a perda da nossa cara e ultrapreciosa independencia.

Se o mestrado, que acabamos de narrar, é grande e luminoso pelo lado da arte e poderio a que attinge a celebre milicia de Christo, como nas nossas palidas côres tentamos dar conta, o que vae começar não é menor, mas o seu brilho é frouxo e triste, chegando a ser sinistro ao declinar d'esses longos annos, que *D. João III*, levado por um exagero de Fé, encheu de erros e de improvidencias.

Confundido o mestrado de Christo com a alta dignidade de rei, quasi que não podemos referir-nos áquelle sem que os actos d'este sejam tambem narrados. E é tal a intima ligação, que a grande Ordem de Christo tem com a corôa e destinos de Portugal, que agora acompanha este

ao mesmo passo no rapido declinar do seu periodo de grandeza e heroicidade, como outr'ora, mas independente, nos dias bellos e radiosos de D. João I e D. Affonso V.

O descobrimento maritimo do caminho para as Indias, marca o apogeu, o mais alto ponto da carreira brilhante e civilisadora de Portugal.

Depois começam-se a sentir os magnificos resultados e as viciosas consequencias d'esse superior poderio e d'essa cresolea riqueza, que faz de nós, momentaneamente, a nação mais rica do mundo.

Grandes foram os erros de D. Manuel e quasi todos fizeram sentir sua nefasta acção no reinado d'aquelle, cujo mestrado vae encher longas paginas do nosso humilde trabalho.

Bem sabemos que a epocha era já outra: o espirito cavalleiresco da Edade-media estava, se não de todo, quasi extincto; o estreito horisonte dos conhecimentos humanos tinha ultrapassado mundos e civilisações; a guerra já não era um enorme torneio, a polvora tinha-lhe alterado completamente as suas regras; a cavallaria tinha descido do seu pedestal de honras e glorias e a propria religião, que até alli tinha sido o symbolo da paz, do amor, da fraternisação, passa a ser a causa de desordens, de guerras, de exterminios.

Alem d'isso a monarchia que fôra, como que a expressão genuina da vontade soberana do povo, era agora a imitação pura e lidima do imperialismo cesareo da Roma antiga e o papado que teve a sua grande força na democracia ingenita da sua origem, soffre o grande abalo da Reforma e pela mão de Loyola assenta-se no novo principio da auctoridade em despreso absoluto da moral proclamada atravez de quinze seculos.

A razão humana emancipa-se ás investidas potentes da nova philosophia.

Por toda a Europa se reforma e se renasce.

Portugal tambem lança para longe a enxada e a espada, que o tornaram verdadeiramente rico e epicamente heroico nos tempos já idos e empunhando o leme dos seus galeões, mascando rosarios, torna se commerciante e beato.

Já se não batalhava o mouro na adusta Africa.

O inimigo da lei do Nazareno podia viver nas suas

aguerridas fortalezas; pois outro e mais temivel se ia creando, a portas a dentro, e que era preciso exterminar.

A Reforma rugia lá fóra arrogante.

Luthero prégava a nova redempção.

O clero tornava-se fanatico e a nobreza pedia moradias.

D. João III, por seu turno, não desmerecia da educação que na côrte de seu devoto pae tinha recebido.

Sempre muito inclinado a assumptos religiosos, aos doze annos de edade para entreter os ocios da juventude, instituiu a egreja de Nossa Senhora da Serra em Almeirim, onde brincando, como ainda hoje as creanças dos nossos campos, fazia festas aos santos, adornava os altares, quaes presepios da rapasiada, accendia os cirios, cavaqueiava com a fradalhada, resava longas horas e ia assim afazendo o seu propenso espirito, tacanho de origem, ás cousas da religião, unicas molas, em que haviam de girar os tristes e inquisitoriaes annos do seu beatico reinado.

Subindo ao throno em 1521 não tardou muito que não impetrasse bulla de Roma para assumir tambem o governo da Ordem de Christo, no que foi investido pela bulla —*Eximine devotionis affectus* de Adriano VI; pois talvez tivesse pressa de, ao iniciar o seu reinado, instituir uma nova ordem de frades, como oito annos antes, em creança, tinha fundado o convento de Almeirim.

Se assim o pensou, assim o fez e vindo a Thomar, onde esteve dois mezes hospedado nos paços reaes do Convento e ouvindo o Prior que era então D. Diogo do Rego, e informando-se do viver dos freires, reuniu capitulo geral a 23 de julho de 1523, o ultimo da gloriosissima cavallaria de Christo.

N'elle viu coroados os seus ardentes desejos pela approvação, que lhe foi concedida; não por todos, estamos certos, de seus membros, que na desmoralisação dos costumes e na ociosidade produzida pelas enormes riquezas da Ordem, encontravam desculpa para não serem ainda os valentes e disciplinados batalhadores do Salado, de Ceuta, de Anafé e os audases navegadores dos Açores, do Bojador, da India.

Outras riquezas, outros costumes.

Grandes difficuldades, grandes contrariedades sobrevieram por parte de Roma para que longa demora hou-

vesse na approvação do que se tinha deliberado n'este capitulo geral.

Por seis annos se postergou esta questão.

Porque seria?

Opposição d'alguns heroicos cavalleiros de Christo que no capitulo tinham protestado contra esse esbulhamento que iam soffrer, quando ainda a patria precisava do braço hercuieo de seus filhos?

Descuido dos embaixadores do religioso D. João III, que entretidos pelo magno assumpto — o estabelecimento da inquisição —, descuravam qualquer outro que não fosse relativo ao sonho tormentoso, afflictivo da extincção da heresia que tanto preoccupava o seu rei?

Proposito do papa ou da curia romana em demorar a bulla da approvação por vêr n'isso manancial appetitoso?

Seria porque Fr. Antonio de Lisboa, homem competente, andava na afanosa tarefa de reformar tambem os Crusios de Coimbra?

Não o podémos saber de certeza, mas o que sabemos é que D. João III escolheu pessoa de grande religião, saber e industria para fazer essa grande reforma que ia dar mais o contingente d'um novo convento de frades para grandeza e orgulho do *piedoso* rei.

Quem era essa pessoa de tanta religião, saber e industria?

Um santo varão que *de Thomar* tomou o nome pelo muito que fez n'esta creação e regencia do novo convento onde foi D. Prior perpetuo, assim como teve o *de Guadalupe* por ter tomado habito no convento de S. Jeronymo de Castella e o *de Lisboa* por n'esta cidade ter nascido e pelo que foi mais conhecido.

Possuindo um bom nome de familia; pois descendia de Pedro Moniz da Silva, seu avô, mordomo-mór do cardeal D. Henrique e de seu pae Bernardo Moniz da Silva, commendador da Torre e dos Casaes da Ordem de Christo e fundador da Egreja de Santa Iria no convento de freiras situado á margem esquerda do Nabão, e tendo grande fama de sua prudencia e virtude, foi chamado de Castella por D. João III a Portugal para superior do convento de Belem, que era da mesma Ordem, em que elle tinha professado.

Alli passou alguns annos, sendo depois incumbido de

administrar o Real Mosteiro de Alcobaça, emquanto o seu Commendatario, o cardeal D. Henrique, não tinha edade para governar aquella opulenta Abbadia, onde não desmereceu da sua grande fama, o que o fez ser nomeado por D. João III para reformador da Ordem de Christo, levando a cabo essa reforma a 28 de julho de 1529, sendo confirmada por Clemente VII n'uma bulla de 1531 e em que dá poderes de D. Prior ao Padre Fr. Antonio de Lisboa.

Esta reforma sómente attingiu o convento de Thomar; pois o rei como Mestre da Ordem de Christo continuou a recompensar os serviços prestados á Patria com as suas rendosas commendas e variadas tenças, para o que os agraciados faziam profissão n'uma egreja da Ordem, sendo dispensados dos votos, mas obrigados a fazer serviço no ultramar por alguns annos.

Com doze homens, á imitação de Christo fundando a sua Egreja, de costumes simples, sem lettras, soffredores, sem defeitos nem achaques, nem indispostos, assim se recolheu Frei Antonio aos humildes aposentos que alguns egregios cavalleiros de Christo já não habitavam, tendo como refeitorio a antiga casa do capitulo de D. Henrique e por dormitorio a sobre-castra do segundo claustro, fundado pelo mesmo mestre, vindo lavar-se os frades ao pavimento inferior d'este claustro, para onde se compraram uns seis alguidares grandes, d'onde nos parece que tenha vindo o nome que este claustro conserva ao presente — *Claustro da Lavagem.*

Pouco tempo estiveram sómente os doze novos freires; pois o numero d'elles augmentou e muito, e não havia no emtanto, no antigo e gloriosissimo quartel dos garbosos cavalleiros da Cruz, sufficientes commodos para os alojar.

Embora estes tivessem por obrigação viver no convento de Thomar, eram ainda assim distrahidos d'esse dever, não podendo ser rigorosamente cumprido, pelos negocios das suas commendas e pelos trabalhos das gloriosas navegações e heroicas conquistas, em que continuavam a dar provas do seu grande ardor, audacia e amor da Patria.

Não havendo, porém, grande necessidade d'estes alojamentos, como vemos, não existiam, o que fez levantar a D. João III grandes e monumentaes construcções, no que se

gastaram longos annos e enormissimas quantias, chegando mais de uma vez a comprometter os extraordinarios rendimentos do novo Creso do Occidente.

Muito desejavamos ser technicos para d'ellas dar completa descripção; pois dignas eram d'ella, mas tentaremos, nas nossas desataviadas palavras descrever essas grandiosas obras, que não sendo no todo, como as de D. Manuel cheias de poesia e patriotismo, são no emtanto admiraveis pela grandiosidade e magnificencia, com que foram edificadas.

Ser-nos-ha dada licença, antes, para aqui tratarmos d'outras obras, tambem importantissimas, como aquellas que se vão executando pela sumptuosa e patriotica egreja levantada por D. Manuel, a qual interiormente começou a revestir de gallas e que D. João III profusamente ornamentou e enriqueceu, tanto mais agora que vae servir, sem respeito dos doze humildes frades, de aurifulgente e orgulhosa casa de oração aos novos e *sofredores* religiosos.

Como o quinhão n'essas admiraveis e estupendas maravilhas é maior o do *piedoso* rei, guardámos para esta occasião a sua narrativa em que, a par de muitas obras desconhecidas até hoje, tambem damos os nomes illustres de muitos distinctos artistas que têem jazido no mais criminoso despreso.

Raczynski, o sabio allemão, muito auxiliado pelo nosso consciencioso investigador, o eruditissimo Visconde de Juromenha, alguma cousa de bom fez sobre o assumpto, sendo-nos credor do maximo respeito, e da mais alta estima, mas não é completo tanto quanto podia ser, nem tão pouco é exacto n'alguns pontos, o que não admira, por ser a primeira publicação no genero e recorrer em parte a auctores que tiveram pouco cuidado nos seus escriptos.

Se os architectos de D. Manuel prodigalisaram gallas e symbolicos adornos para que a egreja dos seus valentes e crentes cavalleiros, exteriormente, condissesse em tudo com a grandeza e poderio da gloriosissima Ordem de Christo, não menos capricharam os entalhadores, os illuminadores, os pintores, os ourives, os escrivães, os imaginarios, os organistas, os estufadores, etc. do seu tempo e de seu filho para que n'ella brilhassem aos bentos cirios dos altares, os ricos e incomparaveis productos de cerebros tão potentes, de tão elevadas organisações artisticas.

Embora haja que admirar o contorno e a feitura do grande arco, obra do insigne Castilho, a perfeitissima abobada em que os artesões, nervuras, escudetes, bocetes, florões e fechos são mais uma prova do que dissemos da original, grandiosa e portugueza ornamentação exterior, as formosissimas cercaduras do interior das janellas do baixo côro, em que se vêem umas reminiscencias das ornamentações architecturaes indianas, que tanto extasiaram os nossos infatigaveis argonautas, mais e muito mais são dignas de admiração e pasmo as formosissimas cadeiras do côro, os illuminados e ricos livros d'elle, as reluzentes e aureas pinturas da *Charola*, os gothicos e esplendentes quadros, que pendem de suas paredes, as extranhas estatuas que mostram tambem a poderosa influencia artistica do oriente, alimentada em Thomar pelos egregios cavalleiros de Christo, que heroicamente o percorreram e estudaram, os riquissimos e inconfundiveis paramentos e os seus magestosos orgãos, preciosidades que faziam d'esse templo, talvez a mais bella, a mais esplendorosa, a mais esplendente egreja de Portugal do seculo XVI, em que o sceptro de seus reis pendia sobre metade do mundo.

Quiz D. Manuel revestir interiormente o soberbo templo com que acabava de dotar a sua nobilissima Ordem e assim fez, conhecendo nós hoje o estupendo cadeiral dos insignes Olivier e Mounõz, as obras dos artistas atraz apontados, que Gil Vicente foi vedor e avaliador das manufacturas d'ouro e prata d'elle, e mais obras que mandou executar.

De longes terras mandou vir celebres artistas e dos nacionaes, sem duvida, aproveitaria os mais illustres, para que as suas prodigiosas creações engrandecessem e abrilhantassem o que já de si era grande e brilhante.

Artistas dos mais notaveis e obreiros dos mais arrojados concorreriam á côrte de D. Manuel, a mais esplendorosa da Europa, certos do emprego facil de suas apreciaveis qualidades e remuneração condigna aos seus trabalhos e talentos.

Já vimos que eram de Biscaia os inclitos Castilhos, cujos brilhantes talentos possuiam uma plasticidade extraordinaria e não só elles vieram enriquecer com as primicias de suas illustrações o campo artistico portuguez, não tão rico como alguns do estrangeiro, mas não de todo safaro, co-

mo já tivemos occasião de vêr e agora continuaremos, pois rara tem sido a actividade humana em que não tenham brilhado, com intensidade de primeiras estrellas, genios lusitanos.

Comtudo entalhadores, illuminadores, imaginarios, pintores, musicos, escrivães, etc. etc., de fóra vieram mais attrahidos pelas grandes e innumeraveis obras que de um extremo ao outro de Portugal se executavam e pelo bom preço que rendiam os seus serviços, do que precisamente pela extrema falta de artistas que houvesse no paiz n'esse nosso glorioso e triumphal seculo XVI.

N'este proposito de Gant, que era ao tempo um fóco intenso de arte, onde Van-der-Goes e Justo, em pintura, sustentavam brilhantemente a escola de Flandres e onde morria Humbert Van-Eyck, irmão do glorioso João Van-Eyck, deixando o seu famoso quadro *O Triumpho da egreja christã sobre a Synagoga*, vem mestre Olivier, celebre entalhador que da sua terra toma o nome de Gant, á moda da epocha e que ainda hoje é costume.

Enthusiasta da esplendorosa escola que tinha ao tempo a sua illustre patria por centro, educado na refulgente arte dos grandes mestres, como Humbert Van-Eyck de quem talvez visse, admirasse e se inspirasse no primoroso *Triumpho*, vemos na sua magnifica obra ser um dos mais distinctos seguidores e discipulos d'aquelles que lhe tinham formado a intelligencia artistica, podendo-se, sem contrariar nosso animo, achar alguns vislumbres nas suas producções do convento de Christo.

Embora com o cerebro a abarrotar de gothismo, quando chegou, não lhe foi indifferente ainda assim o novo meio onde vinha habitar e desenvolver a sua actividade de artista eminente.

Vindo n'uma epocha em que o original, esplendoroso e portuguez modo de ornamentar manuelino verdadeiramente começava a ter existencia e se ia ostentando bello e triumphante na formosa egreja que elle ia enriquecer com as reverberações do seu grande e luminoso talento, no meio em que ainda alguns artistas d'essa encantadora fabrica, mal acabavam de arrumar as ferramentas e iam fechar as officinas, não poude furtar-se a vêr no rendilhado soberbo e na patriotica ornamentação do incomparavel templo cousas novas, motivos geniaes, pensamentos sublimes, traços in-

confundiveis, regionaes, e como que sensibilisado pela nossa arte recebe d'ella umas linhas, uns elementos que muito e muito aportuguezaram o seu extraordinario trabalho.

Além d'isso a sua permanencia em Evora, onde fazia o cadeiral do côro da egreja de S. Francisco, emquanto, parece-nos, não se concluia a pedraria do maravilhoso santuario dos monges guerreiros em Thomar, devia tambem ter contribuido para que o seu lucidissimo espirito fosse influenciado pelo que via e estudava por cá.

D. Manuel, vendo que as obras da egreja dos seus illustres cavalleiros iam já em adeantado ponto, encarregou mestre Olivier que começasse a feitura do cadeiral com a clausula de o concluir em dois annos, clausula que em breve D. Manuel, estando em Almeirim, ampliou a tres, por se vêr que ainda poderia advir algum estorvo dos trabalhos que continuavam a haver na opulenta construcção.

Cada mez recebia o grande entalhador 12:000 reaes, sendo porém obrigado a trazer sempre sete officiaes o que não querendo era multado.

Devia ter começado a obra das soberbas cadeiras em janeiro de 1511, mas parece que mestre Olivier só a começou em julho, porque é só do 1.º de julho que começou a fazer-se-lhe o pagamento, salvo se antes do livro d'onde tirámos estes preciosos apontamentos haveria outro, o que não parece provavel, porque nos seis mezes de janeiro a junho só occuparia o registo seis paginas ou tres folhas e n'este não falta nenhuma.

Começa o pagamento no 1.º de julho e continua a 15, 1 e 15 d'agosto, 1 e 15 de setembro, recebendo até ahi Olivier e Fernan Mounõz (que pela assignatura é hespanhol).

Em 1 de fevereiro de 1512 declara se que recebe 16:000 reaes com os quaes tem recebido 100:000 que havia de haver segundo a condição do seu contracto e segue este esclarecimento: «os quaes 100:000 reaes a cima declarados se se entende e contem des ho primeiro dia d'agosto passado até ho derradeiro dia de dezembro do mesmo anno de b^c^xj (511) por quanto El-Rey nosso senhor ha por bem que do primeiro dia de janeiro d'esta era de 512 em deante aja o dito mestre Olivier vinte e cinco mil reaes cada mez, como começando no dito mez de janeiro sobredicto como mais compridamente se declara em este mandado de sua alteza que quer aqui por esta maneira seja pago».

Seguem depois os termos de pagamento no derradeiro de cada mez, achando-se primeiro o de fevereiro que o de janeiro, até o derradeiro de setembro, ainda assignado, mas com letra muito tremula, por Olivier e abaixo um pouco esta annotação: até aqui serviu e aqui falleceu o mestre Olivier.

A causa não sabemos, mas em outubro de 1511 já Fernan Mounõz era socio de Olivier.

Morto este insigne artista, a viuva escreveu a D. Manuel dizendo-lhe que desejava tomar sobre si os officiaes que alli trazia seu marido, assim como os tinha o dito mestre.

O rei entregou o negocio nas mãos do recebedor das obras Pero Vaz e recommendou-lhe muito o negocio.

Parece certo que a viuva ficou com metade das obras que tocavam a Olivier e o socio com a outra, pois o rei mandou a Thomar dois officiaes bons, que entendessem bem para avaliarem o trabalho que pertencia a cada um dos dois.

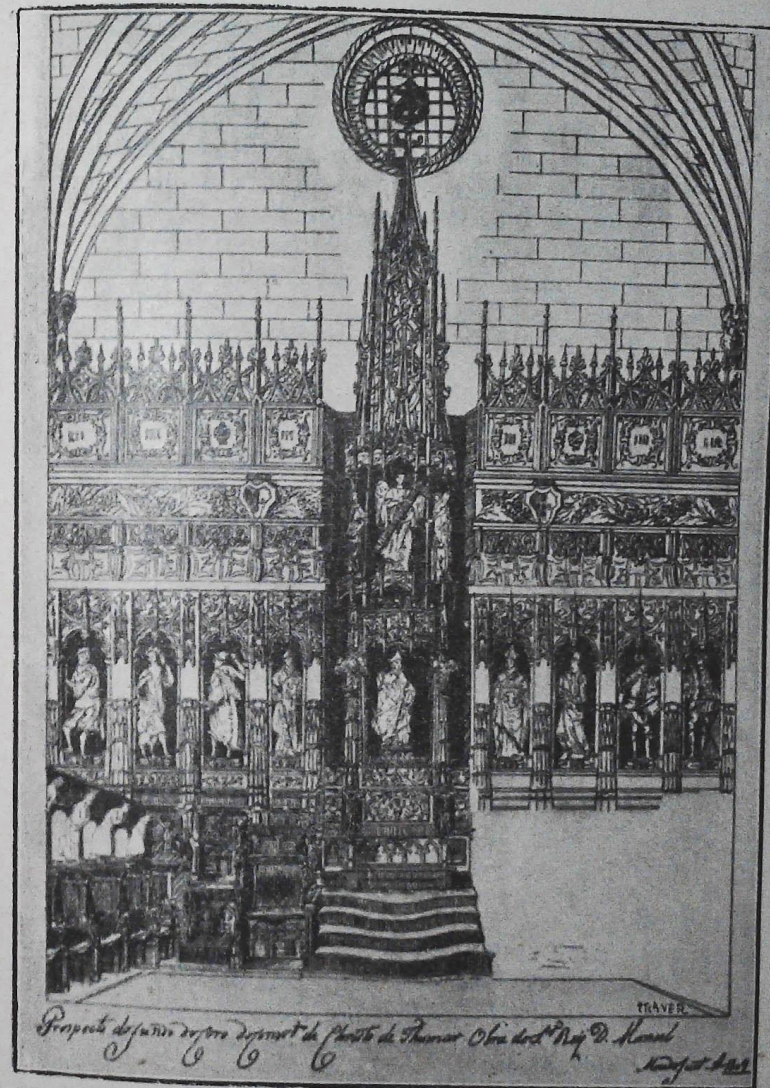
D. Manuel escreve para isto ao celebre pintor Jorge Affonso de Lisboa para lh'os lá mandar o que fez pelos annos de 1513, vindo d'alli Alonso de Sevilha e Pero Dias, carpinteiros de marcenaria.

D. Manuel grande cuidado teve n'esta esplendida obra, pois até o piso dos corredores d'entre as cadeiras grandes e pequenas era mandado forrar com tavuado e as cadeiras do domairo e diacono que fossem sem guarda pó e da mesma altura e na maneira que alli melhor parecesse.

De Fernan Mounõz, além da sua parte já apontada, conhecemos mais a feitura da cadeira por onde se fizeram as outras do côro pelo que D. Manuel lhe mandou dar 10:000 reaes dos quaes recebeu 4:000 cujo recibo nós hoje sómente temos conhecimento.

Este recibo tem a data de 29 de janeiro de 1513.

Sem duvida este soberbo côro, obra primorosa e rica, devia rivalisar com os mais afamados das cathedraes europeas e em Portugal, attento aos seus illustres auctores e o grande interesse de D. Manuel, o faustoso monarcha, não seremos exaggerados em pôr na vanguarda dos nossos soberbos trabalhos de talha, tal era a sua grandeza e riqueza artistica.

Hoje desapparecido, talvez mais devido á ignorancia e

CADEIRAS DO CORO

rapinagem nacional do que á estrangeira, como é uso facil de attribuir, mal poderemos reconstituir-lhe os detalhes, limitando nos a d'elle dar uma primorosa reproducção *(gravura a pag. 149)* que mão piedosa recolheu pelos annos de 1809.

Primeiro que saiâmos d'este magnifico côro em que as galas architectonicas e esculpturaes se casavam com tanta galhardia, cantando alegremente a grandeza e o esplendor d'essa milicia sagrada cujos membros eram os audazes navegadores e valentes conquistadores immortalisados mais tarde pelas estrophes sublimes do grande epico, notemos os primorosos livros illuminados por tantos artistas cujos nomes damos adeante, sobrelevando a todos o distincto Antonio de Hollanda.

Veiu este notavel illuminador de Hollanda, como seu nome indica e segundo seu filho Francisco, o grande artista portuguez, foi seu pae o primeiro que achou e fez conhecer em Portugal uma maneira suave de pintar a preto e branco, superior a todos os processos conhecidos nos outros paizes do mundo.

Infelizmente as soberbas e ricas obras de Antonio de Hollanda feitas para Thomar perderam-se, segundo parece, restando sómente no patriotico museu do Carmo umas folhas, que se diz, terem pertencido a esses primorosos livros.

Por ellas vê-se que eram de grande formato e nos seus principios tinham letras floreteadas, coloridas e ornadas de lindos arabescos pintados esmeradamente sobre pergaminho, principalmente uma bellissima vinheta do rosto do primeiro canto que é trabalho admiravel pela sua execução.

N'um dos arabescos que ornava uma das margens dos cantos religiosos, estava representado um retrato feito á penna, que é de suppor que seja o do insigne illuminador; pois corre que era costume n'aquella epocha os artistas deixarem os seus retratos, pintados por elles mesmos, nas suas obras.

Como dissemos, muitos outros illuminadores trabalharam para a esplendente egreja de Christo e veremos pelas contas, que apresentamos ao deante, que nenhum porém era tão apreciado como o brilhante e notabillissimo Antonio de Hollanda.

Obras d'esta luxuosa epocha e de seus artistas, nada

mais conhecemos com visos de verdade e sem duvida, e em breve veremos, muitos e muitos foram os artistas que trabalharam na decoração da capella-mór, que desde o immortal D. Henrique, vem a ter o nome de *Charola* e que d'esta famosa epocha de D. João III em deante se vae accentuando mais e muito mais o uso d'essa designação.

Verdadeiros artistas seriam elles, os escolhidos por D. Manuel, o luxuoso rei, feliz e rico e os de D. João III, o não menos luxuoso monarcha, tambem feliz e riquissimo, para ataviar, engrinaldar, enriquecer, maravilhar o estupendo e magnifico templo dos monges guerreiros e dos religiosos frades.

Peregrinos talentos teriam sido elles, pois as suas producções eram de tal fórma, belleza, encanto e originalidade que nos assombram ao lermos as suas vagas e incompletas noticias e ao contemplarmos as preciosissimas reliquias escapadas á mão sacrilega do homem e á corrosiva acção do tempo.

Uma das manifestações artisticas que mais opulentou este riquissimo santuario devia ter sido a da pintura e os seus admiraveis representantes enfileiram-se, com todas as probabilidades, n'essa insigne escola portugueza que não desmereceu da grande intuição artistica que sempre foi revelada pela nação lusa.

No brilhante campo das artes não teremos sido originaes nas formas primitivas, como raro tem sido qualquer povo, mas o que temos é assimilado facilmente essas revelações geniaes, adaptando-as ao nosso sentir, ao nosso modo de vêr, imprimindo-lhes um pedaço da nossa alma e ellas, estranhas que eram, passaram a ser como que, naturaes, portuguezas.

De longe vem o gosto á pintura pelos portuguezes e se quizessemos remontar ao seu inicio, iriamos encontrar, com mais ou menos certeza, nos primordios da monarchia, provas d'essa tendencia luxuosa, provas que se estenderiam com accentuamento de verdade, por todo o resto da primeira dynastia.

Mas sobe ao throno portuguez o glorioso D. João I e compartilha o regio thalamo uma princeza da então bem humilde Inglaterra.

O sangue de João purifica-se com o de Lencastre e dá a Portugal a pleiade de filhos a mais insigne do mundo, a

inclita geração que desabrocha na epocha radiante, triumphal, sublime do soberboso seculo XV.

Portugal trasborda e Ceuta é a primeira pégada do futuro gigante.

Com Flandres, aonde florescem pujantemente as artes, estreitam-se mais as nossas relações.

Lá imperam os irmãos Van Eyck, celebres pintores gothicos.

João Van-Eyck, o illustre chefe da Escola de Burges, vem na embaixada que o duque de Borgonha envia a Portugal a pedir a mão de D. Isabel, filha de D. João I e por cá se entretem quinze mezes que decerto concorrem para aprimorar o gosto á renascida nação que vae dando obras que já fixam nomes.

A sua vinda á peninsula generalisa mais as grandes producções dos seus conterraneos e accentua provavelmente uma grande corrente de artistas que emigram para esta parte da Europa, onde facilmente eram recebidos, attento as fortes relações commerciaes que Flandres e Portugal mantinham.

D. Filippa, filha do grande infante D. Pedro, é uma das mais illustres illuminadoras do seu tempo, deixando no seu manuscripto do *Evangelho* uma obra prima no genero.

D. Affonso V acompanha a sobrinha nas suas predilecções; pois até, segundo se affirma, estabelece uma escola de desenho e a sua illustrada côrte é visitada pelo notavel pintor flamengo Memling que retrata o rei e sua filha, a celebre D. Joanna.

O irmão d'esta santa, o deshumano, mas habil rei, o eminente politico, D. João II continua a cultura do pae, chamando de varias partes artistas portentosos e elle mesmo entrega-se á arte e mata os ocios, deixados pela sabia e agitada governação do reino, debuxando.

Os artistas portuguezes, influenciados pelos estranhos já são muitos e de valor.

D. Manuel, o feliz mestre da gloriosa Ordem de Christo, sobe ao throno dos grandes rei de Portugal.

O ambiente lusitano torna-se radioso e as riquezas que d'além mar vinham nas impavidas e imponentes caravellas, em cujos pannos escarlateava a Cruz de Christo, symbolo epico de fé e de patriotismo, davam a Portugal uma opulencia desusada, desmedida, attrahente de um inumero de

artistas, ávidos de gloria e de interesse, e alimentam uma messe de portuguezes que são tambem insignes em manifestações de Arte.

A arte portugueza reflectia principalmente a flamenga, como a d'este paiz, em muitos ramos da actividade humana, reproduzia a nossa, pela acção directa dos judeus expulsos de Portugal.

Na pintura, porém, essa influencia é enorme e os nossos pintores com o celebre Jorge Affonso á frente, que chegou a ter uma importante officina, já vão rivalisando com os Van-der-Goes, Justo e Quentin Martsys, pintores illustres que sustentavam brilhantemente o renome da escola de Flandres, e se os seus nomes não são de todo conhecidos é pelo desleixo com que as nossas cousas são tratadas; pois tem sido costume—bem triste é—de vermos e admirarmos sómente o que as outras nações têem, deixando as nossas no olvido e despreso. E não menos a falta que commettem os que intentam algum trabalho historico, em se contentarem com o que acham impresso e não irem pesquizar nos documentos coetaneos os elementos indispensaveis para a completa elucidação do assumpto que tractam.

D. Manuel, o rei omnipotente, espalha por Portugal fóra rios de dinheiro em obras d'arte.

Por um manuscripto existente na Torre do Tombo, vê-se que elle, ainda mestre da cavallaria de Christo, mandou para a sua egreja os quadros seguintes, cujos assumptos eram:

Nascimento de Jesus.
Os magos.
A visitação do anjo á Virgem.
A Virgem alimentando seu filho.

Não é só Thomar contemplada com quadros; D. Manuel tambem os mandou para varias egrejas, ao tempo, pertencentes á Prelasia, como ainda hoje vemos, quatro na egreja das Olalhas, e que têem por assumpto:

O nascimento de Jesus.
A annunciação.
A visitação do anjo á Virgem.
A adoração dos Reis Magos.

No mesmo precioso documento encontramos uma extensa relação dos paramentos e joias enviados para Tho-

mar na mesma occasião e das quaes relatamos as seguintes:

Cinco vestimentas completas e de varias côres para padres.

Dez coxins.

Dois capellos.

Uma alva, etc., etc.

Um calix de prata.

Duas custodias douradas.

Um gomil dourado.

Uma bacia das mãos.

Duas galhetas.

Uma boceta para hostias.

E n'outro documento ainda vemos tambem o que elle ordenou, mas já rei, ao D. Prior que mandasse fazer, como tinham já falado e era o seguinte:

Uma cruz de dez marcos.

Uma custodia de oito marcos.

Um thuribulo de quatro marcos.

Uma caldeira com seu hysope de prata de doze marcos, cinco calices.

Mandou lagear o cabido e que os assentos e as costas fossem de madeira e tudo pintado; mandou pintar a *Charola* de dentro e de fóra, os verdumes desde a chave de cima até baixo d'ouro e os campos de azul com suas estrellas e rosas de ouro.

Nos arcos da *Charola* mandou fazer grades de ferro dourado.

Uma naveta de cinco marcos e um saleiro de tres marcos de prata.

Um retabulo no altar-mór segundo foi dito ao carpinteiro e ao pintor.

Mandou concertar o corucheo e o côro de maneira que não chovesse n'elle.

Deu ao vigario do convento umas casas na rua da Corredoura pelas que habitava na torre que está no canto da cerca sobre a varzea grande onde a cerca volve para o poente.

Mais e muito mais continuaria a mandar D. Manuel para o enriquecimento do seu nobre convento, mas mais nada conhecemos, sendo os documentos mudos relativamente ao que mais teria D. Manuel para alli enviado.

De D. João III muito conhecemos e pelo que diremos dos artistas que no seu tempo trabalharam para os seus queridos freires, veremos as suas obras, inclusive os quadros.

Comtudo vejâmos a rica collecção d'elles que, estamos certos, foi dadiva de D. João III.

Os documentos antigos pouco dizem d'esses retabulos, mas por uma nota que o Visconde de Balsemão em 1843 enviou ao illustre Raczynski, conhecemos uns vinte a mais d'aquelles quatro e tinham por assumpto:

O baptismo.

A synagoga.

A prisão.

A descida aos infernos.

A ascensão.

A Senhora da Soledade.

Os apostolos no Cenaculo.

O julgamento final.

A Santissima Trindade.

A resurreição de Lazaro.

Triumpho de Jerusalem.

Resurreição de Jesus.

Centurião.

E nos altares lateraes:

S. Gregorio.

S. Sebastião.

S. Bernardo.

Santa Maria Magdalena.

A conquista de Santarem.

A morte de Christo.

S. João Baptista.

O que vemos ainda hoje d'esses bellos e importantes quadros faz-nos calcular o valor inestimavel da sua collecção.

Pertencentes á prodigiosa escola gothico-portugueza, não deviam ser d'um só auctor, tanto mais que a pintura em Portugal vae chegar ao seu apogeu e brilhar no seu zenith o grande sol — Grão Vasco — o mais insigne pintor d'essa inconfundivel escola que tanto ennobrece a nossa gloriosa patria.

Difficil e muito é o estudo d'esta nobre arte e muito e muito atrazado está ainda no nosso paiz para que nós, leigos

completamente na materia, possâmos dizer alguma cousa sobre esses quadros cujos restos ainda hoje são d'um grande valor, pela grandeza de cada um, seu desenho, sua composição e suas tintas.

Por mais pesquizas que fizessemos não nos foi possivel descobrir nome, monogramma ou letra pela qual se podesse saber o seu autor, sómente a bandeira do Centurião é que tem a letra *P* no encimado junto á lança e na bordadura de baixo o seguinte, n'uma volta:

See.·.porviver, n'outra *vexbo.·.revim* e n'outra *bomvr.*

Apezar da humildade, como sabemos, com que começou a nova Ordem dos frades de Christo, estamos certos, e os documentos, se houver mais do que vimos, um dia o revelarão, que D. João III contribuiu immenso para que o thesouro da egreja de Thomar subisse a um alto valor e fosse considerado como um dos mais famosos da peninsula, o que vamos ver pelas referencias dos escriptores contemporaneos da visita de Filippe I ao opulento convento de Thomar.

Os distinctos artistas e as obras a mais dos que ficam já apontados que para o bem ataviado convento fizeram, e de quem os documentos dizem alguma cousa são os que se seguem.

Foi longa a colheita, largo tempo nos levou, e se não fosse a carinhosa intervenção do sabio, illustre investigador consciencioso e primoroso escriptor, o sr. general Brito Rebello que nos acompanhou nos ultimos respigos d'estas pacientes investigações, decerto que não seria tão completa nem tão exacta.

Aqui queremos consignar este facto, pois no distincto homem de letras, não encontrámos sómente um mestre, encontrámos um amigo dos raros que se nos depararam n'este despretencioso trabalho.

Affonso Pires, ourives de Thomar, recebe de refazer 3 lampadas da *Charola* 6:000 reaes e 10:682 reaes do feitio de uma lampada para o altar de Nossa Senhora que pesou 11 marcos e 8 oitavos a 600 reaes o marco que com 2 marcos menos 3 oitavas que pôz da sua prata, porque a mais era da sacristia, sommam os ditos reaes.

Só em outubro de 1534 é que lhe é satisfeita esta quantia.

A 22 de março 1539 recebe 19:000 reaes de 12 guarnições prateadas que fez para os livros grandes a 1:600 reaes

por guarnição e mais 450 reaes em prata que metteu nas ditas guarnições.

Em dezembro 1533, recebe 2:436 reaes do feitio de 3 castiçaes de prata pequenos, em julho de 1539, por vezes, 23:200 reaes de 14 guarnições e meia para os livros grandes á rasão de 1:600 reaes cada uma, em outubro do mesmo anno 12:800 reaes por 8 guarnições de livros grandes e mais 8:000 reaes por 5 guarnições de livros tambem grandes.

Em dezembro de 1539 recebe mais 2:400 reaes em patacas para o pratear dos livros grandes.

Em janeiro de 1536, faz 5 pares de galhetas pequenas para os altares que pesaram 7 marcos, 1 onça e 2 oitavas á rasão de 300 reaes o marco; do feitio de 2 calices que pesaram 6 marcos e onça e meia a 400 reaes o marco e do feitio d'um hysope que pesou um marco, 6 onças e oitava e meia a 500 reaes o marco. De todos estes objectos recebeu 6:865 reaes.

Antonio de Hollanda trabalhava em novembro de 1533 em Evora e de Thomar levaram-lhe lá n'uma mula uns livros grandes para elle illuminar.

Em março do anno seguinte recebe 31:875 reaes em parte de pago dos livros que illuminava e em fevereiro de 1535, 31:920 reaes para cumprimento de pago de dois volumes *Dominicaes* que illuminou, em que fez 5 principios a 6:000 reaes cada um; 388 letras a tostão e quebradas 152 a 20 reaes e duas rabiscadas de ouro e azul a 40 reaes.

Estes dois livros foram encadernados em Evora por 4:000 reaes.

No mez de novembro de 1536 recebe mais 54:605 reaes pela illuminação de um *Psalterio* em que illuminou a saber: 4 principios a 6:000 reaes, 40 letras illuminadas com suas vinhetas a 500 reaes cada uma, 115 letras illuminadas sem vinhetas a 100 reaes, 203 letras rabiscadas da niel, ouro e azul a 80 reaes, 84 letras quebradas, rabiscadas de preto a 40 reaes, 2846 letras pequenas dos versos a 4 reaes cada uma.

Este *Psalterio* veiu de Evora em março de 1537 n'uma mulla, cujo fréte importou em 500 reaes.

Em 12 de fevereiro de 1537 recebe tambem Miguel de Hollanda, filho do glorioso artista, em nome do pae, 30:000 reaes de 5 principios de livros que illuminou a 15 crusados por principio.

Ao falarmos d'este notavel artista e dos seus livros devemos tambem referir o nome de *Luiz Fernandes*, latoeiro, que em fevereiro de 1536 recebe 12:140 reaes por fazer as guarnições douradas e por 6 covados de tafetá da India para guarda dos principios dos ditos livros.

João Munõz, marceneiro em Lisboa e que pelo nome parece hespanhol, executou duas cadeiras para os cantores do côro de que recebeu 2:200 reaes; pelos trabalhos da capella de Nossa Senhora 10:000 reaes; por uma imagem de S. Roberto para a capella pequena e trabalhos no côro e em volta do altar-mór 2:600 reaes; por 6 leitos para a enfermaria 3:600 reaes, a 600 reaes cada um; por cousas de gesso que estavam quebradas na *Charola* 1:700 reaes.

Em junho de 1535 recebe mais 10:990 reaes do coroamento das grades da *Charola*, de concerto das ditas grades e certos archetes, de 10 dias que trabalhou em umas caixas de manicordios, e em 3 de abril de 1540, 720 reaes por um painel quadrado e feito de bordo.

Mestre *Francisco*, francez, em 26 de outubro de 1533, recebe e mais o companheiro, entalhador como elle, 4:200 reaes de grudarem e concertarem os retabulos grandes e pequenos da *Charola*.

Em dezembro do mesmo anno recebe sómente mestre Francisco, do feitio d'um painel novo dos grandes para a *Charola* e assentar os retabulos d'ella 2:600 reaes.

Fernão Rodrigues, pintor, de pintar algumas maguas e gretas dos retabulos da *Charola*, recebe 3:000 reaes em dezembro de 1533.

Em 1535 recebe mais 17:000 reaes por pintar, dourar e reformar muitas cousas dos retabulos da *Charola*, da crasta, refeitorio e abobada de cima, e nos altares em muitas partes que ficaram abertas do termor; e de pintar as grades e outras miudezas que pintou e reformou em que gastou um anno.

Reimõ, francez, recebe em janeiro de 1534, 12:000 reaes por limpar os retabulos em todo o convento e por limpar as vidraças 500 reaes e 300 reaes para a viagem.

Antonio Rombo, notavel organista, de affinar os orgãos grandes em fevereiro de 1534, recebe 4:000 reaes, em abril, por correger o orgão grande com o seu cano 1:970 reaes, no mez de dezembro do mesmo anno 5:500 reaes por fazer uns folles novos para os orgãos grandes e 65 canos

entre grandes e pequenos e em 1551 20:400 reaes por fazer um orgão para o côro.

Rombo, filho, fez um orgão pequeno de que recebe em 8 de outubro de 1533, 5:000 reaes.

Sulpicio, italiano, imaginario, recebe em março de 1535, 2:400 reaes de 6 imagens pequenas que fez para os altares, a 400 reaes cada uma, no mez de dezembro do mesmo anno, de um retabulo de barro da *Quinta angustia* com sua obra de maçonaria e de limpar e concertar outro retabulo pequeno de S. Jeronymo, 8:300 reaes.

Francisco Fernandes, estufador (estucador) morador em Lisboa, recebe em novembro de 1535, 4:408 reaes de assentar 2:204 pães d'ouro nos archetes da capellinha de Nossa Senhora, 3:450 reaes de dourar a obra de maçonaria que está por cima das grades da *Charola* e mais 2:000 reaes de dourar e pintar cinco imagens pequenas que faltavam na *Charola*.

Frei Gonçalo, religioso do convento, fez o relogio novo.

Diogo Henriques, serralheiro da villa de Thomar, de ajudar a fazer o relogio novo, supra, recebe 6:762 reaes com 400 reaes que deram a Pero de França, relojoeiro, morador em Figueiró que o veio avaliar.

Figueiredo, pintor, (talvez Christovam de Figueiredo) fez uns debuxos para uns pannos, que se mandaram fazer em Flandres, pelos annos de 1538.

Diogo Rodrigues, cirgueiro, trabalhou para o convento de Thomar no tempo de D. João III.

Gregorio Lopes, pintor de Lisboa, fez para a *Charola* os retabulos novos de *S. Antonio, S. Sebastião, S. Bernardo* e outro da *Magdalena* e assim como os retabulos da capella de Nossa Senhora pelo que recebeu, em setembro de 1536, 168:000 reaes.

João Filippe, por concertar e grudar os retabulos de Nossa Senhora e dos assentar e de certos dias que gastou a ir a Coimbra para ver uma estante para se fazer outra por ella, recebeu no anno de 1537, 3:300 reaes, em fevereiro de 1536 por correger um manicordio, 150 reaes, e em abril de 1538, 600 reaes de grudar e fazer certas tabuas para os livros grandes que eram obrados no convento aonde havia officina de livreiro.

Ainda recebe mais 3:747 reaes de quatro paineis pe-

quenos. O frete d'estes paineis de Thomar ao convento importou em 10 reaes.

João da Rosa, encadernador do convento, recebe em agosto 10:000 reaes em dinheiro, fóra o sustento, de encadernar os livros grandes e pequenos do anno que acabou pelo S. Thiago de 1538.

Francisco Pires, castelhano, escrivão dos livros, escreveu e apontou todo o *Missal dominical* que fez em 5 volumes, em que ha 75 cadernos e meio, pelo que recebe em maio de 1535, 3:265 reaes; de mais um volume que escreveu e apontou de *Officio de Defuntos* e com 4 missaes com quirias (Kiries), glorias, credos e agnusdei em que ha 12 cadernos, 3:600 reaes. Este volume começou a ser feito a 31 de março de 1534 e concluiu-se a 29 de maio de 1535.

Além d'estas importancias que recebia, tinha a mais um alqueire de trigo por caderno.

Durante o tempo que vae de junho de 1535 a março de 1537 completou 97 cadernos e 3 folhas de letra grossa de cantoria que escreveu e apontou pelo que recebe 29:164 reaes; 9:640 reaes por 20 semanas que trabalhou na sachristia em emendar toda a leitura que era escripta em que elle escreveu e outros escrivães para se concertarem em volume d'onde se metteram folhas e tiraram outras, e mais 2:100 reaes de solfar 3 volumes.

Em setembro de 1537 recebe tambem 17:184 reaes de 38 cadernos e folha e meia de leitura á rasão de 450 reaes por caderno, mais 2:437 reaes e meio de 8 cadernos e uma folha de cantoria, mais 4:000 reaes de 25 dias que trabalhou de seu officio na emenda no que eram feitos, em suprir e raspar e concertar a leitura em volumes.

Francisco Peres, recebe de 48 cadernos e 2 folhas a 450 reaes o caderno e de 17 cadernos de cantoria a 300 reaes, etc., o que tudo entregou no anno de 1538, 27:565 reaes e em outubro de 1539, as ultimas ferias por varios livros que escreveu, compoz e emendou e mais 1:000 reaes de gratificação ao voltar para a sua terra.

Francisco Flores, castelhano, por escrever 39 cadernos e menos uma folha em uns *Licçoeiros santaes*, recebe 19:625 reaes, em novembro de 1535 mais 400 reaes por um caderno que escreveu do officio para lançar o habito e fazer das profissões e em fevereiro de 1539, 780 reaes de 46 letras rabiscadas que fez n'um volume de *Hymnos* e

outras pequenas e mais 300 reaes de 6 folhas que escreveu e que faltavam n'um *Epistoleiro*.

Francisco Escovar, castelhano, recebe 14:400 reaes por 36 cadernos que escreveu de letra miuda para um *Evangeliorum* e parte de um *Epistoleiro*.

Arnaldo Plato, recebe 6:000 reaes de escrever alguns livros de letra grossa.

Jorge Vieira e Diogo Fernandes, illuminadores em Lisboa, recebem em março de 1537, 45:022 reaes das obras que fizeram nos livros novos d'este convento, a saber:

Jorge Vieira, recebe 27:200 reaes por 5 principios, a 2:000 reaes cada um; 12 letras com a sua vinheta a 400 reaes cada uma e Diogo Fernandes recebe 17:822 reaes de 520 letras d'azul, da niel e de ouro e rabiscadas a 25 reaes por letra, e 360 letras de rabiscos pretos a 10 reaes e 4 letras de pincel sem vinhetas a 100 reaes e 136 letras pequenas d'ouro dos versos a 4 reaes e d'outras da mesma maneira a 2 reaes.

João de Salazar, castelhano, recebe 4:980 reaes de 135 cadernos e meio que escreveu de letra grossa e apontou, á rasão de 300 reaes por caderno, e por apontar mais 25 letras grossas que Frei Francisco, frei escrivão que foi d'este convento escrevera e um Arnaldo do Prado, e de rabiscar certos cadernos, accrescentar certas antiphonas e correger n'elles certos deffeitos.

João Leão, castelhano, recebe 15:120 reaes por 30 cadernos e 2 folhas de um *Licçoeiro* que escreveu e entregou até 22 de dezembro de 1537 á rasão de 500 reaes por cada caderno.

Mais recebe 600 reaes de 5 cadernos e meio de um livrinho que escreveu do modo como se lança o habito e se dá a profissão.

Manuel Pires, encadernador na villa de Thomar, por encadernar um *Psalterio* grande e 5 pequenos, recebe 600 reaes.

Frei Hercules, recebe 4:400 reaes pelos livros que escreveu em Maio de 1534.

João de Pomar, sineiro, recebe em agosto, de 1536 pelo feitio de um sino grande (naturalmente a *baleia* pequena) 15:290 reaes.

Peres, castelhano, encadernador, recebe 5:854 reaes por encadernar 167 livros entre grandes e pequenos.

Antonio Taca, vidraceiro, na Batalha, recebe em outubro de 1550, 27:420 reaes de varias obras de vidraçaria que fez para o convento de Thomar.

Antonio Fernandes, illuminador, recebe em 1551, 14:000 reaes de 4 principios nos livros do côro, 2:000 reaes de duas historias pequenas debuxadas, 2:500 reaes de 125 letras que fez nos *Procissonarios*, 4:000 reaes de 50 letras maiores, 520 reaes de 104 letras.

Mais nenhum nome de artista encontrámos, n'este brilhante periodo, sendo porém de presumir que tivesse havido outros e vista a importancia da obra e o alto conceito em que por D. Manuel era tido o seu grande pintor Jorge Affonso, que algum quadro lhe fosse encommendado para ennobrecer o santuario que o monarcha tanto queria elevar e engrandecer.

Comecemos pois, a descripção do soberbo convento que alojará em breve os riquissimos freires da Ordem de Christo, que ao bronzeo som de 9 sinos, dadiva de D. João III, vão, não como outr'ora enfileirados ao som guerreiro das trombetas a mil heroicos combates, mas a commodas ladainhas, a latinicas rezas e a excessivos officios.

Portugal vae entrar em plena Renascença classica, essa epocha esplendorosa, rica, naturalista e scientifica.

Já vimos no mestrado anterior o quanto as suas alvoradas vinham de allumiar as velhas trevas da Edade-média d'este paiz latino que, incidindo sobre elle com tão grande afinco as intensas relações politicas, commerciaes e artisticas da famosa e encantadora Flandres, não abriu desde logo seus grandes olhos aos magnificos fulgores artisticos que de Italia vinham.

Não admira.

Portugal até á descoberta do novo caminho para as Indias, foi um organismo são, forte, crente e grande.

Era, póde dizer-se, a primeira nação do mundo e embalada na sua grande Fé christã, não regeitava assim essa bellissima civilização gothica, cujo estylo architectonico tanto elevava, as almas ás regiões ethereas, onde viam uma luz, uma esperança, um destino.

A nação portugueza estava educada na grande escóla, cujas ideias vinham d'esse esplendecente norte ; e seus artistas ainda presos ao torrão patrio e mesmo aquelles que de terras estranhas a Portugal aportavam, tanto se deixavam influenciar pela civilização portugueza, que nos causa ainda hoje admiração, a não se explicar pela intensidade d'ella, inspirando-se nas grandes emprezas e navegações de seus contemporaneos, resistiram ainda assim por longos annos ás novas fórmas artisticas, que eram demasiadamente realistas para o seu espirito de crentes e de christãos.

O grande pensador que tanto honra o nome portuguez, Alexandre Herculano, disse um dia a Raczynski que o estylo de D. Manuel era a resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I ; ao que accrescentou o illustre critico d'arte : e contra os de Peruzzi, de Bramante e mesmo de Raphael como architecto.

E assim é ; mas 30 annos rolam na immensidade do tempo, e esse resistente organismo começa a declinar com a riqueza, que d'álem mar vinha e lhe trazia o veneno, que devia decompor seu sangue, intoxicar seus musculos e corromper por completo, seu arcabouço.

Já não era o valente e cheio de Fé, que na prôa das suas caravellas ia de mar em fóra desvendar em nome de Christo os arcanos do Oceano, e relacionar-se com aquelle Prestes Joham de quem falava a lenda.

Outra era agora a causa. As crenças da Edade-média já iam longe e nem só de fé vivia o homem.

Era preciso negociar, conquistar, lucrar, enriquecer, e ostentar luxo.

D'ahi esse estonteamento que nos levou ao enervamento e á morte.

Antes que chegue esse triste e fatal momento assignalemos, embora resumidamente, a intensa influencia, que sobre nós teve a nova era que de ha muito na Italia vinha affirmar-se d'um modo brilhante e grandioso.

Era este paiz o fóco puro das tradições classicas.

Nunca n'esta bella região se tinha estabelecido com grande largueza a civilização medieva.

Como n'ella mais viva foi a acção romana, as suas cidades agarradas dos habitos municipalistas, formaram atravez dos seculos que seguiram á queda do Imperio do Occidente, como que republicas com vida propria, independentes ; e onde continuou a haver um certo grau de cultura que muito contribuiu para que nos seculos XIV e XV Cosme de Medicis, o *Pae da Patria,* protegesse largamente as lettras e as artes, erigisse em Florença diversos monumen-

tos e fundasse uma academia, á frente da qual pôz Marsilo Ficin; Lourenço de Medicis, o amigo intimo de Pico de La Mirandola e Paliciano, um dos mais activos propagadores da imprensa na Italia, restabelecesse a academia de Pisa, para a qual chamou os mais eminentes professores, fundasse em Florença uma academia para ensino do grego, augmentasse consideravelmente a rica bibliotheca Laurenciana e mandasse Lascaris ao Oriente colligir manuscriptos preciosos, e que alguns papas illustrados déssem tambem grande desenvolvimento aos estudos classicos, adquirindo manuscriptos, fundando bibliothecas e academias, protegendo os sabios que assim favorecidos se esforçavam para corresponder pela sua intelligencia e suas obras a fazerem da Italia a nação mais civilisada do mundo.

Os manuscriptos adquiridos eram divulgados pela imprensa e commentados o que facilitava a sua comprehensão.

A queda de Constantinopla e a diffusão dos sabios veiu tambem dar grande incremento com a revelação das obras dos hellenos que para se lerem, em varias terras, como Florença, estabeleceram-se escolas de grego.

O latim classico substituiu a linguagem barbara dos escolasticos e dos monges da Edade-média.

Era um resurgimento, renascia-se e tudo se convulsionava á luz dos novos conhecimentos: a moral, a arte, a philosophia e até mesmo a Egreja corrompida e degenerada.

Platão e os seus irmãos na philosophia são traduzidos e admirados nas suas largas concepções.

Os horizontes das sciencias e das artes galgam os acanhados limites da Edade-média.

Os portuguezes e na sua esteira os hespanhoes dão ao mundo novos mundos e pacientes eruditos auxiliados pela divulgação da imprensa vão de descoberta em descoberta, fazendo resurgir o mundo antigo.

Não era só a litteratura grego-latina que era digna de apreço e a que se dirigiam zelosos estudos, mas tambem os monumentos deixados por essas civilizações eram revestidos de toda a protecção, tendo-se consciencioso cuidado na sua guarda e exame.

Pesquizas se fizeram, e que foram o ponto de partida, em ruinas da antiguidade e d'ellas se tiraram valiosos res-

tos, como a mais celebre e talvez a mais perfeita das antigas estatuas, o Apollo de Belvédère em Antium e o famoso grupo de Laocoonte, n'umas vinhas proximas a Santa Maria Maior, que muito e muito vieram augmentar a ancia de bem conhecer o que longos seculos de obscurantismo tinham escondido.

A paixão pelos monumentos archeologicos accentua-se e as bellas-artes vão-nos agora dando obras que pódem ser apontadas verdadeiras maravilhas.

A belleza da fórma, a sua tendencia para a realidade e a independencia da esculptura e da pintura da architectura são as novas divisas da epocha brilhante, que vae encher os seculos XV e XVI.

Nas alvoradas da grandiosa arte da Renascença brilham artistas que são como que o limiar do grande edificio, em que a architectura, a esculptura e a pintura, constituindo estas duas ultimas já artes distinctas, dão as mãos para enriquecer, maravilhar o palacio dos nobres, a côrte dos reis e a curia dos papas.

Florença é o ponto de reunião da grande arte e seus filhos illustres, observadores da natureza, combinam essas reflexões com o mais rigoroso estudo dos antigos monumentos.

Não copiam no emtanto.

Modificam, introduzindo originalidade.

Brunelleschi, é o mais illustre dos seus filhos e um dos mais assombrosos genios d'essa esplendorosa epocha.

Do seu potente e original engenho sahe a concepção grandiosa da cupula da egreja de Santa Maria das Flores, da sua patria e a engenhosa modificação do capitel corinthio, em que as volutas são substituidas por golphinhos, cujas caudas enroscando-se caprichosamente, servem de supporte ao abaco.

Estavam achadas as novas fórmas, em que se deviam moldar os monumentos futuros.

A admiração e o estudo da antiguidade não pára.

A propria egreja favorece a nova arte que muito e muito tinha de pagã e incita os novos artistas; por isso o centro artistico muda de cidade.

Já não é Florença, mas sim Roma.

Comtudo ainda a patria dos novos genios é a terra do grande mestre.

Leonardo de Vinci e Miguel Angelo são florentinos, mas suas vidas são passadas fóra da sua terra illustre.

Os papas procuram então fazer da sua cidade o fóco intenso da vida artistica. Entre elles: Julio II e Leão X, querem deslumbrar o mundo com a magnificencia da sua côrte.

Bramante, celebre architecto, planeia a egreja de S. Pedro, o soberbo templo.

Leonardo de Vinci, pinta admiraveis quadros e escreve o seu *Tratado de Pintura,* cuja influencia foi enorme.

Miguel Angelo, florentino de raça, ao chamamento de Julio II, vae para Roma e ahi torna se grande e notavel pelo vigor que imprime ás suas composições.

O seu *Moysés,* unica parte que chegou a fazer para o grandioso mausoleo do seu protector, é a estatua mais assombrosamente bella, mais rigorosamente anatomica, mais impressionantemente delineada, que jámais em estatuaria se attingiu a tão grande aperfeiçoamento.

As pinturas da capella Sixtina, em que elle dá largas ás arrojadas concepções da sua ardente alma e ás grandiosas fulgurações do seu genio artistico, são tudo quanto ha de mais maravilhoso, estupendo, sublime.

Era o apogeu da nova arte a que faltava ainda ajuntar o *divino* Raphael, cuja vida de 37 annos se poderá comparar o deslumbrante meteoro rapidamente desapparecido no largo e claro ceu artistico d'Italia, contribuindo immenso, sem outro egual, para a grandiosidade e luxo da côrte dos papas Julio II e Leão X.

Vinhola e Palladio estudam com rigor as ruinas gregas e romanas e fixam-lhes as proporções.

Compendiam essas regras e d'ahi para o futuro todos os artistas resam pelo mesmo *Evangelho* que tem grandissima influencia na *Renascença italiana* que é sempre classica, obedecendo aos typos rigorosos e elegantes da arte d'esses dois grandes povos, cujas producções artisticas ainda hoje são a admiração e o assombro das nações modernas, mas que, apezar d'isso, devido a causas varias, não foram levadas pelo grande enthusiasmo que assaltou os Italianos no rigoroso seguimento d'esses modelos.

São mais ecleticas do que classicas, vendo nós em Portugal e no convento de Thomar formas gothicas de mistura com as da renascente arte; o que não quer dizer, ainda

assim, que não haja trechos architecturaes do mais rigoroso e puro classico grego-romano, como no mesmo convento, o magnifico claustro de D. João III.

Foi n'este periodo aureo de progresso das artes que sobe ao mestrado da Ordem de Christo, o religioso filho de D. Manuel, homem com maxima propensão para o beatismo o que o põe em continuas relações com Roma, o brilhante fóco artistico-litterario.

Já o *Afortunado,* talvez impressionado com o movimento extraordinario das côrtes dos Medicis e do faustuoso papa Leão X, a quem mandou uma embaixada esplendorosa e nunca vista, nem nos famosos tempos de Augusto, tinha enviado nos ultimos annos do seu reinado alguns artistas a estudarem nas obras da antiguidade e nas produzidas pelos grandes e radiantes genios, que eram o assombro do mundo e o orgulho dos papas Julio II e Leão X.

A Roma vão n'essa epocha Fernando Gomez, Gaspar Dias, Francisco Vanegas, Antonio Campello, e Francisco de Hollanda, etc., etc., que de volta a Portugal vêm para a côrte de D. João III e são os arbitros da nova orientação.

Francisco de Hollanda escreve e entrega ao rei um extenso relatorio do que viu e aprendeu por essa sua instructiva viagem e que no nosso entender muito contribuiu para os novos estudos e Sá de Miranda, por seu turno, na sua expatriação com os companheiros affeiçoados ao partido do principe D. João contra D. Manuel por este ter casado com D. Leonor que estava destinada a ser sua nora, visita a Italia, embora em má occasião; pois estava invadida pelos exercitos hespanhol e francez; mas alli, apezar d'isso, trava relações com os homens mais notaveis nas letras e nas artes.

Volta a Portugal e traz novas fórmas poeticas e dramaticas, emprehendendo a reforma da poesia portugueza, iniciando assim a esplendida epocha quinhentista.

D'esta sorte se estabeleceu uma forte corrente italo-portugueza e os seus guieiros são os porta estandartes da nova ideia que vae transmudar o meio artistico nacional.

E' esta acceite e protegida com grande enthusiasmo pelo rei *piedoso,* embora se continue tambem a seguir as fórmas architecturaes manuelinas mesmo aonde elle em breve vae fazer expandir os fulgurosos genios artisticos que de Roma trazem scintillações bellas, arrojadas, realistas, pagãs d'essa nova arte, que até certo ponto contradizia com

a beataria que já reinava e que ia assentar arraiaes á luz sinistra dos horrificos autos de Fé.

A Renascença tinha d'estes paradoxos e senão vejâmos na pallida descripção dos soberbos monumentos levantados para alojamento dos coroados successores dos gloriossimos cavalleiros de Christo, que tão humildes começaram e que já, não muito longe, se vão tornando tão opulentos, tão orgulhosos.

Já tivemos occasião de falar na falta de terreno appropriado para n'elle se poderem fazer as construcções necessarias do quartel dos guerreiros heroicos que á sombra da reliquia sagrada do castello de D. Gualdim Paes, repousavam os curtos momentos d'uma vida de combates gloriosos e emprezas sublimes.

Agora que essa falta augmentou enormemente, referiremos tambem a que dispendiosas obras foi preciso recorrer para que os novos freires tivessem moradia condigna á sua enorme riqueza e nobilissima gerarchia.

Das construcções apropriadas para um convento nada havia; a não ser a maravilhosa egreja construida no mestrado anterior, os dois gothicos claustros, fundação do immortal D. Henrique e os restos gloriosos de eras passadas, habitação dos guerreiros illustres – os Templarios.

Teve portanto D. João III para accommodar os seus queridos frades de se lançar no *mare magnum* de edificações que lhe absorveram os seus 29 annos que lhe foi dado ainda viver, prolongando-se essas obras pela regencia de D. Sebastião até 1562.

Parece-nos, do que inferimos dos livros da epocha, que no sitio em que se vae levantar o grandioso convento, havia um logar onde habitavam varios proprietarios e que se chamava S. Martinho.

A' frente d'essas colossaes obras vamos vêr principalmente um grande architecto, que já deu provas do seu immenso talento, originalidade e portuguesismo, embora fosse das bandas de Biscaia.

Habitante de Thomar, aonde constituiu familia, morando na rua da Corredoura n'umas casas que comprou a Fernão de Pina por 80:000 reaes e sendo proprietario, pois ao convento de Christo vendeu elle as suas casas de S. Martinho, tres chãos e arvores pela quantia de 463:000 reaes e a Frei Antonio de Lisboa em abril de 1539, um lagar em

Thomar e ainda hoje nos arrabaldes d'esta cidade ha um casal a que se chama casal do Castilho, João de Castilho é o seu nome laureado e as suas obras: a soberba e patriotica egreja de Christo.

Nos novos trabalhos vamos assistir á metamorphose do seu grande e luminoso talento.

De artista seguidor da escola gothica-manuelina agora vel-o hemos ser discipulo distinctissimo da radiante academia que tinha Roma por capital.

Explical-a não sabemos. Vagamente se diz que elle antes de vir para Portugal percorreu a Italia, mas mais elementos, se verdadeiros são, não temos para mostrar a causa do seu novo modo de construir e ornamentar.

Deixar-se-hia influenciar pelos artistas que de Roma vinham?

E seu espirito teria tão grande poder de adaptação?

Serão as obras manuelinas já *renascidas*, como querem alguns e, a nosso vêr, não nos parece que sejam?

Seria imposição de D. João III, enthusiasmado com o novo estylo, que mais condizia com o seu regular, regrado e tacanho espirito?

Outros com requisitos mais proprios descobrirão os motivos e julgarão depois da vida artistica d'este prodigioso e incansavel *mestre d'obras* de D. Manuel e de D. João III.

Por onde começou elle a grande casa conventual, não o sabemos nós hoje, mas parece-nos, que depois de estudado o terreno e feitas as plantas, principiou essas construcções por onde o terreno dava léo e adaptou outro, como para poder erguer a grande fabrica do claustro real em que se trabalhou por mais de 30 annos.

Por não podermos, chronologicamente, ir fazendo a descripção de tão magestosas obras começaremos pela do dormitorio; porque sendo a parte mais imprescindivelmente precisa tambem nos parece que foi a primeiramente começada; pois a data de 1533 que está gravada na capella do cruzeiro, assim o comprova e um documento de João de Castilho, de 1541 tambem nos diz que a obra de Thomar, que ora fazia, tinha começado a 30 de junho de 1533.

Tem o dormitorio a fórma de cruz latina, cujos braços correm do norte a sul e mede cada um 43 metros e meio, o pé 49 e a largura 4 metros e 20 centimetros.

Suas paredes elevam-se a uma proporcional altura, e são revestidas no terço inferior por azulejos que segundo vimos n'um escriptor, são de procedencia hollandeza, mas que nos parecem antes productos de industria thomarense, visto que em Thomar houve bastantes fabricas d'essa ceramica, sendo-nos ainda hoje attestado pela rua dos *Oleiros*. O que sabemos no emtanto de verdade é que os azulejos e os ladrilhos do pavimento do dormitorio compraram-se a Aleixo Antunes, mestre de azulejo, e importaram em 152:650 reaes.

Depois a parede corre lisa até á cimalha d'onde sahe, em volta redonda, o perfeito tecto apainelado de bella e rica madeira de carvalho do norte.

Cinco amplas janellas illuminavam estes formosos corredores, sendo duas nas extremidades dos braços, abrindo-se a do norte na frontaria do convento, e a do sul para a varanda do *chousa*, a terceira na linda capella do cruzeiro e as outras: uma na extremidade do pé da cruz, deitando para o pateo dos *carrascos* e a outra abre-se ao meio d'esta ala para o claustro da *micha*.

A janella do norte é dividida por uma columna, em cima da qual ha uma almofada onde se grava a data de 1541.

As celas, com suas portas baixas e estreitas, são casas de altos tectos e de espaçosa capacidade, em que ia em breve correr regalada e feliz a vida dos opulentos frades de Christo.

A's precisas commodidades não se furtavam estes; pois para abrandarem a acção dos ventos frios, que passavam pelas frinchas das amplas janellas ou suavisarem o ambiente aspero da neve, que branquejasse lá em cima nos altos telhados, construiram um *fogão* na casa fronteira á capella do cruzeiro no angulo sul.

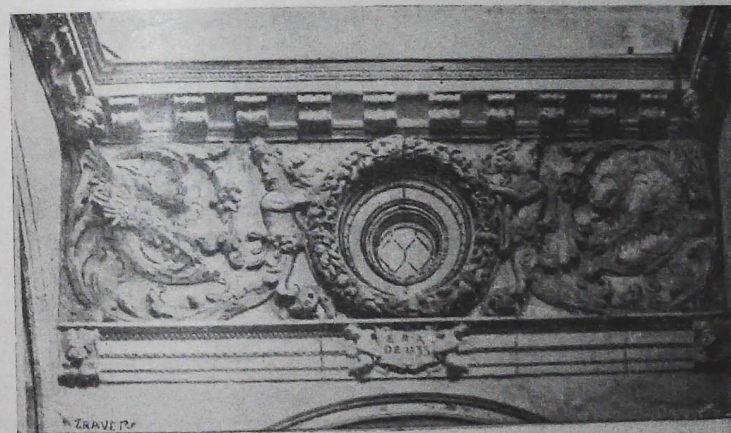
Esta capella, de que já falámos mais de uma vez, é a parte mais bella, mais artistica, mais ricamente ornamentada de toda a vasta obra de D. João III.

Alli esmeraram-se os artistas e deixaram n'ella prova de sobejo da sua habilidade, capacidade e fino gosto.

Em esbelto estylo da Renascença, ella apresenta-nos em mais de uma parte reminiscencias gothicas, e no seu conjuncto pelo traço de suas linhas, pela pujança de sua variada ornamentação faz lembrar a renascença franceza sob Francisco I.

Occupando todo o braço superior da cruz, forma um quadrado, em cujo centro se levanta o altar.

A sua abobada apainelada é revestida por variadissimas esculpturas de animaes e vegetaes, assim como das quinas portuguezas, a cruz de Christo e a esphera armilar, a antiga divisa de D. Manuel.

O revestimento exterior do arco da entrada d'esta capella e dos outros tres arcos das alas do dormitorio é obra de grande valor artistico e incita a nossa admiração pela phantasia, symbolismo, pujança e fino acabamento com que foi delineada e executada, principalmente a bella corôa do oculo e o rico e phantastico friso dos gryphos que a ladeiam.

FRISO DOS GRYPHOS

Aos lados das hastes da enorme cruz, formada pelas alas d'este vasto dormitorio e pela capella, construiram seis claustros e um pateo, sendo este e mais tres claustros ao poente e os outros tres ao nascente.

Que grandiosas edificações!! Que de trabalho, arte, sciencia, dinheiro, vidas não se consummiriam n'aquella colossal fabrica!!

D. João III fez do convento de Thomar a sua Batalha de seu bisavô D. João I, o seu mosteiro de Belem de seu pae e como o seu homonymo D. João V havia um dia fazer de Mafra.

Quasi se poderá dizer em face d'aquella sumptuosidade que D. João III, alli nas suas queridas obras, na fiscalisação das quaes gastava longas temporadas e nas negociações da bulla do nada saudoso tribunal da Inquisição, consumiu o melhor dos fabulosos rendimentos do thesouro.

O conde da Castanheira assim o dizia em um discurso da fazenda real: que a obra do convento de Thomar foi em extremo sumptuosa e custosa a el-rei.

Só visto, tal é a riqueza de suas abobadas, fechos, artezões, arcos, columnas, subterraneos, escadarias, etc. etc.

E tudo feito ao mesmo tempo e no espaço de 30 annos!

Só na empreitada do illustre João de Castilho, até 16 de abril de 1540, estavam gastos 7:425$833 reaes!

E não eram sómente no convento que andavam obras!

Na fortaleza dos gloriosos templarios, adaptava-se o cubello do angulo do sul ás novas exigencias dos seus moradores, abrindo-lhe João de Castilho amplas janellas e ajuntava-lhe um terrado, o que nos é reconfirmado pela elegante compostura da janella bipartida que olha para Thomar e pela era de 1536 que está na verga de uma porta e junto a este cubello faziam-se jardins, laranjaes, pomares, onde se gastavam grossos dinheiros e na alcaçova varias obras, em que Diogo da Motta e Diogo Nobre, pedreiros de Thomar, tomavam uma empreitada em 12 de janeiro de 1536 e Gonçalves Rodrigues outra do assolhamento do castello e uma varanda para a torre de menagem; á margem do Nabão encostada ao antigo palacio da Ribeira no qual começou, se já não vinha combalido, a funesta doença de D. Duarte, fundava se uma grande casa para celleiro e deposito de azeite; as *Alcaçarias*, talvez fundadas pelo immortal infante, reconstruiam-se para quatro lagares de moer azeitona; na outra margem edificava-se a artistica egreja de Santa Iria e na gloriosa egreja de Santa Maria, a bailia de todas as que a essas horas a illustre milicia de Christo tinha edificado na Europa, Africa, Asia, America e Oceania, era desrespeitada na sua simplicidade e vetustez e os sumptuosos tumulos do egregio e heroico cavalleiro D. Gualdim Paes e de seus illustres irmãos no mestrado da gloriosa Ordem do Templo, pulverisavam se, por mandado do celebre Frei Antonio de Lisboa, nas desgraciosas capel-

las da nave do sul, escapando a essa medonha iconoclastia o epitaphio do immortal fundador de Thomar e o do mestre D. Lourenço Martins.

E ainda mais; não era tambem só em Thomar que se faziam edificações por conta da Ordem de Christo.

Ao pé da Pedreira e ao pé da fonte de Paio Nunes, no casal de Gil Pires, fazia se uma *granja* com suas casas e cerca para vinha e pomares; a Cardiga, deliciosa e vasta quinta á beira do Tejo situada, depois de escambada pela egreja de S. Thiago de Santarem que pertencia á Ordem, era augmentada e dotada d'um sumptuoso palacio e mais accommodações agricolas, e em Coimbra, terra das letras patrias, tambem, após a grande reforma dos estatutos, os frades de Christo, a exemplo d'outras ordens, alli fundavam o seu collegio.

Que multidão de operarios, vehiculos de toda a especie e natureza não deviam concorrer a Thomar!

Que de linguas se não falariam n'esta nova e momentanea Babylonia!

Francezes, italianos, allemães, gallegos, biscainhos, portuguezes, etc., etc., tudo havia alli de haver, formando um mundo novo em que uma enorme confusão reinaria, mas d'onde ia sahindo a obra mais regular, harmonica, regrada e grandiosa que até ao tempo se tinha levantado no glorioso e artistico solo de Portugal.

D. João III era o novo Creso que orgulhosa e obstinadamente presidia a esse labutar incessante e via gostosamente pelo muito amor aos seus novos regrantes, arrojar para os ares as artesoadas abobadas, suspender os elegantes arcos, lançar as longas e as encaracoladas escadarias, erguer as monolithicas e puras columnas e esculpir os ricos e encantadores altos relevos d'esse magestoso edificio, que vae ser em pouco tempo a moradia da Ordem de frades, talvez a mais opulenta da poderosa e gloriosissima nação do occidente.

Continuando, vamos vêr nas engras da grande cruz formada pelo dormitorio, levantar o resto das construcções conventuaes, principiando a nossa descripção, pela do claustro que no angulo norte-poente fica e que pelas officinas, a que dava serventia, devia ter sido das primitivas e mais urgentes construcções e se a data de 1528, que está gravada na verga da porta na frontaria assim o denuncia, nós

não temos senão que nos conformar, parecendo-nos porém que esta data é de obra independente á que vamos descrever.

Da *Micha* é o seu nome e pela segnificação e origem, salva a melhor derivação, que esta palavra tem, somos levados a querer que foram francezes os seus executores.

Derivada de *miche*, que em francez significa pão redondo ou de *mie* miollo, pedaço de pão, condizia com o fim a que foi tambem destinada; pois era á sua portada que se dava a esmola de caldo e pão.

E' esta claustra quasi quadrada, 29m.50 por 32m,20 e é formada por 4 galerias de 8 arcos de volta redonda, mas duas, leste-oeste, têm mais dois arcos de volta abatida.

Sobre estas galerias corria uma varanda, para a qual deitavam varias dependencias do convento de que já falaremos.

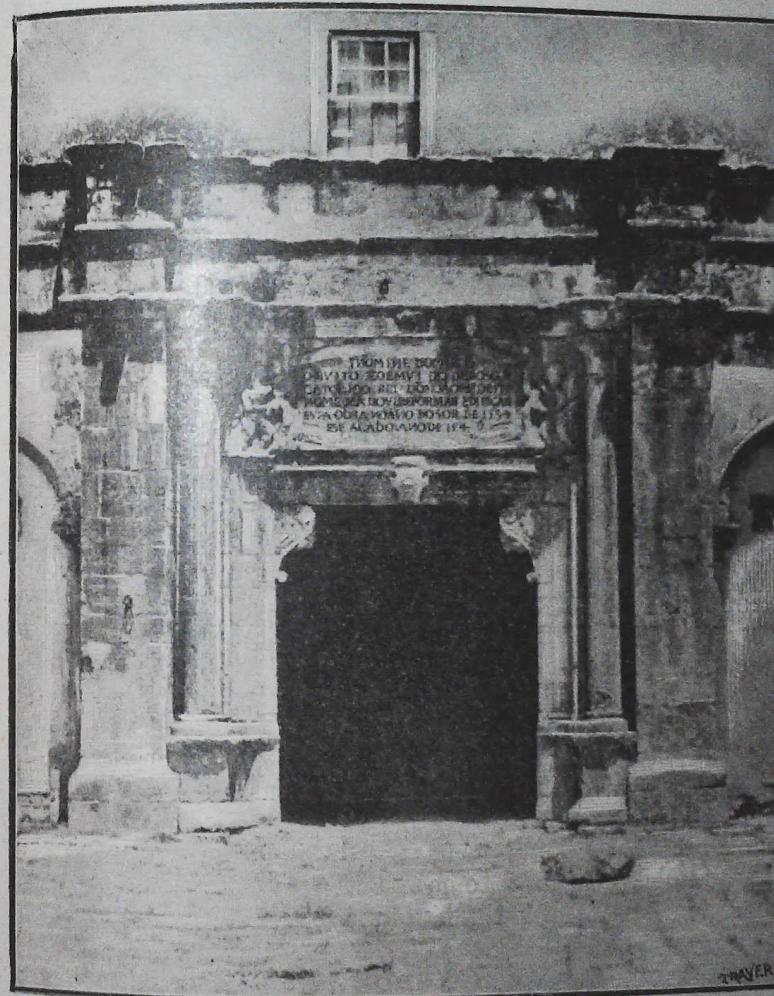
Seu aspecto é um pouco pesado e frio, mas se lhe observarmos a riqueza da feitura, a variedade dos capiteis de suas fortes columnas, a ornamentação embora grossa, mas bella, da porta interior, concordaremos depois que é uma obra interessante e de grande valor artistico.

A' sua entrada da porta do norte já nos referimos, mas na parte de dentro, na face da galeria, no espaço que occupariam dois arcos, ha um portal variadamente ornamentado, em que dois anjos servem de tenentes a um quadro aonde se lê esta inscripção:

INOMINE DOMINI
O MUITO ALTO E MUI PODEROSO E
CATHOLICO REI D. JOÃO III DESTE
NOME MANDOU REFORMAR EDIFICAR
ESTA OBRA NO ANNO DO SENHOR DE 1534
E SE ACABOU NO DE 1546

O seu pavimento é lageado e n'elle se abrem quatro claraboias e a entrada d'uma escada de caracol que conduz a uma vasta cisterna cuja abobada é sustentada por seis columnas.

Suas artesoadas galerias, n'um dos fechos das quaes, lado poente, se lê a era de 1543, davam serventia á parte culinaria do grande convento, ficando ao sul a cosinha e a

adega dos azeites, como então se dizia, para onde mandaram vir de louça de Sevilha, 33 potes grandes que levariam uns 3:000 alqueires de azeite, ao nascente habitação do

PORTADA DO CLAUSTRO DA MICHA

despenseiro e despensas, cuja abobada tem n'um florão a era de 1540 e ao poente o enorme forno de pão e depositos de lenha.

A cosinha, que n'alguns conventos chega a ter proporções gigantescas, como na dos pantagruelicos frades bernardos de Alcobaça, aqui não as tem desmarcadas, mas tendo todos os precisos para que a comida e os acepipes de tão nobres e ricos freires, fossem os mais apurados e delicados, não lhe faltando para isso o bello fogão, o pequeno forno, as aquentadoras fornalhas, etc., etc.

Apurados e delicados deviam ser esses manjares que o habil Pero Pinhão, cosinheiro ao tempo, prepararia; pois a sua ucharia bem rica e fornecida era, não deixando de haver n'ella a saborosa carne de porco, de boi, etc. e de peixe, o desenjoativo e picante camarão, lagosta, litões, salmonetes, etc., etc., até pescadas do cabo de Gue (Africa). Queijo de Inglaterra, manteiga de Flandres e a sua jarra de alcaparras e o espumante vinho verde de Monsão não faltavam tambem.

A sua copa era das mais bem apetrechadas; pois só de uma encommenda, que de Malaga e Sevilha veiu a Lisboa e de Lisboa a Tancos e d'aqui a Thomar, compunha-se de: 50 albarradas de Malaga, 12 bacias grandes, 24 ditas de cosinha, 30 vasos de baixella, 6 escudetes, 4 duzias de salseiros, 100 panellas e 50 assucareiros.

E reformou o virtuoso Antonio Moniz a nobilissima Ordem de Christo, para já em 1534 a nova Ordem de *humildes soffredores* religiosos, apresentar esta prova de *humildade* e *soffrimento*!!

Já o dissemos e ainda o tornaremos a dizer: a Renascença era um continuo paradoxo!!

Para a varanda que corria sobre as galerias d'este claustro, deitavam ao sul as cellas da haste inferior do dormitorio, ao norte construiram sobre ella a casa de habitação do D. Prior-Mór, ao nascente tinham serventia a casa dos famulas e cartorio e ao poente tres casas, cujo fim primitivo ou serventia ainda hoje é um problema a que, parecenos, ter achado solução.

Primeiro, reparemos para as gargulas que despejam para a parte da varanda do nascente. As goteiras do andar de cima reproduzem aves de rapina e as de baixo homens, aves, macacos, etc.

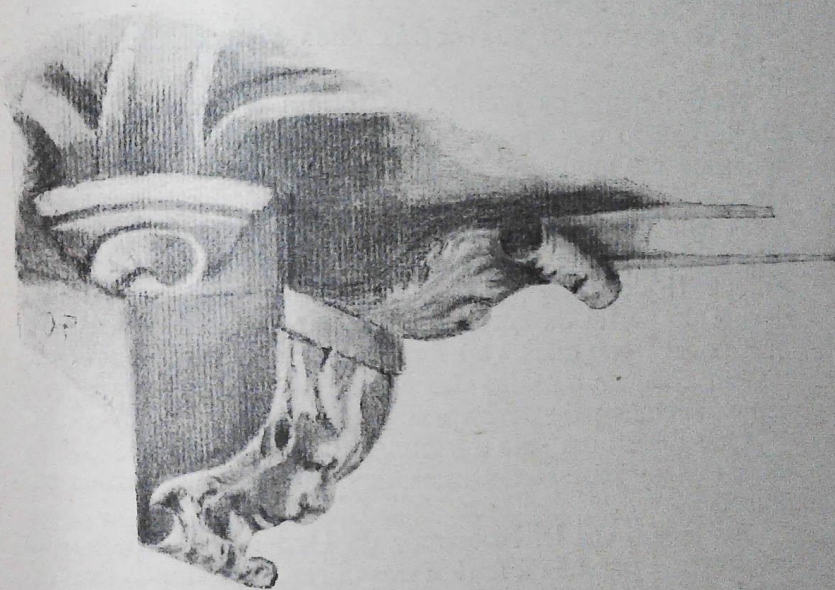
Salientam-se da parede, agarrando-se-lhes pelos pés e pela parte inferior da bacia.

O thorax e ventre descobrem se na sua nudez natural,

mas a região pubica n'algumas é coberta pudicamente por folhas, havendo duas que d'esta pudicicia divergem.

Uma tem, a cobrir o apparelho genital, uma larga cara de mulher e outra, que é um corpulento macaco de longas barbas e de pés de cabra, mostra-o na sua descarada e natural configuração, avolumando o membro e as bolsas.

Realismo improprio do logar!!

Mas não nos admiremos: em Beja não ha uma gargula que reproduz uma mulher no acto de dar á luz uma creança?!

Consola do claustro de Santa Barbara

E de mais a mais, n'um convento de freiras!

Não dissemos nós n'umas folhas já lidas que a Renascença era paradoxal?

Adeante.

São essas casas: duas eguaes de forma oblonga com o tecto apainelado e dividido em tres corpos, sendo sustentado o do meio por quatro columnas; e a terceira casa é quadrada e distincta na sua ornamentação e riqueza.

As suas fachadas, que deitam para a varanda transformada em corredor, apresentam tres portaes e por cima

outros tantos frontões, em cujos tympanos sobresahem tres figuras, de que ignoramos a significação, e nos acroterios levantam-se granadas.

Na parte posterior reproduzem-se tambem estes frontões, não se podendo vêr um por ficar entaipado pela gigantea chaminé do forno.

Das *Côrtes* lhe têem chamado uns, outros das *Aulas* e nós da *Inquisição*.

Para a primeira denominação até querem tirar argumento em verem nas tres figuras dos frontões a reproducção do clero, nobreza e povo; pois para esses tres estados tinham sido construidas.

E o que verão nas outras duas visiveis das trazeiras?

Naturalmente os architectos teriam a divina visão do quarto estado que agora se vae levantando de bomba de dynamite em punho ou ainda d'um outro — o quinto, pois são cinco as carrancas?

A ella por tanto não se lhe póde dar credito, e mais está evidentemente sabido que as côrtes de acclamação de Filippe II de Hespanha foram infelizmente no terrado deante do portal da egreja manuelina; e quanto á segunda, que poderá ter mais verosimilhança, não nos parece que fossem collocar as salas das aulas em sitio tão improprio, como sabemos pela descripção já feita.

Que fosse uma sala o tribunal da inquisição, e as outras duas fossem accessorias mais nos parece pelas razões seguintes:

Ao tempo era D. Prior-mór da Ordem de Christo, que reformou, e presidia á feitura das obras, que vamos descrevendo, Frei Antonio de Thomar, e ao tempo tambem já campeava o fero tribunal, de que elle era tambem o poderoso juiz da circumscripção do *Isento* (ou *Exempto*) da sua Ordem — funcções que elle assumiu de seu motu-proprio; mas, após a nomeação de D. Henrique, o feroz e energico inquisidor-mór, foi n'ellas confirmado, estabelecendo-se assim um tribunal particular.

Não havia elle, que era quasi o senhor absoluto de Thomar, de mandar alojar o seu querido tribunal em casas proprias e bem preparadas?

Não deviam estas, attenta a riqueza da Ordem, serem relativamente luxuosas, o que se evidenceia principalmente

no grande e quadrado salão, cujo tecto rico e lindamente apainelado, as suas dezeseis elegantes columnas caneladas, uma das quaes tem no capitel esculpida uma cabeça, talvez, de frade dominicano, a sua dourada tribuna, não serão provas do quanto foi tido em attenção por quem tanto estimava esse desejadissimo tribunal que immensas sommas de cruzados custou ao fanatico D. João III?

E ainda mais: nas paredes das salas ha vestigios de bancadas, e no corredor signaes fundos de pregos, talvez, seguradores dos pannos de dó que forrariam as paredes e que se continuavam até á unica escada de serventia d'estas salas e que as punha em communicação directa com o pateo dos *Carrascos*.

Além d'isso o seu isolamento; pois só tinham essa communicação e uma outra, por uma pequena porta que daria passagem da casa do inquisidor para o corredor que as servia.

E por ultimo: depois de isto escripto tivemos ensejo de vêr e lêr um processo enorme que existe na Torre do Tombo, em que é réo o christão novo Jorge Manuel, morador de Thomar, cuja primeira audiencia, presidida por Fr. Antonio de Lisboa, foi a 15 de junho de 1543 e diz-se n'elle claramente: na casa do officio da santa inquisição aonde se faziam as audiencias d'elle dentro na cerca do convento da villa de Thomar.

Por aqui se vê que houve uma casa e era casa especial.

Seria a da nossa hypothese, tanto mais que ella é ao pé e dentro da cerca do convento?

Assim parece.

Todas estas razões imperaram no nosso espirito e senão esclarecem de todo a questão, pódem servir de guia a outros para fazer brilhar a verdade.

Bem sabemos que pouco tempo, felizmente, durou no *Isento* de Thomar esse abominavel tribunal; e isso não venha abalar á nossa hypothese; pois, apesar, de não sabermos as razões da sua tão pequena duração, estamos certos de que ao ser implantado n'este convento, tambem se não saberia que havia de ser tão curta a sua existencia, para bom nome, ao menos, dos nobres herdeiros dos gloriosissimos cavalleiros de Christo.

Antes de sahirmos d'este claustro, notaremos o bastante

de notavel do resto das edificações que por elle tem serventia, mui principalmente pela perfeição da sua feitura e pela bella qualidade dos seus materiaes.

Encostado a este, está o claustro dos *Corvos*, denominação de que ignoramos a proveniencia.

Quadrado, tem sómente duas galerias, cujos arcos de pleno centro são apoiados por grossas, mas curtas, columnas.

Seu pavimento é lageado e sustentado por uma soberba abobada, que é aguentada por quatro elegantes columnas, dando origem a uma vasta cisterna.

Serviam as galerias: a do sul, na parte inferior a um vasto celleiro, cuja abobada artesoada tem n'um dos fechos a data de 1539, e na parte superior a uma vasta e ornamentada casa que apropriaram para bibliotheca, que, a ajuizar pela illustração dos membros d'esta Ordem, devia ter chegado a ser rica e valiosa em seus volumes.

Para a ala do poente, que no topo norte tem n'um fecho da sua artesoada abobada, a era de 1545, deitavam uns armazens e uma adega abobadados, ao meio cellas, e por cima o corredor, que do dormitorio ia dar á bibliotheca.

Os lados norte e nascente são preenchidos: aquelle pela cosinha em baixo, e cellas em cima, e este pelo magnifico refeitorio, que em tudo está á altura da grandeza e riqueza de tão nobre Ordem.

E' elle formado por uma vasta e bem illuminada sala de 33 metros de comprimento por 9 de largo.

Sua abobada apainelada é bella e grandiosa.

A dois terços da elegante casa e sahindo das paredes lateraes ha dois pulpitos, um dos quaes tem a era de 1536.

São duas bellas joias architecturaes da nossa renascença, em que as armas reaes, a divisa de D. Manuel e as cruzes de Christo avultam, embora estes dois emblemas sejam reduzidos a pequenas dimensões.

Arabescos, anjos, carneiros, columnatas enriquecem a composição e ostentam galas preciosissimas, que fazem de estas cadeiras da verdade dois magnificos pedaços de architectura da epocha de D. João III, dos mais dignos de serem admirados e estudados e que muito honram o nome já illustre do insigne architecto João de Castilho.

No topo sul entre duas janellas e contornando um quadro a oleo, ha uma moldura de pedra de bonito effeito, e na do norte era a ministra que dava passagem á comida vinda da cosinha.

Contiguos a este topo existem mais dois pequenos compartimentos.

Sobre a adega, de que ha pouco falámos, corria uma varanda que deitava para o pateo dos *Carrascos*.

Este pateo era como que uma entrada rural do convento e talvez pelo seu fim secundario e afastamento da parte mais habitada da communidade fizessem n'elle a pousada dos carrascos da Inquisição e os carceres d'esta.

Para o lado do norte d'este pateo temos o claustro das *Necessarias*, como lhe chamava o grande Castilho e cujo nome indica a proximidade d'essas casas.

De pequenas dimensões não apresenta cousa digna de monta.

Descripta esta parte com as pallidas tintas dos profanos, volvâmo-nos para o claustro luxuoso da *Hospedaria*, para o artistico de *Santa Barbara* e para o grandioso, rico e sumptuoso de *D. João III*.

Seguiremos a mesma orientação do que para as edificações da parte poente do *Cruzeiro*, começando pelo claustro que fica ao norte.

E o da *Hospedaria*.

Formado de quatro lanços eguaes de 29 metros cada um, é uma das mais bellas e perfeitas construcções d'este famoso periodo que ora descrevemos.

Suas galerias, cujas abobadas são soberbamente artesoadas, têem um cunho especial de elegancia, que as torna distinctas e dignas da attenção, não só dos profanos, como dos technicos.

Como seu nome indica, foram alli feitos os aposentos para os visitantes dos nobres e ricos freires que os tinham e dos mais grados, vendo nós no convento a passar as Endoenças de 1533, D. Fernando, D. Henrique em setembro de 1537, o Nuncio em 1539, e quantos mais que nós ignoramos hoje; por isso o eximio architecto João de Castilho lhe prestou mais estudo e prodigalisou mais gallas para encanto dos illustres viajantes.

Quem sabe? Talvez nem fosse elle o seu architecto, pois os documentos d'esse celebre artista que até hoje têem apparecido a lume, nada a este claustro se referem, e as

datas que n'elle vemos são de annos em que Castilho dirigia grandes obras em Mazagão.

Comtudo, e naturalmente é o mais provavel, em 1541, anno em que elle foi para esta praça d'armas, já estava delineado e começado a construir, o que é indicado por esta data estar gravada n'um dos fechos da abobada da galeria do norte.

Fosse qual fosse o architecto d'este claustro, o que é innegavel é que elle é sem duvida uma das melhores obras da renascença portugueza.

Quadrado, como já referimos, o seu pavimento é lageado, tendo cinco altos e circulares alegretes, dispostos quatro aos cantos e um no centro para cultivo de plantas.

Oito arcos redondos formam de lado a sua arcaria que são sustidos, assim como os da galerias, por columnas compositas de bonito effeito.

E' esta calçada no seu pavimento e dava entrada pelo lanço sul ao claustro de *Santa Barbara*, pelo do poente por uma escada de caracol ao pavimento superior, e ficavam n'elle as trazeiras das grandes despensas, pelo do norte a uma vasta adega, pelo do nascente a uma grande cisterna, cavallariças e corredor da entrada.

Por cima d'estas galerias corria uma espaçosa varanda.

Na parte superior dos capiteis das columnas d'ella, assentam umas almofadas que na face interior tem gravadas, umas a data de 1543, e outras a palavra *Amen*.

Para esta varanda deitavam ao norte e nascente os aposentos da hospedaria com a sua competente e vasta cosinha e quartos de varias grandezas e de tectos mais ou menos ricos em apainelamento.

Ao sul o seu pavimento confundia-se com o do claustro de *Santa Barbara*, e ao poente era o cartorio, a casa dos famulos e duas escadas: uma que conduzia aos dormitorios e a outra ao pavimento inferior do claustro.

Encostado a este, está o bello claustro de *Santa Barbara*, um dos mais notaveis de Portugal pela sua architectura e construcção.

Feito em condições excepcionalissimas, teve o seu architecto de se sugeitar a edificações acabadas, como a rica e primorosa fachada-poente da egreja, aonde se abria luxuosamente a patriotica janella do baixo-côro.

D'ahi o modo de ser levantado; pois não podendo ir

CLAUSTRO DE SANTA BARBARA (galeria inferior)

muito alto, as suas galerias obedeceram submissas, apresentando as abobadas um curtissimo abaulamento, os artesões uma horisontalidade que os torna notaveis, e os arcos dos cantos, um tal esforço de delineamento, que causa espanto ao ver-se e saber-se que é pedra a sua materia; pois mais ferro parece pelo seu contorno e arranjo.

Mais comprido na direcção norte-sul do que largo, 15^m por 14^m tem seu pavimento todo lageado, no meio do qual se abria o boccal de uma pequena cisterna.

Doze interessantes columnas, sem architectura definida, aguentam os abatidissimos arcos de cesto das quatro galerias.

Por cima d'estas corria uma varanda coberta com um telheiro, menos na ala norte em que passava o corredor de communicação entre o dormitorio e a egreja, em parte da qual foram construidos os confissionarios.

Visto que estamos no fim de toda a obra artistica que julgamos ser do grande e sublime Castilho e para vêr os grandes trabalhos e apouquentações que soffreu copiaremos alguns trechos da correspondencia d'elle para com D. João III.

A 4 de março de 1548 dizia o glorioso mestre: «que tinha ha dias escripto a Pero Carvalho a falar-lhe na falta de carretos; pois os que haviam levavam pedra para as obras da Cardiga e de Almeirim, estando as de Thomar sem pedra ha tres mezes. E por falta de cem carradas de pedra que tenho lavradas na pedreira: portas janellas, não tenho acabado de galgar os estudos dos collegiaes e as necessarias no andar do dormitorio de cima, dos frades.

Os estudos estão galgados mais da metade e em oito dias d'obras os galgara se tivesse bois, pois os que tinha morreram-me.

Pedia 20:000 reaes para comprar cinco bois e com tres que tinha faria os carretos de mil carradas de pedra lavrada, além da que digo a V. Alteza e por não haver carreto a não trazem aqui ainda que dêem 60 reaes por carrada não ha quem a traga ....

....

e se V. Alteza me mandar estes bois, eu acabarei muito cedo esta obra, para que V. Alteza quando vier ache que vêr e leve contentamento d'ella».

N'outra carta mais se queixa da falta de carretos e nada

era para admirar, visto o innumero d'obras que estavam em elaboração e o estado desgraçado a que ia chegando Portugal e a que nós n'outra parte nos referimos: «a obra não se tem acabado por falta de carretos; pois não os havia; porque alguns carros que ha n'esta villa são necessarios para serviço d'esta casa e para as cousas que o D. Prior manda fazer e os de fóra não se podem haver; porque se não tem executado as penas da provisão que V. Alteza tinha mandado passar.»

Novamente pedia para que lhe mandasse um «alvará mui forte e que não escusasse ninguem de nenhuma qualidade que seja; porque n'esta terra os que têem alguma cousa de seu são os que se escusam por favor e os pobres homens servem, o que parece aggravo e oppressão para elles grande. E creia V. Alteza que lhe escrevo isto como homem desesperado, porque já não posso servir como desejo e esta provisão venha dirigida ao corregedor e juiz que a mandem fazer por um meirinho seu, porque o alcaide d'aqui anda sempre fóra e nunca está na terra».

A ultima das cartas tem a data de 1551, anno em que deixou de trabalhar nas obras do convento, o que se prova pelo assentamento da despeza que frei Gaspar fez nas enfermarias e na mais obra que João de Castilho trazia de empreitada depois que desistiu d'ella.

Estas obras tinham começado a 4 de julho de 1551.

Porque seria esta desistencia?

Naturalmente a velhice, pois ao termo havia chegado tão brilhante carreira artistica. Em 1553 já era fallecido, o que nos é certificado pelo documento da tença de 20:000 reaes que sua filha Maria de Castilho, e é passada com a data de 1 de janeiro d'esse anno, começou a receber por morte do pae a qual a este pertencia.

Aonde morreria e aonde jaz?

Até hoje impossivel tem sido sabel-o, tal é a mudez da historia sobre os ultimos tempos da vida d'este tão luminoso quão distinctissimo artista.

Mas se d'elle não sabemos onde seus venerados ossos jazem, não acontece o mesmo com os do soberbo D. Prior que tantas horas amargas fez passar ao glorioso architecto.

Frei Antonio de Lisboa, o famoso D. Prior, o potentado de Thomar, tambem morre por estes annos, sabendo-se com certeza aonde está sepultado e quando falleceu.

Descobrimol-o nós; pois seu epitaphio meio apagado nunca chamou a attenção de quem sobre este convento tem escripto.

Em frente da capella onde existe a nova sepultura de D. Lopo Dias de Sousa, no piso da capella-mór da egreja, está uma grande lagea em que esteve gravada a seguinte inscripção e de que hoje com grande custo se lêem algumas palavras:

ESTA SEPULTURA É DE
FREI ANTONIO DE LISBOA, RELIGIOSO DA ORDEM DE S. JERONYMO
REFORMADOR D'ESTE CONVENTO E D. PRIOR
D'ELLE. FALLECEU A XXI
DIAS DO MEZ DE JUNHO
DO ANNO DE M.D.L.I.

Morreu Frei Antonio em Madrid, onde foi tractar d'uns negocios respeitantes a uns legados que D. Maria, filha de D. Manuel, tinha deixado para a sustentação dos pobres do importante hospital que fundara junto do convento da Luz da Ordem de Christo.

O corpo, levado aos hombros do Marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Côrte Real, mordomo-mór de D. Filippa e seu conselheiro de estado e de outros grandes cavalleiros, foi depositado no convento de S. Martinho dos monges de S. Bernardo de Madrid, d'onde o trasladaram para o convento de Thomar.

Se até aqui as nossas forças têem sido diminutas ao querermos descrever tão grande fabrica, como é a obra de D. Manuel e da que estamos tratando, agora muito e muito mais ellas se encurtam ao delinearmos o claustro sumptuoso e magnifico, como lhe chamava o entendido Raczinski, e a que nós já de ha muito appellidâmos de *D. João III*, em opposição ao dos *Filippes* que para elle nada concorreram, a não ser com um pequeno acabamento, as duas fontes, o que no decorrer da descripção provaremos.

Aqui mais do que n'outra parte se teve de luctar com a falta de terreno proprio para se erguer tão majestática edificação.

De longe vieram a adaptar o valle que começando no

alto onde se alevantava, orgulhosa na sua distincta, caracteristica, inconfundivel e patriotica ornamentação, a egreja manuelina, acabava n'outro que lhe corria perpendicular.

A uns cem metros da base d'esta, levantaram uma forte muralha, reforçada com tres gigantes, que de uma a outra colina fechava o valle e em que fizeram um largo socalco, assento desafogado e amplo do soberbo claustro que ia ser em Portugal a obra mais pura, mais correcta, mais classica da grande arte de Vinhola e Palladio.

Ao norte d'este paredão, 50 metros, começaram a grandiosa mole, deixando uma larga facha cultivavel onde fizeram um pomar e o seu nome italianisado de *chousa* assim indica o fim a que a destinavam.

N'este limite começaram-na por uma espaçosa varanda que ao centro deixava vão para debaixo d'ella haver passagem a tres irregulares casas no pizo e em grandeza, mas todas cobertas com ricas e soberbas abobadas apoiadas em espessas paredes, attingindo uma a enorme grossura de 27 palmos.

Sobre este poderoso e custosissimo fundamento já tinham logar para erguer o formidavel claustro que por varias razões não podia deixar de ser alli.

Pôr o dormitorio e o refeitorio em communicação apropriada com as dependencias conventuaes e com a egreja e offerecer ao culto externo d'esta ampla via, parece-nos que foram as principaes.

Por isso o construiram de maneira e nas devidas proporções para que não houvesse a menor desegualdade de pisos entre o superior d'elle e os da egreja e dormitorio e o inferior com o de *S. Barbara* e o refeitorio; embora para isso tivessem de destruir uma e entaipar outra das formosas janella do baixo côro da egreja, com grave prejuizo para aquella peregrina obra architectural.

A religião estava primeiro do que a arte.

Já não era o architecto dos edificios de Thomar o celebre João de Castilho, o insigne mestre d'obras da egreja e mais construcções de D. Manuel e D. João III.

Já tinha morrido ao tempo, como atraz referimos.

Outro ou outros, mais classicos e mais arreigados á architectura grego-romana debuxaram este famoso claustro e pozeram pedra sobre pedra n'essa grandiosa e magnifica mole que só se admira pela sua riqueza, vastidão e empol-

gante majestade; pois a sua arte arida de inspiração não avoca ao nosso espirito nenhum sentimento bello, artistico, patriotico e não nos fala das nossas homericas e gloriosas emprezas, como aquelle que ella ia em parte esconder, mutilar; não, como se tem dito, por inveja dos seus architectos, mas pela necessidade dos commodos conventuaes e orgulho do grande rei *piedoso*.

Ao tempo, já de Italia, depois d'instructivas viagens, tinham chegado varios artistas portuguezes, que ao mando de D. Manuel, e mui principalmente de D. João III, foram ao grandioso centro da arte vêr e estudar os trabalhos admiraveis dos grandes mestres.

Já de lá tinha vindo Gonçalo Bayão, e reproduzido n'um modelo de 30 palmos de roda, o colyseu de Roma e escrevia a D. João III uma carta a contar-lhe as impressões da sua viagem que o rei agradece; e, intrevistando-o em Almeirim, encarrega-o de reproduzir alguns monumentos dos que tinha visto.

De lá vinham com ideias muito differentes das que por cá ainda havia, e por essa razão as suas obras são mais filhas do desenho do que da imaginação e patriotismo, como as da geração que as antecedia.

Além d'isso D. João III, bronco de origem e tacanho de instrucção, era um pautado e a sua imaginação não sahia dos limites da esquadria do desenho, para que tinha grande *propensão e affecto*, e os sinistros livores d'uma horripilante fogueira da Inquisição.

D'ahi o vermos n'este soberbo claustro uma obra pura das classicas architecturas, filha do renascimento greco-romano, constituindo por isso um exemplar rico, monumental, unico.

Mal haviamos de dizer que ao fazer estas considerações e antes de as publicar, deviamos ainda saber o nome do notavel architecto que delineou o soberbo claustro que vamos descrever e confirmar-se a nossa apprehensão a respeito de umas columnas embebidas hoje nas paredes lateraes do andar inferior, n'alguns vãos das escadas, que eram restos de outra edificação congenere alli levantada por João de Castilho, mas que não se chegou a concluir.

Diogo de Torralva é o nome do grande architecto de quem mais nada podemos saber, a não ser que foi nomeado mestre das obras do convento de Thomar, por D. João III,

a 16 de julho de 1554 e sem duvida ainda no reinado de este monarcha debuxou esta magestosa obra cuja planta foi mandada executar por D. Catharina, regente do reino, a 4 de novembro de 1557, cinco mezes depois do passamento d'aquelle monarcha, seu esposo.

Diz esse decreto que fosse Diogo de Torralva a Thomar, a fim de desfazer o outro claustro que estava aberto e perigoso, e com o material d'elle fizesse o novo e o sobre-claustro. A largura devia ser a mesma, mas a altura do andar inferior é que teria mais dois palmos; pois ficaria medindo trinta e quatro.

Por aqui se vê que o glorioso Castilho tinha incluido, no seu plano do convento, a feitura de um claustro n'este sitio, o qual chegou a construir, por causa, de certo, das razões que apontámos, mas nas proporcionaes medidas para que não fosse bolir nas soberbas e riquissimas ornamentações das janellas do baixo-côro da sua estupenda e genial egreja.

Quadrado de 35 metros de cada lado, são suas amplas galerias inferiores perfeitamente eguaes e cobertas com apaineladas abobadas que se apoiam pela banda de fóra em doze elegantes arcos, entre os quaes se abrem outras tantas portas e janellas revestidas a toda a altura por monolithicas columnas doricas que sustem o entablamento correspondente.

As paredes de dentro reproduzem em molduras e pilastras de pedra os arcos, as janellas e portas das de fóra e nos seus angulos cavam-se oito espaços, restos de certo do anterior claustro e cujas aberturas são revestidas de formosas pilastras, em que os artistas se esmeraram na rica e phantastica ornamentação de seus capiteis e soccos, trabalho unico e bello em que revelaram imaginação e verdadeira arte.

Estes revestimentos artisticos conduziam com o solemne fim, a que esses vãos eram destinados; pois d'elles fizeram capellas, cujos arcos de tres, parece-nos, foram lavrados por João Leitão, de que recebeu a 8 de setembro de 1539 4:700 reaes e por mais 20 chaves de arcos, 6:000 reaes.

Dava o pavimento d'esta galeria serventia conventual á unica que o refeitorio tinha, e communicava com o andar superior por duas amplas e bem lançadas escadas de quarenta degraus cada uma.

Correm ellas fóra do claustro e em sentido opposto, mas em dois lados paralellos.

Muito e muito temos que admirar e os artistas muito e muito que estudar n'estas escadarias; pois tanto os vestibulos como os vãos d'ellas apresentam admiraveis trechos da caracteristica ornamentação da Renascença.

No vestibulo da do poente fica a porta de entrada para o refeitorio, cuja ornamentação é rica e pujante, mas não tem a belleza e delicadeza da luneta e da entrada do pulpito d'este lado do refeitorio.

Capiteis das pilastras

Aqui aperfeiçoaram-se mais os artistas no contorno das figuras, duas das quaes nos parecem ser D. João III e D. Catharina, e na delicadeza com que trataram a ornamentação phantastica e bella das varias molduras, chegando parte de uma d'estas a ser irreprehensivel na sua execução; tal foi o cuidado e arte com que foi trabalhada.

No vão da outra escada abria-se uma passagem por debaixo do terrado da egreja, que punha em communicação este claustro com uma das portas da casa do capitulo do lado do nascente.

Não foram ainda aqui avaros os artistas em prodigalisar no revestimento da entrada d'este corredor, os recursos de seus grandes talentos e sciencia; pois as cabeças que espreitam por umas graciosas aberturas são de uma

anatomia admiravel e o resto do portal d'um trabalho primoroso.

A ornamentação do vestibulo d'este lado é a mais rica e valiosa de todas as quatro composições delineadas, sem duvida, pelo grande e luminoso architecto Castilho.

N'elle se abre a porta da capella debaixo da casa capitular e que por aqui tinha entrada.

E' ella a toda a altura revestida com soberbas esculpturas, em que avultam em alto relevo formosos quadros representativos de passagens da vida de S. Soeiro de casinha no braço, de S. Jeronymo com seus leões e o seraphico busto de Frei Antonio de Thomar ou de Lisboa, reformador dos gloriosos cavalleiros de Christo, o que é dicto n'uma inscripção que por baixo está:

F. ANT^O LYXBOA DOM PRIOR REFOR
MADOR DESTE CONVENTO POR MAN
DADO DELREI DOM IOAM TERCEIRO

Antes de continuar na descripção d'este admiravel claustro, volvâmos a nossa attenção para uma sumptuosa casa que era destinada á reunião dos capitulos da Ordem.

Dividida por uma bem lançada abobada, ficava na parte inferior uma capella, cuja ornamentação da Renascença e a data de 1533 denunciam ser obra de João de Castilho. Era para esta capella que dava entrada a porta que acabamos de descrever e que tem gravada a era de 1545.

Por cima ficava a incompleta casa que constitue um problema architectural.

Com a formosa ornamentação manuelina apresenta um soberbo arco e duas encantadoras janellas.

Pelo que documentalmente está escripto e pelas suas admiraveis obras, sabemos que João de Castilho foi um prodigioso talento artistico.

Tanto escrevia em pedra, inflammando-se nas gloriosas emprezas do povo que servia, essas estrophes sublimes da egreja do convento, como delineava o frio claustro da *Micha*.

Por isso não nos admira que pelo mesmo artista fosse feita esta paradoxal obra.

O precioso documento da quitação, já ligeiramente referido por nós, que D. João III lhe passou em Almeirim a 30 de janeiro de 1541 das obras que tinha completado e

deixado de completar por se terem estragado e extraviado muito dos materiaes das obras mandadas fazer por D. Manuel, refere nas de Thomar a casa para o capitulo.

Seria esta?

E' de certo; e mais adeante veremos que sim.

Qual seria a rasão da sua desegual architectura?

Tel-a-ia feito na pedreira e não chegaria a collocal-a no seu verdadeiro logar no reinado de D. Manuel, mas sim no de seu filho e d'ahi o vermos na capella de baixo em renascença e em cima o pujante e formosissimo modo architectural manuelino?

Além d'isso, talvez Castilho não tivesse tido o tempo necessario para a concluir; pois ficou sem abobada superior e portal, embora já tivesse o espaço d'elle para seu preenchimento por obra condigna da grandiosa casa?

Poderia ser e nós inclinamo-nos a que assim fosse.

Voltemos ao sumptuoso claustro,

O andar nobre, em espaço, é da mesma grandeza do que o debaixo, mas um pouco mais rico em ornamentação.

As paredes interiores reproduzem em molduras e pilastras de pedra os corpos, em que as exteriores são divididas e estas apresentam doze airosos arcos de volta redonda, não da grandiosidade dos debaixo, ladeados por janellas em que uma das hombreiras tem aberto um commodo banco ou talvez nicho para santo e a outra hombreira é formada por pilastras jonica d'um bonito effeito.

Sobre o cavado do banco ou nicho ha um ornato graciosamente seguro por dois pregos, cujas cabeças são formadas por lindas e variadas flores.

A verga d'estas janellas é horisontal e a abobada do arco é revestida de bello apainelado.

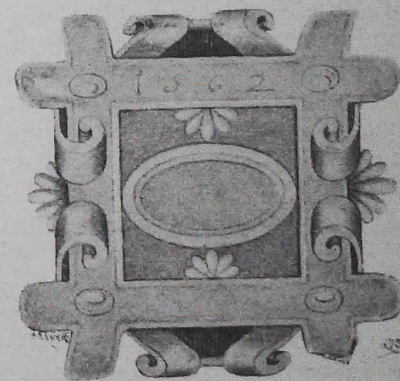
Tanto os arcos como as janellas são defendidas por elegante balaustrada.

Pela parte de fóra da parede, entre as aberturas, ha uma série de monolithicas columnas jonicas condizendo ás debaixo e que sustem o entablamento correspondente, havendo entre ellas umas janellas e uns oculos, fazendo similhança com as portas e janellas descriptas na galeria inferior.

E' o pavimento atijolado e dá serventia do dormitorio para a egreja e como se teve ao erguer, de anniquilar uma das duas formosissimas janellas do baixo côro, transfor-

maram a outra em porta, dando tambem passagem para a bella casa que tinha servido de sacristia aos religiosos monges de Christo e onde se vê um elegante lavatorio, formado por duas esbeltas amphoras de pedra.

Recebe este andar luz do pateo e de tres amplas janellas que se rasgam uma para o claustro de *Santa Barbara* e duas para a *chousa*. Alem d'isso tem mais tres portas que dão: a do norte para uma pequena varanda que deita para a fachada poente da egreja d'onde se disfructa o famoso e riquissimo quadro e as outras: uma deita para uma varanda que olha para a *chousa* e a outra é a entrada de um alto mirante que está ao lado da ala do nascente.

A abobada d'este andar eleva-se bastante e é revestida de apainelamento variado, tendo o caixotão do norte,

na ala nascente, a preciosa data de 1562, cuja reproducção é feita pela primeira vez.

Conhecida mais esta data e o logar em que ella está, pode subsistir a denominação de *Filippes* a este claustro?

1562 é anno da regencia de D. Catharina na menoridade de seu neto D. Sebastião e o topo da galeria é o mais chegado ao grande encontro, formado pela egreja e aonde forçosamente devia ter sido o ultimo fecho das elevadas abobadas; visto que as outras tinham relativamente mais fraco encontro e decerto não iam pôr a unica data que existe n'este claustro senão no fecho mestre.

Posta n'este local mostra-nos por tanto o acabamento de suas abobadas n'este anno.

Accresce tambem o sabermos já as importantissimas obras que se realisaram n'este sitio antes de Torralva tomar conta da direcção do novo claustro, direcção que começou cinco mezes depois da morte de D. João III e para pôr em practica um plano que, sem duvida, foi principiado a elaborar ainda durante a vida d'aquelle mestre por quem seria ordenado; visto Diogo de Torralva ser já o architecto das obras da Ordem de Christo.

Posto isto, parece-nos que andamos acertada e patrioticamente denominando este magnifico claustro de *D. João III* e não dos *Filippes* como até aqui anachronicamente se lhe tem chamado.

Já que este gloriosissimo convento veiu a ter a mancha de receber os procuradores da nação para acclamar Filippe II de Hespanha, revindiquemos e proclamemos bem alto a grande gloria d'esta esplendida obra para o decimo terceiro mestre da Ordem de Christo que, se a não viu de todo realisada, muito e muito concorreu para ella.

— Veremos, no mestrado de Filippe II, a razão d'esta lenda, que até nós chegou sem escrupulo e estudo de quem a tem reproduzido, e que nós, para honra de Portugal e gloria do mestre que mandou levantar esta soberba fabrica, temos já de ha muito vindo destruindo, e de certo teremos muita satisfação se ficar anniquillada com este nosso humilde trabalho.

Tanto no andar inferior como no superior, nos quatro angulos das paredes de fóra, ha uns espaços circulares que no andar superior, e nos angulos norte-sul são preenchidos por bem delineadas escadarias em caracol de trinta degraus cada uma, e que põem este andar em communicação com o terrado superior que, defendido por uma elegante balaustrada, entre outras serventias, tinha o de corar a cêra que fabricada se ia gastar nas magnificentes solemnidades religiosas, em que os freires de Christo eram primorosos, e cujo culto externo passava rica e grandiosamente pelas galerias d'este magestoso claustro.

Os bordados e pintados cyrios, as cruzes de diamantes cravejadas, as matisadas bandeiras, os paramentados andores, os dourados mantos, as opulentas e luxuosissimas sacras vestimentas, as custosas e veneradas reliquias, os valiosissimos pannos muraes aonde, por costume, estavam escriptos a mil fios os grandes feitos das navegações e das

guerras do nosso maior periodo, do nosso apogeu de poderio e de gloria, os riquissimos brocados das mais industriosas partes do Oriente, Arras, etc., que riquezas innumeraveis e inenarraveis não deviam ser as pertencentes, talvez á mais rica e poderosa ordem de freires que existia em Portugal!!

Como não deviam D. Manuel, que tinha um alto culto pelo luxo, e D. João III não menos pelas cousas sagradas, encher os marchetados arcões do baixo côro com as preciosidades mais raras e ricas, tornando o thesouro dos seus queridos cavalleiros e freires o mais ostentoso e magnifico; D. Manuel que algumas provas deu de amor e respeito pelos gloriosos soldados d'essas sublimes e triumphaes viagens em que a vermelha e invencivel cruz de Christo punha uma nota de immarcessivel galhardia e de imperecivel gloria, e D. João III que com tanto carinho creou e fez progredir a nova ordem de frades que ia herdar as rendas colossaes, tradições venerandas dos fidalgos paladinos, que encheram com seus actos de temeraria heroicidade o cyclo mais flammantemente epico da nossa immortal historia?

E como não devia ser bello, grandioso, magnificente o vêr se tanta riqueza passar procissionalmente por estas galerias em dia de festa em voto solemne e respeitoso a um Deus de amor e misericordia?!

Devia de certo, mas é preciso evolucionar, progredir para que a civilisação não pare e não sermos enleiados por uma triste inercia que nos levaria ao estacionamento e á morte.

Emquanto este cumulo de arte e de riqueza se ia levantando e os echos do relinchar dos fogosos corceis, do tilintar das brilhantes espadas, do bater das grossas esporas dos garbosos e heroicos cavalleiros da antiga casa conventual, se trocavam e confundiam com as ladainhas e novenas, entoadas pelos novos e seraphicos habitadores, não descançava D. João III de dotar a sua terra com o *beneficio* da Inquisição, de que esse esplendoroso convento teve a *distincta honra* de ser a séde de uma circumscripção.

Roma, um tanto tolerante, resistiu por largo tempo aos intuitos ultra zelozos do Creso do Occidente, que nos longos dezeseis annos de negociações, calcula-se, que tivesse gasto perto de quatro milhões de cruzados da moeda actual.

Talvez quizesse esgotar os thesouros do fanatico rei,

que afinal conseguiu, pela bulla de 1536, introduzir esse tribunal que o movimento reformador da Hespanha tinha creado para se oppôr á desmoralisação, desvairamento que ia minando o grandioso, mas já intoxicado, corpo do catholicismo.

A's causas varias da nossa decadencia mais esta se ajuntou grandemente, indo destruir tudo o que ficava ainda de grande na nobre raça portugueza, que, esmagada com tão enorme peso, suffocou em si todo esse glorioso inicio da soberba Renascença que fazia avançar a Europa no caminho brilhante da civilisação.

Ao estabelecimento do Santo Officio, d'esse apaixonado tribunal que vinha purificar a Fé, segue-se em 1540 a chegada dos jesuitas que ainda assim não foram tão bem recebidos como era de esperar, visto dominarem na côrte os dominicanos, inimigos d'elles, mas em breve, senhores do animo do rei, obtiveram a inspecção dos estudos, resultando d'esse privilegio o moldar-se a intellectualidade portugueza nos arteiramente estreitos limites instructivos dos novos educadores.

Portugal, que chegou a ser tão beneficamente beijado pela saudavel influencia da Renascença, e as sciencias e as artes que receberam um tão grande impulso, mesmo no reinado do mestre, de que ora tratamos, não poderam ir alem e estacionaram n'estes dois nefastos empecilhos em tão bello e florescente caminho.

Sabios portuguezes, como Rodrigo de Castro, o celebre medico portuguez, o illustre creador da Gynecologia; o proprio medico de D. João e de D. Catharina, Dr. Dionisio e muitos outros tiveram de emigrar para fugir ao terrivel procedimento inquisitorial.

Outro tanto aconteceu a sabios mestres mandados vir do extrangeiro para a Universidade, reformada pelo proprio D. João III.

Era uma nação perdida; a passos agigantados caminhava para a sua ruina, embora tivesse ainda um brilhante grupo de grandes e nobres vultos em toda a ordem de actividade a encher esse soberbo e grandioso seculo XVI que, para nós portuguezes foi a *edade d'ouro* e o de maior contribuição para o progresso do espirito humano.

A administração interna andava á matroca; era desgraçada.

O rei, que era senhor de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor da Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. já a este tempo de dividas, juros e mais alcavalas, devia em Flandres 800 contos.

As estupendas obras do convento de Christo e outras, a Inquisição, os jesuitas e mais prodigalidades e beatices, levavam o melhor dos fabulosos rendimentos da India, sem querermos falar nos das mais partes.

As esquadras monopolisadas pelo rei e cujas bandeiras continuavam a ser marcadas com o brilhante e inconfundivel sello da vermelha cruz de Christo, mantenedoras do grandissimo commercio que tinhamos desenvolvido, pagavam, naufragando, largamente ao Oceano o tributo das nossas ousadias, que até 1551 foi calculado em sete mil contos.

O desenfreamento da Inquisição, que chegava a inspeccionar os navios das outras nações aportados á intolerante Lisboa, fazia com que esta cidade fosse perdendo a grandeza commercial, que ia enriquecer portos menos favorecidos da natureza, mas tolerantes e livres.

A cultura dos campos e a industria definhavam-se e nós em troca dos brocados de Guzerate, dos algodões de Calecut, do cravo das Molucas, do gengibre de Kollan, da canella de Simhala, das musselinas de Bengala, da pimenta do Malabar e das sedas e chá da China, recebiamos trigo de Dantzig e de Flandres, quadros, gravuras, sarjas d'esta região, velludos de Genova, damascos de Lucca, arame e espelhos de Veneza, papel de França, chamelote de Castella, etc.

A peste ardia de vez em quando castigando assim a immundice e promiscuidade em que se vivia.

Lisboa, a famosa e rica cidade do reinado anterior, de uma população de mais de cem mil almas, agora acompanhava o descrescimento terrivel da população do reino, que se calculava ter baixado á metade.

As ruas que, ainda ha pouco, eram o emporio do mundo, em que hollandezes, francezes, inglezes, e venezianos commerciavam e que agora fugiam aos horrores da Inquisição, regorgitavam de pobres, de frades e de *familiares*.

A vida era de uma carestia extraordinaria.

Os servos eram quasi todos pretos ou mouros captivos,

chegando em Evora a serem mais os habitantes negros do que brancos.

A indolencia, o luxo, a miseria eram qualidades inherentes aos fidalgos e áquelles que lhes iam na esteira.

O que se queria era ser grande, viessem d'onde viessem os factores d'essa falsa e estonteadora grandeza.

Um fidalgo sustentava-a com o rendimento das casas de prostituição d'uma villa algarvia e assim muitos outros.

A India, pois as terras da moirama eram abandonadas por se não poderem custear, era valhacouto de ambiciosos pouco limpos, que lá iam batalhar, commerciar, afidalgarem se e depois vinham alardear na Rua-Nova um luxo oriental, insultante dos bellos caracteres que ainda por cá havia dos tempos passados.

A justiça comprava-se não só no reino como lá fóra.

A purificação da Fé e a devoção alargavam-se, qual doença epidemica, e a rija tempera portugueza ia amollecendo abrandando ao novo contacto da Inquisição e dos jesuitas.

Aonde outr'ora era audacia, valor e sciencia, era hoje tibieza, velhacaria, ignorancia.

Os judeus e os mouros, que ainda por cá havia, eram a fecunda messe, que ia ser ceifada.

Vivendo em Portugal com mais ou menos tolerancia desde o principio da monarchia, engrossados com os de Castella que a sábia administração de D. João II tinha recolhido, soffrendo a tão injusta quanto impolitica expulsão, presente nupcial de D. Manuel a D. Isabel, poderam alguns, sob a mascara do baptismo, escapar do exilio e ficar entregues aos seus laboriosos e lucrativos misteres, que os enriqueciam e os tornavam poderosos.

Mas o baptismo não foi o sufficiente, pois o povo, que nunca os viu com bons olhos na sua rude e crente fé, não podia sympathisar com os novas conversos.

D'ahi as matanças de 1506 e subsequentes.

Agora mais se accende a vingança do povo, contra os usurarios descendentes dos crucificadores de Christo; porque agora não era só elle, era o proprio rei.

D. João não os podia tragar na sua boçal incompetencia, origem da sua estupida intolerancia e, no alto do throno, revia-se na sua triste obra de expurgar a sociedade portugueza dos unicos homens que a enriqueciam e que davam

exemplo vivo do que póde o trabalho e a perseverança, bem precisa no meio d'uma nação de corruptos e ociosos.

O rei já não era só rei, queria tambem ser inquisidor-mór; tal era a sua sêde de vingança, a sua paixão religiosa.

Era o que lhe faltava para ser um autocrata, pois na governação do Estado já era um rei absoluto.

Tudo monopolisava. Não era defeito propriamente d'elle, valha a verdade ainda assim.

Era da epocha.

O mestrado de Christo já andava inherente á corôa e os de S. Thiago e Aviz, após a morte do seu grão-mestre D. Jorge, tambem se lhe unem, em memoria do que D. João III substitue a cruz de Christo da moeda de tostão pela de Aviz.

Estabelecia-se plenamente o governo dos antigos Cesares da outr'ora orgulhosa Roma.

A fidalguia, eivada de vicios, era como que a sombra d'aquella, que fez erguer o punhal a D. João II e qualquer prebenda ou capitania nas possessões a fazia quêda e submissa; o povo, esse, ignorante, esfaimado, doente, fanatisado, era um pária que contribuia estultante para o derruir do grande e glorioso edificio, que levantou heroicamente nos plainos d'Aljubarrota.

As côrtes, essa bella instituição que tanto tinha contribuido para a independencia e grandeza de Portugal, já não eram reunidas senão de longe em longe; e assim n'este longo reinado sómente o foram tres vezes: em Torres Novas, tendo sido convocadas para Thomar; não se realisando porém aqui em consequencia das doenças que então grassavam na povoação, onde estava a séde da illustre Ordem de Christo; em Evora e Almeirim.

Era o apogeu do governo de um só, esboçado pelo grande *homem* D. João II, animado pelo feliz D. Manuel e firmado pelo inquisitorial D. João III.

Foi este, directa e indirectamente, o principal factor d'esta terrivel decadencia, embora houvesse outras causas, que determinassem o desmoronar da portentosa nação.

Filho de D. Manuel, que, como vimos, era um tarado e de D. Maria, irmã de D. Joanna, a *Louca* e filha do fanatico D. Fernando, o *Rei catholico* não podia deixar de ser um ente inferior, producto infeliz d'uma ascendencia doentia.

Nascido em junho, 6, foi este dia bem tristemente

celebre, pois a natureza, parece, que quiz assignalar esse acontecimento.

Uma tormenta de aguas, trovões, raios e coriscos tão extraordinaria e continuada pelo dia todo, com tamanha furia e teima, encheu o ceu de horror e os espiritos dos portuguezes de sinistros agouros.

Talvez sua mãe, tomada por grande susto pelo desencadear da medonha procella, o désse á luz em pessimas condições, que, segundo Magnan, muito contribue para a inferioridade psychica.

Logo em creança dava provas do que devia ser.

Acompanhando sempre com refalsos e indignos, assim se ia habituando a encarar de perto e sangue frio um auto de Fé.

Defeituoso de corpo, embora tivesse durado a sua lactação tres annos e meio, pausado de movimentos e falas, era antipathico, para o que muito concorria uma cicatriz na fronte, resultante de uma, quasi mortal, quéda da varanda d'umas casas em Santos-o-Velho, traumatismo que decerto devia affectar a casca-cinzenta cerebral, centro da intelligencia, do que dimanaram reaes e verdadeiras perturbações, provando-o em que, apesar de ter tido por mestres os homens mais sabios do seu tempo, como o eminente bispo Ortiz de Vilhegas, e o illustre medico Thomaz de Torres, não poude ficar senão com um imperfeito conhecimento do latim e pouco ficou sabendo das outras artes que lhe ensinaram.

Ao proprio D. Manuel foi motivo de grande receio a fraca intelligencia do filho, que pagava assim a crueldade da natureza, que não perdôa a reis, nem a plebeus o infringir das suas sabias leis, reprovando a união de entes nas funestas condições do *Afortunado* e de D. Maria.

Sem duvida, foi um degenerado.

Assim como o meio é um factor colossal, omnipotente na producção dos phenomenos biologicos, assim tambem é d'alta e poderosa importancia em sociologia.

Estas leis que são hoje d'uma clareza, d'uma evidencia extrema, levaram longos annos para se enunciar e acceitar, mas quanto mais se estuda, mais factos as vêm corroborar e um d'elles é a vida d'este nescio rei, que para infelicidade de Portugal subiu ao throno na epocha mais critica da sua gloriosa existencia.

Lentamente instruido na pia côrte de D. Manuel, vendo as terriveis perseguições dos judeus, cujos echos se deviam repercutir nos seus debeis tympanos de quatro annos, assim se foi formando o seu taciturno caracter e a sua tetrica inclinação para a intolerancia e fanatismo, horrendos pólos em que girou o seu triste e funesto reinado.

Como consequencia d'essa educação e tendencia resultou a sua intolerancia na Fé e o apego enorme ás cousas religiosas, aos regalos dos frades, á erecção de novos bispados em Portugal e nas terras descoberta por mares nunca de antes navegados.

Como estas no espiritual pertenciam á Ordem de Christo, pelo que vimos nos mestrados do egregio infante D. Henrique e no de D. Manuel, apontaremos essas novas dioceses, que tanto lustre lhe traziam e que tão necessarias eram, pois assim se cohibiria tanta desordem, que havia lá por fóra no seu vasto padroado, uma das maiores regalias e glorias da illustre Ordem, o qual d'ora ávante se confundiria com o da corôa.

O bispado do Funchal passou pela bulla de Clemente VII — *Hodie sanctissimus in Christo pater*, de 31 de janeiro de 1533, a arcebispado metropolitano das nossas descobertas feitas e por fazer.

Para se vêr a prodigalidade com que D. João tractava estes negocios, só em dinheiro para alcançar esta bulla, mandou 15:000 cruzados a D. Martinho, nosso embaixador em Roma!!

Com a mesma data, mas com a bulla — *Pro-excellenti praeeminentia* temos a erecção do bispado de Cabo Verde.

A 3 de novembro de 1534 são creados pela bulla de Paulo III, — *Acquum reputamus* os bispados de Angra, S. Thomé e Gôa os quaes com o de Cabo Verde ficaram sendo suffraganeos do Funchal.

O de Gôa ainda n'este mestrado se torna independente e por bulla de Paulo IV — *Etsi sancta et immaculata* é elevado á dignidade de metropolitano do Oriente, com jurisdição sobre os bispados de Cochim e Malaca creados pelas bullas — *Pro excellenti praeeminentia* ambas do mesmo dia d'aquella, 4 de fevereiro de 1557.

A avaliar pelas despezas feitas com a bulla do arcebispado do Funchal, quanto não custariam todas estas ao

rei de Portugal, em quem Roma tinha um grande amigo e um inexgotavel manancial?!

E não queriam que o revoltoso Luthero prégasse a nova lei e queimasse as bullas romanas?!

Já vimos que um dos seus maiores cuidados ao ser elevado a mestre da Cavallaria de Christo, foi reformar esta e como as suas tendencias desde pequeno eram para a vida monastica, achou por bem converter os audases e gloriosos cavalleiros em freires conventuaes, pois decerto assim prestariam mais serviços á patria e á religião.

Grande carinho e amor sempre teve D. João III para com aquelles que iam regalada e parasitariamente gosar o conforto da luxuosa morada no sumptuoso convento e dos enormes rendimentos que de todas as partes do mundo provinham.

Como á parte material d'esta grande communidade dedicava trabalho, dinheiro, cuidado, zelo e empenho de a vêr concluida a ponto de em 1551 chegar a passar um alvará em que determinava que qualquer das pessoas que fizessem cal, tijolo, telha, podesse cortar matto livremente onde lhe conviesse melhor, não menos se dedicou á parte moral e economica.

Raro era o anno, em que de Roma não viesse uma bulla, um breve a favor dos seus queridos frades e o proprio rei não publicasse cartas, ordens, decretos, para que a grandeza e progresso da nova casa não minguasse e estivesse á altura da sua illimitada devoção, sem que comtudo, e ainda assim, o poder real soffresse qualquer quebra ou senão o augmentar-se.

Impossivel nos é referir tão grande numero de documentos, todavia noticia de alguns damos para justificar o que dizemos.

Assim:

Em 1529 passou D. João III um alvará em que determinava que o D. Prior e freires religiosos podessem mandar comprar quaesquer mantimentos em todos os logares de seus reinos sem embargo das leis da nação e das posturas camararias sob pena de pagar o delinquente 6:000 reaes para as obras do convento de Thomar.

A 3 de março de 1530 n'um alvará passado em Lisboa ao convento de Thomar e no qual elle diz que *sempre folga de fazer mercé e favor ás suas cousas,* ordena elle que sejam excusos e privilegiados de não pagarem em nenhumas peitas, fintas, talhas, serviços, pedidos que por o concelho de Thomar ou moradores da villa e termo forem lançados aos: sapateiro, tosador, alfaiate, hortelão, moleiros, caseiros, ourives, pescadores da Ordem em Peniche, na ribeira d'Atouguia, em Buarcos e no Tejo.

Como vimos, foi D. Diogo Pinheiro, vigario de Thomar, nomeado bispo do Funchal e como tal juntaram-se os negocios d'estas duas circumscripções ecclesiasticas na pessoa do grande privado de D. Manuel, que não chegou a ir á ilha.

Morto D. Diogo, tratou logo D. João III de desannexar a Prelasia de Thomar e dál-a ao D. Prior do convento que era ao tempo o importante vulto Fr. Antonio de Lisboa.

De Roma veiu a bulla de Paulo III—*Gregis Dominici* de 25 de agosto de 1536, em que eram desmembradas e apartadas para sempre do arcebispado do Funchal todas as egrejas, logares e pessoas, que d'antes eram do vigario de Thomar, submettendo tudo ao D. Prior do convento dos freires de Christo.

O mesmo papa, a pedido do *piedoso* mestre, expede de Roma uma bulla em 1542 na qual isentava a Ordem de Christo da sujeição ao abbade de Alcobaça, como visitador e reformador, subida prerogativa que lhe era annexa desde a fundação de tão illustre milicia.

Talvez esta graça não fosse sómente concedida por causa dos seus humildes freires.

O seu D. Prior, o seu grande amigo Frei Antonio de Lisboa, decerto devia muito e muito concorrer para essa liberdade, elle o absoluto Prelado que tambem queria ser inquisidor e pelo que recebeu de D. João III a seguinte carta de recommendação d'esse santo negocio.

«Reverendo Dom Prior, amigo, eu El-rei vos envio muito saudar. Li a carta que me escrevestes sobre o negocio da St.ª Inquisição, em que dizeis que quereis começar a entender n'essa Diocese, havendo-o eu assim por meu serviço. A mim me parece assim muito bom, e vos encommendo muito que comeceis logo de entender n'isso, procedendo e fazendo no caso aquillo que, como ordinario, e por bem da jurisdicção que tendes, podeis e deveis fazer. E eu falei n'isso a João de Mello, que me disse que vós lhe escrevereis tambem; e

elle vos envia o treslado da bulla, e assim vos escreve algumas cousas que fazem ao caso, para mais vossa informação do que se nisso deve fazer. Folgarei de me escreverdes o que a succeder. Manuel da Costa a fez em Lisboa a 23 dias de dezembro de 1541.»

Não só os freires e cavalleiros da nova Ordem lhe mereciam affeição, tambem (com o devido respeito) as mulheres e filhas dos cavalleiros professos lhes era deferida, porquanto a 18 de maio de 1544 passou um alvará em que concedia Dom a essas senhoras e a todas as suas descendentes por todo o sempre.

N'um alvará de 1552 houve por bem que o D. Prior e mais freires por nenhuma cousa fossem citados nem demandados, decerto pela justiça de Thomar.

A instrucção ecclesiastica tambem não era esquecida; pois em 11 de junho de 1552, escrevia D. João III a Fr. Salvador de Mello, superior então do convento, uma carta em que se lhe dizia: «e porque sei a necessidade que n'essa casa ha de quem leia a Escriptura Sagrada e quanto isto convem aos que estão na Escolastica aproveitados, mando lá para isso ao Padre Fr. Alvaro Torres da Ordem de S. Jeronymo pela boa informação, que d'elle e suas lettras e de sua sciencia tenho».

Pela bulla *Gregis Dominici* ficou o D. Prior de Thomar que era, como sabemos, Fr. Antonio de Lisboa, com uma vastissima autoridade.

Descobrir as razões não podemos, mas decerto questões que se levantaram entre o soberbo D. Prior-Prelado e os cavalleiros e commendadores da Ordem de Christo, determinaram, á morte d'elle, D. João III a impetrar do papa Julio III auctorisação para remediar tão grande mal, tanto mais agora que o D. Priorado ia ser de eleição triennal e não perpetuo como o tinha tido o orgulhoso Fr. Antonio.

Porisso em 6 d'Abril de 1554, Julio III pela bulla — *Regimini militantis ecclesiae* tirou e novamente separou do convento de Thomar o logar de vigario ou prelado com jurisdicção nas cousas pertencentes á Ordem de Christo, para ser exercido por pessoa ecclesiastica escolhida e nomeada por el-rei, elegendo no entanto os freires de Christo, em execução da bulla de Paulo III, os prelados de

Thomar; que ainda ficaram com jurisdicção independente não só n'esta villa, mas na de Pias, Paio-Pelles, S. Thiago de Santarem, etc., etc.

Chegada a bulla, D. João logo a executou, nomeando o seu capellão Dr. Christovão Teixeira para o logar de Administrador d'aquella jurisdicção e este, após a evestidura no novo cargo, a 4 de junho, auctorisado pelo mestre da Ordem de Christo, presidiu a um synodo, cuja reunião se deu em Santa Maria dos Olivaes, para promulgar as *Constituições da jurisdicção ecclesiastica da villa de Thomar, etc., etc.*, que iam substituir as do bispado do Funchal a que a Prelasia de Santa Maria dos Olivaes andava annexada desde D. Diogo Pinheiro e que as tinha mandado adoptar.

Este preclaro varão está sepultado na Egreja de Santa Maria dos Olivaes em campa rasa, cujo epitaphio diz:

S.ª · DO · DOVTOR · XPV
ÃO · TEIXEIRA · PRELA=
DO · QFOI · DESTA · IVR
DICAM · DESEBARGA
DOR · DOS AGRAVOS DA
CASA · DASVPRICAÇAO
DEI REI · NOSO · SNOR
E DO SEV · CÕSELHO · FA
LECEO · AOS · 5 DABRIL
DA ERA · DE 1575 · ANOS

Pondo em leitura corrente temos: — *Sepultura do Doutor Christovão Teixeira, Prelado que foi d'esta jurisdição, Desembargador dos aggravos da casa da Supplicação d'El Rei Nosso Senhor e do seu Conselho. Falleceu aos 5 de abril da era de 1575 annos.*

Depois d'este Administrador seguiram-se muitos outros e cujos nomes nós iremos referindo por este trabalho fóra e depois faremos no final d'elle, como tambem dos D. Priores do Convento, um indice das suas administrações e priorados.

Quedamos-nos por aqui na annotação das muitas e variadas leis do fanatico amigo dos freires de Christo, dos jesuitas e principalmente da Inquisição, porque longa tem sido a

narrativa do seu mestrado, o mais movimentado de toda a nobilissima Ordem de Christo.

Foi longo e triste bem o sabemos, brilhando, um tanto ou quanto, sómente pelo lado da arte e se temos tão asperamente apreciado D. João III, se temos visto o quadro tão carregado de côres, não é porque o queirâmos assim vêr.

Os factos impõem-se; mas para suavisar a narração e fazer justiça a quem a tem, percorrendo a historia, ainda n'ella se nos destacam: factos, paginas, trechos, homens que provam o quanto a raça portugueza é de superior, inquebrantavel, heroica.

Nem tudo foi o resvalar para o abysmo, para o anniquilamento, para a morte.

Como succede á luz, que ao extinguir-se lança, antes, mais brilho e calôr, ou como ao enfermo quando em leito de dôr e morte, recupera apparentemente lenitivo; assim era este desabar, este desmoronar do grande e brilhante edificio do glorioso Portugal dos seculos XV e XVI.

A colonisação do Brazil, o levantamento de muitas fortalezas nas terras orientaes, o desenvolvimento enorme do nosso commercio, as viagens dos nossos missionarios, a reforma da Universidade, a fundação do soberbo convento de Christo, são factos que não deslustram nenhum monarcha e brilham ao lado do grande cortejo das inclitas e immortaes figuras que se nos destacam grandes, bellas, immaculadas, sem as quaes a epocha de D. João III seria um chorrilho de mentiras, de intrigas, de perseguições e de crimes.

O immaculado D. João de Castro, o apaixonado classico, o immortal capitão do segundo cerco de Diu; Nuno da Cunha, o energico e honrado governador da India, que determinou querer ter sua sepultura n'esse espelhento campo das nossas grandezas e glorias — o mar, talvez quem sabe? para não ser conspurcado ainda depois de morto pela baba peçonhenta dos calumniadores; o genial Gil Vicente, gloria immortal do nosso theatro e brilhante pharol no limiar do theatro moderno do mundo; Antonio Ferreira, o acerrimo adepto da renascença classica, o talentoso compositor da tragedia *Castro* que passa pela primeira do seu tempo nas Hespanhas; João de Barros, o Livio portuguez, o famoso historiador das *Decadas*,

traduzido e admirado na classica Italia; Damião de Goes, o illustre commendador de Christo, o eminente erudito, o intimo amigo de Erasmo, o profundo pensador que depois de brilhantemente nas côrtes da Europa representar e elevar bem alto a nação sua patria, é perseguido, encarcerado, empobrecido e morre mais tarde talvez assassinado para que a Inquisição mais depressa se descartasse d'esse que a fazia tremer até aos seus sinistros alicerces; Sá de Miranda, o duplo commendador da Ordem de Christo, o fundador da eschola classica, o mimoso poeta que abrilhanta a côrte de D. João III e d'ella foge, e na sua querida Tapada ainda é o arbitro da nova poesia; D. Diogo Pinheiro, o venerando vigario de Thomar, o assisado conselheiro de D. Manuel, o primeiro bispo do Funchal, que hoje jaz em soberbo e lindo tumulo na capella-mór da egreja de Santa Maria dos Olivaes, ainda póde com a respeitabilidade que lhe vinha da sua longa e santa vida, cheia de eminentes serviços á patria, protestar bem alto contra as orgias da hypocrisia e do fanatismo e verberar energicamente a rapacidade exercida com os hebreus, nobre raça que pelas suas bellas qualidades de trabalho era digna de melhor sorte; Francisco de Hollanda, vindo de Italia cheio de classicismo, reproduz em soberbas e magnificas illuminuras as antiguidades d'aquelle primoroso paiz; Camões, a maior gloria poetica dos tempos modernos, educa-se, cultiva o seu grande genio que no meio d'uma baixa côrte de intrigantes e nullos resplandece a todo o brilho e prepara assim a sua forte individualidade que é imposta no seu tempo e atravez dos seculos; porque «Camões ficará como a expressão da maior altura poetica a que a mente humana chegou n'esse seculo em que começou a verdadeira actividade scientifica»; Garcia de Orta, o illustre medico portuguez que primeiro na Europa dá uma descripção exacta do cholera asiatico, o celebre philosopho da Universidade de Lisboa, viaja na India e lá estuda a flóra com tal intelligencia que a sua admiravel obra é traduzida e divulgada nas nações civilisadas, provando-se assim, mais uma vez, que os portuguezes não só com as reluzentas e victoriosas espadas contribuiram para o augmento da civilisação; Pedro Nunes, o eminente cosmographo-mór do reino, o immortal divulgador do *nonio*, enriquece a sciencia com as suas lucubrações e ensina á Physica a medir as minimas fracções, e quantos mais

com o brilho da sua espada e de sua intelligencia tornam a illuminar intensamente o ceu glorioso da patria, em que já se viam ao longe sinistros nimbos, precursores de terriveis tempestades e são como que ainda o sustentaculo de esse poder enorme, soberbo que a inveja d'uns, a intriga d'outros, a ganancia d'estes e a falta de patriotismo de muitos fez baquear, anniquilar, pulverisar na massa informe do imperio de Filippe II das Hespanhas.

Primeiro que se dê esse exicio tremendo, esse anniquilamento inevitavel a que, como diz o grande Herculano, nos levou o fanatico e estupido soberano que nos guiou para a ruina e para o aviltamento por um caminho de sangue e de vergonha, vejâmos D. João III prostrado por subita doença para que seu corpo grosso, sem agilidade, com o pescoço breve e a cabeça pesada, apertada entre os hombros, tinha grande disposição—para a apoplexia.

Morto, sem nada deixar disposto sobre a regencia do reino em virtude da menoridade do neto, levantam-se dois partidos capitaneados — um por uma mulher, de animo varonil, intelligente, mas fanatica e submissa ao irmão, o grande Carlos V, que na sua desmedida ambição planeava contar para si ou para seu filho no numero dos seus estados, a vasta e rica monarchia portugueza, o outro — pelo insignificante filho de D. Manuel, o cardeal infante, antipathico, ambicioso, mas pusillânime e subserviente aos jesuitas.

Graças porem ás machinações de Pedro d'Alcaçova e de Gaspar de Carvalho poude facilmente D. Catharina, que contava um grande partido, ser nomeada para a regencia do reino, em que esteve cinco annos; vindo por fim a ceder perante a guerra vil e traiçoeira dos jesuitas que se escondiam por de traz do imbecil D. Henrique.

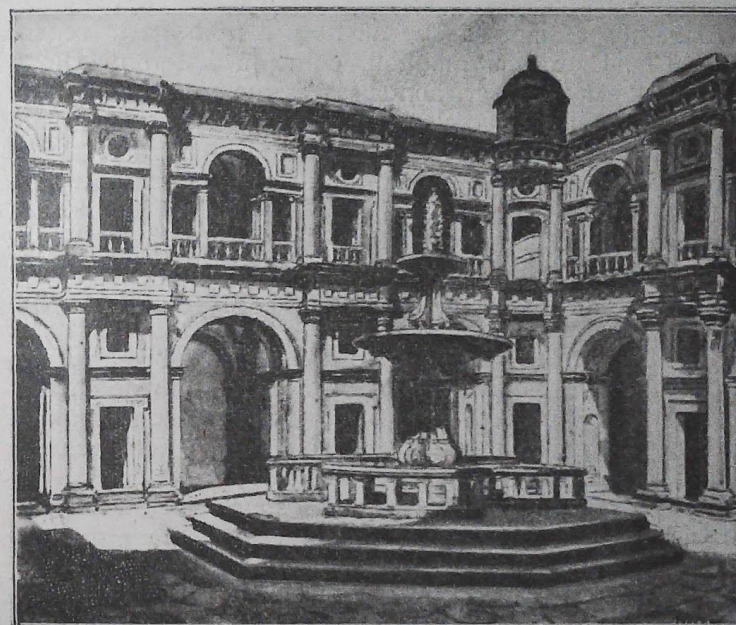
Durante este periodo muitas vezes veiu D. Catharina a Thomar com *D. Sebastião*, e aqui habitou no seu paço, que era nos antigos aposentos do infante D. Henrique.

D'estes sómente as paredes do pavimento inferior encostadas e seguidas ao norte da alcaçova e fóra d'esta, deviam existir pelo que se ainda hoje vê da nobre casa do illustre e sabio mestre da Ordem de Christo.

Sobre ellas edificaram as salas que serviram por mais de uma vez de morada a D. Catharina, se já não tivessem mesmo servido para alguma das mulheres de D. Manuel;

pois na quitação de D. João III a João de Castilho vem tambem lá *e as casas para aposentamento da rainha.*

Estas casas deviam ter constituido um palacio rico e luxuoso; porquanto foram prodigos varios artistas em decoral-o, o que nos é attestado pelas obras que para elle fizeram.

Assim nos consta que para alli trabalhassem: João de Castilho, o grande architecto, foi o seu delineador; João

Claustro de D. João III

Mounõz executou tres grandes florões e quarenta pequenos que importaram em 2:006 reaes; Alvaro Fernandes, mestre pedreiro, dirigiu as obras do seu mister; Rodrigo Esteves, mestre da carpintaria, fez o mesmo; Lucas Pires tambem alli trabalhou; João Cansado e Balthazar Cornejo, ourives de D. Catharina, de certo deviam enriquecer a nobre vivenda com valiosas preciosidades da sua luxuosa arte; Simão Rodrigues, oleiro de vidro, fez 1:200 azulejos, a 3

reaes cada um, para ladrilhar as casas da rainha pelo que passou recibo do seu importe, 3:600 reaes, a 23 de fevereiro de 1536.

João Filippe, carpinteiro de marcenaria recebeu a 1 de fevereiro de 1539 do feitio de dois leitos para as camas de el-rei e infantes 2:000 reaes.

De Malaga vieram 4:000 azulejos, que foram comprados por 8:000 reaes a Manuel Cirne e fizeram de despeza, de Malaga a Lisboa, 842 reaes e d'esta cidade a Tancos, com gastos de carregar e descarregar, 900 reaes.

Devemos assignalar que foi no principio d'esta regencia que D. Catharina mandou, como já dissemos, Diogo de Torralva a Thomar, aonde já era mestre do convento, a fim de transformar o claustro que alli existia incompleto entre a casa do capitulo e o refeitorio, e pôr em pratica a planta que lhe tinha mostrado, o que fez, começando logo os trabalhos, que continuaram até 1562, não sabendo nós a razão de se não proseguirem as obras até se completar tão magnifica construcção. Já que tivemos novamente de falar n'este insigne architecto, diremos que o seu ordenado por anno era de 100:000 reaes e que em 1558 ainda vivia.

Tambem agora vamos vêr o que se fez sobre a resolução tomada no capitulo de 1492, no mestrado de D. Manuel, de se escreverem n'um livro todas as escripturas da Ordem para mais facilmente se ler e se não perderem.

Foi encarregado d'esse trabalho Fr. Francisco, da Ordem dos Prégadores, professo do mosteiro de S. Domingos em Lisboa, que o chegou a principiar, mas reconheceu-se que ia muito errado, mandando-se que se suspendesse e que houvesse negociações com a curia romana para outrem o fazer.

D. João III ainda poude nomear o Dr. Pedro Alvares Seco, por provisão de 6 de maio de 1542 para o executar, mas não lhe poude dar principio durante a vida d'este monarcha, pois queria vêr todas as escripturas e não teve tempo para não sahir outra vez errado.

Em nome de D. Sebastião, aos 25 de junho de 1559 é passado um alvará a Damião de Goes, fidalgo e guarda-mór da Torre do Tombo para que elle desse ao Dr. Pedro Alvares, desembargador e contador do mestrado e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, os treslados em fórma authentica, das escripturas que estivessem na dita Torre

e a 16 de dezembro de 1560 é passado outro encarregando pela segunda vez o mesmo Doutor de coordenar o resto dos elementos para a obra.

N'este alvará mais se dizia quem o escrevesse fosse Gaspar Garro, moço da camara da infanta D. Isabel, tia de D. Sebastião e que se lhe pagaria á custa do rendimento dos tres quartos das commendas da Ordem de Christo.

Este *Tombo dos bens, rendas, etc.*, é um livro de 211 folhas em pergaminho e de formato grande.

Tem n'um principio, no meio d'um grande A, um desenho quen os deve mostrar, apezar da sua incorrecção, a antiga *Charola* restaurada pelo immortal D. Henrique, o glorioso e notabilissimo governador e administrador do mestrado de Christo, novo titulo que desde o seu tempo foi usado pelos seus successores n'aquelle alto cargo. O Dr. Pedro Alvares ainda compillou tambem o *Livro das Escripturas da Ordem de Christo*, etc.

Este *livro* é repartido em quatro partes e no começo de cada um vai a tavoada e reportorio das escripturas e cousas que n'elle se contem.

São dois volumes em formato grande e são escriptos em pergaminho.

Um dos volumes contem a primeira e segunda parte, e o segundo a terceira e a quarta.

Tem a data de 30 de Outubro de 1568.

O celebre João de Penafiel, o illustre illuminador, foi encarregue por alvará de 16 de dezembro de 1560 de o illuminar.

Notemos tambem n'esta regencia a collocação, ao pé da torre no anno de 1559, do grande sino, o maior ao tempo, em Portugal, pelo que lhe deram o nome de *Baleia*.

D. Catharina pouco tempo teve a governação e administração do mestrado de Christo e da regencia do reino, durante a qual ainda brilham paginas de grande heroismo e gloria para Portugal; pois a rude opposição dos queridos amigos de seu marido — os jesuitas, que já eram poderosos e ciosos do mando politico, foi grande e ella aborrecida, vexada, com necessidade de descanço livra se do peso da regencia e entrega-a nas côrtes de Lisboa, nos fins de dezembro de 1562 a D. Henrique, o cardeal seu cunhado.

Foi sem importancia este espaço de seis annos que se seguiu, o que bem prova a divisa adoptada pelo negligente

e nullo infante: *festina lenté* e que o grande e brilhante talento, Rebello da Silva, assim aprecia: «e por tal modo se conformou com ella que por vezes attingiu o heroismo da inercia, crusando os braços e adormecendo na hora do perigo quando todos clamavam e invocavam a direcção do chefe.»

Só os jesuitas e a Inquisição é que lhe levavam toda a sua actividade.

Os jesuitas viam augmentar e enriquecer os seus collegios em Lisboa, Braga, Coimbra e Santarem, d'onde lhes vinha grande poder e auctoridade.

Evora, com a sua Universidade entregue aos discipulos de Loyola, augmentava a sua população e riqueza e bem dizia o jesuitico regente.

A Inquisição, não menos recebia de D. Henrique innumeras regalias que lhe accrescentavam os seus grandes rendimentos e o seu pessoal era já escolhido entre os fidalgos e titulares, no que tinham alta conveniencia para se pôrem a salvo das terriveis pesquizas d'esse diabolico tribunal, andando sempre de medalha d'ouro com o seu emblema, chegando a levar a sua audaciosa sobranceria a quererem confundir-se com a nobre e illustre Ordem de Christo.

Por entre os negocios do seu querido tribunal e dos seus partidarios—os jesuitas—assim foi governando o reino, até que estes, senhores de si, o abandonaram e fizeram acclamar D. Sebastião que tinha chegado aos 14 annos de edade.

Antes d'isso, nos derradeiros annos da sua regencia, 1567, notemos um facto illustre na historia de Thomar: foi esta villa elevada á categoria de *notavel* e seus moradores passaram a gozar das regalias correspondentes.

Valha-nos isso!!

Foi consideração merecida; pois Thomar nos ultimos tempos, póde-se dizer, era como que uma segunda côrte.

As obras do convento continuaram e n'ellas vemos ainda artistas de valor, como:

Francisco Lopes, naturalmente para o logar que tivesse deixado o illustre Torralva, recebe em 11 de outubro de 1564 o alvará de mestre das obras; Lucas Pires faz a balaustrada para o orgão grande pelo que lhe são pagos 14:420 reaes em janeiro de 1565; Jordão Vaz, ourives de

Lisboa, concerta os calices grandes do altar-mór pelo que recebe em 1564, 17:000 reaes; recebe mais em 1565 por umas galhetas e uma campainha de prata para o altar-mór, 3 calices e do feitio de um castiçal, galhetas, patena do calix grande 20:700 reaes e mais 8:400 reaes d'um calix que pesou dois marcos de prata, d'umas galhetas e de uma tesoura de prata; o distincto illuminador Penafiel recebe em 1564 a primeira verba da sua soberba e belissima obra do *Livro das Escripturas* que era de 30:000 reaes.

A Antonio Rombo, por alvará de 1 de janeiro de 1565, passado em Almeirim, é-lhe dado mais 2:000 reaes cada anno á custa dos tres quartos, além do que tinha de ordenado nos ditos quartos.

No livro em que vimos o treslado d'este alvará, está junto o primeiro recibo d'esta quantia, assignado por Antonio Rombo, que aqui tem mais d'Almeida, o que nos faz vêr que este seja o Rombo filho, já dito por nós. O recibo tem a data de o derradeiro de fevereiro de 1566.

Em breve veremos infelizmente D. Henrique á testa dos negocios do reino, como monarcha e, como tal tambem, no numero dos mestres da Ordem de Christo.

Continuemos pois a descrever o mestrado de D. Sebastião, esse infeliz rapaz, producto desgraçado d'uma ascendencia malsã, nevropatha, sobre quem desencadeia essa terrivel tempestade que desde o imprevidente D. Manuel tem vindo a accumular-se no horisonte portuguez.

Agora veremos a plena confirmação do que temos dito sobre seu bisavô e seu avô; se nada dizemos sobre seus paes e tios é porque novos morreram e a historia é quasi muda; essas mortes prematuras mais vem confirmar a nossa these — a accentuação da inferioridade da raça.

O pensamento da união iberica, que tanto tem dominado as cabeças de alguns monarchas portuguezes e hespanhoes, teve no grande rei e habil politico, D. João II, um decidido e forte apoio; mas a morte desastrosa de seu filho casado com a princeza de Castella fel-o transtornar.

Não importava.

Essa união, parece, que estava escripta nos destinos das nações.

D. Manuel abraça-a e, para a realisar, casa com D. Izabel, filha dos reis catholicos que lhe dá um unico filho que elle sonha ver imperador da maior nação do mundo.

Morre e a mãe tambem; mas D. Manuel casa novamente com outra filha dos reis de Castella que gera o herdeiro, mas não da Iberia, pois já lá havia outro, que viria a ser o habil politico que tem na historia o grande nome de D. Carlos V.

Esse herdeiro foi D. João III, que já vimos como sahiu.

Degenerado, casa com a prima, filha de Joanna, a *Louca,* embora essa senhora dê provas de alta capacidade; mas mais altas as deu seu irmão, Carlos V, e no emtanto Prescott, na historia de Filippe II, affirma que todos os descendentes d'aquella infeliz princeza tiveram mais ou menos um certo desvairamento a que o proprio Carlos V se não eximia ás vezes e que nós tambem vemos nos descendentes do descripto pelo illustre historiador americano, chegando a accentuar-se a nevropathia a ponto de se extinguir a raça no idiota Carlos II.

A brilhante dynastia de Habsburg finalisa n'este infecundo, como a heroica dynastia de Aviz vae fenecer no impotente e *desviado* D. Sebastião.

Uma filha de Carlos V casa com o filho de D. João III, primos em primeiro grau.

Dos nove filhos do nosso rei só dois attingem á edade de poderem casar, o que fazem aos 16 annos, mas não chegam a vêr o fructo dos seus amores.

D. Maria casa com seu primo D. Filippe e de parto morre, deixando o desgraçado D. Carlos que sahiu corcunda, gago, brutal, cruel.

D. João deixa a mulher gravida do principe D. Sebastião, que nasce 18 dias depois da morte de seu pae.

Esta teimosia da união iberica pelos casamentos foi uma temeridade, de que resultou perdermos a autonomia por esgotamento da nossa raça real e uma prova eloquente do quanto se devem repudiar os casamentos consanguineos.

O povo, que nunca gostou d'estas uniões continuas entre as duas casas reinantes da peninsula, aproveitou as côrtes de 1562 para nas queixas que fez da desorganização do reino apontar essa e pedia que D. Sebastião casasse, mas com princeza de França.

O povo, parece, que presentia o mal que d'esses antipatrioticos contractos advinha e o perigo em que essa intimidade punha a nossa independencia.

Era já tarde.

A fatalidade estava consumada e d'ahi resultou o vermos ajuntar-se ás causas varias da nossa ruina o não termos successor idoneo á corôa portugueza.

Vejâmos, pois, como sahe o decimo terceiro mestre da milicia de Christo.

Quem de todo não fôr ignorante nas leis da physiologia vê logo, depois do que deixamos dito sobre a genealogia de D. Sebastião, que este não póde deixar de ser um *degenerado.*

O seu physico sympathico e as obras da sua curta vida provam-n'o em demasia.

Em creança é d'uma formosura que encanta.

Depois sahe: louro, quasi ruivo de cabello, de tez branca, picado um tanto das bexigas, olhos azues, senão verdes, lampinho, nariz fino e aquilino, o labio superior estreito e o inferior saliente e um pouco belfo, rosto comprido, asymetrico, lado esquerdo maior do que o direito, maxilar inferior excessivamente hypertrophiado, caracteristico na familia dos Habsburg, cujo sangue tinha da mãe, mãos enormes, sexdigitalico no pé esquerdo, estatura meã e desenvolvimento de forças musculares grande: eis os seus traços materiaes, estigmas anatomicos, que muito e muito o approximam aos typos d'um Lombroso.

O seu pschyco soffre de allucinações, divagações nocturnas, abnubilações, perdas nocturnas, perversão do sentido genesico, ataques na adolescencia, tenacidade, inveja, jactancia e autopholia, ideia fixa, amuos, mentiras, repugnancia ás mulheres, *desvios,* inconstancia na residencia; não é preciso mais para n'elle vermos o prototypo do ultimo dos degenerados — o epileptico.

Não é o nosso trabalho um tratado de pathologia mental, nem tão pouco de historia geral portugueza para que façâmos um estudo aprofundado da psychopatia d'este desequilibrado e infeliz mestre da Ordem de Christo; mas como teremos no decorrer d'este mestrado de topar com factos incongruentes e desconnexos e até de confirmar com este producto morbido o que dissémos da sua nevrophatica ascendencia, muito acertado nos pareceu encararmos esse *desviado* rapaz á luz da nova philosophia, que mede com toda a precisão de conhecimento o valor de todos aquelles que por feliz acaso ou por merecimento proprio se acharam guindados a dirigirem os destinos das collectividades.

Hoje, já se está longe de confundir talento com vesania, duas psychopathias oppostas e extremas, para que não vejâmos sómente nos reis ou grandes vultos historicos, homens normaes, sem taras, dignos de exemplo e da veneração dos povos.

Se alguns apresentam juizo solido, intelligencia vasta e execução criticada, outros ha que nos menores traços do seu caracter se revelam o que são e d'onde procedem.

Raro é poder classificar-se o homem de genio para precisamente o destacar do mediocre e do tarado; mas quando apparecem casos evidentes como este, as difficuldades cessam e o quadro sahe nitido.

O homem de genio e o vesanico são homens que vivem n'um meio differente do commum dos homens.

São *anormaes, extra sociaes,* vivem outra vida.

São iniciadores, originaes.

Veem o que os outros não veem, com a differença que no grande homem o que é visto por elle é: claro e extenso e no alienado é: rapido e fugaz.

Em ambos ha uma imaginação ardente e subitanea o que os afasta da multidão vulgar, mas no primeiro ha um grande senso critico que se exerce n'elle quasi immediatamente, concorrentemente com a idealisação creadora.

Na segunda não ha travão que páre essa imaginação ardente, não ha freio que dome essas divagações, que prenda esses pensamentos vagabundos, não ha faculdade de revisão sisuda e de critica severa.

Por outras palavras.

A physiologia ensina-nos que ha dois phenomenos: a incitação ao movimento e a inhibição do movimento, de que resulta o movimento definitivamente executado.

O homem de genio reune em si estes dois phenomenos: tem a excitação poderosa que effectua a creação, vasta, clara, e a inhibição potente que lhe dá a reflexão, a maturidade de julgamento, a ponderação dos acontecimentos, a combinação do passado com o presente e o futuro, a noção do possivel e do real.

Ora o louco tem a incitação ao movimento, mas é incapaz da inhibição e nada ha que lh'a produza para que essa impulsão seja ordenada, moderada e bem succedida.

E' o que vamos vêr em D. Sebastião, infelizmente por grande culpa dos predecessores e para desgraça do já tambem doente Portugal.

Com uma alta tara psychopatha é educado por dois venerandos que concorrem inconscientemente para a formação de seu enfermiço espirito, que teve por balisas dois anachronismos: a cavallaria e o mysticismo.

D. Aleixo de Menezes foi seu aio, e o exemplo vivo de sua gloriosissima carreira da India devia decerto inflammar a imaginação ardente do fogoso rapaz que ainda menor, pedia a Deus que o fizesse seu capitão.

Luiz Gonçalves da Camara, perspicaz intelligencia, grande theologo e austero religioso, foi escolhido para lhe administrar a educação litteraria que de todo em todo não foi desarrazoavel, mas que a leitura de livros de cavallaria, da vida de Santo Ignacio, das guerras de Carlos V contra os mouros e congeneres, fez crear uma alma religiosa, apaixonada, d'uma mania ascetica, d'um mysticismo puro e casto que o fazia, aos nove annos, querer cumprir o preceito do jejum e pedir que rogassem a Deus que o conservasse sempre casto.

Quanto á educação physica, é elle proprio, D. Sebastião, que olha por ella.

Todos os exercicios de que podesse vir força e destreza a seus membros ou que, por elles, mostrasse valentia e coragem, eram os seus passatempos mais favoritos.

Em montarias, tourear, domar cavallos, é elle o primeiro e não consente que seja outrem.

Quando o Tejo rugia encapellado por medonha tempestade, rara era a vez que se não visse D. Sebastião, impavido, immovel á pôpa da sua galé, no meio das furiosas ondas, como que a desafiar os revoltosos elementos.

Nunca tem medo e quando alguem lhe adverte prudencia no meio da sua desvairada audacia, não gosta e a palavra cobarde mais do que uma vez foi ouvida por valentes e heroicos soldados d'Africa e da India.

De noite, no furor da sua doidice, sahe da cama em Cintra e embrenha-se n'um bosque tão espesso que ainda de dia mette medo a quem entra n'elle só.

Ser o primeiro em tudo, é uma ideia fixa no seu doente cerebro.

Não olhava com bons olhos quem quizesse avantajar-se-lhe.

Nas justas, nos torneios e na caça, era elle o primeiro no exercicio, em que tinha grande prosapia.

Ai d'aquelle de quem elle desconfiasse, sequer, que não tinha a mesma opinião ou lhe quizesse desobedecer nos seus infantis desejos ou nas suas terminantes ordens!

Nem o proprio e respeitavel aio soffre excepção.

Como ainda não é rei, amua-se, mas os amuos passam-lhe depressa.

Com a edade veremos em que dão estes amuos.

Emancipado aos 14 annos, rodeado pelos jesuitas que são os seus primeiros guias, vão-lhe desabrochando essas malsãs faculdades que o tornam um ardente religioso, um arrebatado cavalleirro á antiga, um libertador dos Logares Santos.

Era um atavico: queria ser um Godofredo de Bouillon, um Gualdim Paes, um Affonso V, um soldado da Cruz, como outr'ora um templario, ou cavalleiro de Christo.

Isso era o seu mais ardente desejo e praticamente o ia realisando, renunciando ao casamento para ser puro e casto «pois arrebatado pelas tradições cavalleirescas, suppunha a castidade uma condição necessaria para levar a cabo a sua empreza ainda vagamente esboçada».

As mulheres mettiam-lhe horror, o que o fazia frio por ellas, talvez por causa de certo achaque que, sendo menino, padeceira, o que se diz *fluxum seminis,* o qual se lhe atalhou com remedios preservativos que bem podiam causar o tal esquecimento.

O tio de Hespanha D. Filippe II sabe d'esse *esquecimento* e mandou-lhe o Dr. Almazan, notavel medico, a vêr se o curava, mas não poude.

A ideia de ser cavalleiro á antiga tinha-se-lhe arraigado n'alma e não desiste; pois no mesmo anno da sua acclamação reune capitulo geral da Ordem de Christo, em Lisboa no Hospital de Todos os Santos.

Talvez, quem sabe, desejasse fazer reviver essa nobre e gloriosa hoste que o avô tinha enclaustrado, na opulenta e magnifica vivenda de Thomar?

Talvez, ao livrar-se das peias da tutella, quizesse ser seu chefe militar para levar bem alto ao brilhante sol das conquistas e navegações o seu velho e nobilissimo estandarte de cem mil batalhas triumphaes?

Talvez, quantas vezes o pensaria, ao vêr essas reliquias sagradas, essas memorias ainda quentes, essas sepulturas de heroes ainda mal fechadas, ao passear com a avó pela riquissima e patriotica egreja do convento de Thomar, sob as gothicas arcarias do claustro do *Cemiterio* do outro temerario e nevropathico principe, o immortal D. Henrique, que com os seus audazes cavalleiros de Christo, abriu a carreira luzentissima de gloria ao valente Portugal — essa carreira cujo fecho desgraçado, o destino, estava guardando para elle?!

Quantas vezes lhe referveria nas veias o seu achacoso sangue que ainda alguma cousa tinha d'um infante D. Fernando, d'um D. João II, ou lhe pulsariam as arterias ao ouvir debaixo das altas e longas abobadas do magnifico e recentemente erguido claustro as animadas conversas, repassadas d'um ardente patriotismo, de algum d'esses monges guerreiros que ainda pelo convento existissem, as vivas narrações de mil façanhas, as enthusiasticas descripções de gloriosissimos combates, as epicas historias de homericas batalhas?

Quantas vezes não vibrariam os irrequietos neurones de seu enfermiço cerebro, ao saber dos feitos heroicos d'esses inclitos guerreiros cujos exemplos, no desnorteamento da sua ardente e atavica aspiração, queria seguir para grandeza de Deus e da sua religião?

Tudo isto podia ser e a sua tarada organisação que, quasi nada, punha em extraordinaria actividade, muito facilmente se devia deixar influenciar e enthusiasmar com a reunião d'esses velhos campeões da cruz, de aspecto venerando, que um fanatismo cego não deixou continuar a viver dentro dos velhos muros de D. Nuno Rodrigues, que elle agora reprovava, como era por elle e pela nação tambem desapprovada a anti-patriotica politica de D. João III que entregára aos mouros tres das mais gloriosas praças africanas, reliquias santas e bellas do heroismo portuguez de outros tempos.

Ia crescendo em annos e cada vez mais o seu espirito era arrebatado, enthusiasta, ascetico, no que revelava a sua propensão morbida, o seu temperamento doentio.

Ora era a India o sonho das suas atribuladas noites, ora a Africa que o preoccupava e em que queria assignalar com façanhas épicas, gloriosas, nunca vistas a sua

passagem pela terra de Deus de quem era um dom, um soldado, um guerreiro.

Para isso põe em pratica o seu querer irresistivel, tem em alta conta todas as qualidades guerreiras e extasia-se deante da bravura a mais louca.

Nem os mortos escapam; pois indo a Alcobaça, faz exhumar D. Affonso III e D. Pedro I.

O conquistador do Algarve é em alta voz elogiado e o amante de Ignez é desdenhado e apodado de femieiro.

Na Batalha faz o mesmo ao grande D. João II, manda-o tirar do tumulo, erguer ao alto e mettendo-lhe a espada na mão, ajoelha deante do *seu rei* e diz para a sua comitiva — *foi este o melhor official do nosso officio.*

Por toda a parte era o mesmo e cada vez mais se lhe acirrava a ideia de uma grande empreza.

Um dia accorda e dá ordens para no mais breve espaço de tempo se preparar uma esquadra.

Para quê?

Ninguem sabia.

Seria para ir a França ajudar Carlos IX nas suas guerras contra os infelizes huguenotes?

Seria; e o pararem os trabalhos apoz a *fausta* noticia da mortandade da noite de S. Bartholomeu assim o faz acreditar.

Fausta dissémos nós; pois tal foi a alegria com que em Lisboa se recebeu tão grande novidade que houve luminarias e outras demonstrações de regosijo, prégando em acção de graças o celebre Fr. Luiz de Granada, o austero solitario do penhascoso Cabril.

Não ficaram por aqui as demonstrações por parte do fanatisado e confuso rei.

A França manda D. Affonso de Lencastre, commendador-mór de Christo, como embaixador encarregado de significar a Carlos IX o seu contentamento por tão glorioso feito.

Foi, e é o commendador mór de Christo o encarregado de tão *alta* missão!!

Outro dia, obstinadamente, quer embarcar n'essa armada que manda apromptar e fazer-se de vela para a India, o que é obstado, porque uma furiosa tempestade a desbaratou no Tejo.

Mas não desiste da ideia e como a Africa fica perto, a ella resolve ir.

Prepara-se, promulga regulamentos com relação ás ordens militares, que todos se cifravam em estatuir que ninguem podesse receber o habito de uma d'ellas sem servir em Africa ou na India o que é confirmado pelo Papa Pio V em 1570 e por Gregorio XIII em 1572 e que cada commendador sómente podesse ter uma commenda; porque d'este modo tinha D. Sebastião muitas commendas, que prover, com que satisfaria mais pessoas.

Tambem impetrou a bulla das tres instancias para regulamentação da justiça entre os membros das Ordens militares.

Desejava assim fazer um exercito de experimentados n'essas correrias.

Elle mesmo no mosteiro do Cabo de S. Vicente no Algarve toma o habito da Ordem de Christo que sempre traz ao peito sobre as vestiduras e por armas toma uma cruz grande da mesma Ordem.

A 22 de abril de 1570 restabelece nos tostões a cruz de Christo, que o avô tinha substituido pela de Aviz.

Depois intentou introduzir n'esses habitos uma setta em lembrança do martyrio de S. Sebastião. e concordando Pio V n'esta ideia celebrou um capitulo geral da Ordem de Christo, em Santarem, na egreja de Marvilla, no dia 8 de dezembro de 1573, tanto para dar conhecimento de novas leis, sendo uma em que se prohibia, por determinação de Gregorio XIII a entrada, na nobre Ordem de Christo, a descendente de mouro ou de judeu, ou fosse neto ou filho de mecanico ou mecanica, como da nova insignia.

Porque seria aqui reunido e não em Thomar?

Irreflexão de D. Sebastião de certo.

Não nos admiremos d'isso; pois o seu curto reinado não é cheio de irreflexões, symptomas claros da sua psychopathia?

A egreja apresentou um luxo sem egual: foi armada de rica tapeçaria e alcatifou-se o pavimento de preciosos tapetes da Persia que tinha mandado a D. Sebastião o rei de Ormuz seu vassallo.

O Papa Pio V, prometteu-lhe uma setta das verdadeiras que tinham golpeado o santo martyr, mas falleceu e o successor Gregorio XIII foi quem lh'a remetteu, recebendo-a D. Sebastião com grandes festejos, facto que

chega a ser notado pelo grande epico Luiz de Camões:

> Tomae tambem a setta veneranda
> Que a vós o successor de Pedro manda.
> ... Sereis o braço forte e soberano.
> Contra o soberbo gladio mauritaneo.
>
> Que farão, rei, as vossas (settas) que têm liga
> Com a que já tocou Sebastião?
> ....
> No sangue serraceno as tingireis.

Não tardaria. A catastrophe approximava se.

D. Sebastião, louco, arrebatado, foge de Cintra, qual outr'ora seu trisavô, o mestre de Christo, D. Fernando e vae embarcar-se em Cascaes, tão precipitadamente que alguns fidalgos que o acompanham, por não terem tido tempo de pôrem as vestimentas de guerra vão em trajos de côrte.

Isto passava-se em agosto de 1574 e com a demora que teve em Lagos, d'onde fez constar da sua partida, da sua ideia, o tempo corria e sem que lhe désse logar para mais, foi até Tanger, onde chegou a haver um breve combate com vantagem para os nossos, que D. Sebastião viu, na sua desmedida jactancia, ter sido devido á sua presença, mas não podia ir mais longe pelo pouco numero de combatentes que do reino tinham ido.

De Portugal choviam pedidos, supplicas; na sua hoste havia conselheiros que lhe mostravam a impossibilidade de agora não poder pôr em pratica a conquista que premeditára, e desconsolado por isso resolve voltar á patria, mas com mais ardentes desejos de precaver-se, armar-se, acompanhar-se de luzido exercito para ir em breve acclamar-se imperador de Marrocos.

Era já outubro e os vendavaes do outomno, depois da frota posta em marcha desbaratam-n'a e a galé real, levada pela furia, desarvorada, sem norte, como andava o personagem que conduzia, desce até á Madeira, mas serenada essa tempestada volta e surge no Tejo no dia 2 de novembro acossado por outra.

Com um rei assim o que se tinha a esperar?

E agora mais a mais que o seu temperamento se torna mais pronunciado, e no seu caracter mais se lhe accentuam os symptomas da nevropathia, a ponto de um escriptor d'esses tempos d'elle dizer: que, chegando á edade de 18 para 20 annos, formou outra creação de tal massa que, despresando o entendimento de todos, o seu só lhe parecia acertado.

Agora quando ousavam retorquir-lhe não se amuava como n'outros tempos, insultava, offendia, irava-se.

Era um perdido, que perdia a nação.

Martim Affonso de Sousa bradava pelas salas do paço, que, se se atavam os loucos perigosos, não sabia a razão porque se havia de deixar solto a este.

E era verdade; mas os cortezãos eram muitos e a nação desvairada com o luxo que d'além mar lhe vinha, maniatada pelo fanatismo e aterrorisada pela Inquisição, tambem soffria e soffria muito.

As bellas qualidades d'outr'ora tinham-n'a abandonado e em seu logar appareciam: a mollesa, a crapula, a pintalegrice, a mercancia, a velhacaria que foram com certeza maior causa da sua ruina do que propriamente a que se vae dar nas ardentes margens do Makzen.

D. Sebastião, no desvairamento da sua epilepsia, não desiste da sua antiga teima; do papa impetra um breve para que só elle, como mestre da Ordem de Christo, possa passar ordem para que nenhuma pessoa seja admittida n'ella sem expressa provisão e consentimento d'elle e assim vai preparando a sua nova expedição quando um providencial pretexto apparece e já não é infelizmente, largado por elle, esse louco rapaz que na bella e radiosa edade de 24 annos se sepulta e comsigo sepulta a nação.

Muley-Hamed, rei de Marrocos, é desthronado por Muley-Moluk e no meio das suas infelicidades dirige-se a D. Sebastião para o ajudar a rehaver o seu querido throno.

D. Sebastião promette, com todo o alvoroço e alegria, o soccorro pedido. Não vê mais nada, não attende a mais nenhuma cousa, não ouve ninguem.

Africa, Africa, Africa!

Filippe II de Hespanha insiste com elle para não expôr a sua pessoa e ha uma conferencia em Guadalupe em que o tio novamente insiste em reprovar a sua temeridade de que resultou a D. Sebastião uma d'aquellas iras em que chega a pensar em desafiar o irmão de sua mãe.

O valente duque d'Alba tambem n'essa occasião lhe dá

assisados conselhos e elle atrevidamente, protervamente, pergunta: Dizei-me, duque, de que côr é o medo?

O velho guerreiro, sorrindo-se da insolencia, responde-lhe: Senhor, é da côr da prudencia.

Em Portugal, no emtanto havia um certo grupo que o apoiava e em cujo numero era contado o grande genio que representa por elle só a nacionalidade portugueza, — Camões.

Não acaba o glorioso epico a sua sublime epopeia com estes arrebatados versos?

> Para servir-vos, braço ás armas feito;
> Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
> Só me fallece ser a vós acceito,
> De quem virtude deve ser prezada.
> Se me isto o Cèo concede, e o vosso peito,
> Digna empreza tomar de ser cantada,
> Como a presaga mente vaticina,
> Olhando a vossa inclinação divina:

* * *

> Ou fazendo, que, mais que a de Medusa,
> A vista vossa tema o monte Atlante;
> Ou rompendo nos campos de Ampelusa
> Os mouros de Marrocos, e Trudante:
> A minha já estimada e leda Musa,
> Fico, que em todo o mundo de vós cante,
> De sorte, que Alexandre em vós se veja,
> Sem á dita de Achilles ter inveja.

Não obstante um pouco antes lhe dissesse tambem:

> Tomai conselhos só d'exprimentados

Comtudo, posto que pequeno, era valioso o partido que condemnava o estouvamento do desequilibrado môço.

Assim:

O famoso bispo de Silves, D. Jeronymo Osorio o Cicero do seculo XVI, dirige-lhe uma celebre e patriotica carta para o dissuadir do seu temerario intento.

O velho e glorioso guerreiro D. João de Mascarenhas, o heroe de Diu, dá-lhe prudentes conselhos e D. Sebastião no seu desvairamento julga-o um medroso e propõe seriamente a uma junta de medicos: se um homem valente póde com a edade tomar medo?

A avó, a rainha D. Catharina, desattendida e só, peiora dos seus males e morre em fevereiro de 78, sem ter conseguido com as suas lagrimas, as suas supplicas e a sua authoridade desviar o neto da irremissivel perdição.

O velho infante, o cardeal D. Henrique, offendido, retirou-se para Evora, sem nada ter podido fazer, e evitar o perigo a que se ia expôr o estouvado sobrinho.

O Conselho d'Estado, essa instituição que ha breve tempo tinha sido por elle creada, foi ouvido; mas o seu voto unanime de desapprovação e perdido como muitos outros sensatos e patrioticos.

O proprio Xerife a quem elle ia soccorrer, lhe implorava que não fosse; e o que ia combater chegou-lhe a offerecer terrenos e afiançar-lhe quebrar a alliança que tinha com o turco, se era essa a grande causa da expedição a Africa.

A todos era surdo o desvairado, o obstinado rei e agora, na ancia de marchar, de batalhar, no frenesi de ser o primeiro a encher-se de gloria, de se tornar grande no poder e no mando, é que vamos vêr em toda a plenitude o seu doentio temperamento, o faiscar da sua intermittente intelligencia, a desorganisação das suas faculdades, emfim a tenacidade do epiletico.

Pobre moço que tão duro ias pagar as duras leis da natureza e as imprevidencias de teus avós, que tanto contribuiram para a tua malsã origem e para o embrutecimento de Portugal que, estatelado em miserias e vergonhas, não vae reagir altivamente, patrioticamente, como outr'ora nos bellos tempos de D. João I!!

Pondo a sua fixa e suprema ideia em pratica, salta por cima das sensatas leis do começo do seu reinado e d'outros: já se podia comer mais de tres pratos, vestir fatos de seda alem do gibão, usar pedrarias, dar dinheiro a juro a altos por cento, negociar com judeus, estar a coberto da Inquisição, etc., etc. e promulgava-se a bulla da crusada de Gregorio XIII, o monopolio do sal, o subsidio ecclesiastico dos terços das egrejas, a contribuição d'um por cento sobre o valor das propriedades, o curso forçado da moeda castelhana, venda de empregos, etc., etc.

Tudo para arranjar dinheiro, soldados, preparativos de guerra. E nada chegava!

Nem já os portuguezes tambem chegavam, foi preciso virem allemães, castelhanos e italianos.

Nas ruas de Lisboa, a famosa e formosa capital de Portugal, era uma balburdia infrene, um reboliço enorme.

Não havia disciplina que bastasse.

Era uma anarchia, uma loucura.

De dia eram exercicios das tropas, barulhos, rixas, conquistas amorosas; de noite eram ceias, orgias, descantes, uma pandega.

E o rei, louco e inexperiente, tudo via com bons olhos, o que queria era ir depressa e *bater-se em pessoa*.

Não socegava, entregue a si proprio, livre d'aquelles que lhe podiam dar conselhos e talvez brilhar a seu lado, offuscando-lhe a sua sonhada gloria, como o D. Luiz de Athayde, o glorioso vice-rei da India, ia do acampamento a bordo das naos, a tudo provia, asafamado, de cabeça descoberta e quando qualquer cousa ou pessoa lhe não ia ao agrado, irritava-se, encolerisava-se, mas depressa quietava e de novo entregava-se á faina gigantesca de pôr em marcha esse heterogeneo exercito que a sua orgulhosa cegueira em breve faria morder os areaes adustos de Alcacer-Kibir.

Embarcava estouvadamente, como estouvadamente tudo isto tinha marchado; vae de mar em fóra «a luzida esquadra que levas a teu bordo a fortuna de Portugal! Cento e sessenta e tres annos antes sulcava as mesmas aguas, seguindo o mesmo rumo, a esquadra portugueza que ia conquistar Ceuta.

Tambem a fortuna de Portugal ia dentro d'ella, mas então os destinos propicios enfunavam as velas, as sereias cantavam em torno das quilhas as futuras glorias do paiz e um rei encanecido, o heroe de Aljubarrota, guiava para a victoria e para a conquista do futuro um povo cheio de mocidade e fé.

Hoje é um rei mancebo que parte, mas o povo que elle guia já o salteou uma decrepitude precoce.

....

Vóga, vóga, luzida esquadra que levas a teu bordo o rei e a fortuna de Portugal, vóga e leva á perdição a patria e a corôa.

Já no leme não poisa a mão da Providencia e os pilotos debalde procuram no céu, de dia, o sol d'Aljubarrota, de noite, a solitaria estrella que illuminava as estudiosas vigilias do infante D. Henrique no promontorio de Sagres.»

Vogou e chegou á costa alem estreito.

Ahi houve conselho. Todos foram contra a opinião do epiletico rei que queria ir, qual seta, sobre Fez e acclamar-se imperador para o que já do reino levava uma corôa de ouro, os fardamentos e alabardas para a guarda d'honra e Fr. Fernão da Silva o sermão estudado para a solemnidade.

Via ou não o que os outros não viam?

Era ou não um anormal? E tanto era que, agora, pela cabeça do barão d'Alvito, como já pela de Affonso de Sousa que referimos, passou a ideia de o mandar prender.

E' tarde, respondeu-lhe um frade. Talvez Frei Mathias de Christo ou Frei Thomé de Brito, religiosos do convento de Thomar, que D. Sebastião escolheu, por suas letras e virtudes, para levar comsigo.

E era.

A fatalidade tinha já escripto o dia quatro de Agosto nos fastos luctuosos de Portugal.

Poderia ter deixado, concordemos com isso, de ser esse dia o ultimo da vida do pobre mancebo e em logar de ser de morte, ser de gloria e triumpho, mas lembremo-nos do seu proximo parente Alexandre Farnesio, o nevropathico neto do papa Paulo III e Carlos V que, depois de uma estouvada vida pelas ruas de Madrid, brilha heroicamente em Lepanto, mas nunca mais, por mais que se arrisque, mostra senão que é um tarado, um doente, um degenerado, um anormal emfim.

D. Sebastião n'esse infeliz dia é o mesmo de toda a sua vida: obstinado, invejoso, impaciente, cioso de glorias, intermittente de intelligencia, soldado e não chefe, precipita a causa e por entre mil façanhas homericas suas e dos seus cavalleiros, poude quasi arrancar a ambicionada victoria no meio d'aquella infernal desordem que tudo estragou, tudo arruinou, tudo desbaratou e tudo perdeu, até o pobre louco que, vendo n'um fugaz clarão da sua intelligencia a enorme derrota, o desmanchar da sua chimera, «cheio de pó e suór e a camisa como o mesmo carvão» morre, porque quer morrer.

Ao menos ainda teve essa virtude!

Suicidou se.

E o suicidio, n'estas condições, não é um heroismo?!!

Pobre louco!!

Regalada, a ponto de ser sustentado a leite de ama como uma creança de mamma, e egoistamente vivia o velho prelado no seu mosteiro de Alcobaça, quando o anjo mau da agourenta noticia da catastrophe de Alcacer-Kibir adejou suas negras azas sobre o infeliz reino, que ia em breve ser novamente governado por este cachetico e ambicioso cardeal que nós já vimos na regencia durante a menoridade da desventurada victima que, nos plainos de Tamistra, pagou com uma morte bem escura, o accumular de tantos erros, imprevidencias, loucuras suas e de seus antepassados.

Na incerteza da morte de seu sobrinho, não quiz logo acclamar-se rei e successor d'elle, embora o seu ardente desejo fosse esse, e contentou-se em primeiro ser governador e curador de Portugal.

Mas não passaram muitos dias que a corôa real não cingisse a tremula cabeça do velho inquisidor tão pouco sympathico ao povo e em quem a nação presentia o seu coveiro.

E assim foi.

Dezesete mezes se passaram improductivamente sem que *D. Henrique* podesse ou soubesse fazer qualquer coisa de util e patriotico.

Na Ordem de Christo substituiu o breviario cisterciense pelo romano, reforma effectuada por Gregorio XIII e que D. Henrique, fiel cumpridor dos mandos pontificios acata e decreta, como n'outros tempos na menoridade de D. Sebastião acceitou humildemente as decisões promulgadas no concilio de Trento pelo que causou grande admiração então até ao proprio Papa.

Hoje não admiramos essa humilhação de D. Henrique; pois Portugal não era governado pelos jesuitas?

Não era um feudo de Roma?

E tanto assim que Gregorio XIII propoz-se herdar o reino!!

Entre tantos pretendentes á rica e gloriosa herança, habilitava-se este, tal era a preponderancia que a curia de Roma vinha exercendo sobre este canto da peninsula.

A que chegou esta pobre nação!!

Portugal, o valente e crente do seculo XIV, acclama D. João d'Aviz nos herculeos braços do povo e dos heroicos cavalleiros das Ordens militares.

N'esse tempo havia esse povo que, rodeando o *defensor do reino*, combatia energicamente, altivamente sem que as pestes e as fomes do cêrco de Lisboa lhe fizesse pensar, sequer, em interesses mesquinhos, propostas vergonhosas, como agora que chega o egoismo d'esses corruptos burguezes a pedirem a D. Antonio que desista de revolucionar Lisboa, porque está a chegar uma esquadra carregada com productos do Oriente e podia ser aprezada pelos hespanhoes.

Então era a soberania popular um principio politico proclamado pela palavra patriotica de João das Regras e pela espada flammejante de Nuno Alvares Pereira; n'esse tempo dizia o povo que *queria*, pela voz do grande deputado nas côrtes de Coimbra, e o glorioso vencedor de Valverde revoltava-se deante do palavroso conselho de Abrantes e, marchando, com todas as probabilidades por Punhete sobre Thomar, é aqui detido por mandado de D. João que, reunindo se-lhe na formosa veiga, onde mais tarde Ayres do Quental, levantou a piedosa e patriotica ermida de S. Lourenço, como memoria d'essa gloriosa juncção, vão quatro dias depois firmar grandemente, heroicamente nos plainos de Aljubarrota a independencia de Portugal.

Visto falarmos aqui do fundadôr da graciosa capellinha, e naturalmente do padrão que está ao pé, diremos que este Ayres do Quental, parece-nos, ter nascido em Thomar onde ainda ao presente ha um largo do *Quental* e onde seu pae teve o mesmo emprego que elle: foi feitor-mór (o que equivale hoje a engenheiro de minas e não architecto como até aqui o tem feito passar) do ouro, prata, estanho, cobre, chumbo e outros metaes que se achassem ou descobrissem em varias comarcas do reino e em alguns logares do mestrado de Christo, d'Aviz e S. João que estavam entre o Tejo e a Beira.

Succedendo ao pae no emprego foi n'elle encartado por D. Manuel a 29 de maio de 1518 e mais tarde confirmado por D. João III em 23 de setembro de 1524, segundo vimos no livro oitavo da Chancellaria d'este rei, a paginas 115 v.

Continuemos.

Agora era o Portugal corrupto e jesuita do seculo XVI que se debatia entre as cedulas do Moura e as arremettidas patrioticas do povoléo de D. Antonio.

N'este tempo era a vontade omnipotente do absolutismo que, pela voz do vendido bispo de Leiria, dispunha incon-

scientemente do reino no parlamento de Almeirim, aonde o fraco e revolucionario theorico Phebo Moniz, esse atavico cavalleiro de Christo, pedia, supplicava, implorava ao *rei poderoso, ao prudente* D. Henrique a concessão de o povo eleger um rei, quando o povo é que tinha esse direito.

Que importava que na nobreza houvesse um D. Antonio de Portugal, uns condes de Vimioso e de Tentugal, um commendador-mór de Christo que se não vendessem e pugnassem acerrimamente por acclamarem um rei nacional?

Agora já não existia essa gloriosissima milicia dos valentes e patrioticos cavalleiros de Christo que, capitaneados pelo intemerato e egregio mestre Lopo Dias de Sousa, eram levados audazmente, de escalada em escalada, a penetrarem em terras do inimigo da patria, firmando assim bem alto o direito incontestavel que a nação tinha de eleger o seu rei, mas em seu logar estava a chusma dos frades que parisitariamente viviam na opulenta vivenda de Thomar, pedindo egoistamente a Deus larga vida e nada de incommodos, e agora muito mais que estavam receosos da colera do velho rei que antes, como delegado *a latere*, quiz extinguir a reformação da Ordem de Christo.

Esta era a verdade e a philosophia que reinava em todos aquelles que tinham alguma coisa a perder.

Ninguem se queria incommodar, comprometter-se e para isso o melhor era quedarem-se ou venderem-se, e assim fizeram.

O egoismo era o amôr da patria de agora.

E assim morre uma nobre nação nas vascas corruptas da veniaga, da loucura, da traição!!

Como o cysne antes de morrer, lança um grito, mas é um grito altisonante, glorioso, immortal no seu eterno livro — *Os Lusiadas* que em breve será a sua Santa Biblia de resurreição, de autonomia, de patriotismo.

Fechemos no emtanto esse famoso e suggestivo livro com a alma dilacerada, e passemos em revista essa farça, fim de tanta vergonha e villania que por um cruel destino da sorte vamos vêr desenrolar se no largo terreiro da egreja de Christo em Thomar, embora esta *notavel* villa á voz potente, patriotica do bispo da Guarda e do conde de Vimioso, tivesse seguido o partido de D. Antonio.

Tambem a fresca Abrantes, aonde encontraremos Fi-

lippe I na sua vinda para Thomar, foi das que mais alto defendeu a causa patriotica, e agora os seus habitantes recebiam o *intruso* com extraordinarias pompas e festas, chegando alguns dos mais ricos a desbaratarem as fortunas para que o rei no esplendor dos festejos se esquecesse do que tinham feito por D. Antonio e lhes poupasse as vidas.

O hespanhol assim fez, como habil que era; pois, apezar dos seus *direitos* e do seu Duque d'Alba, não se sentia muito seguro pelas terras portuguezas, «fazendo tudo quanto podia para grangear popularidade, distribuindo por onde passava, fartas esmolas pelos pobres, mandando soltar os presos por culpas leves e desfranzindo n'um sorriso perenne os seus gelidos labios e a sua lugubre physionomia.»

De Abrantes passou D. Filippe a Punhete e d'aqui a Thomar para onde a 25 de março estavam convocadas as côrtes.

Na sua descripção seguiremos os escriptores coevos por mais verdadeiros e notaremos a grande fama de que o riquissimo convento de Christo gosava para não nos admirarmos de vêr n'elle a reunião dos tres estados.

Foi essa justa fama de opulencia e a peste de Lisboa a causa de nós hoje termos de narrar o triste drama desenrolado n'essa gloriosa e patriotica casa da nobilissima Ordem cujo commendador-mór tinha sido um dos mais estrenuos defensores do infeliz Prior do Crato.

E' triste vêrmos tão nobre convento servir de aposento a um rei estranho, e tão grandes riquezas engrinaldarem essa côrte de miseraveis, corruptos, vendidos — elle que foi em parte a habitação honrosa e honrada dos ardidos filhos de Portugal, a quem este deve os seus primeiros e mais bellos dias da sua gloriosa historia e — ellas ganhas em mil acções heroicas em que um patriotismo sem egual fazia verter sangue em esforços herculeos de affirmação da nossa valentia e da nossa missão civilizadora.

Mas que fazer?!...

A força das circumstancias e a fatalidade dos tempos assim o exigiam.

Prosigâmos.

Chegou o rei e a numerosa comitiva á entrada da villa no dia 16 de março, aonde havia uma apparatosa portada de duas columnas, com sua cornija e architrave, matizado

tudo de flammejantes côres e em que estavam postas sobre campo branco estas letras:

PHILIPPO, INVICTISSIMO, HIS
PANIARUM REX II LUSITA
NIAE VERO PRIMO.

Rematavam o arco: a cruz de Christo, a esphera e as armas do reino.

Depois das devidas ceremonias do recebimento, seguiu D. Filippe e o principe D. Diogo debaixo do paleo de seda dourada pela rua dos Estaos, Levada e Corredoura, a principal e a mais povoada de lojas de negocio — ruas vistosamente ornamentadas e cheias de muito povo, que decerto veiu alli mais para vêr do que para saudar os regios recemchegados.

Da praça subiram pela calçada, que estava tambem adornada, ao castello, e entrando foram os regios personagens recebidos á porta da egreja pelo D. Prior e freires.

Cantados no magestoso e aurifulgente sanctuario os hymnos de acção de graça, a um signal dado romperam, entrelaçando se, e sempre variadas, as danças, os concertos de musica, as folias e as acclamações do immenso povo alli reunido, no meio da brava alegria das trombetas e das vozes e instrumentos dos menestreis.

E acabada a festa sua magestade foi para o seu aposento, que era no quarto do principal pateo dos onze que tinha a casa e em que, por sua grandeza, tudo coube: camara, estados, officiaes e officinas.

Era o mosteiro da Ordem de Christo de notavel sumptuosidade de edificio, de grandes e muitas riquezas da sua capella e sacristia, e de tão quantiosa renda, que o fazia não só merecer ser cabeça d'esta Ordem, mas da de todas as que Portugal tinha.

Muitos artistas chamados e trazidos por D. Manuel e D. João III fizeram esta grandeza, que principalmente se manifesta nas muitas e curiosas tellas, assim em debuxo como em pintura.

O claustro principal, aposento de sua magestade, estava por acabar, mas seu fundamento era bom e bem obrado.

Um chronista d'esta viagem de D. Filippe a Portugal, e que vamos seguindo, extasia-se das muitas obras do

opulento convento, da sua musica, do respeito do côro e da capella, que era de traça antiga e de tanta devoção, adornada com tanta estatuaria, obrada por artificiosas mãos de peregrinos mestres, que convida, chama a vêr os que procuram curiosidades.

A excellencia e belleza da cerca não lhe escapou, descrevendo-a nas suas vinhas, oliveiras, jardins, hortaliças e mattos para caça, sentindo não haver pesca por se beber só no convento agua de cysterna.

Que riquezas e que bellezas não deviam ser estas?!!

D. Filippe tinha convocado as côrtes para n'ellas fazer solemne juramento, como já dissémos, para 25 de março, mas como tivesse havido demora na sua preparação, sómente se poderam reunir a 16 de abril.

A Thomar, que então contava pouco mais ou menos dois mil visinhos, affluiu muito povo, havendo casa que tinha mais gente que o usual uma rua; e temendo-se que haveria falta de viveres, mandaram vir de varias partes: pão, trigo, cevada, que se poz á venda em differentes estabelecimentos.

Emquanto esta gente se reunia e os procuradores da nação chegavam para a grande assembléa, D. Filippe não perdia o tempo.

Procurava todos os modos de conciliar a estima dos portuguezes, não se poupando a fadigas, nem a sacrificios para agradar a todos.

As suas audiencias, que eram raras em Madrid, aqui repetiam se quasi quotidianamente e algumas vezes chegaram a ser duas por dia!!

Desde que entrára em Portugal, trajára sempre á portugueza, e os seus cortezãos seguiam-lhe cuidadosamente o exemplo.

Apezar d'isso fazia descontentes. Tal era a chusma dos vendidos!!

No emtanto ia recompensando os mais chegados e galardoava os que mais receiava.

O celebre Christovão de Moura, que via e informava os innumeros requerimentos e memoriaes que á côrte affluiam, era nomeado védor da fazenda; o velho Pedro de Alcaçova entrava no governo; o duque de Ossuna ia como vice-rei para Napoles; a Molina dava um logar no seu conselho; Francisco de Sá recebia o titulo de conde de Mathosinhos

e o cargo de camareiro-mór; D. Fernando de Noronha era agraciado com o titulo de conde de Linhares; D. Antonio de Castro, senhor de Cascaes, foi feito conde; D. Jorge de Menezes era feito alferes-mór; o conde de Portalegre, D. João da Silva, foi tambem nomeado mordomo-mór; e o duque de Bragança, que bem podia alli ser o rei, recebia a subida honra de ser nomeado condestavel do reino.

Por aqui se ficou o agora avaro rei; que tão prodigo fôra em prometter, mas que já ia vendo a quasi impossibilidade do pagamento de tão grande numero de traições e de villanias.

O funebre dia 16 de abril para o juramento de D. Filippe II de Hespanha chegava; e as côrtes, compostas de degenerados portuguezes, reuniam-se no primeiro pateo da cysterna do convento, entre o terreiro e o pateo da egreja, aonde se levantou um tablado engradado em roda e todo forrado de custosas alcatifas da China, sobre o qual, n'um pequeno estrado coberto de finissimas tapeçarias e debaixo de um docel, tinham collocado a cadeira de brocado d'el-rei.

Em roda a praça estava toda paramentada com pannos de oiro e sêda que figuravam os lances principaes da expedição de Tunis.

Defronte do docel estavam assentados em 36 bancos com tres ruas os procuradores das cidades e villas; á direita e um pouco mais acima assentavam-se os prelados, á esquerda os grandes do reino e a baixo d'elles, junto da gradaria, os conselheiros, vassalos não titulares, alcaides-móres e fidalgos da casa real.

Nos degraus das escadarias de pedra da egreja apinhavam-se os freires e os capellães d'el-rei.

Na parede fronteira que abraça o castello com o mosteiro havia cinco amplas janellas.

N'ellas estavam assentados em cadeiras o Principe Alberto, cercado de seus mordomos e os da sua camara; o Prior D. Fernando de Toledo, o marquez de Aguillar, D. Pedro de Medicis, D. Pedro de Toledo, o marquez del Gasto, que cingia n'este dia a espada, o conde de Valencia, e outros cavalleiros.

Era domingo.

O quadro apresentava-se magestoso e solemnissimo, e tomou um aspecto maravilhoso quando, pelas 2 horas da

tarde, appareceu D. Filippe com a sua opa de brocado roçagante e o collar da Tosão de Ouro sobre o peito.

Pegou-lhe na cauda do manto o novo camareiro-mór, conde de Mattosinhos.

Adeante d'elle ia de estoque desembainhado o novo condestavel, duque de Bragança, e o alferes-mór D. Jorge de Menezes com a regia bandeira enrolada.

Cercavam-n'o emfim os reis de armas, arautos e passavantes com suas cottas bordadas, e um immenso numero de fidalgos todos descobertos, e cegando a vista pela riqueza dos trajos, preço das telas e brilho das joias.

Apenas o prestito chegou ao tablado, emquanto D. Filippe recebia o sceptro das mãos do camareiro-mór, tocaram as trombetas e charamellas.

D. João de Bragança ficou á direita do throno no mesmo estrado, e o duque de Barcellos, seu filho, depois d'elle, adeante dos prelados. O marquez de Villa Real, com os nobres tomaram os seus logares, collocados á esquerda, e presenceando de pé e descobertos todas as ceremonias.

Assistiam ao auto os arcebispos de Braga, de Lisboa e de Evora; os bispos de Coimbra, Portalegre Leiria, Elvas, Vizeu, Lamego e Miranda.

Os fidalgos mais distinctos de que se fez menção n'esta ceremonia foram o marquez de Villa Real, o conde de Alcatim, o seu filho, o conde de Castanheiro, e os de Portalegre, Mathosinhos, Linhares, e da Vidigueira.

O conde de Redondo, prisioneiro na batalha de Alcantara, ainda não alcançára o seu perdão, e o conde de Vimioso estava furagido em França, protestando no exilio contra a baixeza e vil opportunismo dos seus compatriotas.

O bispo da Guarda tambem estava exilado e o bispo do Porto morreu em Thomar cinco dias antes das côrtes se abrirem.

Será este prelado o que está sepultado em campa rasa á entrada da porta principal da egreja de S. João Baptista?

Após D. Filippe se assentar e todos tomarem os seus logares, o bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro, que nós já conhecemos das celebres côrtes de Almeirim, approximando se da ponta do estrado, pronunciou o discurso inaugural, todo cheio de elogios ao estranho monarcha, discurso a que respondeu no mesmo tom, na sua qualidade de

procurador da cidade de Lisboa, o desembargador Damião de Aguiar.

Terminadas as emphaticas orações, o reposteiro-mór Bernardino de Tavora, approximando-se então, collocou deante d'el-rei um sitial com sua almofada de brocado, e o bispo capellão-mór e presidente da mesa da consciencia poz em cima o missal e a cruz.

O arcebispo de Braga, o famoso D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, primaz das Hespanhas, acolytado pelos de Lisboa e Evora, foi ajoelhar-se logo depois junto do sitial e, el-rei, descendo do throno, poz-se tambem de joelhos e descoberto, com a mão sobre a cruz, pronunciou em alta voz a formula antiga, lida por Miguel de Moura, escrivão da puridade.

Acabada esta ceremonia, volveu o soberano á sua cadeira, os arcebispos occuparam o seu banco, e o escrivão, em pé no estrado, leu a formula do juramento que deviam prestar os tres estados.

Dictada a formula, tornou a ajoelhar junto do sitial para ser presente á ceremonia e attestar os termos d'ella.

O primeiro que jurou foi o duque de Bragança, o qual depois veio beijar a mão a el-rei, emquanto o alferes mór desenrolava a bandeira real.

Seguiram se os outros fidalgos por sua ordem, depois os prelados, conselheiros, alcaides-móres e senhores donatarios e finalmente os procuradores das cidades e villas.

Quando o ultimo acabou de pôr a mão sobre os evangelhos, proferindo a phrase usual — assim o juro — Miguel de Moura subindo ao meio do estrado, disse, levantando a voz: — El-rei acceita os juramentos, preitos e homenagens que vós os tres estados agora lhe fizestes!

O rei d'armas de Portugal assomou á borda do tablado e bradou por tres vezes: — Ouvide! e o alferes mór, adeantando se alguns passos, fez a acclamação costumada.

Depois D. Filippe, acompanhado pelo luzido cortejo, encaminhou se á egreja, aonde ouviu a oração do arcebispo de Braga e os hymnos com que a egreja festeja a coroação dos ungidos do Senhor.

No dia immediato, verificou-se o juramento do principe D. Diogo com egual pompa e solemnidade, e D. Filippe que agora já é *D. Filippe I* de Portugal, e portanto administrador e governador do mestrado da nobilissima Ordem de Christo, para conciliar mais o affecto dos portuguezes, promulgou uma amnistia, cujo edito, escripto em portuguez, mandou affixar na porta da entrada do convento.

Bem melhor fôra não ser escripto, nem affixado tão insignificante documento!!

Revelador da má indole de D. Filippe não amnistiava senão sómente aquelles cujas cabeças não se elevavam acima do nivel do vulgo.

Os chefes e os seus principaes sequazes continuavam a comer o pão do exilio; senão mão occulta lhes não abreviasse as martyrisadas vidas.

A 20 d'abril abriram as côrtes solemnemente em uma barraca espaçosa, armada no mesmo pateo do convento e toda coberta de toldos.

Media 2700 passos quadrados d'area ou seja 90 passos de comprido e 30 de largo.

As portas rasgavam-se entre os pilares de cantaria do edificio, e liam-se por cima da principal na architrave, estes versos latinos:

Hic tibi requies Hispaniae certae laborum;
Hic surgunt dextras utraque regnas suas.

D. Filippe I entrou na assembléa pelas 3 horas da tarde, sahindo dos seus aposentos e atravessando os corredores e claustros.

Vestia opa roçagante egual á que trajára no dia do juramento, porém mais rica e adornada.

Levava o sceptro na mão, e o manto de arminhos e era acompanhado pelo mesmo numeroso e luzido cortejo de fidalgos e prelados que o rodearam na acclamação.

Quando o ruido da entrada do monarcha e dos seus magnates se applacou, o bispo de Leiria, D. Antonio Pinheiro, feitas as venias do estylo, pronunciou o discurso d'abertura.

Respondeu-lhe tambem, o procurador por Lisboa, Damião de Aguiar.

Concluidos estes, começaram as deliberações que logo de principio suscitaram grande celeuma; a ponto de se ter de separar os tres estados, designando-se a cada braço, em separado, casa propria para as suas conferencias; pois havia profunda rivalidade entre a nobreza e o povo.

A discussão foi azeda ainda assim nos tres estados, naturalmente a vêr qual d'elles havia de mostrar a sua maior subserviencia ao rei das Hespanhas.

Agora lembra fazer aqui as seguintes interrogações: Aonde se reuniriam os separados estados?

Em que casas?

Nas taes que já existiam, e por isso, ainda assim, não se lhe póde chamar das *côrtes:* pois para ellas não foram construidas?

E attento as enormes questões entre os tres estados e entre si, iriam reunil-os tão perto uns dos outros, tendo só por serventias as que lhes conhecemos?

Sem duvida que não.

Talvez n'alguma d'ellas se reunisse um d'esses estados, e d'ahi a tradição falsa das *côrtes* que anda ligada áquellas casas.

Talvez o povo, que, victima agora, tambem o era quando alli imperava feroz e máu o famoso tribunal?!

Do resultado d'essas reuniões para quê dar aqui descripção?

Escusado será; pois foi quasi lettra morta ao encerrarem-se.

«Filippe I sentia se consolidado no throno, e dispensado por conseguinte de quaesquer contemplações com esses vilissimos procuradores que se lhe rojavam aos pés e imaginavam que a subserviencia lhes dava direito para serem escutados nos pedidos que dirigiam á corôa. Ignoravam elles que não é com a traição e a baixeza que se compra o valimento: não sabiam que homens assim são utilisados pelos reis, mas desviados depois com o pé, quando se lhes acaba o prestimo.

«E não tinha razão Filippe I de despresar estes homens, quando os via, mais sanguisedentos do que elle mesmo, implorar as mais severas medidas contra os seus infelizes compatriotas que haviam seguido as patrioticas bandeiras do Prior do Crato?

«E, tão fanaticos como covardes e crueis, pediam ao mesmo tempo que redobrasse a intolerancia com os christãos novos! Filippe I respondeu com evasivas a estes mesmos pedidos sanguinarios. Queria punir como entendesse, mas o que não queria por fórma alguma era ter por cumplices estes abjectos renegados.»

E assim era o que diz o illustre escriptor.

A que nos levou a inquisitorial e jesuitica educação de D. João III!!

Setenta dias esteve D. Filippe I em Thomar, sahindo a um sabbado para Santarem, que o festejou como quem receiava de que elle se lembrasse que fôra essa mesma villa a que enthusiasticamente acclamára D. Antonio.

Consummou-se a ignobil obra de Christovão de Moura!!

A patria foi trucidada, roubada, vilipendiada, vendida como os judeus fizeram á tunica de Christo.

Porém muito habilmente quiz andar o *prudente* estrangeiro conservando os foros de Portugal e cumprindo em parte o que promettera aos seus partidarios que miseravelmente lhe entregavam o reino em troca das cedulas do Moura.

Já vimos como elle pagou aos grandes e a toda a casta de pedintes para os quaes se dizia não bastarem todas as riquezas da Peninsula para satisfazer a venalidade portugueza.

Agora narremos o que fez no mestrado da Ordem de Christo e no convento que o recebeu, como qualquer outro o receberia no meio da corrupção geral d'onde exhalavam miasmas deleterios que envenenavam, intoxicavam os mais potentes e patrioticos organismos, tanto mais que D. Filippe não se dirigia directamente a Thomar.

Como elle estivesse alojado e a sua grande comitiva por bastante tempo n'essa vasta e grandiosa habitação, a maior e a mais sumptuosa ao tempo em Portugal, aonde nada lhe faltava para sua commodidade e recreio, até mesmo musica com que o já afamado e eximio Fr. Estevão de Christo o mimoseava, a ponto de gostar tanto do nosso grande maestro que foi chamado mais tarde a Madrid por empenho do capellão-mór D. Jorge de Athaide, para dirigir a orchestra da capella real na Semana Santa, segundo o uso da capella Sixtina, viu de perto as necessidades mais urgentes que era preciso satisfazer para complemento e regularidade de tão grandiosa fabrica e de tão conspicuos religiosos.

Por isso mandou reformar o estatuto feito no mestrado de D. Manuel, que estava bastante antiquado e tambem em muitos artigos posto de parte n'estes tempos de confu-

são e pouco atreitos á sã moral. Tal reforma não se chegou, porém, a concluir n'este mestrado.

Tambem viu a grande exiguidade de agua que já ia havendo para despezas d'uma communidade da grandeza dos freires de Christo e esperando pelo desafogo do cofre da Ordem, compromettido pelos desvarios anteriores, ordenou que se estudasse o abastecimento d'ella no convento.

Encarregando d'esse grave problema a Filippo Terzi, architecto italiano, que foi nomeado mestre das obras de Thomar, por carta de 22 de janeiro de 1584, chegou este a pol-o em pratica, começando se ainda os trabalhos no mestrado de D. Filippe I, em 1593.

Como estas dispendiosas obras abrangem um longo periodo do mestrado seguinte, n'elle faremos a sua descripção por melhor nos parecer, e agora narraremos as que, pelos documentos que vimos, sabemos que foram feitas durante este mestrado.

Desde o tempo de D. Manuel que os trabalhos de construcção não tinham cessado na grandiosa morada dos freires de Christo e já vimos quaes elles foram.

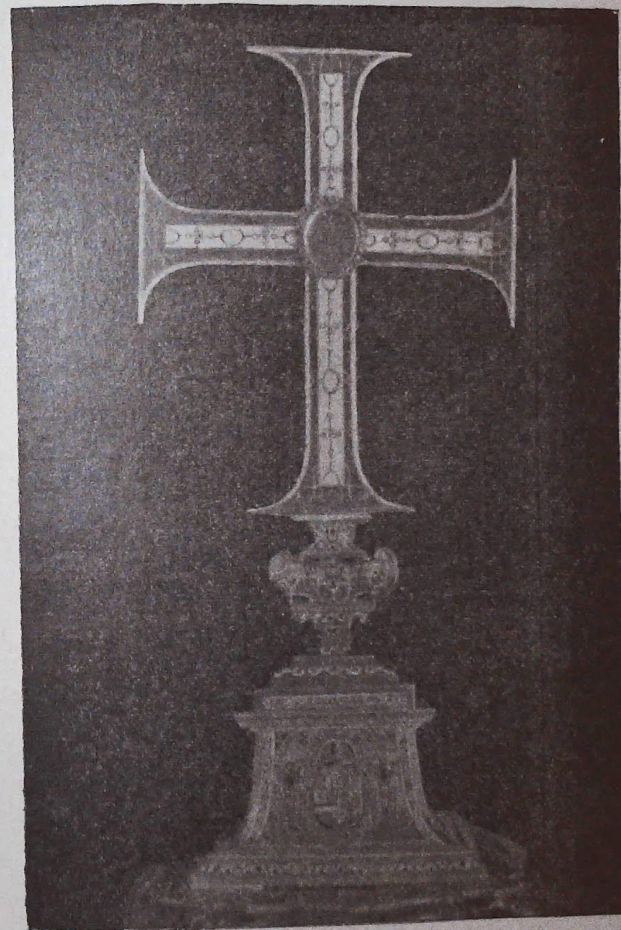
Ultimamente até se tinha creado o logar de architecto das Ordens militares e parece-nos que isto foi devido aos muitos que n'este convento havia entre mãos e que iam sendo precisos para completo alojamento de tão ricos e numerosos habitadores.

N'este mestrado se colocaram os balaustres de pau ferro na *Charola,* que chegaram a ser feitos de bronze, a mando de D. Filippe, pelo fundidor da artilheria real, Pedro Jorge Figueira, importando em 250$000 réis de que passou recibo a 11 de abril de 1592.

Este artista tambem recebeu 485$600 réis por 46 balaustres, que não podemos saber se eram os alludidos acima, os quaes pesavam oito quintaes, duas arrobas e trinta e tres arrateis, por mais vinte e quatro para as capellas de Nossa Senhora e de Nosso Senhor que pesavam dois quintaes, duas arrobas e dezoito arrateis e mais oito balaustres grandes para as grades do arco grande da egreja que tinham de peso tres quintaes, duas arrobas e doze arrateis.

Não sabemos a razão, mas os frades venderam esses balaustres, conformando-se com isso o architecto Filippo Tercio.

Os altares da capella-mór da egreja foram mettidos para dentro da parede e Manuel de Abreu fez os vultos das quatro columnas da *Charola.*

Collocaram-se umas columnas e acabaram-se uns tres

Cruz Filippina

arcos no andar de cima do claustro de *D. João III,* de que foram empreiteiros Simão Gomes e Balthazar Marinho.

Ergueu-se o bello lavatorio n'este claustro, restaurou-se

o do *Cemiterio* e teve logar a reedificação da sacristia nova e da casa forte.

O lavatorio, que tem a data de 1593, é em estylo jesuitico e levanta-se no vão norte-poente da galeria inferior do sumptuoso claustro—sitio o mais adequado por ser á porta do refeitorio, na passagem d'este para as mais dependencias conventuaes.

Por elle se vê que foi alli posto depois de construida aquella parte, o que ainda mais provaria a não feitura d'este magnifico claustro pelos Filippes como até aqui se tem dito; tambem d'aquelle lavatorio se vê que foi mandado construir no anno em que se começaram os trabalhos do grandioso aqueducto, sem que se fizesse tenção de o alimentar por este; pois é abastecido por um pequeno deposito collocado no amago da parede.

Coroando este lavatorio, vemos a cruz de Christo com o novo talhe, que ora e de futuro apresenta a aste do pé maior do que a dos braços, tornando-a mais verdadeira e mais esbelta.

N'esta deliciosa linha foi offertada por D. Filippe uma riquissima cruz de ouro para conter a reliquia de um espinho da corôa do Nazareno que o convento de Thomar possuia.

Esta encantadora alfaia foi construida em 1583 e muito e muito veiu enriquecer o opulento thesouro dos freires de Christo.

N'outro logar d'este livro temos que novamente falar d'ella, porisso guardamos para então dizer mais algumas palavras sobre esse trabalho, que é admiravel e que constitue hoje uma peça de alto valor.

Ao tratarmos do mestrado do inclito infante D. Henrique e ao descrevermos o claustro por elle levantado para cemiterio dos seus heroicos cavalleiros, dissémos que, no tempo de D. Filippe, o tinham restaurado; pois da obra do immortal mestre sómente a arcaria alli restava.

Abobadas, portas e serventia para a egreja foram construcção d'esta epocha e bem selladas estão com a nova e formosa Cruz da Ordem.

Ao tempo da restauração, foram alli sepultados em distinctos mausoleos dois homens notaveis — um na historia de Portugal e o outro na historia de Thomar.

O primeiro foi o celebre Balthazar de Faria, cujo epitaphio diz:

Sª DE BALTASAR DE FARIA · FOI DO CONSELHO DE QUATRO REIS DESTES REINOS · DÕ JOÃO HO III · DÕ SEBASTIÃO O PRIMEIRO DÕ HENRIQUE E DÕ PHILIPPE E ALMOTACE MOR · IMPETROU DO SÃTO PADRE PAULO III · A BULA DO SÃTO OFICIO DA INQUISIÇÃO PER MÃDADO DELREI DÕ JOÃO HO III · E OS PADROADOS DAS INSIGNES PRELASIAS DE SÃTA CRUZ E ALCOBAÇA PERA A CORÔA · FOI EMBAXADÔR A ROMA E DEU OBEDIENCIA DESTE REINO A PAPA JULIO III ·

O epigraphista esqueceu-se de lá pôr: e commendador de Christo de S. Thiago d'Arronfes no arcebispado de Braga.

O tumulo, que é em estylo jesuitico, tem a data de 1584.

O segundo foi o Administrador de Thomar, Pedro Alvares de Freitas, e a inscripção do seu tumulo, feito em 1599, reza o seguinte:

SEPULCRO · DE PEDRALVARES · DE FREITAS ADMINISTRADOR QUE · FOI · NESTA · VILA · DE TOMAR · DEIXOU · TRES · MISAS CADASOMANA · CÕRESPONSO · NESTA · Sª PERA SEMPRE INTE · DNE · SPERAVI · MISERERE · MEI DUVENERIS IN NO VISSIMO · DIE

Traducção:

Sepulcro de Pedro Alvares de Freitas administrador que foi n'esta villa de Thomar deixou tres missas cada semana com responso n'esta sepultura para sempre Esperei em vós senhor, compadecei-vos de mim quando chegar o ultimo dia.

Ao falarmos d'esta restauração, devemos tambem alguma cousa dizer d'outro monumento tumular embellezado com motivos da caracteristica ornamentação manuelina, embora já alli estivesse, mas que nos parece ter sido um pouco mutilado ao tempo das obras.

E' elle pertencente a um dos mais notaveis Priores do convento da nobilissima cavallaria de Christo, membro

illustre da gloriosissima familia dos Gamas — D. Diogo da Gama morto em 1523 e o seu epitaphio tem o seguinte dizer:

S.ª D · DÕ · DIOGO · DA GAMA · CAPELLÃO · DEIREI · DÕ · M^{el} O
PR.º DESTE NO-
ME · Q · SÃTA · GLORIA · AIA · EDOSEU CÕSELHO · TEVE · ESTES.
BENEFICIOSSO.
DÕ PRIORADO DESTA CASA E OSMOSTEJROS DE S · JORGE DE COIM-
BRA S · CHRIS-
TOVÃ DALAFOES A ABBADIAS DOS TAMARAES E AS IGREJAS S ·
SATIAGO DE SÃTAREM
S · PEDRO DO SUL, AS CERZEDAS E ALCÕGOSTA, DEYXOU PER BÕS
FOROS TÃTA
REDA AOS FREYRES DESTE CÕVENTO, PER QUE SE CÃTE POR SUA
ALMA PARA SEPRE
HUÃ CAPELLA · S · HUÃ MISSA REZADA CADA DIA E OUTRA CÃTADA
CADA MES CÕ
RESPÕS · SOBRE ESTA SEPULTª FALLECEO AOS 25 DIAS DE JANEYRO
ANO DO
SÕRDE 1523

Esta inscripção foi retocada por Simão Gomes em 1594.

A sacristia nova tem no claustro do *Cemiterio* a entrada e é formada por uma vasta sala de alto pé direito.

Seu chão é ricamente revestido de lageas de marmore polychromico, dispostas em varios desenhos e o tecto é acaixotonado e decorado d'arabescos dourados, pinturas que se estendem até a uma certa altura das paredes; pois d'ahi para baixo formam uns espaços caiados aonde metteram uns valiosos arcazes de pau brazil com incrustações de metal. Nas paredes ha varias effigies ornamentaes, salientando nós uma que pelo seu alongado queixo, caracteristico da casa d'Austria, nos faz presumir o proposito, que teve o architecto de alli deixar reproduzida a de D. Filippe.

E' a que fica por cima da porta d'entrada.

N'essas paredes tambem deviam haver oito quadros.

Toda esta construcção é d'uma riqueza enorme. O douramento existe por toda a parte.

Que menos devia ser a sacristia da Ordem de Freires, talvez a mais rica da Peninsula, cujos paramentos passavam pelos mais bellos e soberbos?

Junto a esta sacristia, communicando com ella, fizeram a casa forte para guarda do riquissimo thesouro que possuia a opulenta Ordem, e fizeram-no em tão boas condições acusticas que dado qualquer barulho de arrombamento seria providencialmente ouvido e hoje é engraçado observar o bello phenomeno da reproducção d'um som, principalmente de qualquer vogal, que n'uma extensissima gamma se ouve por grande espaço de tempo.

Esta casa de grossas paredes e só com uma porta é limpa de ornamentações guardando-as todas o architecto para a luxuosa sacristia a que não faltaram dois *lavabos* cujas torneiras sahem da bocca de varias caras que pelos traços physionomicos nos lembram os representantes das principaes raças humanas.

Para que não voltemos a este claustro e tambem por ser construcção coeva das obras agora descriptas, refirâmos uma capella por elle servida e pertencente á illustre familia dos Portocarreiros.

Pequena de dimensões, é a sua abobada toda apainellada tendo no logar das almofadas bellos quadros em azulejo e nas paredes outros representativos da vida de Christo.

Na verga da porta tem a data de 1626, e dentro na parede do lado esquerdo da entrada ao pé do altar o brazão d'esta notavel familia e do lado direito a seguinte inscripção que diz do seu fundador:

CAPELLA DEANT.º PORTOCARR.º CA
VALRº FIDALGO DACASADE S. M^{DE}
$ALMOX^{E}$ DAS · RENDAS · DAME
ZAMESTRAL · DA ORDEMDE
N. S. IESVOPÕ · DESTA VILA DE
TOMAR · E DESVA 2.ª M^{ER} MA COREA
AQVAL FIZERAM P^{A} SENELLA
ENTERRAR · COM SEVS F^{OS} E MA
IS DESCENDENTES · POR LINHA
DIREITA · E ASVA CUSTA OR
NARAM DETODO ONÃRIO P^{A} SVA
PFEICÃO E CVLTO DIVO · COM O
BRIGAÇÃO DE XXXXXI MISSAS DE
NSRÃ Q ESTE · REAL CON^{TO} LHES

DIZ TODOS OS SABBADOS DE CADAN
NO POR SVAS ALMAS COM RPONSO
SOBRE SVA S.ª P.ª CVIA ESMOLA E FA
BRICA DEIXAM RENDIM.TO BASTANTE CÓ
FORME AOCONTRACTO Q FIZERAM
COM OS R.DOS P.ES EM CVIO PODER ESTÁ
E ASSI SE TRASLADARAM AQ OS OSOS
DE SVA PR.ª M.ER ANGELA DE QVINTANILIA
IRMÃ DO BPO. DO G.MO DE QINTA.ª REALEGI
OZO DESTE REAL CONV.TO

Na *Charola* tambem grandes e ricas pinturas se fizeram n'este mestrado; pois as do tempo de D. Manuel e D. João III já estariam um pouco apagadas.

Dois pintores-douradores, que tambem eram estufadores, apparecem nos documentos dos annos de 1592 a 1594, tendo grandes empreitadas na egreja do luxuoso convento.

Assim:

Domingos Vieira pintou e dourou as columnas da *Charola* por 6:000 réis cada uma, pelo primeiro propheta dos doze que estavam á roda da *Charola* 5:000 réis. Tambem estufou mais cinco prophetas.

Simão d'Abreu pintou sete retabulos para as sete capellas da *Charola* e das *Marias* e do *Crucifixo* e as mais imagens de vulto que tudo pintou e dourou de novo e com os entablamentos em que estão as ditas imagens, recebendo por este trabalho 50$000 réis.

Foi um longo mestrado o de D. Filippe I, e antes de acabar de falar d'elle, temos a notar a creação de mais duas dioceses nos dilatados territorios do gloriosissimo Padroado portuguez: o de Furnay (Japão), pela bulla de Xisto V,—*Cedula consist.* de 19 de fevereiro de 1588, e o de Angola e Congo pela bulla de Clemente VIII,—*Super specula militantis Ecclesiae* de 20 de maio de 1596.

Parece-nos que foi este o ultimo acto do seu reinado que diga mais ou menos respeito ao mestrado da Ordem de Christo em que esteve investido 18 annos.

Ao *Demonio do meio dia* succede seu filho *D. Filippe II*, que é acclamado rei de Portugal em 1598, e por tanto contado no numero dos mestres da insigne Ordem.

Tratou este monarcha, ao ser elevado ao throno portu-

guez, de estreitar os laços de união entre as duas nações peninsulares.

Não seguiu no emtanto os processos do pae, mas, de animo fraco e intelligencia curta, mal soube conciliar os mal soffridos interesses das duas nações.

Senhor do maior imperio que jámais houve no mundo, acostumado a vêr governar milhões d'homens como se fossem escravos, a não se reunirem as côrtes como outr'ora, os grandes formando os miseraveis degraus do seu throno omnipotente, o clero fanatisado e estupido arregimentando as massas ignaras, não era homem comtudo com os hombros sufficientemente fortes para aguentar esse tão grande poder e equilibrar uma sociedade que já de ha muito vinha dando mostras da mais profunda gangrena.

Entregando-se nos braços do seu valido, o erudito e grande conhecedor dos homens, o duque de Lerma, refugiava-se no sombrio Escurial aonde n'uma apathia doentia, melancholica, hypocondriaca, remoia os sêccos trechos de S. Thomaz que Loaisa, em creança, lhe tinha ensinado.

Beato e triste, seu espirito não tinha melhor satisfação, do que embrenhar-se nas questões theologicas do tempo, ouvir, submisso e inconsciente, a chusma de frades, unica convivencia que tinha, fundar conventos ou proporcionar os faustos commodos para que a vida dos seus habitadores corresse socegada e risonha.

No campo que nos diz respeito vêmos esse grande amôr, essa mystica propensão em contribuir para o engrandecimento do convento de Christo tanto na parte material como na parte moral.

As obras que no mestrado de seu pae começaram, e nas quaes temos a apontar a mais o nome dos dois artistas, Pero Lopes, ourives, que fez uns castiçaes grandes e um calix do peso de nove marcos que custou 23$400 réis e Manuel Jorge, pintor, que em 1600 recebeu 5$000 réis á conta do preço do retabulo da egreja da commenda dos Casaes que havia de pintar, continuaram sem interrupção e com grande carinho; pois em 1602 D. Filippe II fez passar um alvará em que se vê o grande interesse que tinha á grandiosa obra do aqueducto e pelo qual ordenava ao corregedor e mais justiças de Thomar para que déssem a Fr. Salvador de Paiva, todos os cavouqueiros, pedreiros, carpinteiros, carreiros, barqueiros e servidores que lhe fossem necessarios

para a obra das fontes, assim como toda a cal, tijolo, pedra, telha, madeira e quaesquer outras cousas de que tivesse precisão, pagando elle tudo pelos preços e estado da terra.

No mesmo alvará estatuia a pena de 10 cruzados para o delinquente d'elle.

Guardámos para agora a descripção do sumptuoso aqueducto pela razão já dita e tambem para a não dividir, pois sabemos que as principaes e mais importantes obras d'elle foram executadas n'este mestrado.

São de uso muito antigo estes canaes destinados a conduzir, atravez de montes, valles e planicies, correntes de agua.

No Egypto, na Babylonia e na Judéa foram empregados e ainda hoje se admiram os restos magnificos e grandiosos d'essas soberbas construcções.

Nenhuma nação foi, porém, tão longe no numero e na feitura como a romana.

O primeiro aqueducto que se construiu nas cercanias de Roma foi o de Appuis Claudius no anno 312 antes de Christo, chegando a ser erguidos ainda mais uns vinte, na epocha esplendorosa do seu poder.

Raro foi o paiz que soffresse a suzerania de Roma ou a sua influencia que não precizasse construir aqueductos, revestindo alguns um luxo extraordinario revelador da grandeza de seus thesouros e do adeantamento de suas artes.

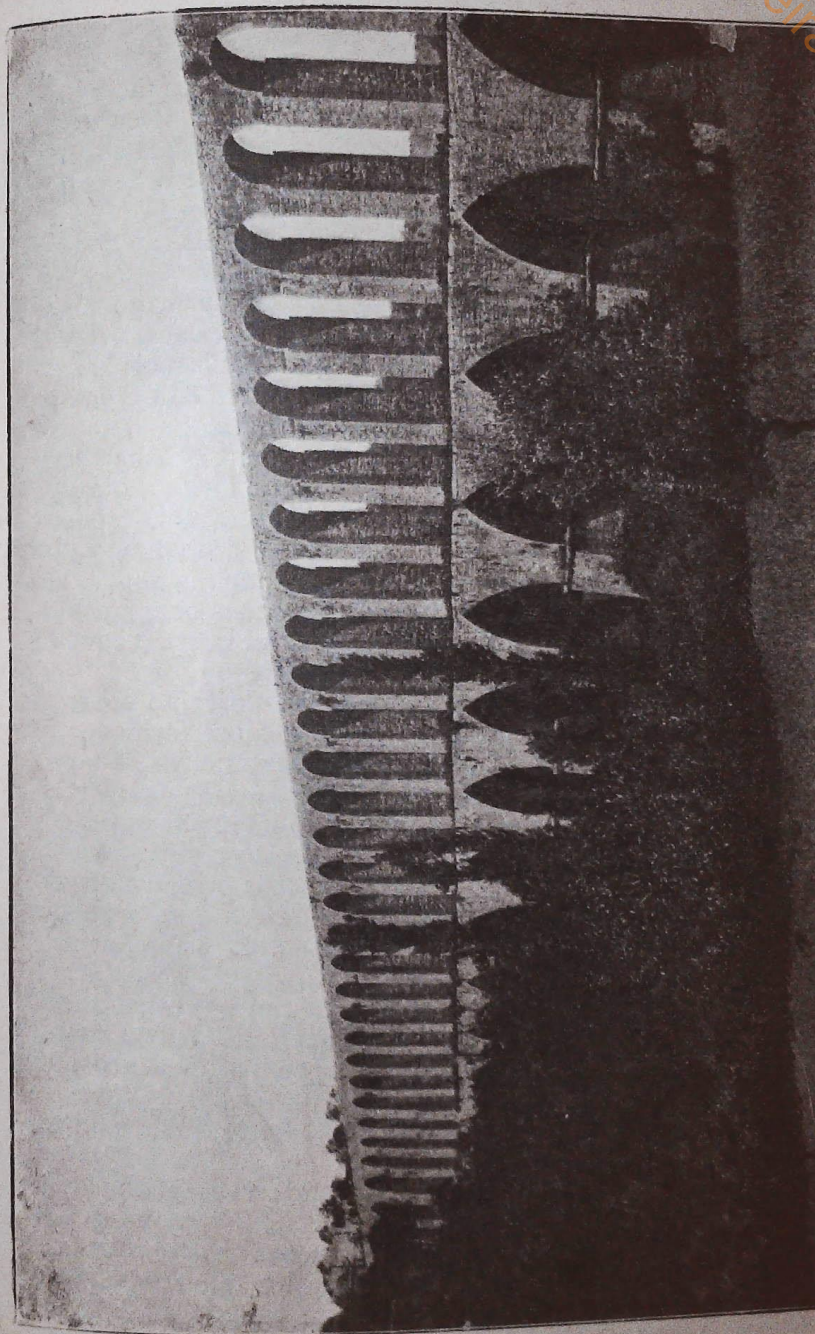
A Grecia, norte d'Africa, Asia menor, França, Hespanha, Portugal, estão povoados de ruinas de aqueductos mais ou menos sumptuosos do tempo do grande imperio.

Portugal apresenta, como modelo de uma d'essas grandiosas fabricas, o de Evora construido no tempo em que o valente Sertorio tinha alli o seu quartel general.

Os arabes tambem empregaram este systema de conduzir a agua e deixaram n'esta parte da Peninsula um typo magnifico d'essas construcções no aqueducto de Elvas que tem quatro arcadas.

Sob a primeira dymnastia não se construiu nenhum, que nós saibamos, nem na segunda, a não ser no reinado de D. João III em Obidos por mandado de D. Catharina sua esposa e a restauração e ampliação do de Evora.

Não admira que isso succedesse n'esse reinado; pois nós em tudo queriamos ser romanos!!

Durante os Filippes vamos vêr construir dois que de-

AQUEDUCTO DE THOMAR (Pegões)

certo ficarão na historia das artes como dois dos mais bellos typos e da mais rica construcção: o do convento de Santa Clara em Villa do Conde que é elegantissima e conta 999 arcos, devido tambem a Felippo Terzi, e o de Thomar de que nos vamos occupar.

Tem este a sua agua muito espalhada; pois são quatro os seus nascentes.

Dois: em dois pequenos valles, cercados de viçosa vegetação e collinas cobertas de frondosos pinheiraes, origem do grande e formoso valle que a grande distancia d'esta ha de ser cortado por uma famosa e rica arcada e os outros dois nascentes no seguimento do canal.

Os dois pequenos valles aonde se origina o canal, tem um o nome de *Valle da Pipa* e o outro de *Valle do Pote;* porque o povo julga vêr essas vasilhas em dois espaços abobadados e mais largos do que o canal e no fundo dos quaes ha duas piscinas para receber as primeiras impurezas que a agua possa trazer das minas que mais acima estão, ou então pela maior quantidade d'agua que corre d'aquella do que d'esta.

Reunidos estes dois canaes em angulo recto sobre o qual ha um torriculo, segue depois o canal formado de telhões de pedra imbricados de trinta centimetros de largo e entre dois sufficientes rebordos para se poder passar ao limpar-se; pois o aqueducto é formado na maior parte por paredes da altura de um homem e coberto com lages.

Para se effectuar essa limpeza, reparos e renovação do ar, de espaço a espaço, ha portas e frestas e no canal ha muitas pilhetas aonde se vão depositando as impurezas mais pesadas.

Um pouco abaixo do torriculo ha um outro nascente, que entra n'uma casa abobadada, quadrada, de bôa cantaria, com bancos aos cantos e uma larga pia no centro que recebe a agua e a deixa escoar.

O quarto e ultimo nascente é muito longe d'este e é bastante rico.

Sobre elle construiram uma grande casa abobadada, tendo no centro um espaçoso tanque.

Esta casa é bem construida e tem nas suas paredes varias frestas para a entrada do ar e da luz que tambem entra por uma porta sobreposta por um frontão onde se salienta a cruz de Christo.

Esta porta é fechada por uma grade de valentes chapas de ferro e por baixo da sua soleira continua o canal.

Estamos certos de que uma das razões da construcção d'esta casa foi terem de collocar n'ella o tanque já referido para que as aguas, pelo repouso, depozessem as impurezas que por acaso tivessem arrastado no seu já longo trajecto e quebrassem a velocidade adquirida que tanto maior seria quanto mais recto e comprido fosse o canal; pois sendo o motor da agua o seu proprio peso, força constante, tende o seu movimento a accelerar-se e só se torna uniforme por ter de luctar contra a causa retardadora, egualmente constante, o attricto das paredes do canal.

Estas devem ser porporcionaes ao declive do canal mas para que este declive guardasse essa porporcionalidade, devia o canal ir augmentando, ao que se obstou com este tanque e outros mais pequenos que pelo canal existem e que fazem com que a agua tome nova direcção e nova velocidade, resultando um grande beneficio para a conservação das paredes do mesmo canal.

Como dissémos corre este na encosta poente dos montes que limitam o formoso valle dos *Pegões*, nome que tira d'uns pilares em que se levanta a parte mais artistica e mais rica d'este importante e grandioso aqueducto.

Entre os montes por onde corre ha varios valles de grandeza differente que fazem com que o canal passe no dorso de arcadas mais ou menos compridas conforme o valle a galgar, sendo a principal a do valle da *Felpinheira* defronte do Casal Ribeiro e que é composta por 12 elegantes arcos de volta redonda, medindo a sua parte mais alta uns 15 metros.

Nas arcadas maiores o canal cava se n'um parapeito, á borda do dorso, deixando o resto d'este para passagem de serviço.

Como d'este lado do grande e profundo valle não ficava o convento foi preciso vencer esse enorme accidente de terreno.

Eram n'essa occasião thesoureiros das importantes obras o frei Lopo Salgado e frei Gonçalo de Rezende que, chegado aqui o já longo aqueducto, fizeram a 23 de fevereiro de 1597, uma reunião dos varios mestres n'elle empregados e propozeram-lhes, qual era melhor: se trazer a agua ao nivel, se descer e subir.

Foram todos concordes em trazel-a ao nivel por alto, por ser mais seguro.

Os mestres eram: Pedro Antunes, Simão Gomes, Pedro Gonçalves, Matheus Fernandes e Antão Gonçalo.

Ao tempo era D. Prior do Convento Frei Damião das Neves.

Em virtude d'essa decisão continuaram a obra como talvez já estivesse traçada pelo distincto Terzi, o que fez emprehender uma gigantesca arcada de 58 altos e airosos arcos de volta inteira á borda do dorso dos quaes passa, em parapeito, o canal, deixando a larga passagem, de serviço ao lado.

Na parte mais funda do pittoresco e uberrimo valle, levanta-se a arcada sobre 16 magestosos e de grande apparelho arcos ogivaes, apoiados n'uns valentes e bem proporcionados pilares a que chamam *Pegões;* mas o povo, tomando a parte pelo todo na sua ingenua admiração, emprega este termo para denominar toda a obra do valle — tal é o giganteo de sua fabrica e a magestade de sua architectura.

Tanto n'um como n'outro extremo d'esta elegante e imponentissima arcada que mais parece uma arrojada ponte cyclopica, alevantam-se dois elegantes pavilhões abobadados, no centro dos quaes ha largas pias e arrumados ás paredes commodos bancos de cantaria.

Exteriormente, na face do norte do mais proximo do convento, pozeram a seguinte inscripção, encimada pelas quinas portuguezas contornada d'uma apropriada cartela.

O INVICTISSIMO E MUITO CATHOLICO REI
D. FILIPPE I DO NOME DE PIA E VENERA
DA MEMORIA COM REAL LIBERALIDADE
MANDOU FAZER ESTE AQUEDUCTO EM
O ANNO DE MIL QUINHENTOS E 93
COM A MESMA O AUGUSTISSIMO E CHRIS
TIANISSIMO REI D. FILIPPE SEU FI
LHO SEGUNDO DO NOME O FEZ ACABAR.
(1613)

As férias que primeiro se pagaram d'esta importantissima obra começaram em agosto de 1595, sendo a primeira paga no fim da semana que acabou a 12 d'este mez.

Esta demora não deve admirar; pois os estudos, compras de terrenos, preparação dos aviamentos, etc., etc., decerto obrigariam á delonga de dois annos, tanta é a differença que vae entre a data da lapide e a que nos diz o livro onde foram lançadas as despezas feitas com as obras das *Fontes* assim denominadas n'elle.

Como depois d'esta casa ha um valle largo, mas pouco profundo, tem o canal de passar por cima de uma arcada de 34 arcos de volta inteira e antes mesmo de entrar na cerca do convento ha ainda outra arcada da mesma linha com 18 arcos.

Atravessando o muro da cerca entra n'um grande tanque, deposito enorme para gastos agricolas.

Parece ter sido a primeira intenção finalisar aqui o aqueducto e por isso pozeram n'este logar, na face externa do muro, a inscripção em latim, cuja traducção tambem damos:

Lomgus aquaeductus molesque altissima, regum
Munere consurgens, quae modo serpit humi
Collibus incisis, superatis vallibus imis,
Longum emense auroreique laboris iter
Huc trahitur tandem, duo vel traxere Philippi;
Quia non tot regum brachia conficerent.
1614

Traducção:

O extenso aqueducto e altissimo mole que ha pouco rasteira, se ergueu por favores de reis, cortando os montes, transpondo fundos valles, não obstante, á força de trabalho e dinheiro em longo percurso aqui conduzida ou antes conduziram os dois Filippes; o que não fizeram os braços de tantos reis.
1614

Talvez esta ultima parte da inscripção fizesse explodir os patrioticos sentimentos de nossos avós que, n'um impeto de amor aos reis portuguezes, picaram toda a inscripção, a ponto de quasi se não poder lêr o que conseguimos depois de longo e aturado trabalho.

Mas se foi essa a causa, demol-o, ainda assim, por bem empregado.

Mais tarde os freires reconhecendo a necessidade de reforçar os depositos de agua do convento, abastecer as varias e ricas fontes, que mandaram construir n'elle, regar a *chousa* e mais partes circumvisinhas, prolongaram o canal e indo parallelo ao muro da cerca teve de passar, para ganhar as deficiencias do terreno, em mais tres arcadas tendo a primeira 18 arcos, a segunda 13 e a ultima, a mais importante, 21 grandes, altos e ornamentados de pinaculos terminados na esbelta cruz de Christo, morrendo o aqueducto no deposito do lavatorio do dormitorio o qual tem a data de 1617, e na bella e magestosa fonte que tanto engrandece e ornamenta o grandioso e magnifico claustro de *D. João III*.

Ao todo tem 180 arcos.

Para se avaliar a importancia d'esta magestosa e imponente obra do aqueducto, diremos que importou em 80:000 crusados que hoje na nossa moeda andam por 138:800$000 réis e que levou 24 annos a construir.

Foi architecto da soberba fonte que em tão elegante linha se levanta ao meio do grande claustro, o illustre Pedro Fernandes de Torres, architecto d'el-rei, moço da camara e escrivão do contracto das obras.

Estamos certos de que não foi só esta fonte o producto do seu talento artistico.

Quatro annos depois de principiados os trabalhos do importante aqueducto, foi Pedro Fernandes nomeado architecto de Thomar, e esteve á frente d'essas formidaveis obras até 1616.

Que parte pertencerá a este distincto mestre?

Teria o insigne Tercio delineado todo o aqueducto e Pedro Fernandes limitar-se-hia a pol-o sómente em pratica?

Os documentos são mudos sobre o assumpto, o que porém sabemos é que no anno de 1597, era nomeado mestre das obras do convento de Thomar, logar que estava vago pelo fallecimento de Filippe Tercio e de que ganhava 80$000 réis por anno pagos no dinheiro dos tres quartos.

Quando havia obras no convento tinha obrigação de n'elle viver e senão visital-o tres vezes por anno.

O que vimos dizendo é provado pela carta que em seguida publicamos na integra, por ser um documento importantissimo e que vem publicado no excellente *Diccionario* do sr. Dr. Sousa Viterbo.

D. Filippe, etc., como governador, etc., faço saber aos

que esta minha carta virem que havendo eu respeito á boa informação que tenho da sciencia, experiencia e mais partes na architectura de Pero Fernandes de Torres, hei por bem e me praz de lhe fazer *(mercê)* do officio de mestre das obras do convento da villa de Thomar, que é da dita Ordem com o qual officio terá e haverá em cada um anno oitenta mil réis de ordenado, pagos no dinheiro dos tres quartos da dita Ordem e os próes e percalços assim e da maneira que o tinha Frei Filippe Tercio por cujo fallecimento o dito officio vagou a qual mercê lhe faço com declaração que quando no dito convento houver obras correntes, será elle Pero Fernandes de Torres, obrigado a residir no dito convento e não havendo visitará o dito convento tres vezes cada anno, pelo que mando ao thesoureiro dos ditos tres quartos que ora serve e ao deante fôr que pelo treslado d'esta carta que será resistada no livro de sua despeza pelo escrivão de seu cargo e seu conhecimento e certidão do Dom Prior do dito convento, de como o dito Pero Fernandes de Torres cumpre com a obrigação de seu officio acima declarado lhe faça bom pagamento dos ditos oitenta mil réis que lhe serão levados em conta na que der de seu recebimento os quaes oitenta mil réis começará a vencer do derradeiro dia do mez de abril, passado d'este anno presente de mil e quinhentos noventa e sete, em que lhe fiz esta mercê e assim mando aos deputados do despacho da mesa da consciencia e ordens, e ao dito Dom Prior e a quaesquer outros officiaes e pessoas a que esta minha carta fôr apresentada, e o conhecimento d'ella pertencer hajam d'aqui em deante, ao dito Pero Fernandes de Torres, por mestre das obras do dito convento sem duvida nem contradição alguma sendo esta primeiro passada pela chancellaria da Ordem.

Dada na cidade de Lixboa a oito dias do mes de maio. *Jorge Coelho de Andrade* a fes, ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de jbᶜ Lrbij (1597).

Em 1616 Fernandes era já avançado em annos e não só por este motivo, mas por causa de molestia e de certa indisposição, renunciou o cargo de mestre das obras do convento de Christo nas mãos d'el-rei, sendo escolhido para o substituir Diogo Marques Lucas, que tinha sido nomeado aprendiz de architecto em 1594, sendo discipulo de Filippe Tercio e na licção de geometria de João Baptista Lavanha.

A carta que o nomeia desce a pormenores interessantes; pois nos particularisa a condição imposta a Torres de terminar as fontes do convento que elle começara e traçara; porque sendo a obra de tanta importancia e custo, e estando quasi a concluir, haveria grande inconveniente encarregar-se a outrem que a não principiara.

Grandiosa obra foi a d'este aqueducto!

Urgente necessidade havia de agua no convento para serviços ruraes e lavagens e estamos certos de que o problema já devia ter preoccupado a communidade e muito mais quando da estada de Filippe I, por seu hospede, se devia reconhecer essa falta. Bem sabemos que os architictos de D. João III tinham em parte resolvido o problema, fazendo os grandes reservatorios já apontados, mas cada vez eram mais insufficientes; porque o numero de freires era maior e as regas das hortas requeriam muita agua.

Sendo assim, porque seria somente 12 annos depois da estada de Filippe I em Thomar que começou tão urgente e tão neccessaria obra, attento mais a mais ao grande amôr, reconhecimento, predilecção, que se diz para ahi, que D. Filippe I teve pela Ordem de Christo?

Não achamos que elle tivesse esse amôr por uma Ordem cujo Commendador-mór já de ha muito se manifestara contrario ao ignobil procedimento de D. Henrique; e seguindo patrioticamente o partido de D. Antonio, protestava assim contra a corrupção, veniaga em que todos se afundavam. Se o houvesse, elle teria tido o cuidado de a mandar começar após a sua estada no convento, onde teria visto a necessidade do grande elemento.

E para mais: já dissemos as razões de em Thomar se reunirem as côrtes, porisso inclinamo-nos a que a magreza do cofre da, talvez, mais rica Ordem de Portugal, fosse a causa de não se ter tentado emprehender, ha mais tempo, esta obra, pois tinha levado tão grandes choques que foram precisos muitos annos para recuperar algumas forças a fim de se poderem levar a cabo as que havia entre mãos e começar outras de novo.

Mais uma razão para tirarmos sobre a nossa querida terra e sobre o seu glorioso convento o terrivel labeu de ser ella que gostosamente recebeu o rei estrangeiro e elle que galhardamente abriu de par em par as portas que tantas vezes se descerraram para receber os heroicos cavalleiros, vindos d'emprezas gloriosas, homericas, patrioticas.

E agora que sabemos o que se fez no claustro de *D. João III*, no que de certo os louvaminheiros e servis gerações dos reis intrusos, viram pretexto para o denominarem dos *Filippes*, apaguemos esse injusto epitheto e reponhâmos o do rei que o mandou erguer, embora não visse concluida a sumptuosa molle na qual se trabalhava ia já para 28 annos ao tempo da morte de D. João III.

Não era só a ordem de Christo que soffria do mau estar economico da nação.

As despezas fabulosas de D. João III, os contractos ruinosos do aventuroso D. Sebastião, a guerra patriotica de D. Antonio, vinham sendo causa, umas de longe e outras de agora, do enfraquecimento do paiz e da pobreza relativa em que todos iam vivendo.

Os conventos eram muitos e a fundação de mais tornava Portugal, pequeno de extensão, n'um viveiro de parasitas e n'uma região coberta de cercas.

Estas produziam o indispensavel para gastos das communidades e o povo mendigava ás portadas da *micha*, quando não andava por essas estradas fóra de bacamarte aperrado á espreita de incauto viageiro.

O commercio tinha descido enormemente.

Os nossos navios, ronceiros e velhos, eram acoçados pelos corsarios inglezes e hollandezes que tantos prejuizos causavam, principalmente á Ordem de Christo que, na pessoa do rei, era senhora do vasto padroado das nossas colonias, que foi enriquecido n'este mestrado com mais os bispados de Cranganor, creado pela bulla de Clemente VIII de 4 de agosto de 1600=*In suprema militantis ecclesiae solio* e o de Meliapôr instituido por Paulo V pela bulla—*Hudie sanctissimus in Christo pater* de 9 de janeiro de 1606. A agricultura, sem braços e com a propriedade emphyteuticada, nada produzia e d'ahi a declinação dos rendimentos dos almoxarifados que eram pagos em generos.

A penuria entontecia as almas do povo e este, cheio de crendices e fanatismo, atira-se novamente aos judeus que pagam a ociosidade d'uns e o enervamento d'outros.

Além d'isso nunca se cumpriram os artigos jurados por Filippe I na barraca do convento de Christo, e ainda foi uma providencia terem sido jurados alli; pois escusaram as paredes de tão nobre casa ficarem ennodoadas com tanta

baixeza, apostasia, não diremos do rei que dizia de Portugal: *yo lo heredè, yo lo compré, yo lo conquisté, para quitar dudas*, mas sim dos degenerados portuguezes que a maldicta educação jesuita e os terrores da Inquisição tinham reduzido a comparsas, a bonifrates.

Porisso a nação não podia andar satisfeita e a falta de cumprimento do artigo em que se preceituava a residencia frequente do monarcha em Portugal ou do seu herdeiro exacerbava os animos que iam vendo o quanto de egoistamente andaram em não acompanhar patrioticamente ao Prior do Crato.

Cristovam de Moura, que era agora o vice-rei da sua nação que mais do que ninguem ajudou a vender, aconselhou ao solitario do Escurial que viesse visitar este canto da sua vastissima monarchia.

Assim fez o misanthropo soberano e posto a caminho chegou a Elvas a 13 de maio de 1619. No dia seguinte a Evora, e a 29 de julho a Lisboa que o recebe magnificentissimamente.

O filho acompanha-o para ser jurado herdeiro do reino e o poderoso Filippe manda para isso reunir as côrtes em Thomar para 20 de maio, mas só as poude reunir em Lisboa a 14 de Julho, onde é acclamado o principe D. Filippe como successor.

Lisboa não lhe merecia confiança e o mais cedo que se poude vêr livre d'ella, partiu de repente para Madrid e nem quiz n'aquella cidade reunir o capitulo da Ordem de Christo que convocou para Thomar, apezar das observações do conselho de estado, que ponderava o perigo do impaludismo do Nabão e da trabalhosa viagem, alem da conveniencia de muitos commendadores e cavalleiros que estavam já em Lisboa e que tinham ainda de fazer novas despezas.

A nada attendeu o pertinaz monarcha e para Santarem se dirige e d'ahi á Gollegã onde dormiu, indo no dia seguinte, 15 de Outubro, para Thomar aonde chegou elle e o filho ás 4 horas da tarde.

Apeados do côche ao principio d'um espacioso campo que n'aquella quadra estava coberto de mil diversidades de flores, (que flores seriam?) foram recebidos pelo povo que os acompanhou, indo já a cavallo, por uma formosa alameda de copadas arvores até á entrada da villa.

Aqui estava levantado um soberbo arco galantemente ornamentado, cujos remates eram aos lados, as armas reaes de Portugal e a cruz da Ordem de Christo e no meio a imagem de Santa Iria, padroeira de Thomar.

Antes de entrar, houve as ordinarias cerimonias, de chaves, praticas e palio, que, acabadas, foram directamente ao convento de Christo, levando de redea o cavallo em que ia o monarcha, D. João de Sousa, alcaide-mór da villa.

Chegaram com este acompanhamento ao convento no qual o esperavam os cavalleiros com seus mantos brancos e todos os religiosos em procissão e o D. Prior, Fr. Lourenço Moniz de capa de asperges, no terreiro, a baixo das primeiras escadas da egreja, onde o rei e o filho adoraram o Santo Lenho da Cruz, offerta de D. Manuel e um dos espinhos da corôa de Christo, tudo engastado em uma Cruz de ouro, dadiva de D. Filippe I e que nós já conhecemos.

Subiram todos processionalmente á egreja onde fizeram oração, ao som mavioso dos instrumentos e vozes que decerto reproduziriam as partituras do excellente compositor João Pinheiro, freire professo da Ordem de Christo e illustre filho de Thomar.

Foram depois os reaes hospedes para os seus, de antemão, preparados aposentos, tendo antes D. Filippe nomeado secretario para o capitulo geral da Ordem que principiava no dia seguinte, a Fr. Antão de Mesquita, deputado da mesa da consciencia e conselho de ordens.

No dia seguinte, 16, começou o capitulo geral que teve logar na ampla casa do refeitorio.

Vindo D. Filippe dos seus aposentos acompanhado dos religiosos, cavalleiros e commendadores á egreja, alli assentou-se na sua cadeira de espaldar, collocada no terceiro arco do lado esquerdo da *Charola*, ficando á sua mão direita o D. Prior, religiosos e freires e á esquerda o Commendador-mór, D. Affonso de Lencastro, commendadores e cavalleiros.

Ao pé do Mestre estava o estoque da Ordem sobre um bufete coberto com um panno de velludo carmezim e trazida por Fr. Cosme de Paiva de Vasconcellos, cavalleiro e Alferes da Ordem de Christo, foi posta a bandeira da Ordem tambem na capella-mór ao pé de D. Filippe.

Começou o Deão da capella real a missa da Exaltação da Cruz e, ao chegar ao evangelho, postou-se o Commen-

dador-mór de estoque desembainhado ao pé do Mestre ao seu lado direito e o Alferes ergueu a bandeira junto ao altar do lado esquerdo.

Acabada a leitura do evangelho, o Commendador-mór e o alferes tornaram a pôr em seu logar o estoque e a bandeira.

Dita a missa, foram todos em procissão para a casa do capitulo, indo na ordem que se sabe, levando o Alferes na deanteira a bandeira, segurada nas pontas pelos condes de Santa Cruz e de S. João.

O refeitorio estava preparado para tão solemne ajuntamento, havendo um estrado alcatifado com docel de brocado que cobria um grande crucifixo e a cadeira de brocado coberta com um panno do mesmo e com uma almofada do mesmo brocado aos pés para o Mestre e nos cantos do estrado estava em cada um, uma almofada de velludo verde para o D. Prior e Commendador-mór e por uma e outra parte das paredes estavam bancos para os religiosos, freires, commendadores e cavalleiros.

Chegados alli, assentou-se D. Filippe e os demais respectivamente como vinham.

No primeiro logar do banco dos commendadores assentou-se o Claveiro, Fr. Alvaro da Silveira, e o Alferes encostou a bandeira á parte esquerda.

Assentaram-se todos por suas antiguidades e todos vestidos de mantos brancos, cruzes nos peitos e espada nos cintos.

Fez o Mestre o discurso d'abertura, dizendo das causas que o moveram a fazer aquelle capitulo geral e os desejos que tem em reformar a Ordem no que ella precisa para o seu bom estado, respondendo lhe o D. Prior-mór em pé como estiveram todos os mais.

Depois fez D. Filippe o costumado juramento, de joelhos, acompanhando-o o capitnlo n'esta postura.

Após o juramento disseram-se as orações ordenadas para este effeito e encerrou-se a primeira sessão do capitulo.

A segunda foi no dia seguinte, cantando o D. Prior-mór na egreja a missa do Espirito Santo e seguindo-se as ceremonias do primeiro dia.

No capitulo tratou-se da eleição dos Definidores e Visitadores.

A urna era um cofre dourado que estava n'um bufete ao pé do Mestre.

O D. Prior tinha um missal aberto aonde o votante punha a mão e dava a lista fechada ao secretario que a deitava no cofre. O Chanceller da Ordem tambem estava com o sello d'ella, n'uma salva de prata, conservando-se de joelhos assim como aquelles durante a votação; acabada esta, foi o cofre fechado á chave pelo Mestre que a guardou, encerrando depois a sessão.

O Commendador-mór e o Claveiro guardaram a urna levando-a depois á presença do Mestre que com elles presentes começou o escrutinio.

Alongou-se este pela noite fóra, estando D. Filippe até ás dez horas, encarregando os dois escrutinadores e mais o secretario de o acabarem, o que fizeram no restante da noite.

Pela manhã apresentaram ao Mestre a lista com os nomes dos votados que elle approvou.

No terceiro dia do capitulo disse tambem o D. Prior-mór a missa de S. Bento, com as ceremonias dos outros dias, sómente com uma differença: que ao evangelho teve D. Filippe posta a mão nos cabos do estoque.

Aberta a sessão, o secretario leu a carta de nomeação e confirmação dos Definidores e Visitadores, assignada pelo Mestre.

Os Definidores votados foram:

O conde de Santa Cruz, o Claveiro, Fr. D. Gonçalo Coutinho, Fr. Simão da Cunha, Fr. D. Diogo de Menezes, Fr. Rui da Silva, o conde de Atouguia, o conde de Faro, o conde de Atalaya, Fr. João Furtado de Mendonça, Fr. D. Pedro da Cunha, os quaes, com o D. Prior e Commendador-mór, constituiram os treze Definidores.

Para Visitadores elegeram:

Fr. Fernão Martins Mascarenhas, Fr. D. Fernando Alvares de Castro, Fr. D. Antonio Mascarenhas e F. D. Manuel da Cunha.

Jurando todos estes individuos, e ditas pelo D. Prior as orações do estylo, o Mestre encerrou a sessão.

Ordenou-se logo uma brilhante procissão que guiava uma Cruz ladeada por duas tochas e charamellas junto a ellas; os religiosos e freires ao lado direito, ao esquerdo os commendadores e cavalleiros, no meio da procissão a ban-

deira da Ordem, cujas pontas eram levadas pelos commendadores condes de Santa Cruz e S. João; em seguida vinte e quatro religiosos com capas ricas, após um palio conduzido por seis religiosos, levando debaixo o D. Prior revestido de capa rica e de mitra na cabeça, que conduzia o famoso relicario filippino.

Detraz do palio ia o rei como Mestre e descoberto.

A' sua mão direita o Commendador-mór com o estoque desembainhado a cujos cabos levava algumas vezes D. Filippe as mãos.

Chegados á egreja, pôz o D. Prior a Cruz no altar-mór; cantou-se uma antiphona da Cruz e outras orações.

D. Filippe beijou as reliquias e deu fim á procissão e ao capitulo.

Que bello espectaculo não devia ser o d'esta procissão mais pela riqueza da opulenta communidade do que pelo numero dos seus assistentes!!

O rei com o seu manto branco de Mestre, assim como os commendadores e cavalleiros, a bandeira alva de neve, onde rebrilhava a gloriosa e invencivel Cruz de Christo, os ricos paramentos dos religiosos, as vestes reluzentes d'ouro e pedrarias dos grandes do reino, as rutilantes espadas dos cavalleiros, as brunidas lanças dos pagens, as bellas e custosas tapeçarias historicas das mais afamadas fabricas, forrando as elevadas paredes do magestoso claustro de *D. João III*, as primorosas alcatifas atapetando os atijolados pavimentos e as espaçosas escadas, a monumental fonte do pateo jorrando agua, suavisando assim o ambiente d'um abafadiço dia de Outubro, tudo isto, devia, ao ver-se, ser encantador, soberbo, embora bastante triste e deprimente por ser um rei estrangeiro o Mestre que seguia os descendentes dos valentes e gloriosos cavalleiros de Christo, de quem Portugal tão grandes e homericos serviços tinha recebido e que elles tão corajosamente tinham acompanhado em dias de gloria e de triumpho!!

Agora os descendentes d'estes ainda assim ficavam nas suas casas e commendas, alvejando dias de liberdade e de independencia e retrahiam-se já que a fatalidade e a oppressão pesava sobre a sua querida terra e, para que isto se acredite, diremos que a este capitulo, que era uma das grandes honras que D. Filippe fazia, vieram assistir sómente 134 commendadores e cavalleiros!!

Quasi um terço!!!

A historia estava escripta e, se o não estivesse, as tradições ainda estavam vivas para que os ouvidos dos castos e patriotas escutassem as narrativas de Aljubarrota, Diu, Mazagão, afervorando-lhes o cerebro e escaldando-lhes o sangue, rubro de raiva e colera contra a sujeição da Patria e contra o anniquilamento progressivo do grande e glorioso Portugal.

Os *Lusiadas*, o immortal poema, já era lido soffregamente e as suas sublimes estrophes eram decoradas em horas amargas de sujeição e captiveiro.

Talvez esses cavalleiros que alli faltavam, mostrando o seu descontentamento ainda vissem bandeiras de differentes chefes indianos e quantos não tocariam no esfarrapado estandarte do soldão do Egypto, ganhos heroicamente por D. Francisco d'Almeida no immortal combate de 3 de fevereiro de 1509 na barra de Diu e que foram guardadas, como reliquias sagradas, na vetusta e gloriosa egreja de Santa Maria dos Olivaes, matriz da illustre Ordem de que eram os representantes; e, ao vêl-as e segural-as, quantas vezes se não lembrariam das façanhas illustres de seus heroicos avós e jurariam seguir-lhes as tradições e honrar-lhes os veneraveis nomes.

Talvez! e d'ahi o vêrmos n'esta solemnidade, – grande mercê concedida por D. Filippe — quasi somente o numero de commendadores e cavalleiros necessarios para se realisar este capitulo geral que havia já 46 annos se não reunia.

O rei que andava em Portugal por cima de brasas, a ponto de não ter querido entrar em Lisboa, sem que chegassem de Hespanha as galés que deviam protegel-o, não se demorou muito em Thomar.

No proprio dia do encerramento do capitulo, á tarde, pôz-se em marcha para Hespanha, indo na noite d'esse dia dormir a Tancos, onde passou o Tejo no dia seguinte, pernoitando na Ponte de Sôr, e d'ahi foi a Alter do Chão e d'ahi a Badajoz, onde entrou a 23.

Antes de encerrarmos este mestrado, assignalaremos um facto bastante importante da vida d'esta Ordem, tal foi o codificarem-se todas as leis vigentes pelas quaes se regulavam os seus membros.

Na impossibilidade de dar na integra tão longo traba-

lho, apontaremos comtudo alguns artigos que nos parecerem curiosos e instructivos:

Como desde este mestrado em deante se accentuou o uso de uma nova cruz, symbolisando a Ordem de Christo, será bom dizer alguma cousa d'ella.

O seu desenho, obedecendo a estudos que já ao tempo se tinham feito sobre a verdadeira fórma d'aquella em que Christo teve de perecer, modificou-se um pouco no sentido de o pé d'ella ser mais comprido do que o costume, principalmente no tempo de D. Manuel, em que a cruz evoca algumas reminiscencias da dos templarios.

Nos trajos dos freires, commendadores e cavalleiros sempre devia ser usada, tanto na rua como em casa.

Continuava a ser vermelha, aberta em branco, e esta não tinha pontas em significação da Chaga do Redemptor, de panno de lã, sendo permittido aos commendadores e cavalleiros usal-a de seda.

Na roupeta era menor do que a da capa, e sempre a usariam do lado esquerdo, sendo permittido ao Mestre e ás dignidades da Ordem trazel-a no meio do peito.

Nos mantos brancos, que eram obrigados a usar os freires, os commendadores e os cavalleiros em todos os actos da Ordem e procissões, era a unica cousa que se salientava na sua alvura; pois ordenava-se novamente, contra um uso que os fazia serem cerrados por deante, que fossem brancos, de lã, de fralda, aberto por deanteira, com cordões brancos, sem forro, botões, nem alamares.

Para se receber os habitos d'esta Ordem tinham-se descurado um pouco as prescripções approvadas por Gregorio XIII no tempo de D. Sebastião, sobre a qualidade e limpeza das pessoas, o que fez escrever a D. Filippe II uma carta em que se mandava que se cumprissem e se guardassem essas prescripções.

O estado sanitario do individuo que era inscripto na Ordem devia ser optimo; pois como o intento d'ella era pelejar contra os inimigos da Cruz, era necessario para isso ter orças corporaes, e não ter mais de cincoenta annos nem menos de dezoito.

Depois os Estatutos legislavam sobre as inquirições a fazer sobre a pessoa que era admittida ao habito, aonde tomava este, como o tomava, como era armado cavalleiro, etc., etc., que por longos não copiamos.

Como os commendadores e cavalleiros eram obrigados a combater em tempo de guerra, determinavam as armas que cada um devia ter; aquelles: cavallo, lança, adarga e coletes; e estes: peito, murrião, arcabuz e lança.

Quando algum cavalleiro morria, vestiam-n'o com o manto branco, levava o bentinho, espada ou terçado e esporas; era depois, acompanhado pelos mais irmãos e era enterrado aonde queria ou então aonde morria. Sendo em Thomar, e querendo enterrar-se no convento, podia ser enterrado no claustro do *Cemiterio,* sendo recebido pelos religiosos á porta da Egreja com a Cruz levantada. As ossadas tambem podiam alli ser enterradas.

Até a este capitulo geral de 1619, o convento de Thomar não tinha dia de orago seu, porém ordenavam que fosse o 14 de setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz.

A reunião do capitulo geral tinha cahido um pouco em desuso n'esta Ordem, e achando grande utilidade na sua reunião, definiam que de seis em seis annos infallivelmente se fizesse capitulo, e que se celebrasse sempre no convento de Thomar, por ser cabeça da Ordem e ser logar mais accommodado e estar no meio do reino e devia ser feito em maio.

Faltando algum freire, commendador ou cavalleiro sem justificação da falta, pagava uma multa.

Metade d'ella era para as despezas da visita da Ordem, e a outra para a fabrica do Convento.

Esta visita era feita por quatro freires, que eram eleitos no capitulo, durando este cargo até ao capitulo seguinte, aonde davam conta das vidas e costumes das pessoas por elles visitadas, e do estado das commendas, casas, celleiros, adegas, castellos, priorados e outros logares á sua visitação encommendados.

Depois descrevia aquelle codigo de leis, a preparação que se havia de fazer na casa aonde se reuniria o capitulo, pois não era certa; porque o edificio verdadeiramente para esse fim nunca se acabou; e mais descrevia o proseguimento d'essa reunião, o que nós já vimos, ao descrever o capitulo d'este mestrado.

As insignias mestraes eram: estoque, bandeira e sello.

Insignias do mestre da Ordem

Por ser esta Ordem de N. S. Jesus Christo e a insignia de sua bandeira é a que traziam os capitães móres e generaes, ordenava-se que precedesse ás outras Ordens milita-

res, assim na bandeira, rompimento de batalhas, como em qualquer outro acto em que se deva fazer honra, estimação e precedencia.

Abaixo da dignidade de Mestre, a primeira e principal dignidade era a de D. Prior do convento de Thomar, a qual tinha superintendencia sobre todo o espiritual da Ordem e para quem n'este capitulo se determinou impetrar do Papa uma bulla para que pudesse chrismar em Thomar e nos mais logares que são *pleno jure* da Ordem, benzer ornamentos e adros, sagrar calices e pedras de ara e que n'estes actos pudesse ter mitra e baculo.

A segunda era a de Commendador-mór, que, na ausencia do D. Prior, presidia em seu logar.

A terceira era a do Claveiro, a quem pertencia ter as chaves do convento.

A quarta era a do Sacristão, que andava inherente a um religioso do convento e pertenciam-lhe as cousas respeitantes ao culto.

A quinta era a do Alferes que tinha por officio levar a bandeira nas procissões, missas, capitulos e nos actos de guerra, quando o Mestre fosse n'ella.

Nas procissões o D. Prior iria á direita do Mestre, adeante o Sacristão, religiosos e freires, e á esquerda o Claveiro, commendadores e cavalleiros.

O Mestre tomava logar no couce, levando adeante o Commendador-mór com o estoque e o Alferes com a bandeira.

Os commendadores precediam sempre os cavalleiros, embora estes fossem mais antigos na profissão e dois cavalleiros que professassem ambos no mesmo dia, o que professasse no convento de Thomar precederia o outro em todos os logares.

Como Gregorio XIII em 1575, a instancia de D. Sebastião, concedeu um novo breve para que as commendas d'esta Ordem fossem só dadas a quem em Africa tivesse servido dois annos, nos navios de alto bordo, na India com algum feito notavel, e como muitas vezes succede haver pessoas benemeritas que tem servido no paiz a quem convem dar habitos, deliberava este capitulo impetrar do papa um breve pelo qual o Mestre os podesse prometter.

Tal era já a penuria da nação e portanto da Ordem de Christo, que o Mestre, que era rei ao mesmo tempo, não

tendo que dar, pedia n'este capitulo ao papa que lhe concedesse um breve para poder prometter commendas a quem servisse na guerra e na paz, podendo ser provido quem praticava o serviço, em seu filho ou neto.

Comtudo as quatrocentas e cincoenta e quatro commendas da Ordem rendiam a importante cifra de 94:528$322 réis.

Mas os apaniguados eram muitos e era preciso contentar a todos.

Tal era a vontade de retribuir serviços e comprar adeptos!!

Deliberavam que no collegio da Ordem em Coimbra houvesse oito collegiaes freires do habito d'ella. Deviam ter 22 annos d'edade quando começassem a estudar sciencias.

Seis d'esses collegiaes estudavam Canones e dois Theologia.

Este collegio tinha sido estabelecido na casa de Santa Anna que os jesuitas alli começaram a fundar, mas que ao apossarem-se do collegio das *Artes* reconheceram ser antieconomico conserval-o e portanto D. João III concedeu-o aos freires de Christo, de quem já era o terreno, mas tinham n'o cedido aos jesuitas para alli fazerem o collegio que não chegaram a acabar.

Os tres quartos que os commendadores pagavam era do rendimento de um anno e pagavam-n'os em dois annos e eram applicados ás obras do convento de Thomar e o sobejo para a fabrica das casas junto a elle e pertencentes á Ordem.

Os freires do convento de Thomar estavam livres d'este tributo.

Esta contribuição, como diriamos hoje direitos de mercê, com a differença que eram empregados nas obras do convento e não como aquelles que não se sabe o abysmo que os sorve, ia ainda assim alimentando essas prodigiosas obras d'este mestrado embora outras ficassem incompletas, como hoje alguns documentos nos provam, por exemplo a sumptuosa casa para o capitulo que nunca chegou a ser concluida.

A sumptuosa e riquissima egreja continuava a ser embellezada com as maravilhosas producções dos melhores artistas do tempo.

Domingos Vieira pinta o tecto da capellinha de Jesus; Simão d'Abreu restaura o painel de S. Thiago e os oito da sacristia; Antonio Raposo, ourives, recebe em 1597, 700 reaes de limpar os thuribulos e duas navetas, e naturalmente é este artista que em 1599 recebe 19$440 réis de fazer vinte castiçaes de prata de nova invenção, da prata dos velhos, guarnecel-os e reformar outros e em 1607, por concertar o relicario de Balthazar de Faria, dois gomis e duas galhetas, são-lhe pagos 12$000 réis.

Simão Gomes, pedreiro, recebe 25$800 réis por mudar o altar-mór, fazer o pedestal para o sacrario e pôr a capella na perfeição, como sua magestade mandou.

Domingos Vieira, por trabalhos de pintura d'esta mudança e de mais que fez no altar mór, recebe 25$000 réis e mais 40$000 réis de pintar e dourar a vidraça da porta da *Charola*, orgão grande e as armas d'el rei.

No anno de 1599 encontramos uma verba paga, sem que o livro diga a quem, de 4 anjos para o lado do sacrario, na importancia de 19$000 réis.

Os sinos da torre são, no anno de 1609, augmentados com outro, que foi feito em Thomar e levou quatro arrobas de metal.

O candelabro e o cirio pascal tambem soffrem alguns reparos.

A prata da sacristia é concertada e limpa em 1619 por Antonio Gomes, ourives, de que recebe 10$000 réis.

A musica da capella da famosa egreja do convento de Christo, passava n'estes tempos pela melhor do reino.

N'ella brilhava o talento artistico do grande compositor Fr. João Pinheiro, notavel filho de Thomar, e para se vêr o esmero e a completa collecção dos instrumentos d'ella diremos que possuia tambem uma harpa por cujo concerto e d'uma rebeca e mais quatro maços de corda para a harpa se gastou 3$600 réis em 1619.

N'este mestrado era o escrivão dos livros do côro o Fr. Theotonio, professo do convento de Thomar.

A fachada do norte tambem estava por completar e não tinha ligação condigna com a parte da monumental construcção de D. João III.

Tambem a communicação com o exterior n'esta parte devia ser defeituosa e talvez mesmo não a houvesse, a não ser que se servissem pela impropria portada da *Micha*.

A essa falta proveu-se n'este mestrado mandando levantar a parte da fachada desde a portada da *Micha* até á portaria que dá ingresso por uma ampla escada de cincoenta e seis degraus ás dependencias nobres do opulento convento.

Começa esta n'um largo vestibulo e formada de tres lanços com os seus respectivos patamares, chega a uma sala nobre com bancos de pedra, com caixas para almofadas, paredes azulejadas até á verga das altas portas e de tecto apainelado e decorado com symbolicas pinturas de bonito effeito.

Esta sala dava entrada: á direita a outras duas pequenas e a um corredor ladeado de cellas, obra d'este mestrado, que punha o vasto dormitorio conventual em communicação com o exterior do edificio e mais adeante, do mesmo lado, á serventia da varanda da *Hospedaria;* á esquerda do corredor dos confissionarios é a casa do porteiro.

Sobre o portal, que é bastante decorado, collocaram a seguinte inscripção sobreposta da esbelta cruz de Christo:

IN NOMINE DOMINI
OMUI ALTO PODEROSO E CATHOLI-
CO REI DAS ESPANHAS DOM FILIP-
PE III MANDOU FAZER ESTA PORTA-
RIA NO ANNO DE 1620.

Esta portaria tem uma longa historia que nós resumimos no que vamos dizer.

Mandou D. Filippe I, ao architecto Filippe Terzio, que buscasse e achasse sitio onde se fizesse a portaria e o mesmo ordenou a Nicolau de Frias, que não era decente no logar onde estava.

Gastando muito tempo em estudo e exames, opinaram que o logar para ella devia ser proximo da porta da egreja: Filippe Terzio no terreiro da egreja e a serventia na claustra do lavor subindo a ella por mais de trinta degraus e tão fóra do serviço dos religiosos como elle depois achou; Nicolau de Frias, bem pegada á porta da egreja e á porta do capitulo dos cavalleiros que estava por acabar em um pateo que depois foi lageado, onde não havia logar para se poder fazer casa para o porteiro, e dava a serventia na claustra real, tolhendo o recolhimento e liberdade aos reli-

giosos, que só alli podiam espairecer sahindo das cellas.

Vistos todos estes e outros inconvenientes, passaram-se annos sem se poder satisfazer a esta necessidade, e aos desejos d'el-rei.

N'este tempo falleceu Filippe I, e Filippe Terzio, architecto do mosteiro, a quem estava incumbido o assumpto; depois Nicolau de Frias, e sabendo o D. Prior tudo o que era passado, recorreu a Filippe II que o auctorisou a fazer a portaria, onde lhe parecesse conveniente, e pondo á sua disposição os meios necessarios.

Examinou o D. Prior todos os logares apontados com o architecto Diogo Marques Lucas, reconhecendo os inconvenientes de todos.

Encontrou então o D. Prior um logar bom para isso, mas apresentava o seguinte: — «havia n'este logar muitas e grandes difficuldade, porque tendo grande matto e mui espesso silvado, mandei se esmoutasse, o que feito, appareceu um forte muro e mui largo, uma rocha e um penhasco de uma forte pissarra, em cujo logar que seria e é de largo de mais de onze para doze palmos, e assim tinha sobre elle uma torre mui alta e forte e ameada, á qual se subia por uma escada de pedra e dava se em uma casa capaz para gasalhado de vigias, e quando a derrubei servia de carcere.»

«Espantou a vista onde queria fazer a obra ao architecto Diogo Marques Lucas vendo o que se havia de alhanar e os gastos que se haviam de fazer e sobretudo o perigo da obra, ao que lhe respondi, *que as obras dos reis não espantavam quando as começavam senão depois de feitas,* e que aquelle logar que não era de tantos medos e riscos e que a mim m'os não parecia, nem receava commettel-a, e que eu para o que os chamava era para que tomassem as medidas... visto o logar ser bom e não se poder descobrir outro melhor, etc... e Sua Magestade fiar de mim e dar-me a escolha d'elle. Tomou as medidas, o que feito lhe disse, se fosse embora e se queria fazer papel de traça o fizesse, o que tambem fez, e não segui senão o meu que está feito.

Começou-se a obra mandando esmoutar o mato e silvêdo, derrubar o monte de pissarra, o forte muro, a alta torre, e desencantou-se o logar da portaria velha, pondo-se como está, no que se gastou pouco mais de 120$000 réis.

Mandando el-rei vêr a obra, e avaliar as despezas feitas ao architecto Diogo Marques Lucas procedeu este a todas as medições, informações, e avaliações com muito rigor, terminando por informar que se deviam ao D. Prior 160$ réis. Este tinha tenção de empregar esse dinheiro em dar uma sangria ao poço da sachristia e fazer uma formosa fonte defronte da portaria, mas acabando-se-lhe o triennio, nada mais poude fazer».

Foi tambem decerto esta a ultima obra d'este importante mestrado; pois a viagem de D. Filippe a Portugal tinha-lhe abalado o seu adoentado physico e enfraquecido o seu malsão espirito.

Em Casarruvios adoece e só para o fim do anno é que póde dar entrada em Madrid.

Minado pela fatal doença, após tres mezes, repousou para sempre debaixo das solitarias abobadas do seu querido Escurial.

Um facto importantissimo temos aqui a consignar — a gloriosa herança dos nossos maiores ainda estava intacta.

Portugal que descera tanto, cujos homens eram a sombra dos gigantes passados, onde tudo funestamente começava a desabar, ainda conservava de pé os padrões immortaes do seu indomavel heroismo.

Nas fortalezas, fundadas pelo esforço herculeo dos nossos maiores, ainda tremulava ovante ao sol radiante da nossa gloria o sacrosanto pendão das quinas, e no alto dos mastros reaes ainda o galhardete da Ordem de Christo fluctuava invencivel ao sopro rijo da victoria e do triumpho.

Se pelo lado material, felizmente eramos os mesmos, assim acontecia pelo espiritual que, á custa de enormes sacrificios, de afanosos trabalhos, immenso dinheiro e sangue ainda iamos conservando esse sagrado direito de padroeiros de tantas egrejas catholicas que tinhamos fundado pelo

> ....alto imperio
> O sol, logo em nascendo, vê primeiro,
> Veio tambem no meio do hemispherio,
> E, quando desce, o deixa derradeiro:

Ainda podiam repousar, quietas, envolvidas no respeitavel pó do perpassar dos annos, sob as frias abobadas da Ba-

talha, do claustro do *Cemiterio* e de Santa Maria de Thomar, as venerandas ossadas dos inclitos cavalleiros de Christo e

> D'aquelles Reis, que foram dilatando
> A Fé, o imperio e as terras viciosas
> De Africa e de Asia andaram devastando:

pois embora já as esquadras dos inglezes e hollandezes singrassem por esses

> ...mares nunca de antes navegados

ainda a bandeira d'essas livres e fortes nações não tremulava em nenhuma das valentes muralhas, que em centenares de terras tinham travado com os duros rochedos da beira-mar nem a *Propaganda Fide* tinha enviado os *vigarios apostolicos* a essas remotas paragens em que nós desde o seculo XV iniciámos, com padres portuguezes, a evangelisação da Fé christã e chamavamos ao seio da civilisação europêa.

O principe, que sob o nome de *Filippe III* fôra jurado futuro rei de Portugal, nos Paços da Ribeira a 14 de julho de 1619, era agora elevado ao throno d'este retalho do grande imperio, sonhado por Carlos V, e constituido pelo filho, mas que vae, em breve, começar a desmoronar-se, voltando ainda n'este reinado quasi aos primitivos limites.

Creança, inexperiente, mais atreito aos negocios fradescos e theatraes do que aos da governação dos seus larguissimos Estados, entrega esta ao Conde Duque de Olivares, que muito concorreu para a deruição da sua patria, a maior nação da epocha.

Portugal não tarda a soffrer as consequencias de tão desastrados governadores e Gueixome e logo a grande Ormuz, a brilhante conquista de Albuquerque, após um cerco desesperado, heroico em que Freire d'Andrade faz prodigios até á loucura, é desencastoada da corôa refulgente de Portugal; e o padroado portuguez é invadido pela *Propaganda Fide*, que rasga assim innumeras bullas da perpetuidade e irrevogabilidade d'esse sagrado direito confirmado por tantos pontifices.

Lá fóra começa a derrocada que jámais se sustem e cá dentro vae de mal a peior.

No reino os tributos são tantos que chegam a supprimirem-se para haver só um e mais simples na sua cobrança — meio milhão de cruzados é o que se devia pagar, até que não venham outros.

Os judeus que já por bastas vezes foram expuliados agora têem companheiros — os mouros.

Com isto as fontes de riqueza publica minguam.

As fogueiras da Inquisição não se apagam e uma após outra tostam milhares de infelizes.

Os jesuitas vendo o máu caminho que leva o imperio por elles mais do que cimentado, vão-lhe virando as costas e, de braço dado com Richelieu, atiram para as ruas d'Evora com o *Manuelinho*, soltando vivas ao Portugal independente.

Não foi d'esta vez.

O jesuita soube esperar e tres annos depois o golpe foi mais certeiro.

Primeiro que elle venha, vamos vêr o que vae pela nossa Ordem de Christo.

Nada ou quasi nada.

No convento as obras continuaram, mas lentamente.

D'este mestrado só conhecemos o lavatorio do corredor dos confissionarios.

Tem a data de 1625 e a seguinte inscripção:

> CVM. DE SALVIFICIS. EXHAURIS. FONTIBUS UNDAS,
> PERFUNDANTMENTE. GAUDIA. PRIMATUAM:
> NAM CUMCORDE. MANUS, SYLAVERIS, HAUD MORAFIET
> AETERNAM. IN. VITAM FONS SALIENTIS AQUAE
> ANNO 1625.

Traduzindo temos:

A consolação espiritual se inicie e diffunda na tua mente no destribuirem a agua da fonte purificadora; pois se lavares as mãos e conjunctamente o coração a torrente da graça que conduz a vida eterna jamais cessará.

Foi ainda durante este mestrado que se deram as cele-

bres questões, por causa da fundação do convento de S. Francisco de Thomar, e como entre ellas existe tambem uma levantada pelos freires do convento de Christo, referil-as-hemos ainda que resumidamente.

No tempo do padre provincial da Ordem de S. Francisco, Fr. Jeronymo da Madre de Deus, tomou assento humilde em Thomar, posto que muito agradavel pelo sitio, que era uma vasta e formosa varzea, um convento franciscano.

Houve certa má vontade da parte de outro convento de mendicantes, para que alli se fundasse aquelle convento o que fez com que o novo provincial, Fr. Antonio de S. Luiz, se decidisse a pedir licença a Filippe III, para a edificação, licença que foi concedida a 17 de junho de 1622, com a clausula de para aquelle convento se mudar a communidade de Santa Cita.

Tratou Fr. Antonio de estudar em seguida o local mais idoneo para a fundação do convento e de alcançal-o da camara de Thomar, a qual lhe concedeu 35 varas de largura, sem prejuizo do campo; levantou-se porém logo mais uma difficuldade: a camara não podia dar parte alguma da varzea sem uma licença especial d'el-rei; pois assim o determinava um alvará de D. Henrique de 1566 quando regente.

Nova petição foi feita a D. Filippe que agora demorou um pouco o despacho d'ella, concedendo o sómente a 15 de maio de 1624.

Tomou logo posse do sitio, Francisco d'Evora Varejo, syndico do convento de Santa Cita, assistindo ao acto alguns frades e Gaspar Vaz, escrivão da camara.

Largura tinha o convento, agora faltava determinar o comprimento.

Nova questão.

Alguem que levantava mais estes attrictos era de opinião que seria melhor recolher o convento para o monte e sahir ao campo sómente por espaço de 85 palmos, compensando-o com certas casas e quintaes visinhos, que a camara compraria ou o povo.

A camara d'agora já era outra, inclinando-se por isso ao alvitre, mas os frades não se compozeram e resolveu-se que no dia seguinte, 2 de setembro de 1625, se convocasse o povo com pregão publico, e vozes de sino para que votasse sobre o caso.

Houve a eleição e os frades ganharam por 205 votos contra 14.

A camara, curvada perante a eloquencia da urna, foi no proprio dia á varzea, e ahi ordenou ao architecto que lançasse medidas ao terreno que fosse necessario para o convento e cerca, tendo-se marcado 65 braças de comprimento, embora na largura já referida se diminuissem 15 palmos.

Assim assente, lançou o padre provincial, a 7 de setembro de 1628, a primeira pedra, concorrendo a nobreza e povo da villa, e prégando no mesmo acto Fr. Antonio das Chagas, homem de grande fama oratoria ao tempo.

Começaram as obras; e corriam prosperas quando nova questão se levanta justa era ella, mas extemporanea.

Os freires de Christo, ao proseguimento d'ellas, objectaram que perdiam os dizimos das terras que os franciscanos haviam adquirido; concluindo por dizer que el-rei não podia dar esses terrenos, por quanto não declarava que os concedia, como Governador e perpetuo Administrador do mestrado, cavallaria e Ordem de Christo.

Comtudo a opposição d'estes não foi grande, pois as obras continuaram, mas as palavras que faltavam no outro alvará vieram no mandado da côrte hespanhola a 20 de julho de 1635.

Agora uma pergunta, se bem que não devesse aqui ser feita, e só a fazemos por mera hypothese:

Não representará a memoria da Varzea Grande padrão de acabamento de tantas questiunculas?

E já que estas são originadas na Varzea Grande, lembremos-nos em honra de Filippe III, que em breve vae ser riscado do numero dos mestres da Ordem de Christo, que foi, durante o seu reinado, creada a importante feira de Santa Iria, que alli se reune no dia d'esta santa, 20 de outubro, passando elle a 3 de outubro de 1626 á camara de Thomar o alvará para a sua creação.

Honra lhe seja.

1 de dezembro de 1640!!

Dia glorioso e de triumpho!!

Mas que gloria e que triumpho?!

Quebrámos sim as algemas de 60 annos, o jugo extrangeiro acabou, a sanguesuga que nos sorvia até ao ultimo ceitil pereceu.

Mas pouco ganhámos.

Não somos já parte da grande Hespanha, nossa irmã em tudo, mas passámos a ser satellites da já poderosa Inglaterra.

Dentro do paiz continuar-se-hia a mesma orientação anterior; pois no dia primeiro não se fez uma revolução, mas sim uma conspiração de quarenta homens.

O povo era indifferente; o clero, mais ou menos instigado pelos jesuitas, seguia o partido de D. João e parte da nobreza continuava vendida ao hespanhol por egoismo.

No governo seguiu-se a mesma politica: não houve mudança de costumes, nem de processos, nem de homens.

Lucena, agora secretario de Estado, foi ministro de Filippe III.

Os jesuitas e a Inquisição eram os dois grandes poderes do Estado.

Se se era beato até alli, continuou-se a sel-o, sem que se tentasse desenvolver as forças organicas e fundamentaes do paiz.

D. João, que vivia egoistamente gosando da casa mais rica da peninsula, pois só na Ordem de Christo dispunha a seu bello prazer de quarenta e uma commendas, foi acclamado rei e na perspectiva de marchar para a Lombardia, como vice rei, ou ter de ir para a Catalunha, acceitou o ficar em Portugal e entregar-se de vez nas mãos dos conjurados e, como diz um grande escriptor da nossa terra, «resou a Nossa Senhora, carregou o pescoço de rosarios e bentinhos que os jesuitas piedosamente lhe davam; e confiando na protecção do ceu e na de Richelieu, o emulo de Olivares e intimo dos jesuitas, resolveu lançar-se á aventura.»

E foi; em 15 de Dezembro é coroado rei.

Thomar, a 9 de dezembro, festeja ruidosamente a conjuração de Lisboa, e a Ordem de Christo acompanha-a, havendo grandiosa e solemne festa d'egreja no convento.

O Commendador-mór, Nuno Pereira d'Aragão, com o estandarte da Ordem, encorpora se no prestito que da camara sahiu e subiu ao castello para a acclamação de D. João IV

No entanto este vae-se preparando para a grande resistencia que Olivares lhe havia de fazer e para estar mais seguro manda reunir as côrtes em Lisboa que se abrem a 20 de Janeiro de 41.

Prolongam-se bastante, quasi tres mezes e houve muitos pedidos; d'estes alguns interessantes, como os do povo que queria que o rei castigasse com severidade as mulheres que pozessem *Dom* antes do nome, sem terem direito a isso, e que pozesse cobro á invasão das cabelleiras que ameaçavam sujeitar todas as cabeças ao seu dominio usurpador.

Estas côrtes fazem lembrar as presentes: muito palavriado e nada de grande alcance para a nação.

N'aquellas pedia-se ao rei. Eis o grande defeito, o desgraçado estado da nação, a que decadencia nos levou a educação jesuitica e o terror que nos produziram os autos de fé!

Na protestante Inglaterra, ao tempo, Carlos I, que sympathisava com o absolutismo de Filippe IV, a ponto de querer casar com uma princeza de Hespanha, investiu com o parlamento; fechou-o, quiz levantar tributos; proteger o catholicismo, e o seu valido Thomaz Wentmora; mas o parlamento de novo aberto, mostrou a Carlos I quanto valia, recusando lhe pagar uns tributos, processando, condemnando e mandando executar o seu ministro, até que mais tentativas absolutistas, por parte do rei, dão origem a que a sua cabeça tambem role no cadafalso de White-Hall.

Assim é que é.

Ou o povo, a nação toda, manda ou é mandada; não faz pedidos.

Dos que nos interessam agora, vemos: Os commendadores pedirem a isenção de pagamentos de dizimos dos bens patrimoniaes, pois esses bens já eram de posse immemorial e pacifica e confirmada pelos reis, e a egreja tinha sempre recebido impostos d'aquelles bens.

Os prelados terminaram, pedindo a D. João IV que pozesse ponto nos desmandos e accudisse pelos interesses da fazenda, mandando declarar o sentido obvio da nova impressão dos privilegios da Ordem de Christo, origem de todas as duvidas.

O povo tambem pedia ao rei que não fossem prodigalisados os habitos das ordens militares.

Tal era o numero!!

Então o capitulo de 1619, da Ordem de Christo, não estatuia que ao menos se podessem prometter quando os não houvesse?

D. João, satisfazendo ao primeiro pedido, passa a provisão de 18 de outubro de 1646 que regularisou o assumpto, obrigando os commendadores, cavalleiros e freires a pagarem os tres quartos ao convento de Thomar antes de se encartarem, e approvou e confirmou os estatutos do ultimo capitulo geral, mandando que se publicassem e imprimissem para por elles se governar d'ahi em deante.

O tempo não chegava para mais nada do que para prepararmo nos militarmente.

Nada havia generaes, engenheiros, soldados, armas: tudo estava em decadencia.

D. João IV estando em Thomar com grande multidão de hospedes e cortezãos quer reunir alli côrtes no anno de 1649, o que não chegou a levar a effeito por causa da noticia da morte de D. Duarte, seu irmão, na prisão de Roqueta.

A Europa continuava dividida em dois grandes partidos: o de Hespanha e o contrario á Hespanha.

A este é que se teve de chegar D. João IV, embora tal partido fosse protestante, inimigo de Christo.

Com a Inglaterra e Hollanda fez tratados em que fomos ludibriados.

A curia de Roma, que era pela Hespanha, renegou-nos e nós vimos os nossos negocios que d'ella deviam ter sancção, paralisados, com grave transtorno nosso, pois vemos ir para a Africa, missionarem no nosso padroado, padres ainda em nome do rei de Hespanha.

D. João, para socegar um tanto os animos ultra-catholicos dos seus subditos, põe-os sob a protecção de Nossa Senhora da Conceição, que faz padroeira do reino, ordenando grandes festas por todo o reino e mandando que todas as camaras inscrevessem esse facto n'uma lapide; lapides contendo cada uma o mandado real.

Em Thomar ha tres; uma nos paços do concelho, outra no palacio dos Estaus, e outra no convento de Christo.

Lá esteve esta inscripção que nós por curiosidade aqui transcrevemos; e lá está, mas arriada.

AE TERNIT: SACR:
IMMACULATISSIMAE CONCEPTIONIS MARIAE JOANNE
IV PORTUGALIAE REX, UNA CUM GENERAL COMITIIS,
SE ET REGNA SUA SUB ANNO SENSU TRIBUTARIA

PUBLICE VOVIT ATQUE DEI PARAM INPERII TUTEL
AREM ELECTAM, ALABE, ORIGINALI PRAESERVATAM PER
PETUA DEFENSURUM JURAMENTO FIRMAVIT VIVERET
U PIETAS LUSITAN; HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE
PERENNE EXARARI FUSSIT ANNO CHRISTI M.DC
XLV IMPERII SUI VI.

A traducção deve ser:—*A' eternidade sagrada da immaculada Conceição de Maria D. João IV rei de Portugal juntamente com as côrtes, se votou tributario por si e pelos seus reinos com um censo annual e jurou defender perpetuamente a immaculada Conceição da Mãe de Deus eleita para protectora de seu reino. Como lembrança da piedade lusitana ordenou que isto se exarasse n'esta lapide viva eterna memoria. Anno de Christo de 1646 e sexto do seu reinado.*

O *Restaurador* acompanha esta devoção com bella musica, arte que elle cultivava com esmero e tinha um selecto numero de companheiros que tornavam a sua côrte bastante animada e divertida.

Dois d'elles foram: Fr. Fernando d'Almeida e Sebastião da Costa.

Fr. Fernando d'Almeida, natural de Lisboa, foi religioso da Ordem de Christo em Thomar, em cujo convento professou em 1638.

Onze annos depois, isto é, em 1656 alcançou o cargo de Visitador da sua Ordem.

Foi um dos melhores discipulos do grande mestre, que fez escola, Duarte Lobo, e muito estimado por D. João IV que estava bem nos casos de apreciar o talento de qualquer compositor, tanto pelos seus conhecimentos theoricos e praticos, como pela critica intelligente de que era dotado.

Estando uma vez em Thomar e ouvindo algumas d'estas composições, achou-lhe tanto merito que mandou tirar uma copia do livro; estas producções foram depois cantadas em Lisbôa na capella real, por ordem de D. João.

Fr. Fernando d'Almeida falleceu no convento de Thomar a 21 de março de 1660.

Sebastião da Costa, o outro unico celebre, além de

bom compositor e cantor distincto, foi particular amigo de D. João IV e destemido patriota.

Freire, em Thomar, no convento da Ordem de Christo, foi mestre da capella real de D. João por algum tempo, até que a morte d'este monarcha o veiu abalar muito, a ponto de ir procurar a morte na guerra contra a Hespanha.

D. Luiza de Gusmão, notando a ausencia d'elle, o mandou chamar, perguntando-lhe a razão de não querer continuar a sua brilhante carreira artistica, ao que Sebastião da Costa respondeu: que a dôr profunda causada pela morte do seu protector e amigo o tinha obrigado a procurar na vida agitada da guerra um allivio para a sua tristeza.

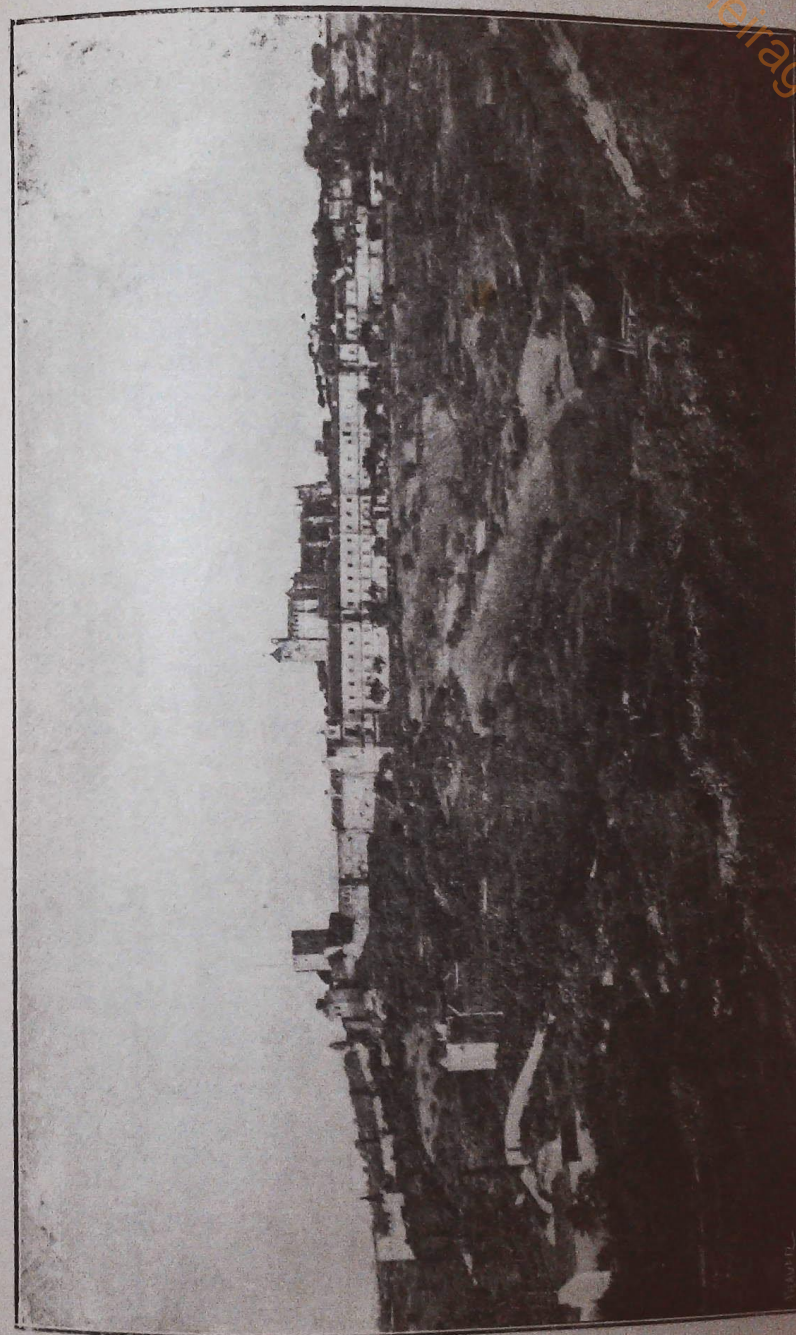
A rainha teve para com elle palavras de agradecimento e consollo e pediu-lhe que ficasse no seu logar da capella, ao que accedeu, continuando depois nas capellas dos reis D. Affonso VI e D. Pedro II.

Morreu em 1696.

Agora consignemos, em 1674, um facto respeitante a um illustre Administrador de Thomar, tal foi o da sua trasladação para a egreja de Santa Maria dos Olivaes, a gloriosa séde da sua Prelasia.

Falemos do dr. Sebastião Gomes de Figueiredo, que em campa rasa, descança na terceira capella da esquerda d'aquella egreja e cujo epitaphio diz:

AQVI IAS O DOVTOR SEBASTI
AO GOMES DE FIGVEIREDO
PRELADO QUE FOI DESTA IV
RISDICAO AQVE ELREY PHE
LIPPE SEGVNDO FES MERCE
DESTA CAPELLA PERA SEV EN
TERRO E DE SEVS HERDEIROS
FALECEO EM LISBOA A 18 DABR
IL · O ANNO DE 1611 TENDO CÔPOS
TOS ALGVNS LIVROS PIOS E
ERVDITOS E SENDO ELLEITO BIS
PO DE CABO VERDE · FOI · TRES
LADADO AESTA SEPVLTV
RA · EM · 20 · DO MES DE MAIO D
1647

Posto isto vamos entrar n'um periodo de manifesta de-

MONUMENTO DE THOMAR (Vista geral)

cadencia tanto na nobre Ordem como no reino; até mesmo por infelicidade, no descendente de D. João IV se nos depara um lauço; mas, como sempre tambem nas grandes crises, a raça portugueza apezar da sua mesquinha educação não deixa agora entibiar seus animos valorosos d'outr'ora e n'um esforço sobrehumano responde gloriosamente, heroicamente ás arremettidas do hespanhol com Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo, Montes Claros, até que em 1668 pôde depôr as armas nos quarteis, vendo finalmente reconhecida a independencia por toda a Europa.

Podemos já contar com *D. Affonso VI* no mestrado da Ordem de Christo, aonde a sua natureza nevropatha e a ambição desmedida de seu irmão o deixam estar pouco tempo.

Se na Europa as armas portuguezas brilhavam ao sol esplendoroso e triumphante da victoria, pela espada brilhantissima do grande general Mathias de Albuquerque e pela habil e esplendida organisação do exercito do eminente estadista Castello Melhor, assistâmos com tristeza e magua ao esphacelamento d'esse brilhante imperio colonial para cujo caminho tanto e tanto contribuiram os gloriosissimos cavalleiros de Christo e tantos e tantos ajudaram a fundar e a consolidar.

Das valentes e heroicas cidades d'Africa que mais de uma vez foram regadas pelo sangue d'esses egregios cavalleiros, só duas restavam; e uma era dada em dote de casamento de D. Catharina, mulher de Carlos II de Inglaterra.

A que chegámos!!

A que nos levava o absolutismo!!

Na corbelha de uma princeza via-se a joia do pae — um dos mais bellos florões da corôa gloriosa do *Africano!!*

Triste, muito triste!

Na India, rixas pessoaes, ignobeis discussões, vergonhosas guerras intestinas, aventuras nefastas, faziam cahir, uma a uma, as pedras brilhantes do heroico e triumphal edificio do inclito Albuquerque.

As esquadras hollandezas bloqueavam por tal fórma os nossos portos que as praças rendiam-se, umas após outras, quasi sem vislumbre de resistencia em que, raras, ainda algumas façanhas homericas illustram e brilham n'esta noite escura da nossa decadencia.

E quão carregada estava agora essa noite.

Já no governo, como escrivão da puridade do invalido rei, não se assentava o grande estadista, a quem Portugal deve a mais brilhante parte da guerra da acclamação — o intelligente e energico conde de Castello Melhor.

Agora seguem-se os tristes comparsas da terrivel e ignobil tormenta que atirou com o infeliz epileptico D. Affonso VI para os rochedos da Terceira e mais tarde para o cubiculo atijolado de Cintra.

Lucta fratricida que tanto mancha a historia patria e acabrunhou o reino!!

A Ordem de Christo tambem soffria immenso com estas luctas e tanto mais que, parece, seus membros, inspirando-se no mais ardente e sagrado amor da Patria e da Justiça, seguiram o partido de D. Affonso VI.

Não só o desprezo em que era tida a mais fidalga e gloriosa Ordem de cavallaria a fazia soffrer, mas tambem os seus rendimentos muito foram cerceados.

Ainda o que valeu foi a grande firmeza dos nossos embaixadores em Roma para o restabelecimento das relações de Portugal com a curia, aonde sustentaram com toda a energia os gloriosissimos direitos de padroar as egrejas catholicas nas terras que ainda eram nossas e n'aquellas que o nosso desleixo e devassidão tinham deixado alienar.

A *Propaganda Fide*, já nossa conhecida, queria nomear bispos para as terras do Oriente, mas *D. Pedro* dá ordens ao nosso embaixador para que sustentasse energicamente o direito de elegermos os pastores dos povos, aonde tinham sido os nossos missionarios os primeiros a levarem o verbo da verdade, a luz da civilização christã.

Perto de trinta annos tinhamos tido cortadas as relações com Roma e no Oriente, aonde se fazia sentir mais a falta do preenchimento das nossas egrejas, a indignação era grande, chegando, o conde de S. Vicente, vice-rei da India, a dizer que, se fossem lá alguns bispos, não nomeados pelo governo de Portugal, os mandaria enforcar.

Venceu emfim a nossa firme e habil diplomacia e os antistites para todos os bispados do Oriente foram nomeados pelo governo portuguez, embora já a essas horas não estivessem em nosso poder muitas das terras que eram sédes episcopaes.

Entre esses valentes soldados de nova especie, especie

santa e civilizadora, encontramos um illustre membro da Ordem de Christo, D. Pedro Sanches, investido na mitra de Angola.

Porque não vemos mais nenhum, quando o espiritual d'esses vastos torritorios pertencia á nobre Ordem de Christo?

Decerto D. Pedro tinha para com esta illustre Ordem o espinho da parcialidade, que ella teria tido por seu infeliz irmão.

Não o podemos saber ao certo, comtudo os zelos de D. Pedro para com as christandades do Oriente não ficaram por aqui.

Ainda obteve de Alexandre XIII, pela bulla—*Romani Pontificis*, de 10 de abril de 1690 a creação de dois bispados na China — Pekin e Nakin.

Apesar de tanta energia, de tanta habilidade diplomatica, como dissemos, Roma continuou a cavar a ruina do nosso honrosissimo padroado, em que temos soffrido perdas de valor, e é questão que de tempo a tempo aflora no meio das nossas relações internacionaes.

Volvâmos agora as nossas vistas para o convento dos illustres freires de Christo.

Eram os tres quartos das commendas que iam dando, depois do alvará de D. João IV, para mais largas obras na rica e primorosa casa da nobre Ordem em Thomar.

A fachada norte continuava se a uniformisar, orientando-se na mesma linha que seguia até á portaria.

Agora o andar inferior, como foi feito contra um monticulo de tufo, apresenta as janellas cegas e o andar superior corre na mesma orientação em que vinha, morrendo a fachada n'um agigantado cunhal de cantaria em que se abrem tres amplas janellas de saccada: uma do lado norte, sobremontada por um frontão barroco, em cujo timpano avulta a elegante cruz da Ordem de Christo, e por baixo da bacia, n'uma almofada, a data de 1690.

As outras duas olham para o Oriente, e são encimadas por egual frontão, no timpano do qual se salienta o escudo das armas, assente na cruz da Ordem de Christo.

Estas largas janellas illuminavam uma ampla sala, cujo tecto é de madeira, sendo o apainelameno riquissimo em molduras.

Aqui acabava o alto corredor da enfermaria com o seu roda-pé de azulejo, rodeado de quartos, correndo ao longo da frontaria até ao vestibulo da entrada principal do convento, para onde se abre uma janella revestida, na parte de dentro por um arco, sobre o qual ha uma moldura que tem em letras grandes as seguintes palavras:

SALUS INFIRMORUM

Este corredor é atravessado ao meio por um outro, que, pelo lado do norte, morre na fachada em que se abre uma janella de saccada, sobremontada por um frontão ladeado de dois pilaculos, tendo por baixo da bacia uma almofada em que se grava esta inscripção:

SENDO D. PRIOR FREI GUILHERME
DE FREITAS 1688.

e, pelo lado do sul, dá para uma ampla varanda, cuja cobertura é sustentada por dezeseis elegantes columnas.

Esta espaçosa galeria, além de dar passagem para a enfermaria, tambem a dava para a botica e seus annexos, casas contiguas á grande sala para o lado do sul, já descriptos e que uniformisavam as trazeiras dos paços, já a estas horas arruinados, do immortal infante D. Henrique e de D. Catharina, cuja frente exterior continuava com a d'ellas.

Esta pharmacia não só satisfazia as exigencias da casa, como tambem as da população pobre.

N'um pequeno frontão em que se salienta, distincta, a cruz de Christo, e que se sobrepõe á verga da porta da botica existe a data de 1689.

Foram sempre os freires de Christo tidos em alta conta no respeitante a instrucção, embora a sua origem fosse de doze homens sem letras; e alguns agora entretinham os seus ocios entregando-se á musica, em que se torna distincto o habil frei Placido da Silveira; outros com administrar as primeiras letras ás creanças das povoações circumvisinhas e ainda outros a instruir nas sciencias theologicas muitos mancebos que chegavam a receber ordens, vindo depois pastorear nas egrejas da Ordem e n'outras.

Não só nas santas theologias deviam ser peritos, pois a escolha do local para esta enfermaria revela um adeantado conhecimento da hygiene.

Arejados e confortaveis quartos para os doentes, boa exposição, bastante ar e luz, isolamento do resto do convento, amplos e lindos panoramas a encantarem a vista dos convalescentes, tudo devia imperar no espirito de Frei Guilherme de Freitas, para collocar n'este sitio os quartos de dôr e de soffrimento dos seus opulentos e nobres freires.

Com estas obras fechava o enorme cyclo das construcções do soberbo e monumental convento, em que, desde os primordios da monarchia portugueza, se tinham ido accumulando os pedaços mais bellos, mais ricos, mais nacionaes das nossas manifestações artisticas.

O que é esse estupendo monumento?

Pelo lado moral: a mansão dos patrioticos e immortaes cavalleiros de Christo, e pelo lado da arte o mais completo e magnifico repositorio do genio artistico da nossa raça, o mais rico exemplar de polyarchitectonismo de Portugal.

Alli, em cada pedra, lê-se uma pagina da nossa historia, canta-se uma estrophe da nossa gloria e do nosso triumpho.

Alli estylisa-se em mil rendilhadas pedras a nossa sublime missão historica, alli regra-se em molduras puras o estylo bello, rico das antigas civilizações, da antiga e classica arte.

Quando, ao entardecer, no alto serro em que se levanta, n'uma singeleza santa e humilde, a capellinha de Nossa Senhora da Piedade, nos é desenrolado o soberbo quadro do grandioso monumento que o sol poente doira com seus derradeiros fulgores, como vêm á nossa mente a historia sublime, as recordações dos heroicos tempos de crenças e de fé.

Ao contemplarmos a grande mole e destacar-se altiva e soberba na sua magestade e pujança, a patriotica egreja, como nos é evocado o vulto celebre do egrejo D. Gualdim Paes, o famoso fundador da capella-mór e a figura do luxuoso D. Manuel, em cujo tempo foi levantado o resto da egreja e nos lembram as façanhas epicas dos immortaes templarios na fundação de Portugal e dos valentes e audazes cavalleiros de Christo, que o levaram atravez do ignoto mar

A vêr os berços onde nasce o dia.

Sublime pensamento foi esse de unirem as duas imponentes fabricas; aquella substanciando o crente e austero

monge no mysterioso octógono, esta representando o donairoso e patriotico guerreiro nos rendilhados maravilhosos e nacionaes do estupendo côro.

Ambas — as edificações — falam a mesma linguagem, cantam a mesma epopêa, synthetisam a mesma historia, representam a mesma missão.

Uma completou a outra, como as duas communidades se completaram tambem no mesmo augusto pensamento — a dilatação de Portugal.

Os Jeronymos são um grande monumento.

A Batalha é um exemplar puro do sublime gothico.

O Monumento de Thomar é magnifico, nacional e patriotico.

Que menos devia ser o quartel da milicia santa, heroica, homerica, d'aquelles que em mil emprezas de ardimento descerraram as portas do mar tenebroso, d'onde arrancaram perolas gloriosas que iriam engastar-se no diadema do seu rei, tornando-se illustres, nobres?

E nobres eram elles; pois nenhum o podia ser ou receber qualquer commenda, sem que provasse, como já vimos a limpeza de sangue até á quarta geração, mas os tempos vão mudando e os partidarios de D. Pedro foram muitos e era preciso contental-os.

Os escrupulos religiosos iam acabando, posto que houvesse muita beatice; porém ordenou D. Pedro que nas cartas de habito que se passam aos cavalleiros que foram dispensados por algum defeito, se não expressasse a causa das suas dispensas, reconhecendo que não era razão que o que se lhes dava para brazão da sua honra, fosse ao mesmo tempo padrão perpetuo da sua injuria.

N'este negocio tinha razão, o que nem sempre succedeu no seu desastrado reinado, como por exemplo na guerra da successão.

Narremos, resumidamente, o que se passou; pois vamos vêr o nosso convento da nobre Ordem receber os protagonistas d'essa infeliz, mas, por momentos, gloriosa guerra.

A Hespanha soffre agora a mesma crise do que nós em 1580 e pela mesma razão - exgotamento da raça real — e apesar do degenerado D. Carlos II casar duas vezes a sua acção reproductora foi nulla e morreu aos 39 annos d'edade sem deixar herdeiro directo.

Comtudo elle, a 1 de novembro de 1700, assigna um testamento pelo qual entregava á casa de Bourbon a sua herança, sendo por isso seu successor D. Filippe, neto do grande Luiz XIV, que n'essa conjunctura fez a sua famosa declaração: «D'ora ávante não haverá mais Pyreneos».

A Europa espanta se com este successo, mas reconhece o Delfim, sob o nome de Filippe V.

D. Pedro era do numero.

Não se passaram muitos tempos que se não fizesse sentir uma serta reacção contra o enorme augmento da casa Bourbon, tendo por fóco a Austria que tinha um pretendente ao throno de Carlos II.

Facil foi a esta ligar-se á Hollanda, e á Inglaterra e facilima foi a esta metter na dança a D. Pedro II, attento a grande amizade do nosso rei pela já nossa *fiel* alliada, do que já tinha dado provas assignando o celebre tractado de Methwen que reduzia Portugal a uma herdade plantada de vinha e que nos anniquilava a todos os ramos industriaes que iam florescendo aqui e acolá.

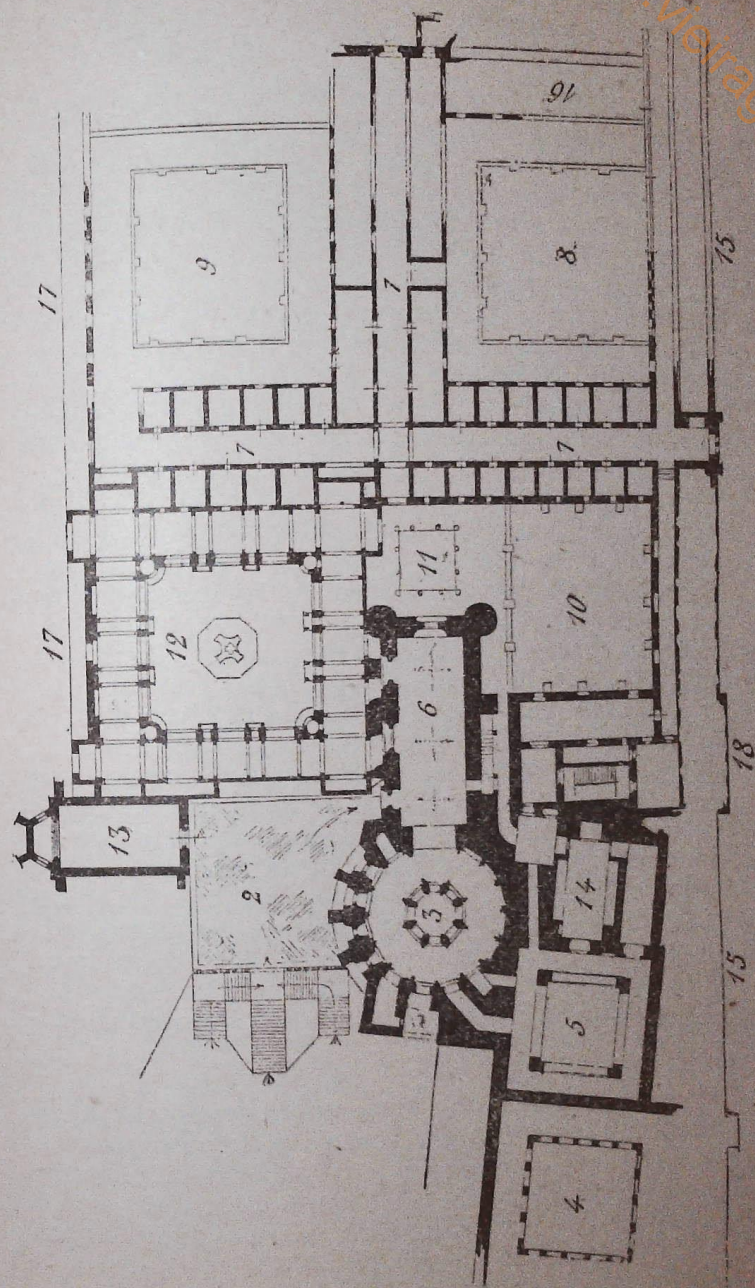
Para isso rasga os tractados que tinha com a França e com a Hespanha e expõe Portugal a ser a porta de entrada dos que tinham tudo a ganhar n'esta contenda.

O exercito portuguez e mais uns 10:000 alliados pegaram em armas e sob o commando do Marquez das Minas e do archiduque Carlos, o pretendente, invadem a Hespanha.

Vão e o marquez, intelligente, audaz e valente entra vencedôr, triumphante em Madrid, capital da grande nação que 126 annos antes, pela espada do glorioso general duque d'Alba, fez acclamar nas ruas de Lisboa Filippe II, como então o energico general portuguez em nome do filho do imperador Leopoldo, nomeava o corregedôr da humilhada cidade.

Pagina soberba, pagina gloriosa, pagina brilhante, mas pouco intensa.

Sem reforços novos, o valente e triumphante general teve de ceder perante o levantamento de toda a Hespanha, nobre e altiva irmã de Portugal; ella, como elle, nas horas d'amargura, de humilhação concentram em si toda a raiva da affronta e revelam ao mundo inteiro tal audacia, tal energia, tal amôr patrio que o mundo attonito os contem-

PLANTA INCOMPLETA DO MONUMENTO DE THOMAR

N.os 1, Terreiro; 2, Terraço; 3, Charola; 4, Claustro da Lavagem; 5, Claustro do Cemiterio; 6, Egreja; 7, 7, 7, Dormitorio; 8, Claustro da Micha; 9, Claustro dos Corvos; 10, Claustro da Hospedaria; 11, Claustro de Santa Barbara; 12, Claustro de D. João III; 13, Casa do Capitulo; 14, Sacristia; 15, 15, Fachada Norte; 16, Casas da Inquisição?; 17, 17, Fachada Sul; 18, Portaria.

pla e raro tem sido a occasião que se não curve deante do triumpho d'estes dois irmãos gemeos.

Agora succedia isso á valente Hespanha, e Portugal que, pela anglo-mania do rei, tinha entrado n'esta prejudicial lucta, convertia-se em theatro da guerra, regressando D. Pedro e o archiduque a Lisboa, tendo descançado em Thomar no soberbo convento de Christo.

Em breve morre D. Pedro, deixando o paiz lançado n'esta louca empreza de sustentar com o sacrificio da sua nação os direitos d'outrem.

O absolutismo gerava d'estes monstros e ainda era uma providencia serem passageiros; pois vemol-os durante este nefasto reinado de mais perniciosa influencia.

O tractado de Methwen, a maior nodoa do reinado de D. Pedro II, era a nossa ruina e o atrophiamento das nossas industrias, inclusivamente a agricola, embora produzissemos muito vinho, mas compravamos pão ao estrangeiro.

A terra estava toda aforada.

Ao nosso convento de Christo metade de Thomar pagava-lhe fôro, principalmente do rio para o poente.

Os frades no reino eram tantos que nas côrtes de 1668 os povos requereram que os paes fossem compellidos a dar seus filhos a algum officio *porque todos queriam ser frades ou clerigos*. Porisso os melhores rendimentos da nação eram consumidos por centenares de conventos, aonde vivia, na maior parte, uma multidão de ociosos e parasitas.

Na India queriamos um navio ou uma duzia de soldados para desaffrontar a gloriosa bandeira das quinas, não havia; no entanto D. Pedro, mandava a Nice uma soberba esquadra forrada d'ouro, e esplendidamente pintada.

As minas do Brazil começavam a dar ouro e diamantes.

O que se lhes fazia?

Passavam por Portugal, como outr'ora as especiarias do Oriente, e iam pagar o que vestiamos e o que comiamos.

Em vista d'isso no reino não havia pataco para pagar ás tropas e na India chegavam a tal apuro as finanças que o vice-rei, conde de Villa Verde, escrevia a 10 de dezembro de 16.5 a D. Pedro II o seguinte:

«Tenho escogitado muitos arbitrios para haver dinheiro e todos são arduos e muitos escrupulosos. Pareceu-me *offerecer os foros de fidalgos e os habitos de Christo*, de que

V. M. me fez honra, a pessoas em quem não ficassem com notoria desproporção, dando me cada um para esta guerra um donativo; porém para os foros, que ainda são dez, os com que me acho, não se animam os homens por pobres a dar quatro mil xerafins, que é a mais modica offerta com que se lhes podia conceder esta honra; e *os habitos de Christo*, a que elles com mais facilidade se arrojam, já os não possa dar, porque todos os que tinha deios a pessôas que os merecessem no serviço de V. M.; porém, fiado em sua real grandeza, me animo ao prometter da parte de V. M. aos que concorrerem para esta occasião com as quantias que eu lhes taxar conforme suas pessoas e merecimentos».

Base da humbreira da janella do baixo-côro (interior)

A que chegaram os gloriosos habitos de Christo!!

Comtudo ainda era a *elles que com mais facilidade se arrojavam.*

Que diriam os valentes companheiros de Lopo Dias de Sousa no glorioso dia de Ceuta; do primeiro navegador portuguez no inclito e immortal periodo dos nossos descobrimentos, Frei Gonçalo Velho; do arrojado D. Fernando, no dia celebre de Alcacer, o proprio Vasco da Gama que ao ter umas pendencias em Sines com o commendador de S. Thiago, D. Luiz Coutinho passou d'esta Ordem para a de Christo onde sómente teve o habito?!

Agora vendiam-se e no mestrado que vae começar vejamos a sorte que os espera.

Como tudo isto revela uma triste e revoltante decadencia!!

Narremos pois o mestrado do faustuoso *D. João V* em que se accentúam mais os males que vimos referindo emquanto á nação e na Ordem de Christo nada de monta nos fará ser longos, começando nós a descripção da sua administração e governação pela visita que elle e seus irmãos, D. Antonio e D. Manuel, fizeram no anno de 1714 ao convento de Thomar, aonde estiveram tres dias.

Começavam assim aos conventos as visitas do rei que tão faladas deviam ser.

Ao nosso nunca mais voltou, mas desforrou-se em muitos outros, principalmente de freiras; e estas visitas e um sem numero de negocios de santos, cardeaes e patriarchas levaram-lhe o melhor dos seus bellos dias de reinado, entregando, comtudo, os negocios politicos e diplomaticos nas mãos de sabios ministros, mas impotentes deante da sua omnipotente vontade; no numero d'estes já vemos brilhar, como estrella de primeira grandeza, o energico Sebastião José, o que devia ser mais tarde o grande marquez de Pombal.

Sommas incalculaveis foram gastas com aquelles negocios e desde a lubrica e luxuosissima ornamentação da cella da famosa madre Paula de Odivellas, passando pelo sorvedouro insaciavel de Roma que lhe benzia santos a 120:000 cruzados e lhe concedia a mercê de dizer em dia de finados, as tres missas por tambem choruda quantia, até á fundação da Patriarchal e da sumptuosa e riquissima basilica de Mafra aonde se calcula ter-se gasto em tudo 19:200 contos, foi um nunca acabar de gastar, consumir, prodigalisar, devorar loucamente os reditos do Estado e os milhões de milhões que o Brasil de suas minas exportava para Portugal.

Chega a parecer riqueza este faustuoso gastar?

Não, não é; infelizmente a nação nada produzia para que esses enormes cabedaes ficassem no reino.

Passavam por elle e iam engordar os nossos *amigos* inglezes que nos mandavam as manufacturas de Worcester, de Derby, Chelsea. etc., os hollandezes que nos expediam os celebres carrilhões, os italianos que nos vendiam as obras d'arte, os francezes que nos enviavam os paramentos.

Lisboa se queria agua que a pagasse; e um novo imposto levantou a alta e soberba arcada das Aguas-Livres que tanto honra os architectos do reinado deste orgulhoso e fôfo monarcha.

Que lhe importava a elle, assentado no seu relusente throno, qual outro Luiz XIV que quiz arremedar, rodeado da sua fradesca, cardinalicia e principalicia côrte, que o povo tivesse fome, que as estradas estivessem intransitaveis, que os tributos fossem muitos e que a divida publica augmentasse?

De nada queria saber; só lhe importava a definição do dogma da immaculada Conceição de Maria, a ardente devoção por S. José e S. Francisco de Assis, ser andador da Ordem Terceira, acolytar-se de muitos bispos, muitos conegos, muitos padres, muitos frades, a ponto de que, em uma das ultra-grandiosas procissões de Corpo de Deus só de cavalleiros da Ordem de Christo com seus mantos iam duzentos!!

Quem diria ao sabio D. Diniz que os seus queridos cavalleiros, que elle com tanta habilidade e previdencia tinha feito resurgir das mal apagadas cinzas dos heroicos templarios, deviam chegar somente a servir para ostentarem o luxo, faustuosidade, jactancia do caprichoso, enfatuado, magnifico, omnipotente rei!

No meio de tanto prodigalisar e tanto desgovernar, poucas cousas de util se salvam: a creação da Fabrica de sedas, o Tejo novo, a valla d'Azambuja, a Academia de Historia e pouco mais honram de certo o prodigo reinado do voluptuoso e bucolico rei que na Arcadia de Roma teve o nome de *Pastor Albano*.

Verdadeiramente a Real Academia de Historia foi uma creação feliz e que muita influencia teve nos estudos historicos, trazendo á luz muitos documentos importantes que se ignoravam e talvez se perdessem no cataclysmo do terremoto e que nós hoje aproveitámos ajudando-nos immenso no decurso d'este despretencioso trabalho.

A vida licenciosa e enervante de D. João V fel-o soffrer e soffrer muito nos ultimos annos da vida.

Uma paralysia arrastava-o todos os annos ás Caldas da Rainha, aonde *heroicos* e *valentes* enfermeiros o mettiam no banho, *glorioso trabalho* pelo que receberam cem dobrões de seis mil e quatrocentos réis cada um e o *habito de Christo*.

O mesmo que só teve o immortal Gama, o grão capitão da primeira viagem á India!!

No mestrado anterior vimos propôr-se a venda, agora dava-se esse habito aos enfermeiros do rei!

Não é por ser enfermeiro o agraciado a causa do nosso reparo; pois pela nossa profissão não desconhecemos os actos de coragem, abnegação, até heroicos de alguns d'esses benemeritos empregados; mas a doença que a pouco mais os obrigaria; apesar do cuidado que requeria, é verdade, a omnipotente pessoa do enfermo, do que a mergulhal-o nas sulfurosas aguas; isso é que é digno de aspera critica e de protestarmos bem alto contra o aviltamento; porque passava a memoria de tantos capitães illustres, de tantos soldados heroicos, de tantos cavalleiros animosos que por entre perigos e guerras esforçadas ajudaram a edificar

Novo reino, que tanto sublimaram.

Como tudo isto precisava reforma!!

A nação, corroida pelos jesuitas e frades d'outras ordens, apresentava, ao morrer D. João V, um espectaculo ridiculo e miseravel e a Ordem de Christo, apesar da reimpressão dos Estatutos em 1717, não ia tambem em muito bons fóros de moralisação; pois o D. Prior Geral Fr. Fernando de Moraes, ao tempo, lembrava a D. João que mandasse, o mais breve possivel, convocar Capitulo Geral dos Cavalleiros no Real convento de Thomar, para que n'elle se tomasse a resolução mais conveniente ao bem da Ordem e do serviço de Deus.

Mas D. João ou não leu o pedido ou não se importou mais saber dos nobres e tambem, já ao tempo, plebeus freires e cavalleiros, desde que os visitou.

Não admirava; o tempo não lhe chegava para tudo; apezar da reunião do capitulo ser, outrosim, a bem do serviço de Deus.

Então a freirinha de Odivellas, a Patriarchal, procissões, confrarias, benzedelas, Mafra, etc., etc., não lhe roubava o melhor do tempo?

Além d'isso, um capitulo da Ordem de Christo não devia ser grande assumpto que o prendesse muito; pois tinha pouca lithurgia e seus membros nem todos, a maior parte,

eram frades com quem poderia tratar de negocios de sacristia, unico consolo da vida do beatico soberano e mesmo esses poucos frades, attento á sua gerarchia, não eram dos mais agarrados ás paredes claustraes, nem tão pouco á severidade do breviario.

D'ahi, quem sabe, talvez proviesse este abandono, esta indifferença pela Ordem, cujas honras lhe serviam para adornar os peitos dos banheiros para satisfação do seu balofo orgulho e da sua tonta bazofia.

Mas entremos na famosa epocha de *D. José* em que o arrojado genio do grande Marquez de Pombal remeche em tudo, revolve todo o caduco edificio social portuguez, galvaniza esta pobre e mal afortunada nação, cauterisa rubramente a gangrena do nosso corpo social intoxicado pela educação jesuitica.

Ao sopro potente da sua grande intelligencia, tudo se anima, tudo se desenvolve e o grande corpo da nação, que quasi se esphacelava aos embates do fanatismo e da incuria, toma vida e expande-se com toda a energia, com toda a grandeza n'esse periodo celebre da nossa historia.

O absolutismo puro, que D. Pedro II fundou e que D. João V, com tanto arreganho, praticou, dá-nos agora o reverso da medalha.

D. José é o digno successor de seu pae; mas tambem é o rei que reina sob o governo sabio, energico, patriotico do grande estadista que tem na historia o nome glorioso de Marquez de Pombal.

Não reuniu côrtes o portentoso homem de estado, abusou do poder, bem o sabemos; mas que fazer deante da moribunda nação?

Medico habil e energico, receitava tonicos, excitantes de toda a especie e qualidade.

Assim fez o grande regenerador da nossa debilitada economia.

Sopear a nobreza, expulsar os jesuitas, causadores da decadencia intellectual portugueza, abrir escolas, academias, arrasar os vinhedos das baixas do Tejo, semear trigo, fundar fabricas, animar as industrias, desenvolver o commercio, romper estradas, chamar dos centros industriaes extrangeiros artistas para ensinar os nossos, fazer respeitar o nome portuguez fóra e dentro do paiz, fazer prosperar as colonias, cortar os largos vôos á Inquisição,

que devia supprimir, a extincção dos pequenos morgados, suppressão de algumas regalias dos conventos, que continuavam a absorver toda a riqueza da nação, eis a grande obra do eminente estadista que D. José com tão grande senso referendou

A nobre Ordem de Christo, no meio d'este reformar constante e tão util, esperava tambem a sua vez, mas passou a salvo, vendo nós hoje o grande auxilio que prestou á sabia reforma do ensino intentado pelo illustre ministro.

Na Universidade cria as faculdades de mathematica e de philosophia, subsidiando-as: aquella com duas commendas e esta com uma da illustre Ordem de Christo.

No convento umas pinturas na egreja, que nos são indicadas pelas palavras *Reformadus in era de 1758* que estão por baixo do pulpito, dão-nos a contingencia artistica d'este mestrado.

A importante renascença dos estudos, para que a Ordem de Christo agora concorre com tres commendas, e com aulas no seu convento, não affrouxa no reinado seguinte e vemos assim a creação da Real Academia das Sciencias, Bibliotheca Publica, etc., serem brilhantes provas dos continuadores dos discipulos do glorioso desterrado de Pombal.

José de Seabra da Silva é da escola do grande ministro e deve ser contado entre os portuguezes illustres que bem amaram a patria o que *D. Maria* reconheceu chamando-o ao seu governo e fazendo-o commendador da Ordem de Christo, com o rendimento de 2:250 cruzados, depois de regressar do seu infeliz e mysterioso exilio.

Muito concorreu José de Seabra com seu vasto saber e grande intelligencia para a continuação da grande obra e para a repressão do espirito fanatico que novamente, após a morte de D. José, se quiz levantar e, infelizmente, levantou, a ponto de endoidecer a pobre rainha, o que a tornou interdicta e o seu habil e liberal ministro, accusado de jacobino e revolucionario, foi demittido de todos os seus empregos e desterrado para a quinta do Canal, no campo de Coimbra.

Mas antes da completa victoria do clericalismo, vejamos as leis que seis mezes depois de ser chamado para a pasta do reino, o illustre José de Seabra, foram publicadas para

pôr um travez á desmoralisação e falta de respeito que havia pelas insignes ordens militares.

Isso não admirava:

Já vimos no mestrado de D. Pedro e D. João o destino que iam tendo os habitos de Christo e no de D. José, talvez, o grande marquez, em mais do que uma occasião, os lançasse aos peitos dos seus partidarios, recompensando alguma acção meritoria para elle, sem que se importasse saber do valor moral do agraciado.

D'ahi esta reforma; facto que no decreto que a promulga se vê claramente, occultando-se todavia uma outra rasão d'ella: as casacas do tempo, espalhafatosas, arrendadas, luzentes, precisavam d'uma medalha grande, brilhante, uma gran cruz, indicativa de nobreza e grandeza, o que as velhas commendas e habitos já não davam, visto muito terem perdido da sua antiga consideração.

São esses documentos: a carta de lei de 19 de junho de 1789 e o alvará de 15 de setembro do mesmo anno, em que D. Maria, como mestra das tres Ordens de cavallaria de Christo, S. Bento d'Aviz e S. Thiago, ordena novas providencias para bem, melhoramento e dignidade d'ellas.

Faremos uma synthese d'esses decretos, salientando o que directamente dizem da Ordem de Christo.

D. Maria I pela palavra do seu habil ministro do reino, diz o seguinte:

Pertencendo-lhe, como grãn-mestra, prover dentro das mesmas Ordens tudo quanto parecer conveniente, não só á guarda e observancia dos seus estatutos, mas o que fôr proprio ao seu bem e melhoramento espiritual e ecclesiastico, como o praticaram os mestres seus antepassados, movidos da mudança e alterações dos tempos, auxiliar com providencias civis e temporarias o bem, melhoramento e authoridade das mesmas ordens; vendo que de muitos annos a esta parte se tem de maneira confundido e perturbado a dignidade e consideração civil e temporal das ditas Ordens, principalmente no provimento dos cavalleiros d'ella, que a eu não auxiliar com providencias proprias e accommodadas a tanta desordem e relaxação, se chegaria por fim ao ponto extremo d'ellas não serem nem consideradas nem estimadas como insignias de honra e de dignidade: resolveu com o parecer de muitas pessôas da Ordem, de seu conselho, e outras muito doutas e zelosas do serviço

de Deus e seu, e da causa publica do Estado, que n'isto se interessa, ordenar aos ditos respeitos, para bem, melhoramento e dignidade civil e politica das tres Ordens o seguinte:

Era pratica seguida pelos grãos-mestres, seus predecessores, usar somente da venera e insignia da gloriosissima Ordem de Christo e ella mesma praticou até ao presente decreto, mas como sendo grão mestra d'esta Ordem, da de Aviz e da de S. Thiago da Espada, devia honrar e prezar a todas, houve por bem usar d'aqui em diante distinctamente das veneras, medalhas, ou insignias de todos tres.

O Principe, como herdeiro do reino, e os que depois d'elle o fossem, era commendador-mór nato, em razão de ser essa dignidade, na ordem civil, temporal e politica, a primeira depois do grão mestre e como era commendador-mór das outras duas Ordens, tambem usava das veneras e insignias de todas as tres ordens.

Depois do grão-mestre o commendador-mór, as dignidades e distincções na Ordem eram gradualmente as gran-cruzes, os commendadores e os cavalleiros.

Criou doze gran-cruzes, sendo seis da ordem de Christo.

Os Infantes serão gran-cruzes da ordem ou ordens em que forem providos, sem que se espere pela edade, nem se entenda que entra no numero dos doze.

A' dignidade de gran-cruz sómente será promovida pessoa que pela qualidade preeminente ou por serviços militares ou politicos, se faça recommendavel e benemerita d'ella, devendo reservar-se ao supremo arbitrio do gran-mestre o pezar individualmente e com maior circumspecção as circumstancias dos que se propozer honrar com esta distincção, considerando que deixará de ser prezada logo que se facilitar sem toda a prudencia.

N'essa alta dignidade ninguem será promovido antes da edade de quarenta annos e só o será n'uma vida e sendo já commendador; pois não o sendo fazer-se-lhe-ha mercê d'ella, para que lhe sirva como de titulo ou grau para a promoção.

A insignia ou venera da gran-cruz será mandada pelo gran mestre ao provido, acompanhada de uma carta regia, que lhe servirá de titulo.

Por morte do gran-cruz se restituirá a medalha, entregando-se ao secretario d'estado dos negocios do reino, para a apresentar ao gran mestre.

A insignia, venera ou medalha de gran cruz será a mesma em substancia da dos commendadores, com a differença porém, de os gran cruzes poderem trazel a pendente em banda lançada do hombro direito ao lado esquerdo sobre o vestido.

A banda na Ordem de Christo é de côr encarnada.

Os gran-cruzes terão sempre preferencia aos commendadores, ainda que estes sejam mais antigos na Ordem.

Não tendo o gran cruz por outras honras o tratamento de excellencia fica com elle por esse facto.

Querendo conservar na memoria as antigas dignidades da Ordem, quaes eram depois do commendador mór, o claveiro e o alferes, ordenava que dos gran cruzes um fosse o claveiro e o outro o alferes e que como taes tivessem cada um preferencia aos outros gran cruzes.

Entre as dignidades e gran-cruzes, havendo concorrencia, se observará a ordem seguinte: o gran-cruz claveiro, e depois d'elle o gran-cruz alferes, terão preferencia aos outros gran cruzes e a preferencia d'estes será regulada pela antiguidade da sua creação.

Todos os gran cruzes da Ordem de Christo precederão em concurso aos de Aviz e estes aos de S. Thiago, entendendo-se que esta precedencia é ordenada em beneficio da regularidade e ordem, sem que d'ella se possa concluir nem pretender que os gran-cruzes de S. Thiago são inferiores aos de Christo.

Os commendadores das tres Ordens, concorrendo como taes, precederão sem divisão de Ordem, segundo a antiguidade de commendadores.

As medalhas ou veneras dos gran-cruzes ou dos commendadores deverão ser differentes das dos cavalleiros da maneira seguinte:

Propondo-se estabelecer e deixar á posteridade um monumento da sua particular devoção ao Santissimo Coração de Jesus, trazendo á memoria que o Senhor rei D. Sebastião para demonstração sua, do santo do seu nome, tinha resoluto ornar a ordem de Christo com a insignia de uma setta atravessada sobre a cruz; havia por bem que os gran-cruzes, e os commendadores das tres Ordens e nenhuns outros cavalleiros tragam para se distinguirem sobre a cruz

das suas veneras um coração e que tambem o tragam na chapa ou sobreposto bordado no vestido.

Tanto os gran-cruzes, como os commendadores que estiverem na côrte assistirão á festividade que se fará no convento da Estrella no dia de Coração de Jesus.

Os maiores postos e cargos politicos, militares e civis serão ornados, havendo serviços, com o habito da Ordem de Christo.

Etc., etc., etc.

Esta carta de lei não foi logo posta em execução, por faltarem aos grã-cruzes e commendadores as veneras e insignias de que, segundo ella, deviam usar, dilatando esse praso até novembro.

Ainda se publicou mais o alvará de 15 de setembro de 1789, ordenando que entre os grã-cruzes das tres ordens militares de Christo, Aviz e S. Thiago houvesse perfeita egualdade de precedencia.

D. Maria regularisava assim a nobre Ordem de Christo e, auctorisada por Pio VI que de Roma lhe envia um Breve Apostolico a 11 d'agosto d'este anno, nomeia por decreto assignado tambam pelo illustre José de Seabra da Silva, de 15 de junho de 1791, D. Francisco Raphael de Castro, Conselheiro de Estado, Principal da Santa Egreja de Lisboa, e Reformador e Reitor da Universidade de Coimbra, em substituição de D. Domingos de Assis Mascarenhas, Principal da Santa Egreja de Lisboa, que tinha sido nomeado, mas que falleceu n'este comenos, para reformar o convento de Thomar, restituindo e repondo nas primitivas leis os religiosos d'elle, como d'antes da reforma praticada na Ordem de Christo por Frei Antonio de Lisboa.

O novo Estatuto foi feito em Lisboa a 30 de março de 1792 e a 3 de maio do mesmo anno, vindo a Thomar o escrivão José Valladares, e tendo o D. Prior Geral mandado reunir o capitulo a toque de sino no convento, foi-lhe intimada e lida a nova regra, a qual todos os do capitulo respeitaram, protestando publicamente obedecer-lhe.

Ora pudera: rompia com a asphyxiante clausura, contra a qual, hoje os documentos nos mostram, aqui e alli houve protestos mais do que uma vez dos nobres e patrioticos freires de Christo.

Foram estes sempre christãos e deram provas de subido patriotismo.

Nunca se envolveram nos altos enredos da politica jesuitica, que tantos males trouxe á sociedade portugueza durante os seculos XVII e XVIII.

Eram crentes, mas não eram fanaticos.

O convento para elles não se tornava n'uma prisão, era uma vivenda e d'ahi a reforma no sentido de poderem ficar fóra d'elle.

Bem diziamos nós que ao reformarem-se os gloriosissimos cavalleiros de Christo nos tempos mysticos de D. João III, alguns, senão todos, haviam protestado contra a creação dos seus successores; elles, que importantes serviços ainda podiam prestar em prol da patria e da civilisação.

Vimos depois como se comportaram durante dois seculos de jesuitismo e de carolice, e agora, que a desmoralisação e a caducidade do reino lhes franqueavam a porta para recuperarem a liberdade, aproveitaram-n'a, rompendo a clausura atrophiante e corruptora.

Vieram para d'onde nunca deveriam ter sahido.

E senão digam-nos:

Não prestou a cavallaria tantos e tantos serviços ainda como arma principal?

E se esta tinha que ceder o passo á infanteria, mas ficando-lhe ainda assim um papel importantissimo na guerra, porque se não devia transformar a cavallaria de Christo n'um garboso e valente corpo de combate?

Não foi ainda á cavallaria, principalmente, que se deveram essas brilhantes batalhas da gloriosa guerra da acclamação?

A nossa raça perdeu-se com o seu mysticismo e D. João III mais a perverteu com esse terrivel inimigo da luz e da sciencia — a Inquisição e com a avassalladora acção do jesuita astuto e velhaco.

Estamos certos de que D. Maria com a sua carta de lei não ia restabelecer á ordem de Christo o seu antigo prestigio, o seu antigo valôr, o seu antigo valimento.

As ideias cada vez mais mudadas pelas doutrinas da nova philosophia, iam revolucionando os alicerces do velho edificio social.

O grande marquez começou a obra da abolição d'uma infinidade de privilegios, o que muito devia contribuir para a pratica das novas theorias que arrazaram o velho mundo e que em França fizeram explodir o grandioso aconteci-

mento da Revolução, que vae proclamar os direitos do homem, derrubar os privilegios e ser a base augusta e veneranda das novas instituições liberaes, a maior gloria do seculo que acaba de findar.

Mas se não vae dar esse respeito, ao menos, prova a grande consideração que ainda queria ter pelo nosso passado glorioso, e pelo alto testemunho de reconhecimento pelos serviços prestados á patria, ainda por alguns d'esses briosos portuguezes em cujas veias lhes corria o sangue rubro de civismo e patriotismo dos seus gloriosos ascendentes.

A revolução rebenta com todo o impeto.

Alastra a terra e Portugal recebe pelas altivas legiões as fecundantes sementes de suas futuras liberdades e D. João, regente do reino, espavorido, foge para o Brazil e deixa a nação entregue a si mesma que n'um esforço heroico, sublime como sempre nas causas grandes e patrioticas, expulsa do torrão da patria os invasores napoleonicos.

O inglez vem mais uma vez á peninsula por interesse proprio; porque para elle a guerra deve ser feita em casa extranha.

A sua estava em paz e as industrias iam-se-lhe desenvolvendo para fornecer os exercitos belligerantes.

Emquanto que em Portugal morriam de inanição e muitas vezes o incendio, lançado por mão interesseira, acabava com as mais robustas.

As fabricas recebiam assim golpe mortal e os palacios dos ricos e os conventos, thesouros d'arte e de riqueza, não menos soffriam.

Ha uma lenda entre os portuguezes que é preciso que se attenue, assim como é preciso que se reduza o facto aos seus verdadeiros limites: depois das invasões de Napoleão, de tudo quanto foi roubado e se estragou foram os francezes os ladrões e os estragadores.

E os inglezes?

E os portuguezes?

Bem sabemos que os exercitos francezes foram uns grandes devastadores, chegando mesmo a serem crueis.

Mas os inglezes e os portuguezes muito e muito mais foram os causadores de tantos males que soffremos e ainda estamos soffrendo.

O proprio general Wellesley, o que devia ser mais tarde duque de Wellington, escrevendo de Coimbra a sir J. Villiers, ministro inglez em Lisboa, dizia-lhe o seguinte a respeito das suas tropas:

«Teem saqueado o paiz do modo mais terrivel, o que me causa o mais vivo desgosto», e a lord Castlereagh, celebre estadista inglez, alma das colligações contra Napoleão, communica-lhe tambem em cartas que «o exercito comporta se horrivelmente mal. E' uma canalha que não supporta o exito melhor do que o exercito de sir John Moore pode supportar o destroço. E'-me impossivel descrever lhe todos os ultrages e violencias que as nossas tropas commettem.»

Isto é escripto em 1809 e de Abrantes.

Notemos este ponto, pois em breve nos servirá.

Não era só a tropa que saqueava a pobre lorpa que vinha soccorrer, estrangulando-o.

O governo inglez assignou tratados comnosco em 19 de fevereiro de 1810.

Servimos de carneiro e elle de leão:

Monopolio commercial em Portugal, nas colonias e abolição do trafico dos negros, eis os principaes artigos do ominoso tratado de commercio, origem do nosso verdadeiro aniquilamento, peor do que a dura e atroz guerra franceza.

E a prova e que de 1796 a 1807, a exportação de manufacturas portuguezas para as colonias subiu a 94 milhões de cruzados: nos dez annos seguintes é de 2 milhões apenas.

Em eguaes periodos o Brazil manda para Portugal generos no valor de 353 milhões de cruzados, antes, e de 189 depois; e a exportação portugueza que fora de 300 milhões baixa a 159.

Querem mais?

Em 1806 tinham sido reexportados de Portugal 14 milhões de generos brazileiros; em 1819 eram-no sómente quatro.

Emfim o rendimento das alfandegas baixava quatro ou cinco mil contos.

Isto pelo lado economico; pois pelo lado artistico tambem foi uma razzia: os ricos mobiliarios das casas nobres, as finissimas porcellanas da China e do Japão, as deslumbrantes colchas da India, as valiosas joias do Oriente e da

America, os soberbos quadros portuguezes, as preciosas illuminuras dos nossos codices, as obras primas da nossa inconfundivel ourivesaria e de tantas outras industrias foram ennobrecer, adornar, confortar o palacio de opulento *lord*, como enriquecer os recheados museus da *city*.

O nosso grandioso e soberbo convento de Christo, um dos mais artisticos de Portugal, muito soffreu por esta quadra.

E' tradição que as luxuosissimas cadeiras do côro foram arrancadas, quebradas e empregadas debaixo das trempes sustentadoras dos negros caldeirões francezes.

Seriam; mas custa a crer que os soldados de Napoleão fizessem essa barbaridade em Thomar, e n'este convento, aonde havia tantas portas, sobrados, bancos, etc., e tanta lenha nos campos, que com mais facilidade poderiam utilisar.

Leval-as iam nos espolios?

Poderia ser; mas, apezar de ellas serem d'um grandissimo valor, não opinamos que elles fossem carregados com taboas para França, quando por essa encantadora e artistica Hespanha tinham talha, senão mais rica, ao menos igual, como já tivemos occasião de admirar em terras por onde as legiões napoleonicas passaram terriveis, esterminadoras, mas deixando ficar em paz esses productos d'uma arte elevada, bella, rica.

Em paz tambem estiveram as nossas bellissimas cadeiras e as invasões de 1808 e 1809 passaram sem lhes bolirem.

A primeira desencadeou o seu terror e a sua desvastação, pelo centro do paiz, é certo e a segunda invasão, um pouco mais humana, entrou pelo norte e limitou se a Coimbra, não sentindo Thomar os seus effeitos, pois o cadeiral ficou no seu logar intacto, como o reproduzimos d'uma copia feita em fins de 1809 e segundo se diz por em official inglez aboletado no convento de Christo ao serem distribuidas as tropas de Wellington por diversas terras de Portugal, cabendo a Thomar os regimentos 4, 7, 10, 13, 19 e as brigadas de artilheria e a nós parece nos que foi mão de portugueza que debuxou tão peregrina obra, pois o nome de *Macedo* que assigna essa copia assim o denota.

Aqui passaram o inverno d'esse anno até á primavera seguinte.

Em 1810 Massena, acossado pela valentia e intrepidez do exercito alliado, impotente de poder forçar as formidaveis linhas de Torres Vedras, retira sobre Santarem, estabelecendo o seu quartel general em Torres Novas.

Distribuido o seu numeroso exercito por varios pontos, coube a Thomar o 6.º corpo commandado por Ney, vindo para esta villa em meiados de novembro onde esteve até principios de março.

Se houve inverno grande, foi o d'esse anno.

Frios, chuvas, vendavaes, as estradas impossiveis de trilhar, viveres escassos e longe, forragens raras, chegando a morrer muito gado.

E não bastava a Thomar só a tropa do marechal Ney, veiu tambem augmentar o numero dos seus consumidores a do commando do general conde d'Erlon que em dezembro entrou em Portugal em auxilio de Massena.

Uma providencia foi o demorar-se pouco, pois Massena mandou estabelecel-o em Leiria.

O inverno continuava a fustigar os invasores que se viam n'uma tristissima situação, causa de innumeros actos de vandalismo e de atrocidades sem conto.

Pelas egrejas, pelos conventos o vandalismo subiu de ponto e não muito difficil é acceitar que esta permanencia das tropas de Ney em Thomar concorresse muito para a destruição de muitas preciosidades como as cadeiras ricamente esculpidas do nosso côro.

Comtudo Guingret, chefe de batalhão no exercito francez, e testemunha presencial dos acontecimentos que relata, diz na sua *Relação:*

«O 6.º corpo que occupava Thomar, Santa Cruz, Ourem, etc., em segunda linha, era menos constrangido a ir longe procurar viveres do que o resto do exercito; as villas e terras por elle occupadas não se encontravam em tamanha ruina como as visinhas a Santarem, e os seus soldados percorriam menores distancias para encontrarem sitios que ainda não tivessem sido saqueados.

«Por este modo poude o 6.º corpo fornecer algumas vezes de mantimentos os outros, que se não achavam tão favoravelmente acantonados.»

Mais sabemos que de toda a legião do principe de Essling, os soldados de Ney foram os mais disciplinados, os mais obedientes ás ordens do seu chefe.

Este era homem intelligente e illustrado e decerto devia installar-se no soberbo convento de Christo, que pela sua riqueza concorria para a abastança em que viveu o corpo de exercito d'este illustre marechal.

Seria crivel que para se aquecerem, para fazer comer destruissem tão grande preciosidade?

Vingança?

De quê? pois não os trataram tão bem, como diz Guingret?!

Por que não devemos acreditar antes n'outros destruidores, tanto mais que já vimos a disciplina, a conducta dos nossos *fieis* alliados, e como diz o nosso illustrado historiador Pinheiro Chagas:

«Wellington em Torres Vedras não defendeu Portugal, defendeu a Inglaterra; entregou o reino todo devastado aos francezes, o que não é decerto o melhor modo de o salvar!»

Devastado sim, pois o plano do grande general inglez foi terrivel e horrivel e em Thomar estiveram, passando o inverno anterior as tropas que apontamos n'outra pagina e que muito bem podiam ter sido os depredadores de tão preciosa obra, de tão rico cadeiral.

Aos soberbos quadros da *Charola* tambem arranjaram uma lenda, e entram os francezes por exterminadores; não sabendo nós quem a originou porque depois dos francezes passarem por Thomar, annos e bastantes, existiam no convento de Christo e na *Charola* os quadros que hoje alli faltam e estão os que lá não estavam.

Para onde foram e d'onde vieram os que estão?

Em breve responderemos.

No entanto vejamos D. João VI como regente em 1802 criar mais doze commendas na nossa Ordem de Christo, em 1807 mandar avisar o D. Prior para que este dispozesse as cousas bem no convento de Thomar para n'elle se aquartellarem as tropas, e a 26 de maio do mesmo anno, determinar que continuem a haver os seis freires serventes que já de D. Gil Martins vinham existindo e que um d'elles seria o cartorario, o cirurgião, o boticario e os outros tres fossem empregados nas mais officinas e provedorias e após a morte de D. Maria I acclamar se rei n'esse opulento Brasil que agora é a metropole e Portugal a colonia.

N'aquella vivia a côrte parasita e ociosamente, comendo os enormes rendimentos que do reino iam.

N'este morria-se de fome e gemia-se debaixo d'um jugo de ferro, pesado, despotico.

Beresford era o rei d'este povo de famintos e de heroes.

As bellas e sympathicas sementes de liberdade que as campanhas napoleonicas tinham lançado a terra peninsular, germinavam já e em 1817 o sangue do inclyto general Gomes Freire de Andrade, como se fosse agua santa, bemdita, regava-as fazendo-as fecundar na gloriosa revolução do Porto de 1820.

Ignobil morte a d'este martyr da liberdade!!

Paremos um pouco; porque é digno da veneração da historia e do respeito de todos os portuguezes o enforcamento d'este altivo cavalleiro de Christo.

Gomes Freire de Andrade, o valente soldado da tomada d'Ocza Koff que lhe rendeu uma espada d'honra, a cruz de S. Jorge e o posto de coronel do exercito russo, da heroica retirada dos Pyreneos e o inclyto capitão que o epico Imperador da França tanto admirava, é preso insolentemente por um official de patente inferior á sua e morto vilmente na forca como qualquer scelerado!!

O seu vulto era grande e maior a sua sombra, ao nefasto e despotico Beresford.

Era preciso illiminal-o e o que mais nos revolta hoje é que houvesse portuguezes juizes, executores da *alta* justiça.

A que tinha descido Portugal!!

Prendia se, encarcerava-se, sentenciava-se, enforcava-se, queimava-se, e lançava-se ao mar as cinzas d'um portuguez illustre, d'um heroico general que praticou o *crime* de alguem lhe dizer que uns poucos de officiaes se tinham reunido para derrubar o regimen absoluto, expulsar do nosso exercito os insolentes officiaes inglezes e fazer voltar ao paiz o verdadeiro rei da nação!!

Causa pena e tristeza o vêr desapparecer assim tão grande e tão prestante cidadão e causa tedio, asco, vergonha o saber-se que o juiz, que verdadeiramente prendeu o grande portuguez, recebeu em paga uma commenda de Christo; e, ao tempo, o desembargador ajudante do intendente José Vicente Casal Ribeiro, não tendo filhos, recebeu a mercê de um habito de Christo para o filho mais velho!!

E' o que faltava á nobilissima Ordem de Christo! já

vimos propôr-se a venda dos seus habitos, condecorar com elles os criados de banho; agora era tal o desprezo por ella ou a audacia de condecorar, que se dava a um pae um habito para um filho que não existia!

Assistimos ao iniciar da grande creação do potente cerebro de D. Diniz; descrevemos o seu robustecimento e grandeza; vimos como ella era galardão a inclytos serviços, como ella honrava as armaduras e ennobrecia a vida de heroicos feitos de egregios campeões da Fé e da Patria; agora é bom que vejamos, como se malbaratava, vilipendiava essa nobilissima ordem de honrosissimas tradições, indo brilhar, reluzente de pedrarias, nos criminosos peitos de beleguins refalsos e de juizes de innocentes victimas.

Não sejam só grandezas as descriptas nas paginas passadas; tambem, como em todas as cousas creadas pela mão do homem, apontemos os prenuncios, symptomas, signaes de decrepidez que vae apresentando, soffrendo esse brilhante e potente organismo de tempos gloriosos, heroicos, epicos; organismo que retratava então por assim dizer a grandiosa nação que lhe servia de mãe; assim como agora era o fiel representante do estado cachetico, miseravel, ignobil a que essa infeliz nação chegava, comida pelos privilegios, superstições e subserviencia á Inglaterra.

Mas não tarda que raie a aurora da liberdade e que por alguns tempos gozemos do bello sol que illumina a todos e que quer dar vida, forças, energia á moribunda nação.

A revolução é feita e a constituição liberrima redigida pelas celebres côrtes de 1821 é jurada por D. João, já de volta do Brasil.

A nação applaude a nova e bemdita era que desponta; e n'um fremito de enthusiasmo envia de toda a parte ás notaveis constituintes, felicitações espontaneas de admiração e incitamento aos que tão dignamente pugnavam pelos sagrados direitos d'ella e pelo seu resurgimento.

A camara de Thomar, com envaidecimento o dizemos, foi a primeira a felicitar e a prestar homenagem ao augusto congresso e o convento da gloriosa cavallaria de Christo que, a 4 de dezembro de 1822 na sua egreja, sob a presidencia do Superior Frei Placido Luiz Esteves de Brito, jura guardar e fazer guardar a Constituição Politica da

Monarchia Portugueza acabada de decretar nas côrtes Constituintes, conta um dos seus illustres membros no numero d'esses independentes representantes do paiz que tão alto levaram o nome de Portugal pelo seu acrisolado amor da Patria.

Atraz dissemos que os cavalleiros de Christo eram homens illustrados, benemeritos e patriotas, agora cumpre-nos apontal-os tambem como liberaes.

Já narramos o que fizeram collectivamente, notemos agora que mais do que um freire foi perseguido, preso, desauctorado, até mesmo enforcado por defender a liberdade.

De tres conhecemos nós os seus nomes, que reproduzimos em respeitosa homenagem pelo muito que fizeram pela grandiosa causa da emancipação do nobre povo portuguez.

Foram elles: Frei Bento Luiz Botelho d'Almeida Camello, Frei Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, que foi enforcado a 7 de maio de 1829, na Praça Nova do Porto, e o outro, embora não membro professo, era commendador da nobre Ordem, Alexandre Alberto de Serpa Pinto, que foi desauctorado por revolucionar tropas e ir á frente d'ellas contra as do maquez de Chaves.

Um representante d'essas côrtes, que ficarão na historia como umas das mais celebres de Portugal, era, como dissémos, tambem freire do convento de Christo, um dos poucos frades que entrou n'ellas; pois só as mais altas e proeminentes figuras do magisterio, da sciencia, da magistratura, da sciencia, do commercio, da agricultura, do clero e do exercito, é que tiveram logar, como a mais genuina e independente representação nacional.

Foi elle Annes de Carvalho, liberal convicto, que fez parte de varias commissões e tomou a palavra em muitas e importantes controversias, em que revelou altos dotes oratorios, expandindo sempre idéas generosas, liberaes, repassadas da mais assisada prudencia e do maior senso practico.

Foram liberrimas de mais estas constituintes, as primeiras que se reuniram em Portugal, e d'essas liberdades que promulgou se derivaram incongruencias que as fizeram baquear.

Cortaram largo, mas não tão largo e tão bem, como era preciso.

A Inquisição, esse nefasto e terrivel tribunal, factor importantissimo da misera decadencia da nobre raça peninsular, que já tinha levado grande golpe, vibrado pelo illustre Pombal, agora recebe um de morte e afunda-se n'um mar de imprecações, enthusiasmo e alegria dos que escaparam das sentenças de sangue e de anniquilamento dos perversos juizes d'essa pavorosa instituição.

A infinidade de conventos, outro cancro da sociedade portugueza, tambem foi alvejada, diminuindo o seu numero, fechando as portas os mais pobres.

Os dizimos, que sustentavam quasi meia nação de parasitas, eram desviados em parte d'esse improductivo caminho e eram applicados ao pagamento da divida nacional.

O collegio, que em Coimbra era sustentado pela Ordem de Christo, foi secularisado pela lei de 24 de outubro de 1822, e junto com os das Ordens de S. Bento d'Aviz e de S. Thiago ficou formando um só — o Collegio Litterario.

Muitas e muitas outras leis foram promulgadas a favor da regeneração da patria, mas infelizmente não puderam durar muito, pois o tufão indomavel da reacção desencadeou-se, e a admiravel e sublime obra dos eminentes homens de 20 baqueia, mas «não poude arrancar do solo as raizes da liberdade, que tornaram a rebentar annos depois e que bracejaram os ramos floridos da arvore constitucional, regada pelo sangue generoso que se derramou por espaço de seis annos nos cadafalsos e nos campos de batalha».

De todo este vacillar, de todo este tremedal de lucta e de augustia em que se debatem, o regimen das trevas, dos privilegios, da tyrannia, personificado no popular, mas brutal D. Miguel, contra o da luz, da lei e da liberdade, encarnado na gentil e encantadora criança D. Maria II, vem innumeros prejuizos á communidade de Christo, sentindo-se para breve o seu anniquilamento de envolta com muitos outros que parasitariamente enchiam o carcomido solo da patria.

As Ordens militares disfructavam os bens de 653 commendas e os conventos de todas as ordens eram 524 com uma população de 12 mil varões e femeas que absorviam a renda de quasi 1000 contos em dinheiro, e milhares de

moios de trigo, de milho, cevada, pipas de vinho, cascos de azeite, e enormes varas de porcos e rebanhos de carneiros, e bandos de um sem numero de varias aves. Emfim eram, cifra redonda, 30:000 o numero de ecclesiasticos de toda a especie com um rendimento total avaliado em 6:000 contos de réis.

Este phagedénico cancro precisava extirpação urgente. Joaquim Antonio d'Aguiar, o grande ministro de D. Pedro IV, tinha razão e é assim que se practica quando se quer fazer alguma cousa de util e de grande e o permittem as circumstancias.

Não seremos nós que vamos aqui increpar a veneranda memoria do illustre portuguez; mas parece-nos, que os nobres e patrioticos freires de Christo deviam ser poupados no seu precioso decreto, convertendo-os, pela sua illustração de que sempre deram inequivocas provas e pela sua enorme fortuna que sempre foi applicada na realisação de bellas e utilissimas obras, em professores de arrojados missionarios que fossem, como outr'ora os seus egregios ascendentes—os gloriosissimos cavalleiros de Christo, – não de espada em punho como estes, mas com a palavra santa do Evangelho, conservar, senão augmentar, a sublime herança de benemeritos da Patria de tantos martyres da religião do mais excelso de todos — o martyr do Golgotha.

Foi grande a falta.

Esta evolução da celeberrima Ordem e convento de Christo seria benefica, patriotica e de alta conveniencia para o nosso glorioso padroado, que recebeu um golpe profundo pela extincção das ordens religiosas no ultramar.

Não ignoramos que estas tinham acompanhado a decadencia da metropole, enfermavam do mesmo mal, a desmoralisação que por cá campeava infrene, fez, por essas longiquas paragens, sentir com intensa acção os seus maleficos effeitos, mas ainda assim muitas d'essas casas concorriam para se conservar o antigo prestigio ao nome illustre de Portugal e exerciam o ascendente moral da religião, tendo em troca a affeição e a fidelidade d'essas christandades.

O nosso soberboso e operoso dominio ultramarino grandes inimigos teve por toda a parte e de todas as especies, não sendo um dos menores, o que admira, a congregação

da *Propaganda Fide* que já vimos, nas paginas atraz, apparecer nos primordios do seculo XVII e que sempre manifestou um vehemente espirito de hostilidade para com os representantes da nação possuidora d'esses vastos territorios, cujos habitantes convertera á mesma doutrina de paz e de amôr que ella queria chamar a si por meios insidiosos e hypocritas.

A lucta foi grande e as hostilidades sem numero; mas o nosso dominio não tinha sido sómente conquistado pela espada, nem só o sellou o sangue; a palavra do missionario e o exemplo do martyr fizeram-n'o arraigar de tal fórma que custosamente no espiritual poderam abrir-lhe brécha.

Sem embargo, a brécha foi aberta a que não foi extranha a Inglaterra, mas á custa de mil luctas, expoliações, violencias que cobriram de vergonha todos os christãos da Asia, chegando a repercutirem em Roma d'onde sahiu o breve apostolico: — *Ex munere pastorali* de 23 de dezembro de 1836 pelo qual foi desmembrada a ilha de Ceylão do padroado e o breve — *Multa praeclare*, de 21 de abril de 1838, em que foi abolido o padroado fóra dos dominios portuguezes; para acabarem tudo isto foi preciso chegar com o governo portuguez a um accordo, tal tem sido a resistencia d'essas christandades ás invasões dos padres propagandistas o que os tem feito enderecar innumeras petições á corôa de Portugal para que ellas sejam conservadas sob a jurisdicção do padroado.

D'ahi nasceu a concordata de 1857.

Não satisfez e se em duvidas viviamos em duvidas continuamos a viver e as luctas continuaram até que em 1886 se teve de realisar outra concordata que definiu a extensão do nosso direito de padroar.

N'estas negociações teve um papel importantissimo o nosso embaixador em Roma que era ao tempo o illustre Conde de Thomar que em todas ellas revelou a sua alta competencia, a sua lucida intelligencia e a sua admiravel energia que tanto valeu para conservarmos o que de todo nos queriam arrebatar.

E' verdade que se restringiu muito esse nosso antigo e glorioso direito; mas ainda assim para os nossos recursos, é grande, e muito n'elle podemos fazer, se quizermos.

Voltemos um pouco a traz e observemos o que vae pela

nossa Ordem e pelo nosso convento, depois dos dictatoriaes decretos de 32 e 34.

A Ordem, extinctos os dizimos pelo decreto de 30 de

Cyrio Pascal e Candelabro das Trevas

Julho de 1832, ficou existindo, completamente secularisada e despida absolutamente de rendimentos nos seus graus e

servindo sómente estes, como mercês honorificas, para remunerar os serviços prestados por aquelles que desempenhassem os maiores postos e cargos politicos, militares e civis.

Os opulentos e fidalgos frades, de roldão com os mendicantes e prégadores foram exparsos, pastorear as almas de alguma freguezia rural ou então, no conchego da familia, consumir o magro subsidio do thesouro que recebiam em troca de innumeras riquezas com que este se locupletava, apezar de muitos desvios, fraudes, latrocinios, vendas de afogadilho que pezavam sobre os infelizes *bens nacionaes*.

O convento, esse ficou!!

Mas para quê?

Triste é dizel-o: a cêrca arrendou-se; a casaria, alguma servia de curral, outra era regabote da rapaziada, e ainda outra valhacouto de rapinantes.

Foi uma razzia.

Joias, ouros, pratas, sedas, paramentos, quadros, livros, sinos, moveis, etc., etc., tudo desappareceu, se confundiu, pulverisou no ineluctavel excidio!

As cadeiras do bellissimo côro, se não tinham já sido todas despedaçadas, eram-n'o agora pela massa ignara e má que as paixões mal soffridas incendiavam em labaredas de exterminio e de morte.

Egual sorte tinham os illuminados livros de canto-chão, obra dos grandes Antonio de Hollanda, Antonio Fernandes e Jorge Vieira, escapando uns do tempo de D. João V, que são pertença hoje da egreja de S. João Baptista de Thomar.

Das riquissimas tellas: umas desappareciam a golpes de pedradas e dos cacetes *liberaes*, outras eram arrancadas e iam presentear algum *amigo* que por seu turno as vendia, sabe Deus para onde, e ainda outras, na turba multa do espolio dos conventos, entravam na Academia, fundada por essa epocha.

Quatro d'estes bellissimos quadros lá estiveram algum tempo n'esses lobregos corredores até que mão patriotica os fez voltar ao seu logar.

Esses quadros têm por assumptos: Triumpho de Jerusalem, Centurião, Resurreição de Lazaro e Resurreição de Jesus.

Do seu importantissimo thesouro, que só em prata e

ouro chegou a ter 40:000$000 rs. e que em 1800 contava ainda, só da egreja, umas 70 peças de prata, 130 vestimentas ricas, 170 almofadas de velludo e damasco e de que ainda por um inventario que se fez em 1834 de pratas que entraram no thesouro publico se vê que eram do valor de 1:066$993 rs., só restam, em parte que se saiba, duas cruzes e o relicario da mão de S. Gregorio Nazareno.

Este, que é de prata, e a elegante cruz filippina estão no thesouro da Sé de Lisboa, escapando assim á fusão irremissivel dos cadinhos da Casa da Moeda.

A cruz, de que já falámos, é uma bellissima alfaia.

Toda de ouro e esmaltada nas suas faces, constitue uma preciosa joia e de um alto valor.

N'uma das molduras da base tem as seguintes palavras:

FILIPPUS REX MDLXXXIII

e n'uma das faces da sua peanha salientam-se as armas do dador.

Talvez fabricada em Cordova, cidade ao tempo de Filippe I, bastante prospera em productos d'aquella natureza, não seremos hoje exaggerados se lhe dermos um valor de 30:000$000 rs., olhando á elegancia da sua linha, á materia de que é feita, á belleza e grandeza do seu esmalte e ao tempo da sua fabricação.

E' encantadora!

A outra cruz relativamente tem pouco valor e está no museu das Janellas Verdes.

Nem os luxuosos gavetões de bello pau santo, que arrecadaram tantas e tão preciosas vestimentas e tapeçarias escaparam ao tufão indomavel da pilhagem, despindo por completo a formosa sacristia.

D'esses paramentos os que escaparam, sem ordem nem relação, foram distribuidos pelas egrejas que os pediram.

As ricas alfaias da sua egreja tambem tiveram egual partilha desapparecendo tudo no medonho torvelinho, salvando-se só, que nos conste, o candelabro das trevas, obra de valor pela qualidade da madeira empregada—pau santo—e pela sua elegante traça e o castiçal do cyrio pascal, objecto dos mais distinctos no genero que conhecemos e bastante valioso pela materia prima—cobre com as ornamentações de metal.

Estas duas alfayas estão na posse da junta de parochia de Santa Maria dos Olivaes, pertencendo á real capella de S. João Baptista.

A mitra rica, de seda branca, bordada a ouro, ornada de pedras de varias côres, grandezas e diversos valores, tambem escapou, estando á espera que uma camara de Thomar, á qual pertence, mais patriotica do que eleiçoeira, faça, com outras reliquias do glorioso e artistico passado d'esta illustre terra, um museu em que se ostentem essas bellezas e preciosidades para ensinamento dos visitantes e para sua honra, pois assim mostrará o quanto presa os ricos e preciosos documentos de volvidas eras.

O baculo e a cadeira em que se assentava o D. Prior ao chrismar tambem existem na egreja de S. João.

Dois dos melhores sinos dos seus campanarios foram parar, nem bem, com verdade, sabemos aonde.

A ferrea grade da capella do *Cruzeiro* foi fechar o portão do cemiterio da cidade de Thomar e os santos das capellas e as estatuas dos prophetas da *Charola* iam para varias egrejas, parando hoje dois prophetas no museu das Janellas Verdes.

A agua, importantissimo manancial, que corria pelo imponente aqueducto filippino, eram dois terços d'ella conjuntamente com este, dados á camara de Thomar.

Dos livros da sua abundante e selecta bibliotheca nenhum escapou e do seu archivo alguns preciosos manuscriptos poderam dar entrada na Torre do Tombo, conjuntamente com os riquissimos e primorosissimos *Tombos*, uma das mais notaveis obras illuminadas que existem em Portugal.

A vetusta Prelasia de Santa Maria dos Olivaes, a que tinha sido a celebre matriz de todas as egrejas que a gloriosa Ordem de Christo alevantou na Europa, Africa, Asia, America e Oceania, essa ficou erma e quasi abandonada, a ponto dos telhados irem voando, as fendas rirem-se, as pedras descarnarem-se, as cantarias esboroarem-se e em terra estaria, se não fossem mãos carinhosas que a ampararam patrioticamente com uma larga restauração.

Assim se podesse amparar na sua ultima e restricta jurisdicção.

Antecipemo-nos um pouco e contemos o derradeiro golpe, o mortal, dado ao venerando *Isento*.

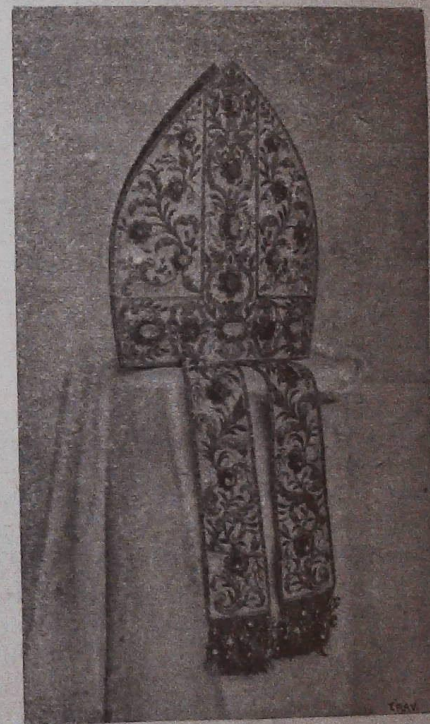
Em 1880 tenta fazer-se uma rasoavel reforma diocesana.

Ha consultas, ha reuniões de prelados e de funccionarios graduados do ministerio da justiça.

N'essas junctas, porém, ha uma voz d'um patriota, de um respeitador do nosso glorioso passado, d'um illustre filho de Thomar, que se oppõe, que insta e insiste sobre a conservação da memoravel Prelasia, e, chegados que somos aqui seja-nos permittido revelar o quanto este distincto funcciouario publico tem sido prestadio á sua terra, e nós, por larga pratica, temos visto e conhecido o acrisolado amor com que se empenha e defende os interesses vitaes da terra que lhe serviu de berço, e embora esta o ignore, pois vê melhor o que extranhos fazem, mais do que uma vez poz a sua alta influencia ao serviço de causa justa e grande respeitante a Thomar.

Mitra do D. Prior

Sigamos.

O isentophobio patriarchado foi mais poderoso que a voz da historia e do respeito pelo nosso passado, e os esforços patrioticos do illustre thomarense, o sr. conselheiro Dr. Jeronymo Pereira Baima de Bastos, são infructiferos, sendo a celebre Prelasia de Thomar englobada na diocese de Lisboa, á excepção de Ferreira do Zezere, que foi para a de Coimbra.

Assim acabou a gloriosa Prelasia, o venerando *Isento* da egreja de D. Gualdim Paes, e assim tambem desappareceu a casa monastica, a talvez mais opulenta da nação; e assim ia desapparecendo o artistico e primoroso convento, em cujas paredes se tinham gravado paginas sublimes, epicas, patrioticas da nossa heroica historia; e nenhum outro em Portugal symbolisa tão bem na sua architectura a sublime missão da nossa raça.

Este lastimoso estado prolongou-se por dez iconoclasticos annos.

Então havia um homem, cheio de talento e grande de caracter.

Nascido a 9 de maio de 1803, contava apenas quinze annos quando entrou no curso de direito da Universidade de Coimbra.

Foi ahi que a gloriosa revolução do Porto de 1820 o encontrou e elle com tanto enthusiasmo defendeu.

Seguindo o curso, sahiu apoz os cinco annos bacharel, cujas cartas eram das mais laureadas.

Advogou por algum tempo.

Portugal atravessava então uma medonha crise, prenuncio da terrivel hecatombe que ia estalar.

A liberdade, essa sublime arvore plantada pelos homens de 20, tinha murchado, e agora um bando de scelerados queria troncal a, arrancal a.

Os homens validos e cheios de amor patrio correram a emparal-a e o nosso novel advogado posta-se ao lado do general Azeredo e secretaria o governo da provincia da Beira aonde presta valiosos serviços.

Depois volta á banca da advocacia, d'onde é chamado para o importante logar de Juiz de Fóra de Penella, em que «pondo por obra os esforços que lhe eram proprios a favôr da causa da liberdade, prestou relevantissimos serviços, abonando a escolha d'elle feita no desvello do seu proceder, na qual desde então podia vislumbrar a energia que o caracterisava, e em que mais tarde o throno havia de encontrar salvação contra os excessos da anarchia».

D. Miguel, de volta ao reino, acclamava-se rei absoluto e as tropas da liberdade concentravam se sobre o Porto onde funccionava a celebre Junta.

Cruz dos Marouços. a retirada de Coimbra, da Ponte do Vouga e de Grijó denunciam a impotencia do governo

do Porto que se dissolve e ainda o grande amôr da nação á causa velha e sanguinaria do absolutismo.

Os liberaes fugidos á nefaria força. que ia imperar, vão procurar em terras estranhas o pão amargo do exilio e retemperar as forças que um dia haviam de mais energicamente, mais desesperadamente, mais heroicamente defender á causa santa e bendita da Liberdade.

Entre esses intemeratos ia o nosso Juiz de Fóra, que agora já o não era, mas sim soldado d'essa sublime legião.

Entrou na Gallisa, emigrou para a Inglaterra, esteve na Belgica, terras por onde muito aprendeu e aonde gastou as suas longas horas de expatriado no estudo dos homens, dos bons livros e das bellas instituições que por lá via funccionar com toda a ordem, erudição essa que muito lhe havia de servir.

A Terceira torna se em breve o quartel general da gente liberal, se bem que o espirito geral da população não seja inteiramente conforme ao principio constitucional, e D. Pedro resolve invadir Portugal, nomeando-o antes secretario da auditoria geral do exercito, posto em que vem pisar o sagrado solo da Patria nos areiaes movediços da Pampelido.

Descrever o que foi essa guerra não nos é permittido pelos limites do nosso livro, nem tão pouco os simples traços biographicos que aqui pretendemos deixar nos fazem ir muito alem.

Das inclemencias d'esse heroico cerco do Porto soffreu o nosso Secretario, que ia sendo a mais Juiz dos Orphãos e Procurador Regio da Relação do Porto, até que em 33 embarca para os Açôres despachado membro da Relação d'aquella provincia, onde ganha innumeras sympathias e fóros de juiz intelligente, laborioso e integerrimo.

Em Portugal, nos plainos da nossa Asseiceira, debate-se ainda a causa da liberdade que é alli sellada ao sol brilhante da victoria.

Acabou felizmemte a guerra dos principios; agora começa infelizmente a guerra dos homens — a mais terrivel, a mais hedionda, a mais miseravel das guerras.

Os partidos que na emigração se foram alentando, robustecendo, apparecem agora com todo o desrespeito e fazem do pobre, cansado e exangue Portugal tabua raza

das suas mesquinhas ambições e das suas desarrazoaveis pretenções.

Os homens do governo, no entanto, não são cautelosos e a opposição aos seus actos torna se evidente.

O nosso desembargador pelo seu correcto passado e pela sua elevada posição é eleito deputado pelos votos da opposição e encontra se assim n'um partido, d'esses de que elle andou sempre arredado, extranho por completo aos enredos e odios dos bandos que agora estavam desencadeando a sua nefasta acção retardando assim por bastantes annos o usofruimento dos beneficios da restauração liberal.

Mas entrado n'elle, os seus dotes oratorios, a sua vehemencia no dizer, a sua vasta erudição asseguraram-lhe logo um logar distincto, predominante no seio do parlamento.

O governo continuava a desgostar a todos e dissolve as camaras.

A cadeira do nosso tribuno muda-se para o club dos *Camillos* e ahi o seu tenaz e vehemente temperamento de beirão explode em palavras ardentes, apaixonadas, revolucionarias.

Ia-se formando o *homem*.

O governo venceu as eleições á excepção do Porto e Vizeu, como infelizmente vence as de hoje, mas os povos dos Açores orientaes de novo elegem o seu independente deputado que não chegou a ir ás côrtes; porque se não reuniram.

O governo cahira, deante de algum povo armado, que tinha ido esperar os deputados do Porto ao Terreiro do Paço e que os acclamou com morras á carta e ao governo, vivas á constituição de 20 e á revolução.

Esta é acceite e acompanhada por todos os liberaes avançados que até alli tinham fustigado o governo transacto.

A 26 de janeiro de 1837 abrem se as côrtes constituintes e o banco do circulo dos Açores orientaes é preenchido novamente pelo seu ardente deputado.

O governo da revolução que tanto enthusiasmo despertou, em breve torna-se um tanto seguidor dos passos do que foi substituir.

O defeito não era dos governos: era da nação: casa

onde não ha pão... e é bem certo todos se resentiam da magreza do thesouro.

Tinham-se fechado os conventos; agora era preciso empregar essa gente e a força das circumstancias era superior ás theorias.

Os principios, resentindo-se d'isso, não se podiam pôr em pratica.

O grande Passos quantas vezes não combateu as dictaduras?

E foram ellas a causa da sua quéda.

Não se entendendo, nem a nação a elle, desilludido vae para Alpiarça vêr o arado rasgar a terra, e entrega-se á vida pacifica dos campos.

No entanto a sua obra é fecunda: as Escolas Polytechnicas e as Academias de Bellas-Artes são fundadas.

A nação todavia continúa presa da anarchia.

Os marechaes querem proclamar a carta, mas são impotentes e emigram.

O puro Sá da Bandeira, ao leme, tenta levar a barca do governo a porto de salvamento com o juramento da nova constituição.

Mas a guarda nacional impera e é um estado no estado.

Revoluciona-se, mas agora, á frente da administração de Lisboa, está um *homem*, cuja verdadeiro destino começa a desenhar-se.

Assim não se podia viver.

Era necessaria ordem e paz.

Desarmar o povo era urgente, pois tão mal se servia das armas.

O nosso *homem* é o que fez: dissolveu batalhões, suffocou a revolta.

Não parou por aqui.

Lisboa ia entrar na ordem e uma alluvião de regulamentos, que se cumpriam, viera mais confirmar a rijeza do *homem* e a vastidão do seu talento.

A rainha agraciou-o com a commenda da Conceição, que tão celebre se devia tornar, o governo agradecia-lhe a sua energica e fecunda cooperação e Sá da Bandeira rejubilava por ter conquistado para a sua obra um homem novo, precioso.

Os maldizentes faziam-n'o auctor dos ultimos acontecimentos (dia de Corpo de Deus), dizendo que o que elle

queria era bulhas para mostrar bem quem era e quem seria.

Começava a insidia.

Depois virá a calumnia ennodoar o grande caracter.

Esse homem, a quem até agora temos occultado o nome e de quem o leitor já decerto o adivinhou, é — Costa Cabral — nome que vae encher Portugal, crivado de doestos, injustiças, malquerenças; porque a obra que representa é grande e duradoura, proveitosa e ordeira, embora a nação se levante para saccudir o salutar cauterio que lhe põe as gangrenadas carnes no são.

Costa Cabral agora já era outro.

Os verdores da mocidade e os rubores jacobinos tinham passado.

O conhecimento mais aprofundado dos homens e dos tempos, o amadurecer da vida, agora que já era casado com uma santa e virtuosa senhora, imperaram muito no seu ardente temperamento e fizeram n'o um homem pratico, moderado e util.

O revolucionario Passos disse por este tempo:

A gordura e o casamento são duas grandes garantias de ordem.

Porém ao grande Costa Cabral ainda não tinha vindo a primeira, porisso...

Passam uns mezes.

Cahe Sá da Bandeira e após o Sabrosa.

O moderado Bomfim é chamado ao poder e Costa Cabral, com 36 annos de edade, toma as redeas da Justiça.

Mal vão á nação os negocios fazendarios.

As guerras em que se tinha vivido, as sedições, pronunciamentos, inconstancia nas leis, estragavam tudo, o thesouro estava magro, os direitos eram muitos e os empregos não davam vasante aos que os precisavam.

Que se importava o povo e não povo de philosophias, discursos, rhetorica, se tinha fome?

Os labôres do campo eram escassos, as industrias não existiam, as colonias eram esquecidas.

Porisso a estabilidade dos governos era ephemera; mas Costa Cabral continúa a sua obra, o seu plano — pôr ordem na anarchia.

Trabalhador infatigavel não desamparava um momento só a causa publica e, senhor de uma grande maioria na

camara, era já como que chefe de partido, que lhe ia approvando o importantissimo serviço do reatamento das nossas relações com a curia romana que desde 34 estavam rotas, a novissima reforma judicial, obra gloriosa que só por si faz illustre um nome, e a organisação do pessoal da justiça em que elle deu uma cabal prova do seu impolluto caracter.

Para exemplo:

Desde a revolução de setembro, por motivos politicos, estavam fóra dos serviços publicos alguns juizes de diversas instancias, entre elles alguns das Relações e mais velhos do que o proprio Costa Cabral, que era juiz da Relação de Lisboa; pois elle, vendo a grande injustiça que soffriam, fez a generosa reintegração d'esses juizes com manifesto e grande prejuizo para a sua pessoa.

Esta e outras é que lhe iam augmentando o prestigio, a fama de homem pratico, talentoso, trabalhador e sério.

O povo ia gostando, a ponto dos mais importantes e preponderantes cidadãos do Porto lhe offertarem a insignia de commendador da Conceição, enriquecida de brilhantes, tendo no reverso as iniciaes *C. C.* e a seguinte legenda: — *Tributo de Gratidão*, uma das mais bellas obras primas no genero.

A corôa não menos gostava e via em Costa Cabral um homem ás direitas.

D. Maria II, que era dotada de um alto espirito e fina intelligencia, ia conhecendo o ministro *revolucionario* sem armas e porisso augmentava de dia para dia a sua sympathia por elle.

Não houve assumpto do seu ministerio, em que elle não lançasse a sua longa vista e deixasse rasto do seu brilhante talento.

Na camara era admiravel ouvil-o.

Não discursava.

Falava, mas arrebatado, ardente, convicto, brilhavam-lhe os olhos como carbunculos, gesticulava, gritava a ponto de enrouquecer.

Esta audacia do seu grande talento e da sua arraigada convicção é que lhe davam a força de que carecia para continuar a sua grande obra de regeneração da patria.

A constituição de 38 ia vivendo, mas um pouco des-

acreditada e abandonada principalmente por aquelles mesmos que mais a patrocinaram.

«Pois não era verdade, confessada, reconhecida por todos, a incapacidade do *povo*, e o mallogro das experiencias democraticas e localistas?»

O antigo partido cartista não esmorecia, avigorava-se, tomava alento, o que se revelava no grande triumpho obtido por elle em quasi todo o paiz nas eleições camararias.

A posse da nova vereação da camara do Porto foi pretexto para festas, vivas á carta, á rainha, toques do hymno de D. Pedro IV, etc., etc.

Por alguns dias continuaram as manifestações cartistas e Costa Cabral, movido de razões domesticas e havida licença do governo, foi ao Porto e, a breve trecho, vemol-o á frente do movimento.

Andou bem?

Andou mal?

Essa historia não está bem clara e não seremos nós que a vamos esclarecer agora, tanto mais que está fóra do nosso proposito.

O nosso fito é juntar um nada á rehabilitação do grande estadista e pôl-o em evidencia, para que os seus detractores, conheçam melhor o giganteo vulto do ministro que, no dizer do eminente historiador Oliveira Martins, era uma resurreição de Pombal nas qualidades e defeitos e se tivesse encontrado ainda de pé alguma ordem verdadeira, alguma auctoridade fixa, como a. que o predecessôr achou no absolutismo, teria sido tão grande como elle foi.

E é verdade: se a anarchia não fosse planta tão enraizada, ao tempo, no solo patrio, decerto a acção benefica do grande reformador teria sido mais prompta, mais fecunda e talvez muitos dos seus defeitos, que os teve,—e qual é o vulto eminente que os não tem?—não teriam vindo lançar uma mancha na vida prestadia do notavel homem de Estado.

Ainda não está justa e desapaixonadamente feita a biographia, nem descripta a obra do grande portuguez a quem Portugal muito deve e Thomar muitissimo; e a nós, como filho d'esta cidade, seja-nos relevado o contribuirmos para essa justa obra com estas palavras, tanto mais que nem sempre foi devidamente apreciado no seu tempo, o que se desculpava pelas paixões ardentes da politica que infe-

lizmente têem, de quando em quando, aflorado nos nossos dias com manifesta ingratidão para com a memoria do grande e prestimoso cidadão.

Não nos move a lisonja, esse processo vil e miseravel de alcançar fins, e o nosso passado o attesta; mas sempre admirámos os luctadores, os talentos e os patriotas e temos rendido sempre gratidão áquelles que a nós ou á nossa terra tenham prestado um favor, um serviço.

Bem alto o dizemos.

E não pequenos foram os serviços prestados pelo illustre ministro a Thomar.

Como vimos, era o convento de Christo do numero dos bens nacionaes, e esteve, como muitos outros, entregue a um maudito vandalismo, emquanto esperava que qualquer argentario ou homem de fino gosto se lembrasse de dar por elle, n'esse medonho e confuso leilão de tantas preciosidades, precipitado pelo espectro da volta dos frades, alguns centos de mil réis em esfarrapadas notas do Banco.

Rico não era Costa Cabral; mas, com as previdentes economias de sua trabalhosa vida, e sobre isso o seu aprimorado bom gosto, alcançou a venda da escalavrada cêrca e de umas insignificantes dependencias do opulento e grandioso convento, pela importante, ao tempo, quantia de 5:040$000 réis.

Insignificantes, sim, dizemos bem, e não o palacio, como a calumnia despresivel e infame lançava em rosto ao honrado cidadão:

> Em vez das armas antigas
> Dos nobres valentes Paes
> Na fachada, sobre o portico,
> Vêem-se hoje as dos Cabraes.

E por ahi além, dizia a *Xacara*.

E nós, que já conhecemos o convento, pela descripção que fizemos, vejamos o que elle comprou: a cêrca damnificada e roida pelo afiado dente de devorante cabra, o pateo dos *Carrascos* com a varanda da ala poente do claustro dos *Corvos* e mais a casa da bibliotheca, o corredor por baixo e a casa terrea na ala do sul e defronte o corredor do meio.

E é isto palacio, como dizia a lenda?

Podia ser, podia, e mais a mais a elle, o grande *ladrão*

que era o senhor absoluto de Portugal, não lhe custaria muito o riscar por onde melhor lhe conviesse e por onde, a vender-se, a nosso vêr, devia ter sido a compra!

Porque não incluiu n'essa compra o poderoso ministro o refeitorio na ala nascente do claustro dos *Corvos* e a cosinha e as cellas do dormitorio da ala do norte d'este mesmo claustro, visto alli ter já o que sabemos?

E o claustro da *Micha?*

Por não precisar de tanta casa?

Não; porque, mais tarde, para alli se installar, teve que fazer algumas e arrendar outras ao estado, como ainda hoje andam arrendadas: o refeitorio e mais duas casas contiguas.

Não lhe seria facil a compra?

Até de todo o convento, quanto mais de umas simples dependencias.

Quem então se importava com o opulento e artistico convento da extincta Ordem de Christo?

Hoje mesmo, e já lá vão sessenta annos de adeantamento e instrucção, quem de alma e coração quer saber d'essa primorosa casa, d'esse assombroso repositorio da arte portugueza, d'esse glorioso padrão da nossa historia?

Qual a camara que o ligou á cidade por meio de uma estrada de macadam ou restaurou a velha e arruinada calçada d'esse precioso monumento, d'onde promanam tantos beneficios ao concelho, e mais e muito mais adviriam se a falta de interesse pela causa publica d'outros tempos e que vae continuando, não tivesse inhibido Thomar de ser servida directamente pela via ferrea do norte?

Não queriam hoje levar para debaixo d'aquellas gloriosas abobadas a cadeia civil!?

Se hoje ha uma camara que, devendo ser composta de homens illustrados e patriotas, tem esta comprehensão do valor artistico d'uma reliquia tão pura e tão sagrada como é aquella; se hoje ainda ha tão pouca falta de respeito pela memoria sacrosanta dos epicos cavalleiros que em emprezas sublimes e triumphaes abriram a epocha de inclitas façanhas e de estupendos heroismos ao nosso immortal Portugal, como é que não devia ser abandonada, esquecida a habitação dos egregios templarios, dos gloriosos cavalleiros de Christo, n'esse tempo de luctas, ignorancia, paixões, latrocinios?

Talvez não houvesse exemplos!

Palmella não ficava com toda a serra da Arrabida? um liberal não comprou os campos d'Alcobaça em que os bernardos tinham feito tantos e tão felizes casaes? outro não era já dono do Espirito-Santo de Lisboa? outros não fundavam a opulenta sociedade das Lezirias? e Terceira, que era agora o presidente de ministros, não tomou para si o Sobralinho de Alverca?

Abundavam, pois, os exemplos; mas Costa Cabral andava por caminhos direitos, de cara levantada, impolluto e quiz comprar pouco, o que estava ao alcance da sua magra bolsa, para que de futuro a historia o julgasse e se visse o quanto elle podia possuir, se não tivesse escrupulos e patriotismo.

Sim patriotismo!

Elle com a sua vasta erudição e vistas d'aguia, apreciava os primorosos lavores architectonicos, respeitava as tradições cavalleirescas, gloriosas que andavam ligadas áquella artistica e historica casa e antevia, para Thomar, n'esse incomparavel monumento, fonte de vasta riqueza, quando um dia Portugal podesse, socegado, receber os beneficos fructos da sua politica, do seu fomento e se entregasse, em dias de descanço, a vêr, a estudar, a contemplar, a colossal obra artistica com que os nossos maiores o enriqueceram e embellezaram.

Por isso o deixou ficar na posse do Estado e começou a ser-lhe o seu mais desvellado protector.

Provas, innumeras.

Da necessaria ordem de que a nação precisava e a benefica protecção que a agricultura tão urgentemente reclamava e que elle tão sabiamente queria restabelecer e dar com as assisadas medidas do seu governo energico e patriotico, alli deu exemplo.

A cerca foi replantada de extensos olivaes, e semeada de escolhidos pinheiraes; e o convento, que era do estado, foi guardado com cuidado e zelo, vindo para a capella mór os quatro formosos quadros, unicos que havia, e que a incuria e o desmazelo faziam apodrecer nos confusos e soturnos armazens da Academia, ou quem sabe se mão criminosa os não tivesse já embarcado em navio inglez, como diz uma toada a respeito d'estas bellas joias da nossa admiravel escola de pintura.

Do seu governo fez sahir dinheiro para se reparar o que

era mais urgente, dos estragos das mãos sacrilegas dos iconoclastas de que ainda hoje tanto se resente, para a reparação dos quaes alcançou dos governos subsequentes valiosas quantias e mais tarde a dotação annual de 400$000 réis, que se têm empregado com mais ou menos luzimento, sendo a do anno passado gasta com grande utilidade, sobresahindo a obra do grande alpendre protector dos primorosos altos relevos da entrada da capella do capitulo ao fundo da escada nascente do claustro de *D. João III*, e o portão de ferro da porta do Sol, obra que honra a officina do serralheiro Francisco Ferreira Simões, filho de Thomar, do que devemos fazer menção, para se mostrar o zelo com que já ultimamente se vae tractando, por parte do Estado, o grandioso edificio.

A quando D. Maria II começou as projectadas visitas ás differentes provincias do reino, para conhecer por si mesma a condição dos povos, de vel-os, de ouvil-os, de tractal-os ao perto e de communicar-lhes beneficas influencias ao Alemtejo foi a primeira a que se dirigiu e no regresso, aconselhada por Costa Cabral, veiu por Abrantes á notavel villa de Thomar, séde da mui nobre Ordem de Christo.

Aqui chegou no dia 28 de outubro de 1843, sendo recebida com grandes galas e demonstrações de alegria.

A duas leguas de Thomar esperavam suas magestades e altesas o administrador de Thomar e o de Ferreira do Zezere, o Juiz de Direito da comarca, todos acompanhados dos seus empregados e muitas outras pessoas da villa e d'outras povoações visinhas.

O Juiz de Direito felicitou n'um discurso suas magestades e filhos.

A' entrada da villa, onde suas magestades chegaram pelas 2 horas e meia da tarde, esperou a camara municipal cujo presidente recitou um discurso.

D. Maria e comitiva dirigiram-se á egreja de S. João na Praça, encontrando as ruas juncadas de myrtos e louros, as janellas ricamente adornadas e cheias de senhoras que saudaram as magestades e um concurso immenso de povo acompanhou á egreja as regias personagens que foram á porta recebidas debaixo do pallio pelo clero e conduzidas á capella-mór onde assistiram ao *Te-Deum* e d'alli fôram

hospedar-se na casa que o Juiz de Direito havia desoccupado para esse fim.

Depois de um breve repouso sahiram a pé e foram vêr o antigo convento de Christo que deixou a suas magestades maravilhadas da magnificencia e riqueza da architectura de todo o glorioso monumento.

N'uma das suas salas, ricamente adornada, acceitou D. Maria um excellente jantar que em nome dos habitantes de Thomar lhe offerecia a camara.

A' noite houve uma brilhante e rica illuminação nos paços do concelho, cheia de figuras e disticos allegoricos e uma banda de musica de curiosos de Abrantes, que por obsequio a sua magestade viera até Thomar, conservou-se defronte da Praça tocando diversas peças de musica.

Os habitantes da rua da Corredoura por onde suas magestades fizeram caminho para a Praça, haviam adornado a rua com arcos de triumpho e de espaço a espaço havia columnas de myrto e loiro com tropheos e em transparentes as datas de todas as victorias do exercito libertador na restauração da carta.

D. Maria demorou-se pouco em Thomar; pois o inverno ia a chegar e os caminhos maus e a cheia do Tejo podiam demoral-a demais; porisso no dia seguinte partiu para Santarem, indo antes, pelas 6 horas da manhã, vêr a fabrica de algodões onde foi recebida por um socio da fabrica, o coronel, ministro de Estado honorario, José Jorge Loureiro, visita que levou hora e meia.

Esteve pouco tempo em Thomar como vimos, mas promettendo voltar quando os negocios do reino lhe dessem ensejo; pois levava de Thomar felizes lembranças da hospitalidade, gratas recordações das bellezas da campina e da riquêza incommensuravel dos seus monumentos.

A villa, como dissémos, vestiu-se de galas, caiou-se mais, limpou-se mais, concertaram se estradas e muros, parando as obras que a camara trazia ao tempo na restauração do aqueducto cujos dois terços da agua lhe pertenciam por decreto de 18 de agosto de 1842 com a condição de as encanar para o chafariz que se propunha construir, conservando a camara o mesmo aqueducto em bom estado, sendo o outro terço da mesma agua vendido com a cerca do extincto convento.

Esta agua tambem deu ensejo a que os inimigos, e que inimigos!! do superior homem de Estado bordassem mais um terrivel aleive que fosse morder o seu sério e nobre caracter.

Ladrão!

Apossou-se da agua.

Eis a calumnia.

Triste condição humana!!

Infeliz do homem de governo d'este desgraçado paiz que se levanta mais alto, não é preciso muito, do que o commum, que é logo apodado e lançam-lhe ás faces o labeu de delapidador — pecha já velha nos nossos costumes politicos.

O grande e glorioso mestre do notavel ministro de D. Maria II, nada inferior em talentos e em energica acção áquelle, tambem teve as suas *Aguas-furtadas*!!

Mas contemos para esclarecimento da verdade o negocio, pois negocio foi simples e unicamente.

Na sessão de 22 de junho de 1845, presidida por Rodrigues Pereira Mendes e com a assistencia dos vereadores Luiz de Campos Henriques, Francisco Gomes da Silva, Antonio Joaquim d'Araujo e Guilherme Lopes Pereira, o presidente expoz á camara a proposta do ministro do reino, Conde de Thomar, proprietario da cerca do convento de Christo, a quem já pertencia um terço da agua do aqueducto do mesmo convento, para a compra á camara dos dois terços da agua restantes que a esta pertenciam, pela divida a elle ministro, resultante de concertos no aqueducto e mais a quantia de 800$000 réis, que entregava á camara, para procurar agua em outro ponto, mostrando-se o presidente disposto a acceitar a proposta, em consequencia de se tornar pesado ao municipio os reparos do aqueducto e não ser aproveitavel a agua para beber em quanto os canos não fossem cobertos.

Na sessão camararia de 3 de março de 1846, presidida pelo mesmo Rodrigo Pereira Mendes e a que assistiram os vereadores Luiz de Campos Henriques, Ricardo José de Barros e Vasconcelles, Guilherme Lopes Pereira, Francisco Gomes da Silva e Francisco Maria da Motta Portocarrero, foi presente a portaria do Ministerio dos Negocios da Fazenda, de 19 de fevereiro do mesmo anno, remettendo para sua inteira execução a copia do decreto

de 28 de janeiro do dito anno que auctorizava a camara a ceder ao proprietario da cerca os dois terços da agua do aqueducto dos *Pegões*, devendo-se lavrar escripturas com as condições expressas no decreto, o que a camara, mandou que se cumprisse e archivasse.

Na sessão de 24 de novembro de 1847, presidida pelo desembargador Antonio José da Maia e Silva, com os vereadores Dr. Thomaz da Silva Teixeira, Martinho José Baptista Teixeira, Feliciano Thomé da Silva e Rodrigo Pereira Mendes, foi resolvido passar procuração a Ildefonso José d'Abreu, negociante da Praça de Lisboa para assignar por parte da camara escriptura de cedencia de dois terços da agua do aqueducto que lhe pertenciam por decreto de 18 d'agosto de 1842 ao Conde de Thomar, com a condição de ficar perdoada a divida de que o conde era credor na importancia de 762$280 réis e ser ainda entregue á camara 800$000 réis metalicos para obras publicas ficando por conta do dito conde as despezas de conservação do acqueducto, recebendo, o procurador ou a quantia de 800$000 réis ou um recibo d'aquella importancia do negociante da Praça de Lisboa, Manuel Gomes da Costa São Romão, por conta do capital e juros que a camara a este devia.

Em sessão de 3 de junho de 1848, presidida pelo mesmo embargador Anthero José da Maia e Silva, com os vereadores Dr. Thomaz da Silva Teixeira, Martinho José Baptista Teixeira e Feliciano Thomé da Silva, foi presente a escriptura de distracte da quantia de 1:000$000 réis que a camara tinha tomado a juro a Manuel Gomes da Costa S. Romão, que foi satisfeita com um titulo de encontro a haver do Conde de Thomar de réis 800$000 e 200$000 réis em dinheiro, perdoando generosamente todos os juros vencidos.

Foi uma calumnia, ou não?

Foi um negocio, ou não?

N'elle, se houve culpados, foram os eleitos pelo povo; pois de que valia a alcantilada cerca sómente com um terço da perdida agua do arruinado aqueducto?

Com esta calumnia ás costas e com outras que o misero intellecto de uns, a inveja e o despeito de outros, e a pequenez de muitos forjavam, o grande ministro seguia altivo a estrada luminosa do seu governo e os decretos

para a regeneração da patria iam-lhe saindo do bico da penna, dictados por uma intelligencia vasta, dilucida e por uma consciencia sã, limpa.

Assim temos:

Promulgação do codigo administrativo, a lei sobre instrucção, a creação do theatro normal que se ficou chamando de D. Maria II, leis sabias e justas (algumas ainda hoje vigoram) sobre o conservatorio real de Lisboa, o conservatorio de artes e officios, academia das bellas artes, o museu da academia real das sciencias, as escolas medico-cirurgicas, a torre do Tombo, a instituição vaccinica, a imprensa nacional, organisação economica das camaras municipaes, plantação de arvoredos nas terras baldias e arenosas, aperfeiçoamento dos gados, relativa a celeiros communs, as cadeias que já lhe tinham merecido especial attenção quando ministro da justiça, as confrarias, casas pias, irmandades, collegios dos orphãos que eram um viveiro de trapaças e negocios escuros com manifesto prejuizo para os pobres, hygiene, obras publicas e melhoramentos locaes, caminhos de ferro sobre que foi tão combatido, saude, etc.

Que de derruir e que de organisar?!

Como se não deviam alevantar os interesses mesquinhos dos trapaceiros, as paixões desordenadas do povo que quasi nada afervorava, a inveja dos tacanhos, o despeito dos insignificantes a quem o grande vulto fazia sombra, contra a obra colossal, de rasgada iniciativa, patriotica e de largo futuro?

Um eminente escriptor nosso, que tanto admiramos como o seguimos na sua brilhante obra, diz a este respeito:

«Costa Cabral, o percursor da nova edade portugueza, veiu a ser a victima da *Regeneração* que, por outras palavras e com outros meios, havia de executar-lhe o programma.»

E assim foi.

Mas era preciso derribar tambem o grande homem, que com tanta audacia e tanto talento queria chamar a patria á vida laboriosa e civilisadora da nossa epocha.

E parece que assim era, pois não havia mal nenhum que não fosse attribuindo aos Cabraes:

> Comem as cearas os pardaes?
> E' por culpa dos Cabraes.

Um vento rijo que ha muito soprava e que impossivel ainda era acalmal-o, ia acastellando as nuvens de proxima tormenta.

Esta começa no parlamento, invade as ruas, alastra o campo, galga as montanhas e n'um recanto do formoso Minho, á beira d'um regato, restos d'uma fonte, ergue-se colerica, furibunda a voz potente da *Maria*, bramindo contra... os enterramentos fóra das egrejas!

Os bramidos são expellidos por pulmões de aço e os echos das serranias são novamente acordados pelos tiros das guerrilhas.

Triste Portugal!

A onda cresce, os vagalhões ensoberbecem, a tempestade enfurece-se e o valente piloto da nau da governação, impavido, intemente, navega a todo o panno, mas os ventos desencadeiam-se mais fortes, a procella ruge medonha, terrivel, ameaçadora de subverter a nau já rôta de cordeame, aberta nas ilhargas, sem marinhagem, só com o audaz capitão.

Este, intrepido e destemido, olha em roda.

Não vê senão transfugas, medrosos e o encapellamento dos elementos.

Só, abandonado, renegado, cahe... mas de pé!

Antes da queda, acompanhamol-o na recepção em Thomar, de D. Maria II, a soberana de Portugal que tanto o admirava.

> Na cathedral de Lisboa
> Sinto sinos repicar:
> Serão annos de princeza?
> D'algum santo a festejar?
> E' a rainha que se parte
> Té ás terras de Thomar.

*

* *

> Em formoso palafrem
> Bem a vejo cavalgar:
> Um mui brilhante cortejo
> Após ella caminhar:
> Segue a estrada que vai ter
> Té as terras de Thomar.

O folhetim continuava.

A poesia auxiliava a aleivosa calumnia.

Era quinta-feira, 4 de setembro de 1845.

D. Maria e seu esposo D. Fernando, pois os filhos tinham ficado em Cintra, partiu de Lisboa e foi por Santarem á Gollegã, cuja estrada seguiu para Thomar.

Na Asseiceira, limite do concelho, aguardavam a chegada dos augustos reinantes, a camara de Thomar, o ministro do reino, Costa Cabral, o inspector geral das obras publicas e varios cavalheiros de Thomar entrando na cidade pelas quatro horas da tarde do dia 7, sendo recebidos com as mais vivas e enthusiasticas demonstrações de regozijo.

Suas Magestades apearam-se á porta da egreja de S. João onde oraram e d'ahi foram acompanhadas da camara e auctoridades de Thomar para os seus aposentos que eram em casa do ministro do reino, o illustre Antonio Bernardo da Costa Cabral, onde foram recebidos conforme o exigia a sua alta gerarchia.

No dia seguinte, 8, ao meio dia houve beija-mão, recebendo Suas Magestades as auctoridades da cidade e de todas as terras circumvisinhas, os commandantes e a officialidade dos corpos, os governadores civis de Santarem e Castello Branco e muitos cavalheiros.

As camaras de Torres Novas e Abrantes dirigiram a D. Maria felicitações enthusiasticas.

N'este dia temos que assignalar um dos factos mais notaveis da vida do grande ministro do reino.

Recebe uma alta prova da grande consideração e do subido apreço em que D. Maria o tinha; embora pesasse á inveja e á estulticia dos pygmeos inimigos do eminente homem de estado.

Em sua casa, que ora estava convertida em Paço Real, é lavrado o decreto que o elevava á nobreza do reino e é assignado por D. Maria.

O honroso documento é o seguinte:

«Querendo perpetuar a memoria dos bons e leaes serviços que tem prestado á patria e ao throno legitimo o conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, Antonio Bernardo da Costa Cabral, e dar-lhe, por occasião da honra que lhe fiz de hospedar-me em sua casa, um testemunho da minha satisfação, hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de conde de Thomar em duas vidas, ficando obrigado a tirar a carta pela repartição competente.

O duque da Terceira, meu sobrinho, presidente do conselho de ministros, assim o tenha entendido e faça executar.

Paço em Thomar, em 8 de setembro de 1845.—*Rainha—Duque da Terceira*».

Pelas duas horas foram as magestades acompanhadas dos ministros de estado e mais pessoas da sua comitiva, vêr o convento da Ordem de Christo e admiraram os primores da sua arte imcomparavel, empregando n'isso a maior parte da tarde.

Ás 7 horas houve o jantar e estiveram para ir n'essa noite ao theatro, mas uma forte trovoada que sobreveiu impediu suas magestades de assistirem á representação e aos outros brilhantes festejos que lhes estavam preparados na cidade, cuja população se achava duplicada pela extraordinaria affluencia de povo que de todas as partes tinha concorrido.

Na terça feira, 9, houve tambem beija mão, comparecendo mais: o administrador de Ourem e a camara do Sardoal que dirigiu uma felicitação a D. Maria.

De tarde foram á Fabrica de Fiação, que visitaram, informando-se miudamente do seu estado de prosperidade e dos mais aperfeiçoamentos de seus artefactos.

Suas Magestades dignaram-se acceitar alli um esplendido refresco que lhes offereceram os directores e ao retirarem-se mandaram distribuir 96$000 réis pelos operarios.

Depois foram jantar, findo o que, vieram á cidade que se achava brilhantemente illuminada e foram ao theatro, onde eram esperadas e onde foram recebidas por um numeroso e luzido concurso de espectadores.

No dia seguinte sahiram do Paço, acompanhados pelos ministros e foram, pela 1 hora da tarde, vêr a bella cascata que forma o rio Nabão descendo o açude que conduz a agua á Real Fabrica; d'ahi foram vêr a vetusta egreja matriz de Santa Maria dos Olivaes e finalmente pelas quatro horas e meia regressaram aos seus aposentos.

Antes e depois do passeio, Suas Magestades estiveram novamente a admirar os ricos e formosos primôres de arte, que offerece a architectura do antigo templo dos illustres freires de Christo e que mereceu a especial attenção a el-rei que desenhou com pasmosa fidelidade a maravilhosa janella da fachada poente, para o que deitaram

abaixo o arruinado telheiro do claustro de Santa Barbara.

D. Maria II fez muitas esmolas aos pobres, a quem, além de outros donativos particulares, entregou 96$000 réis; ao hospital contemplou-o com 50$000 réis e para melhoramentos da cadeia deixou 48$000 réis.

N'esse dia nomeou cavalleiros da Ordem da Conceição ao administrador do concelho e ao presidente da Camara de Thomar.

A 11, quinta feira, pelas cinco horas e meia da manhã partiram Suas Magestades de Thomar para a Asseiceira e d'ahi seguiram o caminho de Lisboa.

O nobre conde de Thomar ficou n'esta cidade ainda até ao dia 16.

Agora que a rainha e a côrte vão chegando á capital, reatemos a narrativa e ouçamos o egoista duque da Terceira, chefe do governo, dizer perante a revolução: o unico meio de debellar a revolta era a prompta demissão do ministerio.

Era mais commodo; elle, que não estava para cavallarias altas, para loucos planos, para arriscadas emprezas, pediu a demissão; e o audaz Conde de Thomar, encarnação da força e do talento, acompanhado pelos irmãos, vae, caminho da Hespanha, onde imperava o doutrinismo, irmão congenere da sua theoria e pratica governativa e ambos filhos da doutrina do grande ministro francez Guizot.

Chegado alli, não pára, não descança, quer continuar a sua obra o incansavel Conde.

Portugal é um acampamento, é um exercito.

As *Juntas* viviam e prosperavam e os setembristas, de mãos dadas aos miguelistas, eram os seus organisadores, as suas almas.

A incapacidade e a impotencia governativa era manifesta.

Palmella teve que dar o logar ao prestigioso Saldanha, que, como chefe do cartismo, o ia defendendo, aqui e alli, com a espada na mão.

O energico Conde de Thomar, já embaixadôr em Madrid, faz esforços herculeos para ajudar o governo na suffocação da sediciosa revolta.

Dinheiro, homens, diplomacia, tudo arranja, tudo consegue com a perseverança do seu talento e com a auctoridade do seu grande nome.

A sedição vae terminar.

As embarcações em que vinham o Conde das Antas com 2:500 homens são apresadas na barra do Douro pelas esquadras das nações alliadas: Inglaterra, França e Hespanha; entregam-se á discreção, as forças que estavam na cidade de Setubal, sob o commando do general visconde de Sá da Bandeira; o general Concha, commandante da divisão hespanhola, occupa o Porto e a celebre convenção de Gramido poz ponto a essa lucta vergonhosa, atrophiante, mortal.

Para que seria tanta guerra, tanta prisão, tanta perseguição, tanta prova da nossa falta de juizo?

A *ordem* havia de seguir o seu caminho e a obra do grande ministro devia continuar, porque era de alcance, era practica, era util.

A paz desejada por todos chegou alfim e o victorioso embaixador de Madrid veiu triumphante tomar assento no seio do parlamento.

«Os vencidos, vendo-o regressar ao seu posto, á camara, primeiro degrau de um segundo throno, foram-se ás armas, pegaram das munições, prepararam-se desde logo para uma nova campanha. Costa Cabral, o Conde de Thomar, era mais do que um homem: era um systema e um phantasma. No odio com que o recebiam, mostravam-lhe quanto elle valia pelo medo que lhe tinham.»

Esse throno, a que se refere o brilhante escriptor, era a banca do governo a que o nobre Conde de Thomar novamente se assentou a 18 de junho de 49, mas agora como presidente de ministros.

Continúa o mesmo illustre escriptor, de quem ha pouco transcrevemos as palavras acima:

«Eis, portanto, de novo as cousas no

Baculo do D. Prior

estado em que a primavera de 46 as achára; eis perdido o tempo, e o dinheiro, e as vidas, e dois annos de revolução e guerra. Congregam-se outra vez as guerrilhas? agita-se de novo o povo? Não. A Maria-da-Fonte morreu; Macdonell morreu; os camponezes voltavam para suas casas batidos por uma saraivada de desesperanças, decididos a não querer saber mais do governo; os miguelistas resolutamente se fecharam nas suas casas. Nenhum espectro surgia...

«Apenas a imprensa desvairada dos politicos batia sem piedade o homem a quem se costumára a cobrir de lama. E a velha calumnia da lenda do castello de Thomar levantava a cabeça, não poupando a reputação pessoal da rainha.»

Pobre patria! infeliz Portugal!!

Era para isto que teus filhos bradavam por liberdade e tinhas ardido em conflagrações desde 26?

Escusado era, se houvesse menos ancia de governar, de subir, de mandar, de ser chefe, de ter despeito do homem que tinha idéas, tinha um plano e tinha a coragem para pôr em practica e sustental-o.

Esse plano, bem o sabemos, feria, queimava as carnes da moribunda nação que resurgiu outra, cheia de viço, cheia de vida, abençoando a obra do grande estadista, quando outros mais livres de inimigos tão poderosos, poderam rasgadamente cumprir os restantes artigos do avantajado programma,

O illustre homem de estado foi, como já dissemos, o iniciador em Portugal dos caminhos de ferro: queria uma linha de Lisboa ao Porto e outra de Lisboa a Badajoz.

Os politicos, os que queriam só *liberdade*, os que lhe atiraram com a *lama do palacio*, com as *aguas* de Thomar á cara, chamavam-lhe doido!

O conde de Lavradio, o seu maior inimigo na camara dos pares, assegurava que entre Lisboa e Porto não havia, ao anno, mais de seis mil passageiros; e o *doido* Conde de Thomar, respondendo-lhe, perguntava: «E se fossem trezentos mil?»

E se fosse o numero quasi incontavel, como hoje?

Quem era doido?

Os obcecados, os nullos, os invejosos.

Era ou não um grande homem o genial Conde?!

Foi ou não a sua obra grande, util, patriotica?

Responda por nós a duração d'ella:

As leis da justiça, as leis da instrucção e as leis administrativas, na maior parte, ainda vigoram nos nossos dias, e mais do que uma vez temos lido nos jornaes de opposição: *isto nunca fez o conde de Thomar.*

51 approxima-se e a queda do gigante está para breve e, infelizmente, para sempre; mas antes, ainda mostra quem foi e quem é.

Precede-a medonha borrasca, em que a voz do grande parlamentar é o trovão e os raios da sua eloquencia vão, defendendo-se, ferindo aqui um, acolá outro e talvez todos se um tumulto não lhe embargasse a voz quente e vibrante.

Cahiu e no retiro de Roma, como embaixador, ainda prestou altos e relevantissimos serviços á Patria e, como amigo, a Thomar, a terra que escolheu para sua moradia; foram bastos e importantes e mais seriam, estamos certos, se um vento de insania não dividisse, como ainda hoje, a familia thomarense para mal d'ella e da terra que tão grande podia ser e que infelizmente é...

Uma unica cousa ha que não perdoâmos á memoria do grande homem politico e essa grande foi, pois ainda hoje se sentem, e sentirão infelizmente por largo espaço de tempo, os seus maleficos effeitos — o não fazer com que por Thomar passasse o caminho de ferro do Norte.

Bem sabemos que o illustre ministro ao tempo estava coberto de desgostos e de ingratidões; mas que fazer?

Não conhecias, oh, nobre Conde, na tua alta sabedoria e experiencia do mundo, que muitas vezes o povo é ingrato e cego?

Sabias sim; mas os factos, em certas circumstancias, são superiores ás leis!!

Quizeramos que os moldes do nosso livro tivessem a precisa largueza para tratarmos aqui com toda a folgança do homem tão prestadio, do vulto tão eminente, cujo nome encheu com intenso fulgôr todo o reinado de D. Maria II e pairava ainda assim sobre Thomar como que n'um vôo de utilidade e protecção.

Se bem que agora o não possâmos fazer, guardando-o para outra obra que temos entre mãos, comtudo não deixaremos de consignar mais dois grandes serviços prestados á nossa terra: a collocação de um regimento n'ella e a abertura da Avenida.

Para realisar o primeiro, conseguiu que viesse da Madeira caçadores n.º 12; e quando este regimento teve que voltar á ilha, não tardou muito que não entrasse em Thomar a ala direita de infanteria n.º 11 estacionada em Abrantes, que a breve trecho ficou sem a ala esquerda para se vir juntar á sua congenere.

E mais tarde, alguma cousa anda no ar que avisa os thomarenses de que iam ficar sem regimento; mas um simples telegramma expedido de Roma faz sustar o que estava permeditado.

O segundo: Thomar estava presa d'uma grave crise — a Real Fabrica tinha sido devorada por terrivel incendio.

Era preciso empregar os operarios para não cahirem na miseria, na fome.

Alguem se lembra de ligar a estrada n.º 15, de Payalvo a Leiria, cortada pela cidade.

Pediu-se ao grande Conde e em breve se começou e se acabou a importante obra que tanto embelleza e tanto bem faz á saude publica.

A esthetica, ainda assim, ganhou menos do que a hygiene; porque Thomar para ser linda não precisava da Avenida, emquanto que para ser saudavel era preciso que acabassem os celebres *Caes* e a immunda *Estacada*, lauto meio em que os terriveis *Anopheles* viviam á larga, desafogadamente.

Quantas vidas por anno não rouba este grandissimo melhoramento aos nefarios *flagellos* de Lavran?

Utilissima obra.

E Thomar, o mundo official, corresponde a esses beneficios, dando a essa Avenida o nome do grande Marquez por... maioria!!!

E quando o venerando cadaver do illustre extincto passa a Payalvo, em terras do concelho de Thomar, o mundo official d'esta cidade fez-se representar pela.... sua ausencia!!

Ao menos a honra de Thomar ficou illibada: dois filhos d'esta cidade que eram filhos de dois homens dos melhores e dos mais leaes amigos que o eminente estadista teve no mundo, foram a Payalvo render as devidas homenagens e encorporaram-se no prestito que acompanhou a Lisboa o corpo inanimado do glorioso titular.

Assim devia ser: Os paes acompanharam-n'o na afanosa vida e precedendo-o na morte, os filhos que lhe desfolhassem uma flôr sobre a campa em signal de reconhecimento e agradecimento.

E, quanto a nós, como filho de Thomar e como cidadão portuguez, que ainda tivémos a felicidade de contemplar em vida o respeitavel ancião, sirvam estas singelas paginas de preito á memoria do homem que mais serviços tem prestado á nossa querida terra e que na historia portugueza tem o debatidissimo nome de Costa Cabral a quem a posteridade, allumiada por uma luz mais brilhante de Justiça, vae rodeando de uma aureola de admiração e gloria.

Commenda e Gran-Cruz da Ordem de Christo

*

* *

Estamos chegados ao fim da nossa tarefa.

Descrevemos como podémos e não como devia ser, a gloriosa, epica, patriotica historia da celebre e immortal Ordem de Christo, agora seja nos permittido um alvitre, que defendemos aqui, ou onde quer que fôr, com o amor, desinteresse e independencia com que sempre, na modestia das nossas forças, temos pugnado pelas nossas idéas a favor da terra que nos foi berço.

O que são as colonias, o que valem esses pedaços gloriosos dos nossos tempos volvidos, não serão muitas palavras precisas para o dizerem.

Garantia da nossa autonomia na Europa, regiões fertilissimas que nos alagariam os celleiros dos mais ricos e preciosos productos agricolas, emporio opulento em que um commercio dilatadissimo consumiria os artigos mais diversificados da mais copiosa industria continental, presumimos serem ellas esse manancial de riquezas equilibrador da nossa fortuna, economia e felicidade.

Sendo assim: porque se não conhecem, se não adaptam, se não dilatam, se não se civilisam, e se não oppõe um dique á influencia extrangeira?

Porque se não abrem os portos, se canalisam os rios, se galgam pontes, se furam montanhas, se cortam de vias ferreas, se arroteam terrenos, e se *fundam missões*?

Sim; missões!!

Não somos reacionarios e as paginas ja lidas o comprovam; mas somos pelo progresso, pela civilisação e pela integridade do nosso territorio.

Quando o valente soldado conquistava, nos tempos aureos do nosso heroismo, ia-lhe no encalço o benemerito missionario que sellava essa posse arroteando, catechizando, civilizando.

A sua missão era mais bella, mais santa, mais duradoura do que a d'aquelle.

Hoje da India, da famosa India, quasi nada possuimos, temporalmente falando, mas espiritualmente, ainda é Gôa a cabeça do grandioso imperio christão do Oriente, cimentado com o sangue de tantos martyres, de tantos heroes da esplendente Cruz do Nazareno.

E hoje se queremos conservar essas preciosas reliquias, para nos não succeder como ao vastissimo padroado oriental, se queremos que nos respeitem os nossos direitos historicos, sobre regiões tão cubiçadas pelas mais poderosas nações da Europa, se se deve querer destruir, ou ao menos contrabalançar, a proficua influencia politica dos missionarios ingleses, allemães e franceses, o que devemos fazer senão contribuir, sem grande saltos, para a evolução social d'ellas, indo-lhes lenta, mas persistentemente ensinando, a pár de outros meios de progresso, a palavra encantadora, sublime do Evangelho e incutindo-lhes, no animo o mais profundo respeito pelo povo que os trouxe ao convivio da civilisação?

E que melhor operario, que mais audacioso trabalhador, que mais estrenuo patriota do que o padre portugues?

Que melhor instituição do que a missão catholica para mais breve, activa e perduravelmente podermos affirmar a nossa soberania, progredir, e fazer felizes essas soberbas regiões que nos ficaram do nosso gloriosissimo imperio colonial?

O que as missões são, dil-o a sua historia antiga em mil paginas nas biographias dos seus benemeritos elementos, dos seus dedicados membros, dos seus patrioticos martyres.

A historia moderna está cheia de paginas bellas, heroicas e d'um valor inexcedivel.

A Hespanha foi, ha annos, acordada pelo arrebatamento das Carolinas, ilhas quasi abandonadas e que a Allemanha queria possuir.

Na imminencia de uma guerra, appellou-se para o Papa e o melhor titulo que a Hespanha poude apresentar a Leão XIII, para sustentar o seu direito de posse, foi fornecido pelos vestigios das antigas missões que ella alli tinha mantido, e querendo depois tornar effectiva ou tornar mais viva a apagada soberania, recorreu novamente ás missões, para n'essas remotas paragens accentuar a sua influencia com a propaganda da Fé.

A grande Allemanha, a Allemanha protestante, do livre pensamento, ainda não ha muito tambem, ao ficar com os vastos territorios de Zanzibar nas margens do Rovuma, consentiu e aprovou que o Dr. Peters, chefe de uma

grande companhia exploradora n'aquelle protectorado, fosse contractar á catholica Munich missões e leval-as para essas regiões selvagens; porque viu e entendeu serem as missões catholicas o principal meio conducente a desenvolver em Africa a civilisação e a influencia europea.

Ha annos chegou a Vienna o celebre viajante allemão o Dr. Lenz, que tinha percorrido Africa n'uma das mais arriscadas e trabalhosas travessias, e falando alli sobre a inanidade absoluta da acção dos missionarios protestantes, asseverou que o unico elemento que podia introduzir no continente africano a civilisação europea, era a das missões catholicas, cuja influencia sobre o animo dos indigenas somente se apreciava bem, contemplando-a de perto e em acção. Hoje já não é tanto assim graças aos esforços enormes, mas ja vencedores, de diversas associações e sociedades particulares, que sustentam, desenvolvem, multiplicam esses centros de agricultura, de commercio e de religião protestante, cuja acção benefica é aproveitada pelos governos, principalmente o inglez, para em Africa vir a ter a supremacia politica e commercial.

Ainda ha pouco, o illustre chefe das missões francesas no Tonkim, recemchegado a Paris, disse n'uma conferencia que alli realisou que o missionario era o melhor caixeiro viajante que a França por lá tinha.

O nosso grande missionario, o modelo dos missionarios, o illustre padre Barrozo, cuja intelligencia e vastissima erudição tão utilmente tem sido postas ao serviço da Patria, diz tambem na sua portentosa obra a favor das missões portuguesas, que ellas são o mais poderoso e efficaz meio de fazer derivar todo o commercio d'esta parte de Africa em nosso proveito, ainda quando n'isto não pensemos.

Muitos outros factos e opiniões poderiamos adduzir para corroborar o que vamos dizendo e provar que o sacerdote deve ser um grandissimo elemento, pelo qual nós podemos alargar a nossa influencia politica e colonial.

O padre portugues não será só o mensageiro da Fé, é o tambem do progresso.

Não só espargirá o amôr de Deus, mas tambem o amôr da Patria.

Não baptisará só na egreja do Nazareno, mas tambem na officina do trabalho.

Não ensinará só o *Padre Nosso*, fará ler a palavra trabalho e a palavra Portugal.

Ao sahir da egreja entrará na officina.

Ao despir a dalmatica de ministro do Senhor, envergará a blusa de afanoso operario.

Não será só padre, será tambem artista, professor, mestre e patriota.

Isto é o que deve ser o padre nacional nas colonias.

Sendo assim, porque não concentramos os nossos esforços nas missões catholicas e concorremos, cada um na sua esphera, para essa grandiosa obra de regeneração, progresso e civilisação de que advirão a Portugal fartos beneficios economicos e politicos principalmente?

Tratemos com cuidado e a tempo das vastas e uberrimas regiões africanas, pois não nos succeda como ao nosso padroado do Oriente, onde, á falta de missionarios nossos, se foram introduzindo os da *Propaganda* em tal numero, que tendo nós, de seculos como vimos, o sagrado direito de padroeiros da India, das suas 30 dioceses, apenas podemos hoje nomear bispos só para 4, devido, sem duvida, á influencia politica d'aquelles!!

E em Africa de certo, onde ja florescem bellas e famosas missões protestantes e catholicas de outras nações, ás revoltas e perdas de vastos territorios que temos soffrido, não serão extranhos os manejos traiçoeiros de astutos e perseverantes missionarios que, alvejando minar a nossa ainda grandissima influencia e prestigio, preparam assim as sympathias d'esses povos, para mais facilmente se estabelecer a influencia dos seus governos.

Organizemos, pois, as nossas missões com elementos portugueses que tanto abundam, e dêmo-lhes uma feição altamente pratica e patrioticamente politica, e imitemos essas nações da Europa que tem interesses ligados nas outras partes do mundo, enviando, mantendo e alastrando a acção bemfeitora d'esses sublimes operarios da civilisação, que não só irão espalhar a doutrina de Christo, mas tambem accentuar e firmar por todas as formas o nosso poderio, oppondo-se energicamente á acção nociva das outras missões estranhas, formando nucleos de arroteamento de campos, desenvolvimento agricola e commercial, facilitando assim as nossas relações com os indigenas, procurando derivar para os nossos portos o commercio que lhes trará

vida e lhes assegurará um futuro de riqueza e prosperidade.

Mais do que um ministro da marinha tem pensado na reforma das instituições e serviços missionarios, e ainda ha pouco sahiu por aquelle ministerio uma portaria pela qual se nomeava uma commissão composta das mais altas summidades na materia, para formular uma proposta de lei em que se attenda a varias bases apresentadas na referida portaria, vendo nós n'ella uma que muito diz respeito a um dos fins praticos do nosso humillimo livro — o chamar a attenção dos poderes publicos a dar vida ao grande e gloriosissimo convento de Christo.

Diz a importante e patriotica portaria:

Organisar um ou mais estabelecimento na metropole...... destinados á educação de missionarios.

Aonde melhor do que no convento de Christo em Thomar se poderá estabelecer um collegio para missões das nossas possessões ultramarinas?

Casa como fica descripta e com uma adaptação pouco custosa: largas officinas, apropriados aposentos, grandiosos claustros, espaçosas cisternas, sumptuosa egreja, as tradições mais congeneres, mais honrosas e mais gloriosas; tudo de certo concorreria para a accommodação de tão util estabelecimento.

Como seria bello, patriotico e util á sua conservação, aviventar, e sem incommodo de visinho algum, essas galerias, corredores, pateos, officinas, santuarios com novos campeões da Fé e do trabalho que fossem, como n'outros tempos os valentes e illustres moradores d'esse soberbo convento — os nobres cavalleiros de Christo, — de mar em fóra e embrenharem-se pelos sertões a dentro, desvendar, conhecer, tratar, incutir-lhe habitos de trabalho e de familia, emfim civilisar esses povos errantes e perdidos para a civilisação!!

Que lições de ardimento e patriotismo não receberiam esses mancebos, ao contemplarem as rendilhadas pedrarias de tempos aureos de arte e grandeza e como lhes incendiariam as juvenis imaginações as sacrosantas e heroicas memorias dos egregios habitantes, seus ascendentes, n'essa maravilhosa casa!

Como lhes serviriam de estimulo as queridas lembranças dos feitos immortaes, homericos dos levantadores da

Charola e dos audazes e epicos cavalleiros que mais concorreram para o conseguimento da grandiosissima missão de Portugal, cuja synthese está estampada na flammejante e symbolica fachada-poente da egreja da antiga e nobilissima cavallaria de Christo?!

O grande patriota e notavel homem politico, cuja morte ha pouco se pranteou, com justo e devido motivo, Thomaz Ribeiro, n'um arranco doloroso da sua grande alma, endereçou a sua magestade el rei D. Carlos uma carta aberta, publicada n'um jornal da capital em que o incitava para o seu governo reformar a ordem de Christo, a mais nobre, pela sua antiguidade e pelas suas tradições, de quantas conhecia no mundo, fazendo-a a suprema honra nobiliarchica de Portugal.

Depois de historiar a origem e os grandes serviços prestados pelos cofres da opulenta ordem á patria, subsidiando a gloriosissima empreza de D. Henrique, diz o illustre escriptor:

«Isto bastava.

Que outra Ordem de maior nobreza temos nós ou teem os outros povos do mundo?—O Tozão d'Ouro? Acredita alguem na viagem de Jason á Colchida e nas artes magicas de Medêa para acudir aos argonautas? Na ficção do carneiro com a lã d'ouro, prenda d'Apollo? Esta ordem nobilissima assenta n'uma ficção. — Annunciada? essa que tradições tem para a Italia, hontem sua fundadora? — A ordem do Banho? Ora! funda-se no facto (pouco escrupuloso de limpeza) d'uns inglezes se lavarem nas aguas em que se banhára um principe. (Quasi se não pode narrar este feito a gente de bom tom). — A Ordem da Jarreteira?... Deixemos em paz a liga da gentil dama, que nos podem gritar — *honni soit...* — que o nosso D. João I traduziu, nas salas de Cintra: — «Por bem».

Qual d'essas ordens nobres póde hombrear com a Ordem de Christo? a Legião d'Honra? Essa, data de 1802; creou-a o primeiro consul, depois imperador da França. Inventou-a para que? para crear nobreza; para contrariar as instituições democraticas, demolidoras de toda a fidalguia; instituições em nome das quaes elle subiu á dignidade de primeiro consul.

Honra-se a Legião d'Honra pelo nome, hoje proscripto do grande homem que a instituiu, mas não se vê n'ella uma

tradição historica, nem um limpido feito em que assentasse ou a que mirasse; mesmo o seu nome não se entende bem. «Legião... d'honra...»?

E' muito estimada, é muito digna de apreço, pelo homem que a inventou. Um dos maiores — talvez o maior vulto d'este seculo; mas é um enfeite honorifico, nada mais; um distinctivo de nobreza hodierna.

....

....

façâmos á nobilissima ordem portugueza o que se lhe deve, desde que *após o descobrimento da India* — só então fizémos cavalleiro, — simples cavalleiro — Vasco da Gama.

Façâmos d'ella a nossa ordem mais nobre; tanto, pelo menos, como as mais nobres da Europa. Tanto como o Tozão d'Ouro e a Annunciada.

Isto quiz fazer o Senhor D. Luiz I; e tel-o-hia feito se a morte o não levasse tão cêdo.»

Pediu quem podia e quem tinha auctoridade para isso.

Nós não fazemos senão reproduzir com o maximo respeito pelo notavel portuguez as suas palavras e juntar a nossa humilde voz á do grande patriota.

Hoje que por todo o Portugal fóra se sente um salutar movimento de renascença, hoje que tende a desapparecer essa lethargia que nos prostrou por longos annos, hoje que a nossa industria já vae produzindo de mais para o nosso mercado interno e tende a collocar os seus productos nas colonias, hoje que echoou por todos os cantos da Patria o fremito de enthusiasmo pelas gloriosas e homericas victorias d'um Mousinho, d'um Galhardo, d'um Machado, reformae, oh Rei, por intermedio do vosso governo, essa gloriosa Ordem de que sois o Mestre e cuja historia é insufficientemente narrada nas descoradas paginas d'este livro e erogae-a, com parcimonia, em galardão dos mais altos feitos de civismo e patriotismo praticados na causa santa da regeneração das nossas colonias, unico penhor da nossa independencia e campo vasto para continuarmos a nossa augusta missão de progresso e civilisação.

E estabelecei no Convento de Christo nos moldes, mais e muito mais praticos do que os do collegio de Sernache do Bom Jardim, um outro cujos discipulos vão, depois de bem preparados, diffundir a nossa influencia politica, civilisadora no continente negro, contrariando a nefasta e antipatriotica divulgação de outras crenças e interesses, derramando os preciosos beneficios das artes e das sciencias, levando ás partes mais reconditas do sertão a influencia portugueza, a luz clara e santissima do Evangelho e o sublime e sacrosanto nome de Portugal.

Creae, oh Rei, essa Ordem de novos soldados da Cruz e do Progresso, cuja bandeira vá, como ia no tempo do *Afortunado* a dos cavalleiros de Christo, authenticar, balisar, firmar a soberania temporal d'aquelle e a espiritual da sua Ordem n'esses quasi illimitados territorios, em que hoje as outras nações coloniaes pelas suas bem organisadas missões vão assentando arraiaes, favorecidos pela nossa ignavia, pelo nosso desleixo e tentam por astucia ou ás claras desapossar-nos do que nos vae ficando do nosso, outr'ora, gloriosissimo e riquissimo imperio ultramarino, cuja perda total seria a nossa ruina, começando pela industria que lançaria na miseria e na revolta da fome milhares de familias.

Fundae, oh Rei, essa heroica milicia, emquanto é tempo, não nos estreitos modelos das congregações religiosas da edade-media; pois esses tempos de rigorosa sujeição transformaram-se n'outros mais livres, mas mais scientes dos deveres de cada um, como elemento d'este grande corpo — a sociedade; e se tanto fôr possivel, o que devia ser, quebre-se esse desnatural e desmoralisante principio do celibato, reprovado por toda a medicina do mundo, para que o novo campeão da Fé e da Patria, concorra com um importantissimo elemento — a familia — para o engrandecimento e moralisação d'esses povos, que é preciso com urgencia trazer ao nosso convivio, condição *sine qua* ficaremos sem elles e d'ahi sem independencia na Europa.

Cruzar os braços no momento presente, em que as ferinas e aduncas garras dos nossos terriveis inimigos querem dilacerar e escarnecer o sagrado pendão das Quinas, nas vastas plagas africanas, é morrer e morrer ignominiosamente por não se ter defendido a nobre herança que nos deixaram e cumprir os rigorosos deveres que a civilisação nos impoz.

Congreguemos, pois, todos os esforços, todas as boas vontades, tudo emfim, d'onde possa advir uma acção salutar, persistente, patriotica, e mostraremos ao mundo que a raça audaz e forte dos navegadores e conquistadores dos

immortaes seculos XV e XVI, ainda é viva e quer continuar a ser contada no numero das nações independentes, progressivas, civilisadoras.

Bem sabemos que não vão os tempos muito propicios para largos gastos e não correm no publico conhecimentos de sã economia politica, o qual quer vêr logo ás emprezas resultados praticos e lucros certos, para que concorressem sem grande custo os auxilios monetarios á sustentação da patriotica obra.

Mas bem modestos correm em seus leitos, ao nascerem, os grandes rios e elles engrossam e fazem-se enormes em corrente e em força.

Bem humilde começou o collegio de Sernache, e já hoje presta grandes e relevantissimos serviços á causa santa e patriotica das missões.

Juntem-se as aulas sustentadas pelo municipio de Thomar, de Frances, de Mathematica, de Introducção ás Sciencias Naturaes e a de Portugues que já existiu, á Escola *Jacome Raton*, que está a morrer de inanição, e a outras aulas que completem o curso, como por exemplo as cadeiras das linguas: *suahili* e *de 'nbundo* e aos demais elementos que sejam precisos para funccionar o novo estabelecimento, que tambem póde ter a organisação d'um lyceu para quem queira aproveitar aquelles estudos e se destine a outras carreiras litterario-scientificas, e vel-o-hemos em breve florescer, robustecer, engrandecer a bem da Patria e da Humanidade.

Decretae, oh Rei, a reforma da antiga e nobilissima Ordem de Christo e instituí o patriotico e civilisador exercito, para que se conte mais um facto illustre que perpetue brilhantemente o vosso reinado e para que o vosso nome seja rodeado de uma aureola resplendente de gloria e patriotismo, como o do immortal D. Diniz, o sagaz e previdente creador da Ordem que, no futuro, havia de ser a celeberrima e patriotica Ordem de Christo, á qual Portugal começou por dever os seus dias de gloria e de triumpho.

LISTAS E INDICES

Lista dos Mestres da Ordem do Templo

———

Lista dos Mestres, Governadores e Administradores do mestrado de Christo

Mestres

Governadores e Administradores

Governadores, Administradores e Grão-mestres

Grão-mestres

Lista dos DD. Priores móres e Geraes da Ordem de Christo, desde a reforma de D. João III até á extincção das ordens monasticas

---

1.º FR. ANTONIO DE LISBOA — de 1529 a 1551 em que falleceu. D'este D Prior já fica dada larga noticia no texto.

2.º FR. AGOSTINHO — de 1551 a 1554; foi religioso de muita virtude, veio a morrer na enfermaria do convento e foi sepultado no claustro do cemiterio.

3.º FR. DAMIÃO (o velho) — de 1554 a 1556; foi eleito (segundo Barbosa, *Bibl. Lus.*, tom. 1.º) a 23 de agosto de 1554, mas só encontramos documentos que se lhe refiram até 4 de janeiro de 1556, parecendo que por molestia não acabou o triennio. Posto que um conventual, que escreveu umas noticias em 1630, diga que ainda o conheceu, parece-nos que se equivocou com outro fr. Damião, pois entre estas duas datas medeiam setenta e quatro annos.

4.º FR. VICENTE DO REGO — de 1556 a 1559, encontrando-se documentos até 27 de maio d'este ultimo anno que o nomeiam. Foi creado da Rainha D. Catharina e do Cardeal D. Henrique. Exerceu todos os cargos da Ordem, e foi tres vezes D. Prior, como veremos.

5.º FR. CLEMENTE — de 1559 a 1562, exerceu varios cargos da Ordem. Era homem de letras e muita gravidade. Foi quem mandou fazer o sino grande (*baleia*), o meão e outro. Morreu em Villa Franca, em cuja egreja foi supultado. Ha documentos até 12 de abril de 1562.

6.º FR. VICENTE DO REGO (2.ª vez) — de 1562 a 1565. Ha documentos até 28 de abril d'este ultimo anno.

7.º FR. PEDRO (Cabeça de ferro) — de 1565 a 1568, havendo documentos até 14 de abril do ultimo anno. Diz-se que a alcunha lhe foi posta pelo Cardeal D Henrique, pela tenacidade com que resistiu ás suas prepotencias, principalmente quando este principe pretendeu extinguir o Convento da Luz, o que não conseguiu.

8.º FR AGOSTINHO (2.ª vez) — de 1568 a 1571, encontrando-se documentos até 25 de dezembro de 1570. Era religioso antigo, do tempo de fr. Antonio de Lisboa, e o primeiro que lhe succedeu na administração da Ordem, em que gozou grande reputação pela sua inteireza e bondade.

9.º **FR. BAZILIO** — de 1572 a 1573, ha documentos de 24 de maio de 72 até 2 de fevereiro de 73. Gozou de muita respeitabilidade. Foi o primeiro que mandou conventuaes a Coimbra a estudar theologia, sustentan lo-os principalmente com os rendimentos da quinta da Cardiga. Teve todos os officios da Ordem, e durante o seu periodo se acabou a meia laranja da ermida da Senhora da Conceição. D. Sebastião chamou-o a Santarem para assistir ao Capitulo Geral, a que el-rei presidia, onde fr. Basilio appareceu com acompanhamento de tantos religiosos, e uma capella tão numerosa de musicos, que se dispensou a Capella Real.

10.º **FR. ADRIÃO MENDES** — de 1575 a 1578. Foi um dos Priores que mais obras fez no Convento. Teve todos os cargos da Ordem; era aparentado e muito conceituado na côrte: e parece que tendo os freires querido eleger segunda vez fr. Pedro (Cabeça de ferro) o Cardeal D. Henrique não confirmára a eleição e fizera eleger fr. Adrião, o que produziu algumas dissensões, mas que por fim cessaram, com os bons procedimentos de fr. Adrião, e a acceitação, por parte de fr. Pedro da egreja de Pena Garcia, etc.

11.º **FR. VICENTE DO REGO** (3.ª vez) — de 1578 a 1580.

12.º **FR. DUARTE DE ARAUJO** — de 1580, eleito a 22 de abril até 1583. Era formado, de familia distincta, intelligente. Tinha sido enviado a Roma, com Frei Antonio de Placencia, como procuradores da Ordem, pelo D. Prior fr. Pedro, para defender os direitos d'ella, contra as machinações do Cardeal D. Henrique, e tão habilmente se houveram, que conseguiram os seus intentos. Era de tamanha consideração que, em Roma, era consultado frequentes vezes pelo doutor Navarro. Foi quem recebeu em Thomar a D. Filippe I quando veiu tomar posse do reino, alojando o e a toda a côrte com largueza e magnificencia. Diz Barbosa que escreveu e imprimiu em Coimbra uma *Vida de Santa Iria*, mas tal livro não apparece. D. Filippe fazendo grande cabedal de fr. Duarte quando vagou a mitra de Braga, pela renuncia de D. fr. Bartholomeu dos Martyres, mandou-lh'a offerecer pelo seu Capellão-Mór, mas nunca foi possivel conseguir que a acceitasse, respondendo sempre — *que quem não sabia dar conta da sua alma, mal a saberia dar das alheias.* — Falleceu em Thomar, em edade avançada a 17 de abril de 1599.

13.º **FR. RAPHAEL** — de 1583 a 1586. Só consta que mandou cobrir de telhado a sacristia e fazer-lhe os gavetões.

14.º **FR. SILVESTRE** — de 1586 a 1589. Foi D. Prior duas vezes, tendo gozado de grande reputação na administração da Ordem, havendo sido enfermeiro e feitor da quinta da Cardiga varias vezes.

15.º **FR. ADRIÃO MENDES** (2.ª vez) — de 1589 a 1592. N'este segundo priorado foi a Madrid visitar o rei D. Filippe e tratar de assumptos da Ordem, alcançando auctorisação para despezas das obras.

16.º **FR. INNOCENCIO MACHADO** — de 1592 a 1593. Foi homem muito recolhido e austero. Foi enfermeiro varias vezes, feitor da quinta da Cardiga e parece ter fallecido durante o seu triennio.

17.º **FR. LOPO SALGADO** — de 1593 a 1596. Foi duas vezes D. Prior. No seu tempo continuaram as obras com bastante incremento.

18.º **FR. ADRIÃO MENDES** (3.ª vez) — 1596, continuando as obras a que era muito dedicado, e tendo ido a Lisboa tractar de assumptos a ellas relativos, foi colhido pela morte no convento da Luz, onde se achava e onde foi sepultado.

19.º **FR. DAMIÃO DAS NEVES** — de 1596 a 1598. Era homem letrado, de muito saber e circumspecção. Teve varios cargos da Ordem: examinador durante vinte e cinco annos da Mesa da Consciencia e Ordens; prior da Casa da Luz e do Collegio de Coimbra, e o primeiro lente que a Ordem teve.

20.º **FR. LOPO SALGADO** (2.ª vez) — do 1.º de março de 1598 a 1601. Pouco tempo depois de tomar posse, partiu para Madrid visitar o rei e tractar assumptos da Ordem, para o que recebeu 60$000 réis, continuando as obras, principalmente a das fontes, com grande actividade no seu priorado. Na occasião da peste acudiu á Casa de Saude da Villa com dezeseis moios de trigo, quando valia o alqueire 500 réis. Foi inclinado á pintura e assim mandou pintar o arco da egreja; poz as reliquias em prata; pintou os retabulos do refeitorio e a *Ceia* da mesa travessa, e *Nossa Senhora* com o *Padre S. Bento* e *S. Bernardo* que estavam em cima do arco por onde se serviam os servidores.

21.º **FR. SILVESTRE** (3.ª vez) — de maio de 1601 a 1604.

22.º **FR. DAMIÃO DAS NEVES** (2.ª vez) — de 1604 a 1607. Em 9 de abril de 1605 recebeu 5$940 réis para a ida a Castella, tractar dos negocios da Ordem, e d'onde trouxe algumas regalias para ella. Ha algumas noticias relativas ás obras feitas no seu tempo.

23.º **FR. MIGUEL DOS SANTOS** — de 30 de maio de 1608 a 1611. Foi duas vezes D. Prior. A 7 de fevereiro de 1603, ainda era feitor na Cardiga. Era sabio e grande letrado.

24.º **FR. LOURENÇO GARRO** — de 1611 a 1613. Barbosa, dando-o eleito n'este ultimo anno, enganou-se, pois ha documentos de 1611 e 12, que lhe dizem respeito. Foi natural de Thomar, illustrado e muito virtuoso, sendo eleito bispo de Cabo Verde em 1627. Falleceu com mais de 90 annos no 1.º de novembro de 1646, e foi sepultado na egreja de Nossa Senhora do Rosario, por não estar acabada a Cathedral, devendo gravar-se na campa tres *muitos*, que eram: *muito velho, muito pobre*, e *muito santo*. Escreveu varias obras, e da *Isagoge Moral* se fizeram oito edições. (Vid Barb., *Bibl. Lus.*, tom. 2.º)

25.º **FR. MIGUEL DOS SANTOS** (2.ª vez) — de 1613 a 1616, continuando as obras com vigor.

26.° **FR. PEDRO MONIZ** — de 1617 a 1620. Era sobrinho do grande reformador fr. Antonio de Lisboa, e foi duas vezes D. Prior, devendo-se-lhe o augmento e progressão das obras das fontes, portaria, etc., como se póde vêr no processo d'este livro. Sustentou grandes demandas com alguns potentados. Recebeu Filippe II na sua visita ao reino, alojando todo o sequito real com a mesma ou maior largueza que havia feito ao pae, fr. Duarte de Araujo. Por engano, Lavanha, na sua resenha da viagem d'este rei a Portugal, chama-lhe *Lourenço*. Parece-nos que foi durante este priorado, que no convento de Thomar houve uma junta de prelados portuguezes para examinar as causas da diffusão do judaismo, e consultar as providencias oportunas para a atalhar. O assumpto era espinhoso e a discussão foi longa. Durou dois annos. Teve até de se lhe juntar, como consultores, alguns lentes da Universidade de Coimbra.

27.° **FR. ANDRÉ PACHECO** — de 1620 a 1623. Foi homem letrado, e havia sido Procurador Geral, tendo arrecadado, em tempo de fr. Pedro Moniz, as multas impostas aos cavalleiros que não concorreram ao Capitulo geral.

28.° **FR. PEDRO MONIZ** (2.ª vez) — de 1623 a 1626. Continuou as obras, tanto no convento como nos outros da Ordem, e parece que em 1630, apezar de muito velho, ainda vivia.

29.° **FR. ANTONIO MONIZ** — 1626. Primo do antecedente e sobrinho, como elle, do reformador fr. Antonio de Lisboa. Poucos mezes depois de haver tomado posse, mas passado o 1.° de novembro d'este anno, por instancias dos religiosos, partiu para Madrid, a tractar de negocios importantes da Ordem, apezar de velho e doente, o que o colleitor Palote lhe quiz impedir. Tomou por companheiros a fr. Thomaz Secco e fr. Vicente da Paixão. Foi recebido com acatamento pelos do Conselho, e com boa sombra pelo rei. Mostrou-se-lhe tambem muito affeiçoado o conde duque d'Olivares, tanto que ao despedirem-se d'uma das suas conversações, o conde duque pediu-lhe que voltasse, dizendo-lhe: «*Padre D. Prior, venha cá de vagar e murmuraremos dos portuguezes.*» Ao que fr. Antonio respondeu graciosamente: «*E dos castelhanos tambem.*» Da segunda vez que falou a el-rei, achando-o um tanto frio, disse-lhe: — «*Por ventura os DD. Priores passados, e os que tractaram com os reis, tinham melhor rei que eu? mais catholico e mais poderoso, mais liberal do que eu tenho?*» Com esta franqueza falava ao rei e ao conde duque, que logo que elle adoeceu o mandaram visitar, assim como os do Conselho, que lhe asseguraram que tudo o que reclamava se lhe havia de fazer. Emfim, falleceu em Madrid, d'onde foram trazidos seus ossos para Thomar, sendo sepultados no Claustro do Cemiterio.

30.° **FR. IGNACIO DE NOVAES** — de 1627 a 1629. De quem pouco se sabe, encontrando-se documentos até 3 de janeiro d'este ultimo anno.

31.° **FR. RODRIGO DE S. VICENTE** — de 1629 a 1632. Foi duas vezes D. Prior, e pouco se sabe a seu respeito.

32.° **FR. CUSTODIO FALCÃO** — de 1632 a 1635 de quem nada sabemos.

33.° **FR. GREGORIO TAVEIRA** — de 1635, em que foi eleito a 22 de julho, até 1638; havia sido Prior do Convento da Luz (como outros DD. Priores atraz nomeados) Natural de Lisboa, foi escriptor mystico muito nomeado. A sua obra *Fugido do mundo para Deus*, obteve cinco edições. Falleceu com 79 annos de edade, em 1654, em Thomar, tendo 54 da Ordem. (Vid. Barb., *Bibl. Lus.*, tom. 2.°, e *Dic. Bibl.* de Innoc., tom. 3.°)

34.° **FR. ROQUE DO SOVERAL** — de 1638 a 1641. Coube-lhe a gloria de acclamar a restauração de Portugal, com D. João IV, em 1640, no que se não demorou a Ordem. Foi lente de theologia e Examinador das tres ordens militares, escriptor e prégador conceituado. Escreveu a *Historia do insigne apparecimento de Nossa Senhora da Luz*, etc. Nasceu em Sernancelhe, bispado de Lamego, em 1570; professou no Convento de Thomar em o 1.° de janeiro de 1590, onde falleceu a 10 de janeiro de 1660, contando 90 annos de edade e 70 de religião. (Vid. Barb., *Bibl. Lus.*, tom. 3.° Innoc., *Dic. Bibl*, tom. 7.°

35.° **FR. LEONEL DA PARADA** — de 1641 a 1644. Devia ser parente proximo de Leonel da Parada Tavares, Desembargador da Casa da Supplicação, e em seu tempo continuaram as obras do aqueducto, de que ha contas.

36.° **FR. THEODOSIO PEREIRA** — de 1644 a 1647. Durante o seu priorado continuaram as obras do aqueducto.

37.° **FR. PAULO DE VASCONCELLOS** — de 1047, em que foi eleito, a 22 de maio de 1650. Era natural da villa d'Avelloso, do Bispado de Lamego. Professou no convento de Thomar, a 9 de setembro de 1587, onde foi Superior. Foi prior do convento da Luz e do Collegio de Coimbra. Foi muito dado á leitura de livros asceticos, compondo, além de varios tractados, que ficaram manuscriptos, (sendo um da *Instituição dos Cavalleiros da Ordem de Christo*, e outro do *Modo com que se ha de celebrar o Capitulo geral d'ella*) *Arte espiritual*, etc., que deu á estampa em 1649. Falleceu no convento de Thomar a 29 de julho de 1654, não se encontrando a campa. (Vid. Barb., *Bibl. Lus.*, e Innoc., *Dic. Bibl.*)

38.° **FR. MANUEL DA NOBREGA VALDEZ** — de 1650 a 1653, sem que haja outras noticias suas nem das obras do seu priorado.

39.° **FR. RODRIGO DE S. VICENTE** (2.ª vez) — em 1553, parecendo ter fallecido n'este anno.

40.° **FR. JOSÉ** — de 1653 a 1656 ?. Escassas noticias d'este prior nos inhibem de dizer mais nada d'elle.

41.° **FR. PEDRO** — de 16 6 a 1659. Identico ao anterior.

42.° **FR. MANUEL D'ABREU** — de 1559 a 1661. Exerceu o cargo por duas vezes. Era illustrado.

43.º **FR. THEODOSIO PEREIRA** (2.ª vez) — de 1661 a 1664.
44.º **FR. NICOLAU DE SÁ** — de 1664 a 1667. Nada sabemos dos factos do seu priorado.
45.º **FR. MANUEL D'ABREU** (2.ª vez) — 1668. Nada mais sabemos.
46.º **FR. MANUEL DOS ANJOS** — de 1668 a 1671. Era doutor e foi duas vezes D. Prior.
47.º **FR. GABRIEL DO AMARAL** — de 1671 a 1674. Nada tambem conhecemos dos seus actos, sabendo só que foi D. Prior duas vezes.
48.º **FR. LOURENÇO SARO** — de 1674 a 1677. Parece ser natural do concelho de Thomar, e nada mais podemos dizer a seu respeito.
49.º **FR. MANUEL DOS ANJOS** (2.ª vez) — de 1677 a 1680, em que parece ter fallecido.
50.º **FR. GABRIEL DO AMARAL** (2.ª vez) — de 1680 a 1683.
51.º **FR. MIGUEL PACHECO** — de 1683 a 1686.
52.º **FR. GUILHERME DE FREITAS** — de 1686 a 1689. Foi durante o seu priorado que se concluiram as obras importantes do Convento, como fica expresso pela inscripção a pag. 285 do nosso livro.
53.º **FR. ALBERTO SARO** — de 1689 a 1691. Deve ser parente proximo de fr. Lourenço (n.º 48), e como tal nascido nas cercanias de Thomar
54.º **FR. FILIPPE DA SILVA** — de 1692 a 1695. Era doutor e foi tres vezes D. Prior, o que denota, ou muito merecimento e bons serviços, ou muita influencia pessoal.
55.º **FR. FELICIANO D'ABREU** — de 1695 a 1697. Tambem era doutor, mas poucas memorias ha dos seus actos.
56.º **FR. MARTINHO PEREIRA** — de 1697 a 1700. Foi natural da Obidos, onde foi baptisado a 18 de novembro de 1637. Professou aos 21 annos no convento de Thomar, a 3 de novembro de 1658. Doutor pela Universidade de Coimbra, onde foi lente de varias cadeiras, e ultimamente vice-reitor d'ella. Era tido como consummado theologo. Quando D. Prior, celebraram-se em Thomar as exequias pelo fallecimento da rainha D. Maria Sophia Isabel, pronunciando elle a oração funebre, que foi impressa no anno seguinte. Ha mais sermões impressos e um commentario em latim ao livro das sentenças. Falleceu em Coimbra, a 14 de janeiro de 1729, contando 92 annos de edade e 71 de religioso, sendo sepultado n'aquella cidade, no Collegio da sua Ordem. (Vid. Barb., *Bibl. Lus.*)
57.º **FR. JOSÉ DE MELLO** — de 1701 a 1704.
58.º **FR. FILIPPE DA SILVA** (2.ª vez) — de 1704 a 1707.
59.º **FR. ANGELO DE BRITO** — de 1707 a 1710. Foi duas vezes D. Prior.
60.º **FR. URBANO DE MESQUITA** — de 1710 a 1713. Era doutor, e nada mais consta a seu respeito.
61.º **FR. AFFONSO FERRAZ** — de 1713 a 1715. Durante o seu triennio teve a fortuna de receber a visita de D. João V e seus irmãos, o que foi celebrado com festas deslumbrantes.

62.º **FR. FILIPPE DA SILVA** (3.ª vez) — de 1715 a 1717.
63.º **FR. FERNANDO DE MORAES** — de 1717 a 1719. Foi quem mandou imprimir os Estatutos, como démos nota no texto. No dia 25 de maio de 1717 na capella do palacio do duque de Cadaval onde el-rei estava residindo, procedeu elle ao acto de armar Cavalleiro de Christo ao infante D. Antonio, a quem logo o D. Prior, em cujas mãos o infante fez profissão, lançou o habito da Ordem, estando o prelado sentado junto ao altar mór, vestido de pontifical com capa de asperges, mitra e baculo, assistindo o infante D. Francisco que n'esse dia fazia annos, por cuja razão foi mais brilhante o acto, os duques, marquezes, condes e mais nobreza da côrte, em trajes de galla.
64.º **FR. ANGELO DE BRITO** (2.ª vez) — de 1719 a 1722.
65.º **FR. RICARDO DE MELLO** — de 1722 a 1736. Desde a reforma feita por D. João III e fr. Antonio de Lisboa, foi no tempo do monarcha *fidelissimo*, que pela primeira vez se foi infiel ao preceito dos estatutos da Ordem, de se fazer triennalmente a eleição do cargo de D. Prior e outros. Fr. Ricardo, não sabemos porque artes, foi conservado *in perpetuum*, como os secretarios das academias e outros, no cargo de D. Prior, de que só a morte o privou. Devia ser fertil em acontecimentos internos e externos este longo e irregular priorado, mas os livros existentes pouco nos deixam conhecer. Era Mestre jubilado em Theologia, do Conselho d'el-rei; havia sido Procurador Geral da Ordem e falleceu no Convento de Thomar a 16 de janeiro de 1736, com 65 annos de edade, 47 de habito e quasi 14 de prelasia. Quando a noticia da sua morte chegou ao Convento da Luz, fizeram-se-lhe logo solemnes exequias, prégando n'ellas o Doutor fr. Luis Peixoto, Procurador da Ordem de improviso, caso natural n'aquelle tempo. Fr. Luis mais tarde foi D. Prior. Vago o priorado, não sabemos tambem porquê, esteve sem ser provido durante alguns annos; naturalmente por capricho do rei-magnanimo, exercendo as funcções d'elle o Superior fr. Felix da Gama, até á eleição de
66.º **FR. D. FELICIANO DE NOSSA SENHORA** — de 1740 a 1743. O primeiro documento que a elle se refere é de 6 de março do primeiro d'estes dois annos. Conhecida e approvada a sua eleição, foi celebrada uma festividade em acção de graças, por esse facto, no dia 28 de março, com assistencia da communidade, parte da dos Conventos de Santo Antonio e S. Francisco fazendo a oração panegyrica o padre mestre fr. João de Mesquita. Foi doutor em theologia, conselheiro d'el-rei. Em 1742 estava eleito bispo de Lamego, quando celebrou no Convento de Thomar, solemnes exequias por alma do infante D. Francisco então fallecido.
67.º **FR. EUSTACHIO DE NOSSA SENHORA** — de 1743 a 1749. Era doutor, e não deixou memorias de sua passagem.
68.º **FR. BERNARDO DE MELLO** — de 1746 a 1747. O primeiro do-

cumento conhecido é de 4 de junho do primeiro d'estes dois annos, parecendo haver fallecido sem terminar o triennio.

69.º **FR. MIGUEL CARLOS CORTE REAL** — de 1747 a 1749. Este prior, que era doutorado, e parece que da familia do ministro Diogo de Mendonça Corte Real, exerceu o cargo duas vezes.

70.º **FR. LUIS PEIXOTO** — de 1749 a 1751. Era tambem doutorado. Achando-se este D. Prior em Lisboa, foram por el-rei armados cavalleiros de Christo, no oratorio do Paço, o principe D. José e o infante D. Pedro, lançando-lhes o habito o D. Prior. Esta cerimonia realisou se em quinta feira, 12 de março de 1750, fallecendo pouco depois D. João V. Celebrou com a devida solemnidade as exequias por sua alma. Comtudo este rei, sendo tão largo para outras clausuras, nada consta que fizesse ao convento de Thomar.

71.º **FR. DANIEL DA FONSECA** — de 1751 a 1753. Era padre mestre e falleceu em Thomar em março de 1753.

72.º **FR. JERONYMO DE SOTTO MAIOR** — de 1753 a 1755. Doutor pela Universidade de Coimbra. Foi duas vezes D. Prior, e consta que regeu bem a Ordem, eleito em abril do primeiro d'esses annos, e fôra durante muitos Procurador Geral da Ordem.

73.º **FR. CAETANO DE CHRISTO** — de 1755 a 1758. Não consta que o convento soffresse estragos pelo terremoto, mas o D. Prior concorreu, quanto poude, para os necessitados. Foi eleito no Capitulo da Ordem em Thomar, a 14 de abril de 55; era de grandes virtudes e letras.

74.º **FR. MIGUEL CARLOS CORTE REAL** (2.ª vez) — de 1758 a 1761. Eleito a 10 de abril no Capitulo da Ordem em Thomar, confirmada a eleição a 18, recebida a noticia alli a 22, a qual foi logo celebrada com festejos, repiques de sinos, luminarias, etc. Era religioso de muitas virtudes e letras. Succedendo durante o seu priorado a tentativa contra el rei D. José, logo que recebeu carta, assignada por el-rei, participando-lhe o seu restabelecimento, fez celebrar um solemne triduo, em acção de graças, por esse motivo, a que concorreram todos os Cavalleiros residentes em Thomar e proximidades.

75.º **FR. JERONYMO DE SOTTO MAIOR** (2.ª vez) — de 1761 a 1764

76.º **FR. ESTEVAM GAMBÔA** — de 1764 a 1767. Não sabemos se fr. Estevam falleceu durante o priorado, ou concluiu o triennio; os registos são mudos; o que sabemos é que o mau exemplo dado por D. João V repercutiu-se n'este reinado, como se repercutirá nos seguintes. O facto é que não foi eleito novo prior, ou se o foi, não obteve confirmação regia. Desde 1768 até 24 de fevereiro de 1777 exerce o cargo, como presidente geral fr. Antonio Ferreira da Silva, que, segundo parece, era creatura muito acceita ao Marquez de Pombal. Fallecido, porém, D. José, procede-se logo á eleição.

77.º **FR. AFFONSO DE CASTRO E BRITO** — de 1777 a 1780. Era doutor e tinha exercido varios cargos da Ordem.

78.º **FR. D. RAPHAEL DE LORENA** — de 1780 a 1783. Do conselho d'el-rei e filho dos condes d'Alvor. D'elle só nos consta que no dia 25 de maio de 1782, no oratorio do Nossa Senhora da Ajuda, paramentado com as insignias pontificaes, benzeu as armas e lançou o habito da Ordem ao infante (depois principe) D João, que foi n'esse acto armado cavalleiro d'ella, servindo-lhe el-rei de padrinho, e ministrando-lhe as insignias militares o principe e o duque de Lafões

79.º **FR. LUIZ DA CUNHA** — de 1783 a 1798. Eis-nos outra vez em presença de uma grande irregularidade. O mau exemplo é como o escalracho, propaga-se indefinidamente. Cremos que só o fallecimento interrompeu o abuso, para produzir outro. Foi durante o seu priorado que se decretou a nova reforma de D. Maria I no convento em 1792.

80.º **FR. D. JOSÉ DE CASTRO** — 1798 confirmado por decreto de 22 de junho, até 6 de janeiro de 1817 em que falleceu. Não obstante a irregularidade da sua diuturnidade, dezenove annos, prestou alguns serviços á Ordem. Em 1802 renovou a cadeira de philosophia, que tinha cahido em esquecimento, nomeando para professor a fr. João Cabral, e creou um curso para vinte fidalgos pobres se instruirem nas sciencias. D. José de Castro, não obstante acompanhar a corte, residia algumas vezes em Thomar. Nova interrupção e novo governo provisorio de fr. Jeronimo Osorio do Amaral Sarmento de Vasconcellos, presidente *in capite*, ou presidente geral desde 1817 a 1820

81.º **D. LUIZ ANTONIO CARLOS FURTADO DE MENDONÇA** — de 1820, decreto de 17 de fevereiro a 1832. Doutor em theologia pela univeraidade de Coimbra, Conego e Deão da Sé de Braga e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc. Os graves acontecimentos politicos do tempo, não podiam deixar de reflectir-se na Ordem. O D. Prior seguiu com os freires o movimento constitucional; comtudo não podemos deixar de ter a certeza da pouca sinceridade do procedimento do D. Prior, em vista das suas ulteriores acções, relações de familia, e o contacto que teve com D. Miguel. Por Aviso de 3 de julho de 1825 se determina que o *governo da Ordem continue pelo modo porque tem sido exercido, durante o impedimento do D. Prior, o qual não poderá reassumir o exercicio do seu logar sem nova ordem de S. M.* — Por outra portaria de 30 de agosto de 1826, se manda continuar a jurisdicção pelo presidente geral, em quanto durarem os impedimentos que inhibem o D. Prior de poder usar d'ella; em 3 de abril de 1826 é o D. Prior restituido ao exercicio do seu cargo, como já estava resolvido no animo de D. João VI, por nada se provar contra a sua fidelidade e conducta. Dada a carta constitucional, logo a 31 de julho de 1826 se convocou o Capitulo para o coro do con-

vento, a onde se reunia accidentalmente, presidido pelo Superior fr. Joaquim Paes de Sande e Castro, o qual jurou e deferiu o juramento aos freires presentes de fidelidade ao novo codigo. Em 28 de agosto do mesmo anno por outra portaria é entregue o governo da Ordem e Prelazia de Thomar ao Superior, durante o impedimento do D. Prior, o qual não poderia exercer auctoridade alguma respectiva a tal dignidade, emquanto durassem os motivos que por então o inhibiam de usar d'ella, comtudo ja a 30 de janeiro de 1827 se acha exercendo o cargo, sem constar quando foi restituido a elle. Levada a effeito a tumultuaria usurpação de D. Miguel, logo o D. Prior poz em evidencia o seu espirito politico, começando a exercer a sua acção contra os freires mais conhecidos pelo seu animo liberal e opinião constitucional. Primeiro é cerceado o ordenado ao procurador geral e freire capitular João Antonio Saraiva do Amaral, depois é-lhe retirada a Procuradoria Geral; o antigo Superior que o substituira na jurisdicção em 1826, Joaquim Paes de Sande e Castro, vê-se necessitado a pedir licença para residir fóra, por quatro annos, etc., etc., contrastando bem a notoriedade do facciosismo realista do D. Prior, com o espirito, em geral, conhecidamente liberal da maioria dos freires, que, ainda depois da extincção das ordens religiosas, se conservaram no convento, esperando a todo o momento, um decreto que exceptuasse aquella casa, da sorte das outras, o qual infelizmente não appareceu. Antes da sua eleição havia estado com a familia real no Brazil, sendo quem, pelo fallecimento da rainha D. Maria I, recitou a oração funebre na Capella Real do Rio de Janeiro. Depois da reacção de 1832 manifestou-se abertamente contra o systema liberal, publicando pastoraes e folhetos de polemicas politicas, em que deixava bem conhecer as suas idéas. Eleito arcebispo de Braga em 18 2, por D. Miguel, não chegou, como é obvio, a tomar posse. O D. Prior falleceu no exercicio do seu cargo no dia 17 de janeiro de 1832, e deve dizer-se, em abono da justiça, que, áparte aquelle senão, era homem serio, illustrado, e promulgou algumas medidas para extinguir abusos, e extirpar certos germens de relaxamento que haviam apparecido. Pela C. Reg. de 10 de fevereiro de 1832 (D. Miguel) é approvada a eleição de fr. Luiz José Servulo de Figueredo e Sousa, para Presidente *in capite* regendo a Ordem até a eleição do novo D. Prior.

82.º **FR. JOSÉ MARIA DA CUNHA GRÃA E ATHAIDE**—cujo primeiro documento é de 8 de agosto de 1832. Foi este D. Prior que teve o desgosto de assistir á extincção d'esse grande Instituto religioso militar que se chamou a *Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*. Antes, porém, de chegar esse momento e a quéda definitiva de D. Miguel, inda este quiz dar um lampejo do seu poder, communicando em 15 de maio de 1833, ao D. Prior, que fr. Manuel de Santa

Ignez, administrador do Bispado do Porto, e Arcebispado de Braga, por D. Pedro, publicára um papel em que determinava que todos os presbyteros d'aquella cidade, que estavam no exercicio da Ordem, lhe apresentassem os titulos ou licenças pelos quaes as exerciam, a fim de que os Prelados, *sem demora desapprovassem solemnemente um escandalo tão abominavel* Foi registado o officio, mas não consta que se procedesse na fórma exigida.

Lista incompleta dos Administradores de Thomar

DR. CHRISTOVAM TEIXEIRA — Já demos noticia d'este Administrador da Prelazia de Thomar

PEDRO LOURENÇO DE TAVORA — Foi filho de Bernardino de Tavora, reposteiro de D. João III. Esteve collegial em Salamanca e depois em Coimbra, sendo aqui o primeiro porcionista do collegio de S Paulo. Foi conego da Sé de Lisboa e esmoler do archiduque Alberto. Morreu em 1594, deixando em latim um resumo do breviario romano.

DR. MARTIM AFFONSO MEXIA — Teve as mitras de Leiria, Lamego e Coimbra e foi um dos Governadores do reino.

DR. CHRISTOVAM DA FONSECA — Nasceu em Lisboa pelos meiados do seculo XVI. Doutorou-se em Coimbra em direito canonico. Foi inquisidor e deputado do conselho do Santo Officio em 1612, provisor e presidente da Relação ecclesiastica de Evora e depois coadjutor do arcebispado d'essa diocese com o titulo de bispo de Nicomedia. D. Filippe nomeou-o Prelado de Thomar. Morreu a 28 de janeiro de 1616.

DR. PEDRO DE BEÇA DE FARIA —

DR. JOSEPH DE AFONSECA —

DR. MANUEL DE SOUSA —

DR. PEDRO ALVARES DE FREITAS — de quem é o mausoleo que referimos.

DR. JOÃO DE REZENDE — Foi Administrador no tempo de Filippe o Prudente.

DR. SEBASTIÃO GOMES DE FIGUEIREDO — Este prelado era muito da estimação de Filippe II, a ponto d'este não confirmar uma ordem da Meza da Consciencia que, em 1610, tirava ao prelado de Thomar a jurisdicção que tinha sobre as terras que pertenciam *pleno jure* á Ordem de Christo, limitando-a sómente aos freires da Prelazia e entregando as cousas do resto dos freires ao Juiz Geral das Ordens. Apesar da amizade do rei sempre viu desapossar a vetusta Prelazia d'essa importante regalia. Pouco tempo esteve á frente da sua jurisdicção, morrendo a 18 de abril de 1611, conforme diz o seu epitaphio que se encontra em S. Maria dos Olivaes e que já demos nas folhas lidas. Por morte do Dr. Sebastião, parece, que succedeu o

DR. PEDRO DE BEÇA DE FARIA; pois este tambem se queixou e tendo-se feito um processo, este perdeu-se, quando foi a acclamação de D. João IV e ficando portanto a dignidade e jurisdicção do Prelado de Santa Maria sómente exercendo-se em Thomar, Pias, Payo Pelles, S. Thiago de Santarem, Cinco Villas da Reygada e Egreja da Conceição em Lisboa

DR. MIGUEL PEREIRA — Foi tambem bispo de Vizeu.

DR. MANUEL DE SOUSA — irmão de D. João de Sousa, grão-Prior do Crato e tio de D. Luiz de Sousa, arcebispo de Braga. Sepultou-se no convento de Thomar. Não lhe encontrámos o epitaphio.

DR. LUIZ ALVAREZ DE TAVORA —

DR. FRANCISCO LOBO DA SILVEIRA — Foi depois Prior-mór da Ordem de S. Thiago pelos annos de 1712.

DR. JOÃO CORREIA DE LACERDA —

DR. JOÃO DA SILVA E SOUSA —

DR. MANUEL DA COSTA DE OLIVEIRA —

Só d'estes Administradores tivemos conhecimento, e d'elles damos os nomes ainda assim com alguma reserva, parecendo-nos que esta Dignidade algumas vezes andou inherente á de D. Prior do Convento, principalmente nos ultimos tempos.

Indice dos artistas do convento de Christo

Indice do Monumento de Thomar e de Santa Maria dos Olivaes

Santa Maria

BIBLIOGRAPHIA

Alberto Haupt—*A architectura da Renascença em Portugal.*
Alexandre Herculano—*Historia de Portugal* e *Historia do Estabelecimento da Inquisição em Portugal.*
Ayres de Sá—*Frei Gonçalo Velho.*
Brito Rebello—No *Occidente*: Custodia dos Jeronymos, Convento de Jesus em Setubal, Villa do Infante.—Na *Revista de Educação e Ensino*: Navegadores portuguezes: Vasco da Gama, etc.; e, a nosso pedido, (o que muito nos penhora) o complemento da lista dos DD. Priores do Convento de Christo, trabalho que muito enriquece a nossa humilde obra.
Consiglieri Pedroso—*Historia Universal.*
Documentos—Nos manuscriptos da Torre do Tombo que sob o nome de *Christo* existem n'este riquissimo archivo, e varias Chancellarias de diversos reis.
Frei Bernardo da Costa—*Historia da Militar Ordem de N. S. J. Christo*
» **Joaquim de Santa Rosa de Viterbo**—*Elucidario.*
Gama Barros—*Historia da Administração publica em Portugal nos seculos XII, XV.*
Herreda—*Historia de Portugal y conquistas de las ilhas de los Açôres en los años de 1582 y 1583.*
Joaquim de Vasconcellos—*Os Musicos portuguezes*
José Antonio dos Santos—*Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Christo em Thomar.*
Lavanha—*Viagem da catholica e real magestade d'el rei D. Filippe II.*
Luciano Cordeiro—*Boletim da Sociedade de Geographia de Lisbôa*, 15.ª serie, n.º 4.
Manuel Bento de Sousa—*O Doutor Minerva.*
Maximiano de Lemos—*Historia da Medicina em Portugal.*
Miguel Bombarda—*A Consciencia e o Livro Arbitrio, Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias, Os neurones e a vida psychica, Do delirio das perseguições, Dos hemispherios cerebraes e suas funcções psychicas, A Sciencia e o Jesuitismo.*

Oliveira Martins — *Historia de Portugal, Filhos de D. João I* e *Portugal Contemporaneo.*
Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal.*
Ramalho Ortigão — *O culto da arte em Portugal*
Rackzynski—*Les Arts en Portugal* e *Dictionnaire Historique Artistique du Portugal.*
Richet — Tradução do *O Homem de Genio,* de Lombroso.
Schœfer —*Historia de Portugal.*
Sousa Viterbo — *Diccionario Historico e Documental dos architectos engenheiros e constructores portuguezes ao serviço de Portugal*
Viollet-le-Duc — *Dictionnaire R. de Architecture.*
Wauters —*La Peinture Flamande.*
Etc., etc., etc., etc.

INDICE GERAL

TEXTO

GRAVURAS

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
AOS 16 DE OUTUBRO DE 1901
NAS OFFICINAS DA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
35, RUA IVENS, 37—LISBOA

ERRATAS

Pags.	Linhas	Onde se lê	Leia-se
2 (et alia)	6	Serracenos	Sarracenos
8	7	Froilar	Froilaz
10	8	5.º	6.º
13	19	dos	aos
14	26	1160	1198 (A. C. 1160)
15	9	Sobranceira	Sobranceia
15	30	éste	oéste
33	13	VX	XX
36	16	pedituma	peditum
36	30	1160	1198
36	35	1828	1228
40	14	os	aos
46	39	receber	recebesse
86	4	Ruinos	Ruivos
93	8	o	a
126	18	mais	mãe
152	25	sobrinha	prima e cunhada
180 (et alia)	7	pleno centro	volta inteira
187	25	d'esta ampla	d'esta, uma ampla
189	37	1539	1559
202	29	augmentar-se	augmentasse
211	27	encarregue	encarregado
215	27	autophobia	autophilia
259	11	Lourenço	Pedro
272	31	Gueixome	Queixome
282	3	lauco	louco
284	40	apainelameno	apainelamento
304	38	mão de	mão

Etc., etc., etc., etc.